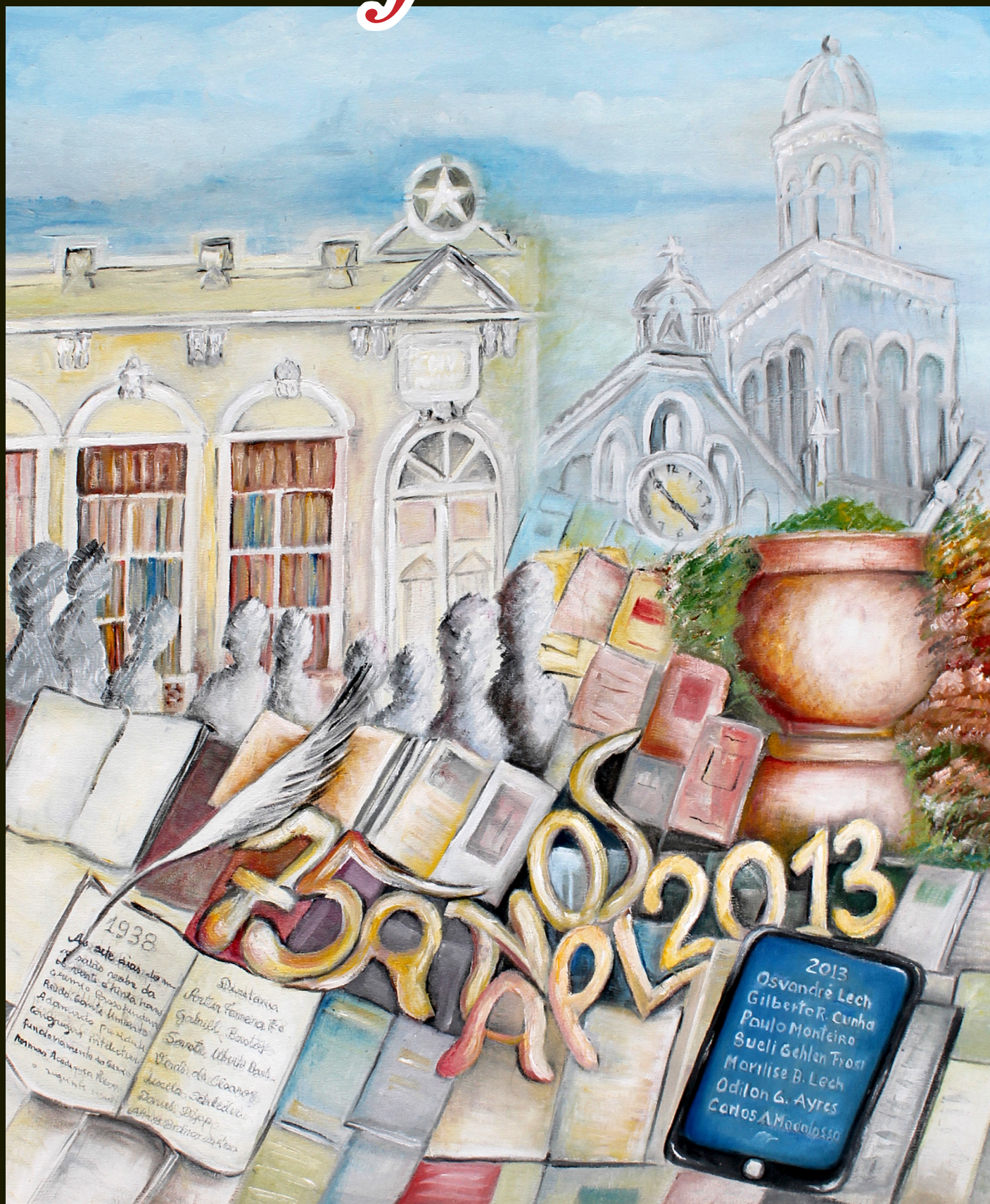


# água da fonte





Av. Brasil Centro, 792 - Sede Própria  
CEP 99010-001 Passo Fundo, RS

Presidente:

**Osvandré Lech**

Vice-presidente:

**Gilberto R. Cunha**

Secretário geral:

**Paulo Monteiro**

1ª Secretária:

**Sueli Gehlen Frosi**

2ª Secretária:

**Marilise Brockstedt Lech,**

1ª Tesoureiro:

**Odilon Garcez Ayres,**

2º Tesoureiro:

**Carlos Antonio Madalosso**

**Membros:**

Agostinho Both  
Alberto Antonio Rebonatto  
Antonio Augusto Meirelles Duarte  
Carlos Alceu Machado  
Craci Terezinha Ortiz Dinarte  
Daniel Viuniski  
Dilse Piccin Corteze  
Diógenes Luiz Basegio  
Elisabeth Souza Ferreira  
Elmar Luiz Floss  
Francisco Mello Garcia  
Getulio Vargas Zauza  
Helena Rotta de Camargo  
Hugo Roberto Kurtz Lisboa  
Irineu Gehlen  
Jabs Paim Bandeira  
José Ernani de Almeida  
Júlio César Perez  
Luiz Juarez Nogueira de Azevedo  
Marisa Potiens Zilio  
Mauro Gaglietti  
Pedro Ari Veríssimo da Fonseca  
Ricardo José Stolfo  
Rogério Sikora  
Romeu Carlos Alziro Gehlen  
Santina Rodrigues Dal Paz  
Santo Claudino Verzeleti  
Selma Costamilan  
Welci Nascimento

## Editorial

OSVANDRÉ LECH  
PRESIDENTE DA APL



### Os 75 anos da nossa Academia de Letras

O nome “academia” (do grego antigo akadémeia) provém da escola que o filósofo Platão fundou em 387 a.C. num jardim nos arredores de Atenas, em terreno dedicado à deusa Atena, que pertencia ao mitológico Academo. Desde então, a expressão é utilizada no Ocidente por instituições vocacionadas para o ensino e promoção de atividades artísticas, literárias, científicas, etc.

Somente 2.022 anos depois, em 1635, foi que a França instituiria uma Academia aos moldes de como se conhece hoje. Foi Richelieu, o principal assessor do rei Luís XIII, que reuniu os mais proeminentes conhecedores do idioma francês. Com a Academia Francesa se criava um modelo para todas as que se formariam a seguir.

A Academia Brasileira de Letras nasceu com os ares renovadores da República. Foi em 1897 que ícones da cultura nacional como Machado de Assis, Olavo Bilac, Graça Aranha, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, deram vida ao modelo “Academia” no País. Os gaúchos logo formariam a sua própria Academia. Foi em 1901 que um grupo de intelectuais liderados por Caldas Júnior, Andrade Neves Neto, Alcides Maya, Mário Totta iniciariam esta atividade em Porto Alegre.

Em 07 de abril de 1938, sob os ventos do positivismo, um grupo de intelectuais e líderes locais fundava o Grêmio Passo-Fundense de Letras, que, em 07 de abril de 1961 trocava de nome para Academia Passo-Fundense de Letras. Do notável “grupo de 1961” somente o extraordinário Paulo Giongo permanece vivo e ativo na nossa coletividade.

Desde então, ao longo de várias gerações, dezenas de líderes dedicaram seu tempo e seus ideais, de forma voluntária, para o desenvolvimento da cultura, da educação, da história, e, especialmente, do resgate e inserção social dos indivíduos da nossa cidade e região. Algumas ações da APLetras tiveram impacto direto no perfil da cidade que desfrutamos hoje; a biblioteca municipal, a fundação do CTG Lalau Miranda, o primeiro grupo de trabalho para a estruturação da Roselândia e as discussões que culminaram na criação da Universidade de Passo Fundo, dentre outros.

Tenho orgulho e noção da responsabilidade por liderar grupo tão nobre de intelectuais desta terra de Fagundes dos Reis - ou do Cabo Neves, como preferem alguns historiadores – em momento tão especial, que é a comemoração de 75 anos de contínuo e profícuo crescimento.

O idealizador Sante Uberto Barbieri, o primeiro presidente da Academia, Arthur Ferreira Filho e o seu mais notável historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira jamais imaginariam aonde chegaria o seu “Grêmio”... Eles se unem a Machado de Assis, Richelieu e Platão. Mesmos ideais em tempos diferentes.

Pessoas fazem uma sociedade. Não o contrário!

ISSN 1980-2986

### Água da Fonte, Passo Fundo, v. 10, n. 12, nov. 2013.

**Revista da Academia Passo-Fundense de Letras**

**Ano 10 - nº 12 - Novembro de 2013**

**Editores: Gilberto R. Cunha e Paulo Monteiro**

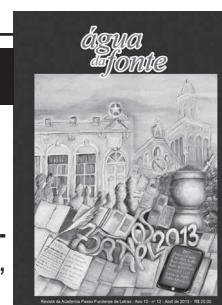
**Conselho editorial: Getulio Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Santina Rodrigues Dal Paz, Santo Claudino Verzeleti e Welci Nascimento.**

**Capa: Liciane T. D. Bonatto**

**Arte-final e diagramação: Everaldo Siqueira**

**Tiragem: 1.000 exemplares**

A Academia Passo-Fundense de Letras não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos em textos assinados.



(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)

## Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri

A Academia Passo-Fundense de Letras abriu o Ano Acadêmico de 2013 com uma concorrida sessão solene, no dia 25 de março. Na oportunidade foi entregue o Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri à professora Marília Mattos, neta do historiador Francisco Antonio Xavier e Oliveira, que é a fiel depositária do espólio literário do “Pai da História Passo-Fundense”.



© Rafael Czamanski foto.

## Jantar Baile – 75 Anos

(FOTO: KELLY LEMES)



Um Jantar Baile, realizado no Clube Comercial, no dia 24 de abril de 2013, marcou a efeméride dos 75 Anos da Academia Passo-Fundense de Letras. Acadêmicos, familiares, colaboradores da APL e extensa lista de convidados prestigiaram o evento.

## Medalha Comemorativa da 53ª Legislatura

(FOTO: PAULA TATSUIA)



Dentre as homenagens recebidas pela Academia Passo-Fundense de Letras, em função do transcurso dos seus 75 anos, ocorreu em Porto Alegre, no dia 7 de maio de 2013, a entrega de Medalha Comemorativa da 53ª Legislatura, conforme proposição do deputado e acadêmico Diógenes Basegio.

A solenidade foi realizada no Salão Júlio de Castilhos, da Assembleia Legislativa, contando com a presença do deputado Paulo Odone, presidente em exercício do Parlamento Gaúcho, grande número de acadêmicos e amigos residentes na Capital. Também prestigiaram o evento o presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, Célio Borja, o ex-deputado Mauro Esparta e os ex-presidentes da APL Romeu Pitthan e Nídia Weingartner.

## Assis Brasil na APL

No dia 27 de agosto ocorreu o descerramento de uma placa alusiva aos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, em sua sede, com a presença de grande número de acadêmicos e convidados. Prestigiaram a solenidade o secretário estadual de Cultura, Luiz Antonio de Assis Brasil, e o prefeito municipal Luciano Azevedo.

**HÁ 75 ANOS A ACADEMIA PASSO-FUNDENSE DE LETRAS PARTICIPA DE AÇÕES EM PROL DA CULTURA, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL**

Biblioteca Pública (1940), criação do ensino superior (1950), CTO Lúcio Miranda (1952), Instituto Histórico (1964), Sociedade Passiflorus Saneado da Passifloria (1970), Concursos Literários, Semente das Letras, Análises, centenas de livros e conferências, milhares de horas, Revista Água da Fonte, Programa Literária Local da TV Câmara, Suplemento Cultural da APL, apoio à Feira do Livro e Jornada Nacional de Literatura.

*Pessoas fazem uma sociedade. Não o contrário.*

Diretoria Gestão 2012-2014  
 Presidente: Osmar Lech, Vice-Presidente: Gilberto R. Cunha,  
 Secretário Geral: Paulo Monteiro, 1º Secretário: Sauli Carlos Frazão,  
 2º Secretário: Marilene Brochard Luch, 3º Secretário: Odilon Queiroz Ayres  
 e 27 Titulares: Carlos Antonio Medeiros

Membros: Agostinho Boff, Alberto A. Rebonatto, Antonio A. Meireles Duarte,  
 Carlos Alceu Machado, César Otis Dinarte, Daniel Wuratski, Diler P. Cortes,  
 Diógenes L. Basegio, Eliasseth S. Ferreira, Elvira Flores, Francisco Melo Garcia,  
 Gedeão Vargas Zauza, Helena Rotta de Camargo, Hugo Roberto Kurtz Lisboa,  
 Inez Carlos, João Pires Brandolini, José Ernani de Almeida, João César Pires,  
 Luiz James Rogério de Azevedo, Marisa Poliana Zilio, Mauro Gagliardi,  
 Pedro Antônio Vassallo da Fonseca, Ricardo Sardo, Rogério Silva, Romeu Gahlen,  
 Sônia Dal Paz, Soraia Verzeletti, Selma Costantini e Welio Nascimento.

Passo Fundo, 27 de agosto de 2013.

Osmar Lech  
Presidente APLetras
Luiz Antonio de Assis Brasil  
Secretário de Estado de Cultura
Luciano Azevedo  
Prefeito Municipal

## APLetras recebe homenagem nos 156 anos de Passo Fundo

A Academia Passo-Fundense de Letras, no marco das comemorações dos 156 anos de emancipação político-administrativa de Passo Fundo, foi homenageada pelos relevantes serviços prestados à comunidade ao longo de 75 anos de existência. O vice-presidente, acadêmico Gilberto Cunha (C), representando a entidade, recebeu o diploma alusivo das mãos dos senhores prefeito municipal, Luciano Palma de Azevedo (E), e vice-prefeito, Juliano Roso, na solenidade de abertura da Semana do Município, ocorrida em 1º de agosto, no Complexo Cultural Roseli Doleski Preto (Avenida Brasil 792).



(FOTO: CASSIANE PORTELLA)

## APL na Câmara de Vereadores

No dia 7 de setembro a Academia Passo-Fundense de Letras foi homenageada pela Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo, em sessão solene, contando com a presença de todos os vereadores, a maioria do corpo acadêmico e uma delegação da Academia Rio-Grandense de Letras, liderada pelo presidente Sérgio Borja.

(FOTOS: PAULA TATSUIA)



TatsuiA



TatsuiA

## Livros

O ano de 2013 foi pródigo no lançamento de livros, tanto de acadêmicos quanto de não integrantes da Academia Passo-Fundense de Letras. É pensando nos homens que eu perdoos aos tigres as garras que dilaceraram, de autoria do jornalista Ivaldino Tasca e do professor José Ernani Almeida, entre outro, foi lançado no dia 8 de março, com a presença de grande público.

## Café Filosófico

**IV ENCONTRO LAW NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS LUIS ALBERTO WARAT**

**caféfilosófico**

**O DESEJO FEMININO EM 50 TONS: O QUE QUEREM AS MULHERES?**

08 de maio (4ª) - 19h15min  
Clube Caixaerial - Passo Fundo

MESA REDONDA

CLÁUDIA ROCHA CRUSIUS, KÁTIA SCATOLIN, MICHELE BIRKHEUER, NATÁLIA FORMAGINI GAGLIETTI, RAFAELA BRANCO, SUELI FROSI E THAISE NARA GRAZIOTTIN COSTA

Ingresso Individual: R\$ 25,00

Local de venda: Posto Moran, Academia Passo-Fundense de Letras e Lanes D'Acosta (MEC)

IMED

Participação: Pós-Graduação em Mestrado de Direitos e Análise Econômica da IMED - Lanes D'Acosta

Participação: Cláudia Luis Alberto Warat do Mestrado em Direito da UFRJ (Curso Anupar/RS)

SoluPrev

SABERES

IDGE

A Academia Passo-Fundense de Letras, junto com a IMED, participou da organização do IV Café Filosófico, com o tema “O desejo feminino em 50 tons: que querem as mulheres?” Participaram dos debates: Cláudia Rocha Crusius, Kátia Scatolin, Michele Birkheuer, Natália Formagini Gaglietti, Rafaela Branco, Sueli Froisi e Thaise Nara Graziottin Costa. O evento ocorreu o dia 8 de maio de 2013.

### Academia na Jornada de Literatura

(FOTO: PAULA TATSUIA)



A Academia Pasos-Fundense de Letras participou ativamente na 15ª Jornada Nacional de Literatura, de 27 a 31 de agosto de 2013.

Começou no dia 27 de agosto, com o descerramento da placa alusiva aos 75 anos e a inauguração da galeria de artes das capas da Revista Água da Fonte.

No dia 28, pela manhã, no Espaço do Café Literário, ocorreu um encontro de escritores discutindo “A Cena literária local”, cuja gravação foi veiculada no programa Literatura Local, produzido pela Academia em parceria com a Câmara Municipal de Vereadores, através da TV Câmara. Na oportunidade, também foram gravados programas sobre ficção, poesia e produção literária científica, sob a coordenação dos acadêmicos Paulo Monteiro e Júlio Perez.

Nesse mesmo dia, à tarde, no Estande da CORAG, foi lançado o livro “75 anos da APLetras: história, patronos, acadêmicos e ações em prol da cultura”, organizado pelo acadêmicos Osvadré Lech e Marilise Lech.

No dia 30 de agosto, pela manhã, no Espaço Café Literário, com a presença de professores, acadêmicos e estudantes participantes do concurso O Imortal Moacyr Scliar”, foi lançado o livro que reuniu os trabalhos dos participantes do concurso.

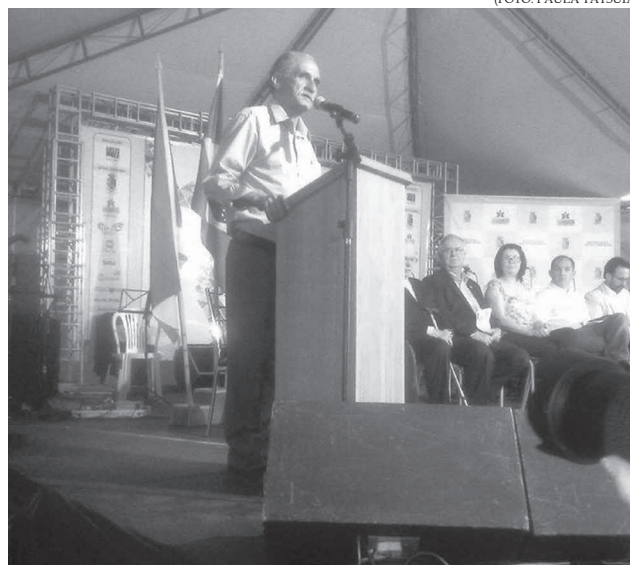
Nesse mesmo dia, à tarde, no palco principal, sob a coordenação do acadêmico Julio Perez e o apoio do Projeto Passo Fundo, dez autores locais tiveram a oportunidade de representarem os escritores de nossa cidade diante do público inscrito na Jornada.

No dia seguinte, no Espaço do Café Literário, no Portal das Linguagens, foi apresentado um painel intitulado: “Projeto Passo Fundo – O autor local: passado, presente e futuro”, com grande participação de acadêmicos. Nesta mesma data, à tarde, no estande de lançamento de livros, ocorreu mais uma solenidade onde os acadêmicos puderam autografar o livro “75 anos da APLetras: História, patronos, acadêmicos e ações em prol da cultura”.

### Academia na Feira do Livro

A Academia Passo-Fundense de Letras marcou presença na 27ª Feira do Livro de Passo Fundo (1º a 10 de novembro). Além do estande institucional, espaço gentilmente cedido pela Associação dos Livreiros de Passo Fundo, a APL participou de debates, lançamentos de livros e teve escolhido entre os seus membros o Patrono da Feira: o acadêmico Paulo Monteiro. Um autêntico intelectual público, que orgulha a APL, Paulo Monteiro lançou, nessa edição da feira, que teve como tema “A leitura abre portas à arte”, o livro “Passo Fundo: história e cultura”.

(FOTO: PAULA TATSUIA)



### Novos acadêmicos

Reforçarão os quadros da Academia Passo-Fundense de Letras em 2014 cinco novos acadêmicos. São eles: o jornalista Ivaldino Tasca, os professores Pia Elena Borowski e Tau Golin; e os empresários Sônia Maria Loguercio e Fernando Miranda. Todos, independentemente de profissão e formação, com reconhecidas contribuições nos meios culturais de Passo Fundo.

(FOTO: ARQUIVO APL)



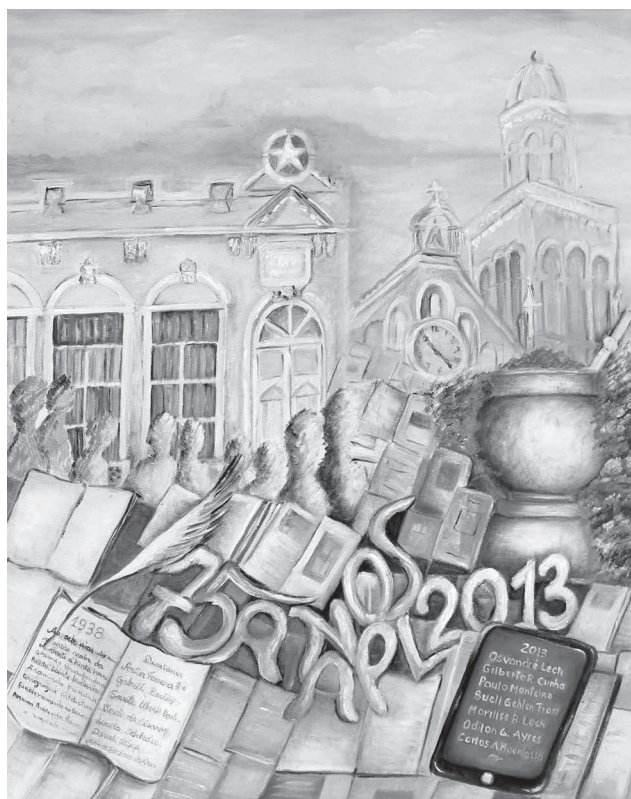
# Irmãs Ibde

Quando criança conheci as irmãs Ibde. Andavam pelo quarteirão sempre juntas, como se fossem gêmeas univitelinas.



# Sumário

Editorial.....	1
Informe Acadêmico.....	2
Irmãs Ibde .....	5
APL, 75 anos incentivando a cultura.....	7
Os 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras.....	8
APL comemora 75 anos .....	9
Marília Mattos: uma justa homenagem.....	10
APL: a alma do tempo .....	12
Antecedentes imediatos da criação da UPF .....	13
Os fiéis escudeiros.....	15
A sede atual da Academia Passo-Fundense de Letras é resultado de muitas lutas .....	16
Reflexões no banheiro.....	18
Resgates .....	10
Quarenta e cinco anos de Tribunal do Júri.....	20
Centenário do Centro de Letras do Paraná.....	21
Entender Darwin ou perseguir miragens .....	22
O voo das palavras.....	23
Quanto futuro amputado.....	24
Ferrovia do Trigo, UPF e Salin Buaes.....	26
Sensibilidade e talento.....	27
Brasil, a caminho de um apagão logístico.....	28
O mito do amor materno .....	32
Padre Paulo Jaques: Ele amou a comunidade até a morte.....	33
A saga de meu avô, Cel. Luiz Augusto de Azevedo ....	34
Plínio Mena Barreto do Amaral .....	38
A Academia e o “Parabéns pra você” .....	40
Pensamentos.....	44
Velha tapera getulista caída.....	46
Final de ano.....	47
A Revolução Federalista em Passo Fundo.....	48
Borges e as neurociências .....	50
O mistério da concepção.....	51
Pecados capitais: reflexos na Educação .....	52
A casca de ferida.....	55
Entrevista: Osvandré Lech .....	57
Michael Bakunin.....	66
Casamento .....	70
O lugar de Deus na criação .....	72
Sobre envelhecimento, infância e cuidado .....	74
Escola Protásio Alves em destaque .....	75
A escola e o seu papel na formação humana.....	76
Agressões ao cérebro .....	78
Educação e humanização .....	80
Saúde e espiritualidade .....	82



Óleo sobre tela - Liciane Toazza Duda Bonatto

Da bola de futebol para ministro da eucaristia .....	84
O grande líder João Goulart em Passo Fundo .....	85
Caos no trânsito .....	86
Tia Pequena.....	88
A mortandade do Boi Preto .....	89
Só o tempo constrói a história e ressuscita heróis.....	90
A lírica do sono .....	92
O livro de Júlio Perez, A Bolsa da Minha Mãe .....	93
Por que o mundo existe?.....	94
Dualidade das perdas .....	96
Solidariedade entre mulheres!.....	98
Final de ano.....	99
Ninguém deve se posicionar em direção à bandeira nacional... ..	100
Anderson Silva e a aula gratuita de soberba.....	102
Presidente Dilma Rousseff, importe também políticos suecos, finlandeses, ingleses...!.....	103
O poder das palavras .....	105
Os Montes Sagrados .....	106
Não está na hora de ordenar mulheres? .....	109
De quem é o Mate Amargo?.....	110
Há um limite de tempo e aprofundamento da psicoterapia?.....	112
Um rato foi meu Mestre.....	114
Em busca do nosso Fausto.....	120

# Academia Passo-Fundense de Letras, 75 anos incentivando a cultura

**JOSÉ ERNANI DE ALMEIDA**

**N**um domingo, 7 de abril de 2013, a Academia Passo-Fundense de Letras comemorou os seus 75 anos de fundação. Na verdade, sua história começou como Grêmio Passo-Fundense de Letras, iniciativa do pastor metodista Sante Uberto Babieri tendo como sede o salão da Prefeitura Municipal, onde hoje está o Museu Ruth Schneider.

Era o ano de 1938, período do chamado Estado Novo de Getúlio Vargas, que se estendeu até 1945, marcado pelo autoritarismo e a censura. No plano mundial os totalitarismos avançavam a passos largos: o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália. O resultado foi a explosão da Segunda Grande Guerra em 1939. O Grêmio Passo-Fundense também sofreu as agruras daquele período de exceção como registra a sua história: “em 30 de julho de 1943, o secretário do Grêmio Passo-Fundense de Letras foi chamado à Delegacia de Ordem Política e Social, poucas horas depois de uma palestra de Erico Verissimo, patrocinada pela instituição”.

O registro atesta a atuação da estrutura de repressão que havia sido criado pela ditadura varguista como forma de impedir críticas ao regime vigente. Diante do quadro nacional e internacional o Grêmio de Letras suspendeu suas atividades no ano de 1945, só voltando a atuar em 1946. É importante salientar que o período de 1946 a 1960 pode ser identificado como o momento áureo do crescimento da indústria cultural no Brasil, no qual a presença direta do Estado como elaborador e fomentador de políticas culturais era bastante restrita. Assim, na década de 1950, no embalo dos chamados “anos dourados”, marcados pela bossa-nova e o cinema-novo, os “gremistas” passo-fundenses, influenciados pelo que



(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)

estava ocorrendo no país, estiveram envolvidos em importantes projetos como estudos sobre os nomes das ruas de Passo Fundo, criação da Universidade local, da Escola de Belas Artes, do Instituto Histórico, inauguração da Biblioteca Ambulante e com colocação de estantes de livros nas estações rodoviárias de Coxilha, Sertão e Tapejara.

O início da década de 1960 carregava promessas de mudanças profundas, tanto na política como nos campos das linguagens artísticas e das práticas culturais. Por um lado, havia a cultura de massa com o rádio e a televisão invadindo os lares e transformando hábitos cotidianos; o cinema hollywoodiano criando mitos e novas práticas de consumo; as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* criando uma nova estética editorial; e as fotonovelas alimentando sonhos com seus contos de amor.

Entre nós, em 7 de abril de 1961 era instalada a Academia Passo-Fundense de Letras. Foi o ano marcado pela renúncia de Jânio Quadros, pela tentativa de impedir a posse de João Goulart e pela Campanha da Legalidade, que garantiu a ascensão de Jango ao poder. Em 1964 um golpe militar derrubaria Goulart e o país passaria a viver um longo período de ditadura. Na nossa academia os registros históricos demonstram a influência do regime militar, já que em seus anais figuram com frequência palestras e

discursos proferidos pelos comandantes militares locais. Fica claro que a academia também foi obrigada a se adaptar aos novos tempos.

Com o fim do regime militar na década de 1980, a preocupação dos acadêmicos passou a ser a reorganização do quadro social e a recuperação do prédio da Academia. Na década de 1990 a academia promoveu inúmeros concursos literários, publicou anuários, livros, artigos, poesias, crônicas, contos e atividades culturais. Em 7 de abril de 2002, após oito anos, a Academia voltou ao seu antigo prédio e, em 2003, lançou a primeira edição da revista *Água da Fonte*, órgão oficial da APL. Ao longo de sua história a Academia congregou e foi dirigida por personalidades que marcaram a história de Passo Fundo, envolvendo historiadores, poetas, romancistas, cronistas, cientistas e jornalistas.

Entrar numa Academia de Letras não torna ninguém melhor escritor, não transforma ninguém em gênio. A Academia reúne pessoas que desejam superar suas próprias limitações, pessoas que querem construir, que querem fazer de nossa cidade um lugar melhor para se viver, que querem melhorar a educação e a cultura, que querem construir um lugar em que todos possam ter uma existência digna e justa, livres da barbárie do pensamento único que a cultura de massas quer impor. Pessoas que querem mostrar a beleza das artes, das delícias de ler um romance ou uma poesia. São pessoas apaixonadas pelo que fazem, e exatamente por serem apaixonadas é que levam a cabo obras verdadeiramente duradouras e fecundas. Parabéns ao presidente Osvandré Lech e a todos os integrantes da Academia pelos seus 75 anos de atividades.

(José Ernani de Almeida, Mestre em História e professor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e secretário de Desporto e Cultura de Passo Fundo.)

# Os 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO**

O jubileu dos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras pode ser encarado à luz de vários significados.

Significa a reafirmação dos ideais de seus pioneiros fundadores que, nos idos de 1938, acreditaram que seria possível, em nossa pequena comunidade de então, estabelecer um cenário destinado ao cultivo das belas letras e à discussão e divulgação das teorias filosóficas e políticas que estavam em voga.

Significa o reconhecimento do espírito pioneiro e da ousadia de nossos precursores, como o Bispo Sante Umberto Barbieri e os historiadores Arthur Ferreira Filho e Antonino Xavier e Oliveira, entre muitos outros. Com a iniciativa de fundar o Grêmio Passo-Fundense de Letras, deram eles o passo inicial para congregar nossas elites pensantes com vistas ao cultivo da arte de escrever, de ler, de pensar e de criticar de modo independente.

Significa a identificação da capacidade de transformação da Academia e de sua constante adaptação aos progressos experimentados com a evolução do pensamento e das ideias, ao longo do passado século XX em direção a este em que vivemos.

Como mero grêmio de letras, surgiu no auge do Estado Novo como continuação do velho Clube Pinheiro Machado, expressão do autoritarismo do velho regime que dominou o Rio Grande até a Revolução de 1930. Por isso, a Academia, em seus primeiros anos, repercutia acima de tudo o pensamento do oficialismo local. A despeito disso, houve vozes corajosas que ousavam discordar, como a do poeta Gomercindo dos Reis. Conseguindo se libertar das amarras que no início a tolhiam, adquiriu viço e prosperou durante o efêmero período



(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)

democrático de 1946 a 1964.

Por efeito da brilhante iniciativa de Celso da Cunha Fiori, que teve a lucidez de transformar o Grêmio em Academia de Letras, conseguiu manter-se relativamente incólume às restrições com que os governos militares que advieram cercaram a liberdade de criação literária, de crítica e de pensamento.

Depois de tantas vicissitudes alcança nossa Academia a respeitável idade de 75 anos. É a nossa cidade das letras. Orgulha-se de seus 40 acadêmicos, intelectuais de várias indoles e formações, que desenvolvem permanente e admirável trabalho de produção literária, como prosadores, poetas, pesquisadores, críticos, professores ou artistas. Para uma instituição desse gênero, que, como numa espécie de sacerdócio, só exige de seus membros dedicação e disciplina intelectual, a Academia mostra ser um milagre de sobrevivência.

É por isso que devemos proclamar o orgulho que temos de pertencer a seus

quadros e por aquilo que ela representa para a nossa cidade. Não será demais exaltar a dedicação dos acadêmicos de todas as épocas, dos dirigentes atuais e de seus predecessores. Hoje presidida pelo acadêmico Osvandré Lech, secundado pelo vice-presidente Gilberto Cunha e pelos acadêmicos que integram sua direção e corpo acadêmico, ela se mostra à cidade e ao mundo, urbi et orbi, como um símbolo e um valor de elevada significação cultural e social. É, sem dúvida, uma instituição com a cara de Passo Fundo, cuja existência revela a pujança da cultura passo-fundense, além de ser um fórum pró-ativo de iniciativas que, transcendendo o cultivo da literatura e da arte poética, contribui de modo contínuo e decisivo para o engrandecimento espiritual de nossa comunidade.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Jurista, ex-diretor da Faculdade de Direito da UPF e membro da Academia Passo-Fundense de Letras).

# Academia Passo-Fundense de Letras comemora 75 anos

**ELMAR LUIZ FLOSS**

No dia 7 de abril de 2013, a Academia Passo-Fundense de Letras-APL comemorou 75 anos de existência. Por iniciativa de Sante Uberto Barbieri, pastor da Igreja Metodista, e com apoio do prefeito de Passo Fundo Arthur Ferreira Filho, foi criado o Grêmio Passo-Fundense de Letras, no dia 7 de abril de 1938.

No dia 31 de maio de 1915, o Clube Pinheiro Machado escriturava um terreno comprado de Herculano Trindade, na atual Avenida Brasil, entre as hoje ruas Teixeira Soares e Quinze de Novembro. Em 1912, inaugurava o prédio sede. No frontispício figura ainda hoje esta inscrição: MCMXII. Atualmente o prédio é tombado e faz parte do Patrimônio Histórico do Município. Na fachada, uma das mais bonitas da cidade, está a porta mais alta do Rio Grande do Sul.

Em 13 de maio de 1960 é sugerida a transformação do Grêmio Passo-Fundense de Letras em Academia Passo-Fundense de Letras, sendo instalada solenemente em 7 de abril de 1961, durante a posse do presidente Celso da Cunha Fiori.

Oficialmente, o Jubileu foi comemorado solenemente no dia 26 de abril de 2013, no Clube Comercial. Na oportunidade foi feito o pré-lançamento do livro dos “75 anos da APLetras de Passo Fundo”. Na obra é descrita a história da Academia, seus ex-membros e atuais, ex-presidentes, uma linha do tempo com os fatos históricos mais importantes desse período e a biografia dos acadêmicos atuais e respectivos patronos.

Atualmente, a APLetras é presidida pelo Dr. Osvandré Lech tendo como vice-presidente o acadêmico Gilberto Cunha e como Secretário Geral Paulo Monteiro.

(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)



## Presença marcante da APL

Ao examinar a linha do tempo da APL, elaborada pelos confrades Paulo Monteiro, Gilberto Cunha, Welci Nascimento e Osvandré Lech, observa-se o quanto é marcante a sua participação na comunidade Passo-fundense. Muitos líderes políticos, culturais, cientistas, professores escritores fizeram parte da APL. Por isso, além do objetivo primeiro da APL de celebrar as letras, tem uma participação importante em muitas discussões de temas relevantes para o desenvolvimento de nossa cidade.

Pode-se destacar, por exemplo, um telegrama enviado em 17 de agosto de 1951, ao então Presidente da República Getúlio Dorneles Vargas, propondo a criação da Universidade de Passo Fundo. Em 24 de março de 1952, liderado pelo acadêmico Antônio Donin é fundado o CTG Lalau Miranda, dando início ao movimento tradicionalista em Passo Fundo. Em 01 de agosto de 1952, a APL apóia a criação da Escola de Belas Artes em Passo Fundo, e, em 15 de abril de 1954, a fundação do Museu Histórico de Passo Fundo. Em 25 de julho de 1972, é instalada na APL a diretoria da Socieda-

de Pró-Parque Turístico de Passo Fundo, hoje conhecida como Roselândia, tendo como presidente Eronilde Ribeiro e vice-presidente Fernando Machado Carrion.

## APL incentiva a literatura e escritores

Através de várias iniciativas, ao longo do tempo, a APL incentivou a formação de novos escritores em Passo Fundo. Uma dessas iniciativas importantes foi a criação da Revista Água na Fonte, em 11 de dezembro de 2003, com textos escritos por acadêmicos e outros membros da comunidade. Muitas obras literárias foram lançadas na sede da APL e divulgadas, como o livro “150 momentos mais importantes da história de Passo Fundo”, organizado por Osvandré Lech, durante as festividades do Sesquicentário de Passo Fundo.

Também merecem destaque os Concursos Literários, estimulando estudantes a escrever e cujos textos são publicados em livro e a Semana das Letras, em duas edições. Em parceria com a Câmara Municipal de Vereadores é apresentado, desde 2007, o programa Literatura Local pelo acadêmico Paulo Monteiro, através da TV Câmara.

O ex-presidente da APL, Meirelles Duarte, em 2007, e o acadêmico Gilberto Cunha, em 2011, foram os patronos da tradicional Feira do Livro de Passo Fundo, uma das maiores do Rio Grande do Sul.

Uma linda história que merece ser efusivamente festejada. A APL, e por extensão Passo Fundo, estão de parabéns.

(Elmar Luiz Floss é Eng.-Agr., Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Marília Mattos: uma justa homenagem

AGOSTINHO BOTH

Tarefa difícil é homenagear alguém de suas virtudes e feitos, Marília. Para mostrar esta dificuldade, lembro de um conto de Borges no qual um geógrafo foi convidado a traçar o mapa de uma região. Pois bem, o geógrafo, pela relevância da região, sentiu-se na obrigação de estendê-lo na exata proporção do espaço a ser mapeado. Faltou papel ao geógrafo e, se o fizesse, os ventos facilmente levariam os papéis que mapeariam os lugares desejados. Então o geógrafo se conformou em reduzir a uma pequena folha a representação da relevante região. Os rios caudalosos se conformaram a um pequeno traçado, os vales férteis, a uma ridícula indicação e, as montanhas, em montículos mal traçados.

Semelhante ao geógrafo se encontra quem queira homenageá-la num rápido discurso. Como descrever a virtude da coragem que te fez valente diante de dificuldades em tua Esclerose Múltipla que se transformou em virtude, como avaliar as forças, para juntamente com um pequeno grupo, resgatar a identidade de Passo Fundo nos escritos de Antonino Xavier. Tudo isso somente pode ser avaliado em rápidas abstrações. Lembro, então, você recolhendo de Francisco Antonino Xavier e Oliveira os escritos impressos e os inéditos, para transformá-los em volumes expressivos para esclarecimento de nossa história. Lembrar dos esforços é muito pouco. Quem poderá medir as noites de estudos conjuntos, quem poderá medir a trabalhadora que foi conquistar o tempo necessário para compilação da obra? A persistência e a decisão foram semelhantes às mesmas virtudes dos primeiros habitantes do planalto. Você, Marília se aproxima da própria obra de seu autor, pois sem seu trabalho generoso e esclarecido não haveria quem pudesse ter em mãos a história dada



(FOTOS: RAFAEL CZAMANSKI)

por Antonino.

A sua aproximação da obra de Francisco Antonino Xavier e Oliveira se dá por duas razões; a primeira por ser neta do nosso historiador e geógrafo regional e por tal aproximação ter acesso aos escritos. A sua aproximação da obra, por outro lado, não possui somente cunho familiar e afetivo, mas de cunho institucional. Lembro de a Universidade de Passo Fundo, a partir de 1985, estar desenvolvendo seus primeiros estudos sobre sua identidade comunitária. E neste mesmo ano, foi publicado o primeiro texto sobre a origem das universidades comunitárias e oito anos após em 1993, a vice-reitoria produziu o livro a Criação da Universidade de Passo Fundo. Lembro também da reedição da obra de Antonino Xavier e Oliveira publicada sob o título “Annaes do Município de Passo Fundo”, em três volumes (vol. I – Aspectos Geográficos, Vol. II – Aspectos Históricos e vol. III – Aspectos Culturais), editada pela Gráfica Editora UPF, 1990. Pois bem, o interesse em tal publicação resultou do interesse de a UPF buscar elementos de sua identidade pelo resgate histórico de sua comunidade. Para tanto nada melhor que resgatar os principais registros

históricos, geográficos e culturais. Este significativo esforço da Universidade de Passo Fundo, sob o aval de Padre Eli Benincá e do reitor padre Alcides Guareschi, se deve precipadamente aos seguintes colaboradores:

Coordenadora do Projeto: Marília Mattos

Responsáveis pela revisão geográfica – Profas. Jandira Maria Cecchet Spalding e Marília Mattos

Responsável pela revisão histórica – Prof. Ari Carlos de Moraes Fernandes

Responsável pela revisão ortográfica – Profa. Lúcia Terezinha Saccomori Palma

Foram dez anos de perseverança, de insistência e de zelo de pessoas e de uma instituição, bem como da administração municipal. Particularmente Marília esteve presente tanto na produção como na articulação para a execução e edição dos três volumes. Imaginem o que são dez anos de constante exercício de paciência e cuidado para que Passo Fundo e a Universidade tivessem uma referência magnífica de sua identidade. Além destas obras de Antonino foram publicadas graças ao esforço de Marília as seguintes obras inéditas:

“Conferências 1923” proferidas no



Instituto Educacional de Passo Fundo na comemoração dos 70 anos da escola.

“Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho”.

“Hospital da Cidade de Passo Fundo: 80 anos de história – 1914-1994”.

“Coronel Chicuta Um passo-fundense na Guerra do Paraguai”.

Todas estas obras publicadas pela Gráfica Editora UPF, 1997.

Muito mais escreveu Marília. Foram publicados os seguintes textos em co-autoria:

“Diretrizes Curriculares do Ensino de 1º Grau, 1ª a 4ª série Sec. De Educação do Mato Grosso do Sul – 1980”.

“Projeto Passo Fundo Ano 2000”.

“Passo Fundo em busca de suas raízes” – co-autoria com o prof. Ari Carlos de Moraes Fernandes.

“Jornadas Literárias: representação gráfica de sua abrangência” – Publicado na Revista de Filosofia e Ciências Humanas.

Vejam, pois, senhores e senhoras a grandeza da contribuição de Marília Mattos para com a identidade histórica da região. Nada melhor que celebrar

neste momento com quem buscou esclarecer o que estava escondido e nos foi dado a luz.

Sua obra não se esgota em seus escritos em parceria. Sua inserção e iniciativas se deram também na área educacional; vejamos pois em quais escolas e espaços educacionais andou:

01 - G.E. Agostinho Pereira de Pato Branco;

02 - E. E. Mário de Andrade de Fco. Beltrão;

03 - 49ª Inspeção Regional de Ensino de Fco. Beltrão, abrangendo o Sudoeste do Paraná, como Supervisora Regional de Ensino;

04 - G.E. Fagundes dos Reis de Passo Fundo;

05 - G.E. Salomão Ioschpe de Passo Fundo;

06 - Colégio Marista Nossa Senhora da Conceição;

07 - Colégio Bom Conselho;

08 - 7ª Coordenadoria de Ensino de Passo Fundo;

09 - Universidade de Passo Fundo;

10 - Campus Universitário do Erechim, URI;

11 - Universidade de Chapecó, SC.

Destaques se faz necessário a sua participação como professora no curso de geografia da UPF, instigando seus alunos à compreensão de nossa realidade geográfica.

Não menos importante foi sua colaboração na administração educacional. Coordenou vários projetos junto ao Centro Regional da Fac. de Educação da UPF, dentre eles o de implantação das Diretrizes Curriculares do Mato Grosso do Sul, URI, UNOESC e do Departamento de Geociências da UPF. Assessorou várias comissões emancipacionistas de distritos da Região e também assessorou vários municípios da Região em fase de definição de divisas e construção dos seus mapas municipais.

Por fim:

Aposentou-se no Estado do Rio Grande do Sul depois de 33 anos de serviços; e na UPF, por invalidez com 24 anos de Serviço.

Se a doença limitou-a como professora, não a limitou, porém, como agente de solidariedade.

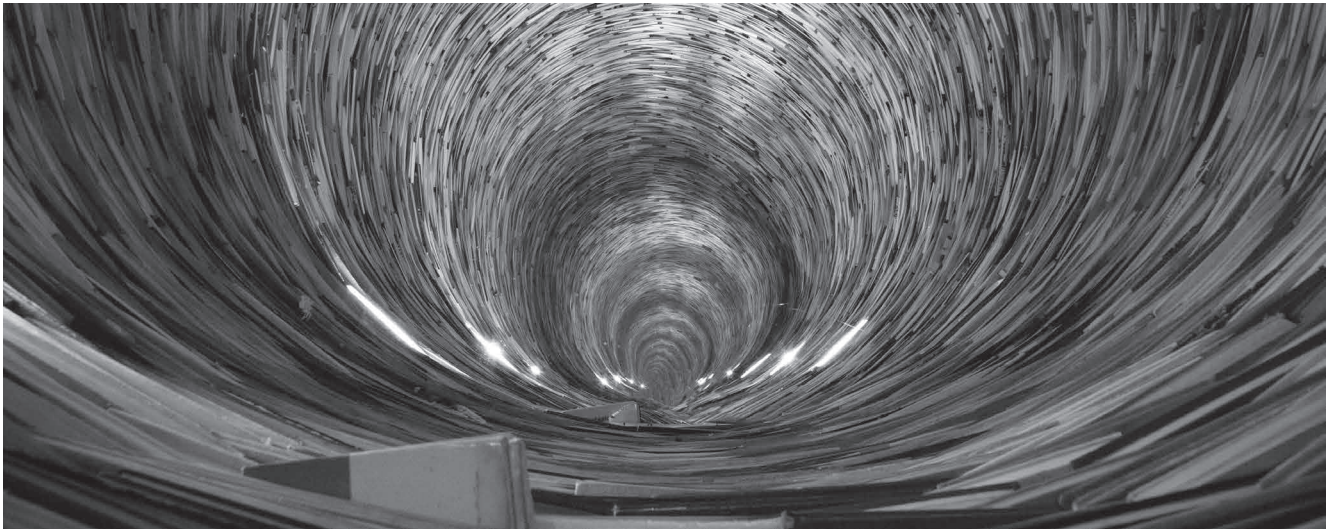
Em 2000 foi-lhe diagnosticada a doença de Esclerose Múltipla e a vida aí tomou outro rumo. Como ignorava do que se tratava, Marília passou a ler sobre a doença e teve a iniciativa de reunir os portadores de EM. Usou os meios de comunicação escrita, falada e televisionada. A surpresa foi grande como diz ela textualmente: éramos muitas pessoas e o que me impressionou foi que grande parte deles era pré-adolescentes, adolescentes e adultos jovens, a maioria do sexo feminino. Criamos um grupo de portadores de EM e familiares, isso faz seguramente 12 anos. Temos reuniões mensais.

Muito mais seria necessário dizer sobre Marília. Parafraseando Lincoln em seu discurso de Gettysburg em 1863, digo:

“Nós muito pouco atentaremos, e muito pouco recordaremos o que eu disse, mas não poderemos jamais esquecer o que Marília fez. Que todos nós aqui presentes admitamos que os esforços de Marília não foram em vão. Que esta região, com a graça de Deus, renasça na liberdade por que sabe boa parte de sua história e o quanto ainda poderemos construir, tendo, por exemplo, o que esta mulher fez por todos nós.”

(Agostinho Both, educador e professor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Academia Passo-Fundense de Letras: a alma do tempo



**TÂNIA DU BOIS**

**A**niversários são comemorações da passagem do tempo. A Academia Passo-Fundense de Letras aniversariou em abril – 75 anos! Ela tem seus segredos e nos oferece excelentes opções de leituras; sim, porque ler é dar significado à vida e escrever é um dom. Segundo Milton Hatoum, “a função da literatura na vida cotidiana de cada um é alimentar a alma. Ela nos conduz ao conhecimento de nós mesmos e dos outros.”

Nesses anos de APL encontramos mensagens em palavras com o objetivo de alimentar a mente para aguçar a nossa percepção em seu papel cultural. Assim, como oferece literatura de forma consciente, cuidando cada vez mais da cultura, para que possa ser apreciada e desfrutada por todos. Nas palavras de Luciane T. D. Bonatto, “Se eu tivesse o dom da arte... // Contaria a todos os ventos, / As histórias comuns e heroicas / da tua brava gente. / Teus ventos soprariam a cada continente, / Nossas glórias, nossas vidas, / nossas vitórias...”

Para termos ação é necessário haver conexão: é o caso da Academia PF de Letras, que tem na literatura com que faz a cultura - em camada mais profunda - o que nos oferece de mudanças, e o que

nos mantém esperançosos para o futuro. Essa instituição nos faz refletir sobre a sua trajetória, benfazeja.

A busca pela excelência acadêmica deixa claro que a principal mudança começa pelo hábito da boa leitura, através da qual podemos transitar um mundo de transformações que nos permita agir sobre ele; onde conseguimos mudanças em nós, na nossa alma, por ser instituição que inspira, alegra, emociona e promove a cultura através da literatura. Como expressou Gomercindo dos Reis, “... Com fé, com esperança e persistência, / Unidos a lutar, com galhardia, / Nenhum revés nos deterá a existência / Honrosa e útil esta Academia, / A sua marcha gloriosa, em evidência!...”

Costumo dizer que a criatividade é infinita, mas seu começo passa pelo trabalho acadêmico, nos seus registros sobre as transformações literárias e sociais, com seus sonhos, desafios e conquistas.

Neste contexto, a APL é a alma do tempo ao registrar as transformações em trabalhos (e em nós leitores), provocadas pelas produções acadêmicas; até em pequenas atitudes, que demonstram e recuperam valores essenciais, como o carinho, a atenção, a ética e a tolerância. Assim, como em Mara da Graça C. Do Valle, “... Revelações, afinidades, emoções / que se entrelaçam no tempo.

/ Pensamentos, ações, vivências / que fazem o agora que o ontem criou / e fará surgir o futuro...”

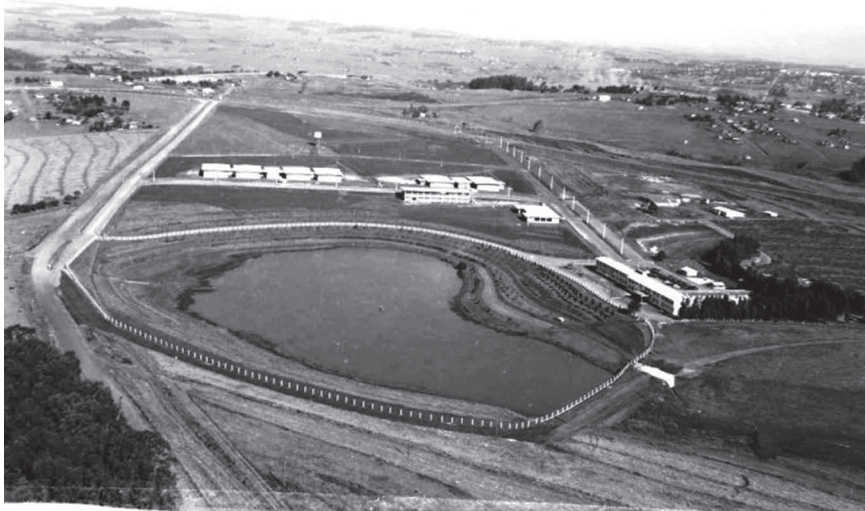
O que escrevo não traz novidades, mas encontro esses valores nos seus acadêmicos, na tentativa de manter vivo o espírito literário através de releituras na incorporação de novas visões. Essa troca de atenção pode ser a crítica que expressa e, procura disseminar de forma criativa e ordenada os pensamentos, e lapidar novas alianças em prol de continuado desenvolvimento cultural-literário: busca a transformação da história pela força da palavra e isto a torna importante e vista por todos como opção pela capacidade de transportar ideias, como em Helena Rotta de Camargo, “A objetiva de certos olhares fotografa até o âmago da alma.”; isso significa conhecimento com paisagem deslumbrante, que pode modificar a nossa “voz”, entendida como expressão no mundo, como tempo de conexão, porque apresenta qualidade diferenciada ao cultivar o que germina: a cultura. Ilustrando, Marlise B. Lech poetiza, “... Quero versos com palavras comprometidas / Que iluminem a todos que deles possam se regozijar. / A esperança na palavra dita, que mostra o mapa por onde devemos andar.”

(Tânia Du Bois, autora de AMANTES nas ENTRELINHAS, de Balneário Camboriú/SC.)

# Antecedentes imediatos da criação da UPF: a intervenção, a invasão e a retomada de suas instalações nos anos 1964-1967

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO**

Este ensaio pretende revisitar os sucessos havidos em Passo Fundo, nos 1964-1967, envolvendo os dois grupos que disputavam, ainda em seus inícios, o controle do movimento cívico em prol da criação de uma universidade em Passo Fundo. Aqui serão mencionados nomes, a maior parte de pessoas já falecidas, que tiveram participação significativa nos acontecimentos. Nos confrontos travados não houve nem heróis nem vilões. Todos os figurantes, naquelas difíceis circunstâncias, de um lado e de outro, portaram-se como homens de bem, que agiram de boa fé, de acordo com os ditames de suas consciências e as responsabilidades que tinham para consigo mesmo e com a comunidade. Da contenda restaram muitos ressentimentos, além de uma divisão na vida política e social da cidade que perdurou por muito tempo, com resquícios até os nossos dias. Não participei diretamente dos acontecimentos, que apenas acompanhei por informações verbais e pela leitura dos jornais. Embora me reserve o direito de expressar minhas opiniões, não é meu propósito emitir juízos de valor sobre os personagens e os fatos que protagonizaram. Todos eles, sem exceção, merecem de minha parte somente o respeito por seu passado e admiração pela tenacidade revelada e pela fidelidade que mostraram às convicções que esposavam. A eles, sem exceção, protagonistas daqueles momentos cruciais, reconhecidamente se deve, pedra a pedra, a construção da Universidade de Passo Fundo: Os nomes icônicos de Reissoly e César Santos, de Mário Menegaz, Murilo Annes, D. Cláudio Colling e P. Alcides Guareschi, sepultadas as divergências do passado, como os varões assinalados da nossa epopeia moderna, estão definitivamente alçados ao panteão dos heróis-fundadores da nossa alma mater.



O estabelecimento principal da futura Universidade de Passo Fundo localizava-se na Avenida Brasil, na antiga calçada alta, quadra em frente à prefeitura velha. Ali, mantidas pela Sociedade Pró-Universidade de Passo Fundo (SPU), funcionavam, no verão de 1967, as faculdades de direito, ciências políticas e econômicas e odontologia, além da escola de belas artes.

Em meados de 1964 fora decretada a intervenção na mantenedora SPU, por parte do governo estadual, autorizado pelo Ministério da Educação. À época, o governador do Estado era o engenheiro Ildo Meneghetti. Em Passo Fundo, o prefeito era o Sr. Mário Menegaz, correligionário do governador. A intervenção deu-se a instâncias do prefeito, adversário político dos irmãos César e Reissoly Santos, respectivamente presidente e superintendente da SPU. Fora incumbido de atuar como representante do prefeito e do governador junto ao ministro da Educação, Suplicy de Lacerda, o vereador e advogado Romeu Martinelli. Pelo governador, por delegação do ministro, foi nomeado interventor o Prof. Murilo Coutinho Annes.

Ato contínuo, foi substituída a direção da SPU. Em lugar do Prof. César Santos foi eleito para a sua presidência o Padre Alcides Guareschi, que mais tarde foi

reitor da UPF. Sua escolha fazia parte de um acordo que estava sendo costurado pelo interventor Murilo Annes e pelo bispo diocesano D. Cláudio Colling com vistas à fusão em uma nova entidade, sob a forma de fundação, da SPU com o Consórcio Universitário Católico, que mantinha a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Essa foi a fórmula encontrada para possibilitar a criação da Universidade de Passo Fundo, mais tarde reconhecida pelo governo federal, através de decreto do presidente Costa e Silva, no ano de 1968.

A intervenção federal na SPU, em 1964, foi determinante para acelerar e tornar possível a criação da Universidade, quatro anos depois. O contrário jamais foi demonstrado. E os fatos e a história estão aí para confirmar. No contexto da época, se não tivesse havido a intervenção, tudo indica que não se concretizaria o acerto da SPU com D. Cláudio e a Mitra que resultou na criação da Fundação UPF e abriu caminho para organizar-se a Universidade; e, pouco depois, com a aprovação do Conselho Federal de Educação, ser ela reconhecida e autorizada a funcionar por decreto do presidente da República.

Em 1966 houvera eleições indiretas para o governo do Estado. Com as cassações de alguns deputados da bancada



oposicionista, formou-se uma maioria artificial na Assembleia Legislativa, que permitiria a eleição de quem fosse indicada pelo partido situacionista — a ARENA.

Anteriormente, dentro desse partido (criado para apoiar o governo militar), ocorreu a disputa pela indicação do candidato que concorreria no pleito. Na convenção partidária apresentaram-se para concorrer o senador Tarso Dutra e o deputado federal Cel. Walter Perachi Barcellos. Este foi o vencedor, e, conseqüentemente, veio a ser automaticamente homologado pela maioria da Assembleia para ser o governador do Estado no período de 1967 a 1971. De nada adiantou a apresentação, pelo partido adversário, do nome do renomado jurista, Prof. Ruy Cirne Lima, que figurou apenas como um antecandidato ou candidato de protesto.

Em 31 de janeiro de 1967 Perachi foi empossado, juntamente com seu amigo João Dentice, que nomeou para a chefia da casa civil.

Em Passo Fundo, o diretório da ARENA, partido do governo, era vinculado ao senador Tarso Dutra, estreitamente ligado ao prefeito Mário Menegaz e a seus companheiros mais próximos, como os futuros deputados Augusto Trein e Romeu Martinelli. Por isso, Passo Fundo apoiou o senador na convenção partidária. Por sua vez, Perachi e seu alter ego, João Dentice, tinham como seus principais sustentáculos políticos em Passo Fundo o jornalista Túlio Fontoura, com seu jornal Diário da Manhã, e, paradoxalmente, o princi-

pal líder emedebista e ex-presidente da SPU, Prof. César Santos.

Assim que, ao assumir Perachi Barcellos o governo do Estado, os dirigentes de seu partido em Passo Fundo, Mário Menegaz à frente, passaram a ser tratados quase como inimigos. Ao passo que o Dr. César Santos, ex-dirigente da SPU, assumiu a condição de aliado e amigo do governo, investindo-se numa espécie de poder paralelo no município. É difícil entender tudo isso. Mas foi assim que as coisas se passaram. Era uma espécie de realpolitik da época. Valia tudo para reconquistar a SPU, que já se antevia como a semente da futura Universidade e como instrumento indispensável para qualquer grupo pretendesse conquistar e manter o poder político em nossa região.

Tardaram poucos dias para que fosse ordenado, pelo governador Perachi, o levantamento da intervenção estadual na SPU e nas faculdades por ela mantidas. Nos primeiros dias de fevereiro, um decreto governamental pôs fim à situação existente e mandou devolver a SPU, suas propriedades e instalações aos antigos dirigentes. Imediatamente, os professores César e Reissoly, com a cobertura do comandante da guarnição local da Brigada Militar e do delegado regional de polícia e acompanhados por um grupo de simpatizantes e correligionários, ingressaram e instalaram-se no prédio da Faculdade de Direito, na Avenida Brasil. Dali, na mesma hora, expulsaram o interventor Murilo Annes, o padre Guareschi e seus colaboradores mais próximos, aos quais não permitiram permanecer ou reingressar nos

recintos escolares.

Não demorou a reação do prefeito Mário Menegaz. Ao tomar conhecimento da situação, sua imediata atitude foi determinar o cerco do quarteirão onde funcionavam as diversas faculdades. Sem intimidar-se, funcionários da prefeitura e apoiadores do governismo local, comandados pelos vereadores Fidêncio Franciosi e Arthur Canfield, bem como por Adão Pinto Vieira, servidor municipal, conseguiram retomar os prédios universitários. O recinto, como se fosse uma operação de guerra, foi cercado e bloqueado, usando-se caminhões, patrulas e outras viaturas da municipalidade. Ingressando nas salas onde se encontravam os antigos dirigentes da SPU, os dois vereadores obtiveram a sua retirada. Assim, mediante esse esforço imediato, a posse dos próprios da futura Universidade foi restituída à nova direção da SPU, presidida pelo P. Alcides Guareschi. Foi uma ação de surpresa, segundo sei. Em continuação, foi mantido o cerco e os funcionários da prefeitura permaneceram guarnecendo os recintos e áreas adjacentes, a fim de evitar nova invasão e novos confrontos, até definição judicial, em seguida providenciada.

Sem perda de tempo, foi mobilizado o setor jurídico. Tendo à frente Celso Fiori e Carlos Galves, um grupo de professores e advogados redigiu um mandado de segurança e uma ação de reintegração de posse, objetivando manter a nova diretoria da SPU, cuja legitimidade não era discutida, na posse dos bens da entidade. Ambos os juízes de Passo Fundo se de-

ram por impedidos, preferindo não atuar, devido a suas relações próximas com a SPU e com os protagonistas do litígio.

O juiz de Carazinho, Nelson Costi, foi quem concedeu a liminar, restituindo a posse dos bens da SPU a seus novos dirigentes, que, assim, puderam dar continuidade às atividades escolares, com início programado para os primeiros dias de março. Essa liminar veio a ser confirmada pelo Tribunal de Justiça, sem reação efetiva do governo do Estado.

Seguiu-se uma renhida batalha judicial, em Passo Fundo, no Tribunal do Estado e até no Supremo Tribunal Federal. A Justiça, apesar da contrariedade do governador e de seu chefe da casa civil, invariavelmente deu razão à nova direção da SPU. Comandava a equipe de seus advogados o antigo interventor, professor Murilo Annes, que mais adiante foi o primeiro reitor da Universidade. Foram os sucessivos pronunciamentos da Justiça que reconheceram a legitimidade da diretoria presidida pelo P. Alcides Guareschi para representar e dirigir a SPU, proprietária dos bens que viriam a constituir o patrimônio da Fundação UPF. Com isso, apenas um ano depois do episódio da invasão foi possível a criação da Universidade de Passo Fundo.

Em sua perspectiva histórica, esses fatos — a intervenção, a invasão e a retomada — agregaram-se para, somados e conectados entre si, constituíram a causa próxima da criação da Universidade no ano de 1968. No curso da história, embora traumáticos e dolorosos, eles, mais do que qualquer outro, foram os que possibilitaram o desfecho desejado, que era a criação da Universidade que, com o desenvolvimento vertiginoso que apresentou, foi e ainda é o principal fator para a transformação de Passo Fundo na metrópole que hoje é.

Sem desmerecer os demais, não deve ser esquecido jamais o prefeito Mário Menegaz. Ele foi quem, com extraordinário sentido de oportunidade política e perfeita antevisão da história, provocou a intervenção federal e comandou a retomada, sem as quais o sonho da Universidade por muito tempo teria permanecido inatingível.

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Jurista, ex-diretor da Faculdade de Direito da UPF e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## PAULO RIGON e ANA PAULA: Os fiéis escudeiros



O publicitário Paulo Rigon e a secretária executiva Ana Paula Boscato têm sido o que se pode chamar de “fiéis escudeiros” do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Dr. Osvandré Lech, nos últimos dois anos. Voluntariamente, com talento, competência e profissionalismo, eles estiveram envolvidos com os principais acontecimentos culturais que marcaram o dia a dia da APL, em 2012 e 2013. Portanto, em reconhecimento ao trabalho realizado, Paulo Rigon e Ana Paula foram agraciados com o diploma de menção honrosa Francisco Antino Xavier e Oliveira, por ocasião do jantar baile alusivo aos 75 anos da APL, realizado no Clube Comercial, na noite de 24 de abril de 2013. Uma forma da Academia dizer: MUITO OBRIGADO!

Paulo Rigon é um dos publicitários mais conhecidos de Passo Fundo. Começou a trabalhar nessa área ainda muito jovem. Durante anos exerceu atividades junto à Gráfica e Editora Berthier, que lhe permitiu a convivência com todo o processo de transformar um título em livro.

Essa longa experiência na indústria gráfica aproximou-o da intelectualidade local e regional e moldou um apaixonado pela cultura. O convívio com diversos membros da Academia Passo-Fundense de Letras cimentou uma ligação entre ele e a mais antiga das nossas instituições culturais. Sempre dis-

posto a colaborar, a Academia Passo-Fundense de Letras beneficiou-se sobremaneira desse seu trabalho voluntário ao sodalício.

Mais que competência profissional, em Paulo Rigon a Academia Passo-Fundense de Letras encontrou um verdadeiro amante da arte e da cultura.

Há muito tempo que Ana Paula Boscato, “A Secretária do Dr. Osvandré”, como se tornou conhecida, é mais que uma profissional de Secretariado, que trabalha no IOT. É, simbolicamente, uma espécie de secretária executiva *hors concurs* da Academia Passo-Fundense de Letras.

Antes mesmo da atual gestão do Dr. Osvandré Lech, Ana Paula se fazia presente nos eventos da Academia. Com o seu porte elegante e a sobriedade clássica de uma secretária executiva, sempre recebeu a todos, desde as mais altas autoridades às pessoas mais simples, com fineza e atenção.

A presença de Ana Paula Boscato nos eventos da Academia Passo-Fundense confunde-se com os próprios eventos. Conhecedora da comunidade local, a sua discreta assessoria tem sido muito importante para o sucesso das atividades, especialmente em sessões solenes do sodalício. Ela tem tratado os acadêmicos e a própria instituição com carinho inexecdível, como se fossem pessoas de sua própria família e como se a Academia fosse uma extensão do seu lar.

# A sede atual da Academia Passo-Fundense de Letras é resultado de muitas lutas

IRINEU GEHLEN

Jamais devemos desistir de nossos objetivos, por mais difíceis que eles possam parecer, pois às vezes eles estão mais próximos do que podemos imaginar. A história registra e nos conta a aventura de Cristóvão Colombo. Após vários meses de navegação por mares revoltos, turbulentos e desconhecidos, sua tripulação, já cansada e abatida, exigiu que ele retornasse, porquanto não existiam terras a serem descobertas. Mas, quando o navio retornava, o grande navegador, acreditando em sua missão e no seu objetivo passou a mão na luneta e decidiu dar mais uma olhada. Foi então que avistou e descobriu a AMÉRICA.

Sabem por que esta obra histórica existe? Sabem quantos anos de lutas por mares revoltos se passaram até aqui? Sim, só foi possível a concretização deste sonho porque os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, ao longo dos anos, não desistiram de lutar por sua sede própria e pela preservação desta fachada histórica. Com pertinácia, coragem, persistência e amor à cultura, não abdicaram, em nenhum momento, deste ideal. Sabemos que até inimigos e adversários tentaram obstruir este anseio, fato conhecido de todos, porém sem êxito.

Nesse caminho a Academia Passo-Fundense de Letras teve a sorte de encontrar homens públicos, cabeças arejadas que, sem vacilar firmaram parceria com o sodalício e assim o sonho realizou-se. Estas pessoas, sem dúvidas, são verdadeiros “Colombos” de Passo Fundo.

Destarte, todos merecem nossas



(FOTO: RAFAEL CZAMANSKI)

homenagens e nossos agradecimentos. A imprensa de Passo Fundo não poderia ficar de lado neste momento. Sua atuação foi, sempre, de fundamental importância especialmente na vigilância e na defesa do patrimônio histórico de nossa Cidade.

Não poderíamos deixar de relatar a importância da Literatura e da Arquitetura que se manifestam de forma viva na edificação da nossa Sede. Assim, por oportuno, peço licença para fazer um breve histórico da literatura.

a) – O TROVADORISMO ou ME-

DIEVALISMO reinou nos anos de 1189 a 1434, na chamada idade média. Caracterizou-se pelo Teocentrismo que colocava Deus no centro das atenções e vislumbrava tudo em direção ao Céu. Foi a época dos vitrôs, das torres altas, da inquisição, do bobo da corte, do menestrel, da Igreja mandatária e da cultura como um privilégio dos nobres e religiosos.

b) – RENASCIMENTO – HUMANISMO. Este foi o período em que o homem passou a ser o centro das atenções. Valia a razão. Época das descobertas e

de Luiz Vaz de Camões, com sua célebre obra “LUSÍADES”, o maior poema épico da Língua Portuguesa. Essa fase está bem retratada no filme “O Nome da Rosa”, de Humberto Eco.

c) – O QUINHENTISMO foi o período da literatura brasileira da era colonial, com as obras dos jesuítas e a literatura informativa. Os olhos voltavam-se para o material. Os autores de destaque foram: Pedro Vaz de Caminha, o escrivão de Cabral, e José de Anchieta com sua obra “A Santa Inês”.

d) – O BARROCO ou SEISCENTISMO caracterizou-se pelo conflito entre o terreno e o celestial, o homem e Deus. Época do cultismo e do conceitismo, teve como representante maior Pe. Antônio Vieira, com seus trabalhos: “Profecias”, “Cartas” e “Sermões”. Gregório de Matos Guerra, por sua vez notabilizou-se com suas poesias satíricas.

e) – O ARCADISMO (1700) ou NEOCLASSICISMO, chamado “O Século das Luzes”, do Iluminismo, caracterizou-se por personalidades importantes como: Montesquieu, Voltaire, Rousseau e outros. No Brasil ocorreu a inconfidência mineira.

f) – O ROMANTISMO, sobre tudo em sua fase poética, deve ser considerado o verdadeiro início da literatura nacional. Registra-se um momento histórico, com a vinda da Família Real ao Brasil e a ascensão da burguesia. Caracterizou-se pelo nacionalismo, subjetivismo, egocentrismo, sentimentalismo e preito à natureza. Destacam-se Gonçalves Dias com sua obra “Canção do Exílio”, Casemiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela.

g) – Ao Romantismo segue o PARNASIANISMO na poesia e o Realismo, na prosa. Foi o cultivo da arte pela arte, com refinado esmero na linguagem e a impossibilidade das emoções.

h) – Em seguida surge o SIMBOLISMO reafirmando a realidade subjetiva, a sublimação, as manifestações metafísicas e espirituais e a musicalidade.

i) – Já, o PRÉ-MODERNISMO, coincide com o momento histórico da Primeira Guerra Mundial, caracterizando-se pela ruptura com o passado, pela denúncia da realidade brasileira e pelo regionalismo.

j) – Advém então o MODERNISMO, em volto em crises econômicas e apregoando a ruptura com o passado. Instala-se um processo destruidor das estruturas vigentes e de valorização do

índio brasileiro.

l) – Finalmente, o PÓS-MODERNISMO enriquece a literatura brasileira com escritores como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, João Cabral de Melo Neto e tantos outros.

Fiz esta digressão histórica porque estou falando sobre o prédio da Academia Passo-fundense de Letras, que tem uma fachada histórica e que ostenta um frontão sobre a porta mais alta do Rio Grande do Sul, de estilo neo-clássico, e com os arcos plenos sobre a porta principal e os arcos em alto relevo sobre as janelas; além das conversadeiras, as pequenas sacadas mostrando a arte barroca. Vê-se, então, que esta fachada histórica remonta ao Arcadismo ou Neo-classicismo, inspirada no século das Luzes, do Iluminismo e da Mitologia Greco-romana.

A fachada, as janelas e a porta da nossa sede são testemunhas vivas de quase um século da história de Passo Fundo. Atrás desta parede funcionou o Clube Pinheiro Machado, do Partido Republicano. No seio da Academia Passo-Fundense de Letras germinou a Universidade de Passo Fundo. Nasceram o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a Biblioteca Pública, o Instituto Histórico de Passo Fundo e outros seguimentos da nossa sociedade.

O frontal histórico deste Sodalício não é uma parede morta. É, isto sim, uma parede viva que move nossos pensamentos contando parte da história de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul. Esta parede viu, testemunhou e abrigou momentos significativos da vida política e cultural da nossa Cidade. Caracteriza-se de uma simbologia que guarda e manifesta a memória passo-fundense. Dela podemos ouvir e sentir o tropel dos guerreiros de 1923, 1930 e 1932; os discursos, os poemas e as histórias narradas. Suas linhas arquitetônicas merecem um estudo aprofundado. O acervo histórico engravado nesta parede não é simplesmente um monte de tijolos, nem uma porção de areia. É muito mais do que isso. No valor intelectual da obra reside a preocupação de todos nós. Este consórcio de preocupações com o patrimônio histórico determina a conjugação de esforços, sentimentos, aspirações e patriotismo de todos os seus integrantes.

A Academia Passo-fundense de Letras é, acima de tudo, um patrimônio cultural e intelectual incorporado à história do Município de Passo Fundo.

(Irineu Gehlen, advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e vice-presidente da Cruz Vermelha Brasileira.)





# Reflexões no banheiro

JÚLIO CÉSAR PEREZ

A porta bateu com violência às minhas costas. Uma lufada de vento, talvez, ou um movimento involuntário da mão por causa da pressa.

Não sei!

Só sei que a lingueta emperrou e agora me vejo trancado no banheiro de minha própria casa. Não há ninguém do outro lado que possa me ajudar. A janela dá para o vazio do poço de ventilação no meio da construção. Gritar seria inútil, sobretudo a essa hora da manhã em que todos já devem ter saído. Fiz bolhas nas mãos, agarrando-me ao trinco da porta, tentando abri-la à força. Tenho medo de quebrá-lo. Aí sim eu estaria numa enrascada. Tenho que manter a cabeça no lugar.

O que deverá pensar meu chefe quando se aproximar a hora em que eu deveria chegar e eu não estiver lá? Poderá ele aquilatar o insólito da situação? E o que é pior: serei suficientemente convincente para lhe explicar o que até agora é difícil até para eu acreditar? Talvez eu devesse sentar simplesmente,

esperar até que alguém dê por minha falta e tentar fazer algo para saber se aconteceu alguma coisa. Aí, quem sabe meus gritos de socorro possam surtir algum efeito.

Ao menos se eu tivesse um bom livro. Aquele, por exemplo, que está ali na estante da sala, apenas a alguns metros de mim e do qual, no entanto, me encontro irremediavelmente separado por esta porta estúpida. No entanto, se ela não existisse, eu não estaria com vontade de ler numa hora dessas.

Grito para o vazio do poço de ventilação e nada! Ninguém que possa me ajudar. Além do mais como é que alguém acreditaria que um marmanjo desses estivesse às voltas com a porta do seu próprio banheiro?

Eu deveria me esforçar para ser melhor companhia para mim mesmo numa hora dessas. Nesses momentos de desespero, por exemplo, eu poderia me ajudar sendo essencialmente prático e enfrentando essa situação como um caso que exige, sobretudo, o engenho antes que a força bruta.

É incrível com que obstáculos tem de se lidar, às vezes! Quem diria, por exemplo, que esta porta iria se voltar

contra mim e, de repente, me fizesse de seu refém, justo num dia em que eu estava tão apressado?!

Até que ter alguém, nesse momento, não seria má ideia. Mas pensar em ter uma esposa para essas eventualidades, não é bem a concepção que tenho do casamento. “Tudo bem, querido, eu vou chamar um chaveiro e logo, logo você estará fora daí”!

E por causa disso eu teria que pagar para o resto da vida as suas contas, chegar todo dia em casa no horário, ajudar a cuidar dos pimpolhos, abrir mão dos meus livros, sob pena de ser acusado de não dar atenção para a família, me abster de ter novos casos, enfim, uma dedicação que não deixaria nada a desejar a que o príncipe deve ter tido outrora com a donzela que beijou o sapo e o livrou da maldição.

Bem, quem sabe eu poderia tentar tirar os parafusos das dobradiças. Mas estão tão enferrujados, cobertos de restos de tinta...

Por que não dar mais atenção para essas coisas mínimas do nosso dia a dia?

A gente realmente só se dá conta desse universo de miudezas e detalhes quando precisa e se sente traído por que ele não

corresponde as nossas expectativas, como se ele devesse estar sempre à nossa disposição, quando normalmente sequer reconhecemos sua existência.

Preciso me concentrar, afinal, a situação, apesar de ser risível, pode ser trágica se eu não conseguir sair daqui. Ficar dias a fio, preso em sua própria casa, vendo a barba crescer, como um Conde de Monte Cristo no interior dessa masmorra. Talvez eu esteja exagerando. De todo modo, preciso fazer alguma coisa prática. É incrível como eu possa ser dispersivo até nesses momentos, mas também quem não se sentiria tentado a explorar o ridículo da situação?

Pronto, quebrei a ponta da tesoura, tentando tirar os parafusos. Agora que a coisa se tornará mais difícil, porque a outra ponta é mais fina e não conseguirá fazer girar os parafusos. Esperava conseguir sair daqui sem precisar incomodar ninguém, mas pelo jeito terei que criar o pânico entre meus vizinhos para isso.

A gente nunca sabe que proporções as coisas podem tomar. O inusitado sempre nos faz recordar com carinho

aqueles momentos da nossa rotina, por mais massacrantes que eles possam ter sido. Realmente, ficar preso no banheiro da própria casa não tem nenhuma graça. Por outro lado, se você pensar bem, os imprevistos estão sempre à espreita. A gente que acha que determinadas coisas jamais acontecerão conosco: uma doença incurável, a perda de um ente querido, um atropelamento, a perda do emprego. Na verdade, o futuro é uma nebulosa de incertezas, só tolerável porque penetramos nele como que anestesiados pela frivolidade das nossas vidas. Por outro lado, se nos levássemos muito a sério correríamos o risco de nos vermos imobilizados pelo pânico. No mais das vezes, no entanto, a solidariedade com nossos igualmente desesperados companheiros de viagem nesse grão de poeira cósmica é normalmente nosso mais eficaz elixir contra essa sensação.

Olha eu de novo a divagar!

Não supunha que o meu banheiro exercesse esse efeito sobre mim, de me fazer cogitar dessas coisas que de outro modo eu nunca encontro tempo

para refletir. Seria até interessante todo mundo ter de passar por uma experiência dessas de vez em quando. Percebo que existem muitas coisas na vida sem respostas, que só uma situação inusitada dessas, que quebra nossa rotina, nos faz parar para pensar. Não será por isso que de tempos em tempos a gente tem que levar algumas porradas da vida, tem de encontrar pela frente algumas portas que se negam a abrir, como se realmente tivesse alguém lá em cima querendo nos dizer alguma coisa e para a qual a gente nunca tem tempo?

Estou quase conseguindo!

Os parafusos todos fora... agora só tenho que mover a porta ...

Consegui!!!

Preciso correr, porque já estou atrasado.

No que eu estava pensando mesmo?

Poxa, agora não vai dar! Estou sem tempo para isso.

(Júlio Perez, auditor público e escritor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Resgates

**DINAIR FERNANDES PIRES**

Toda história de vida é um romance inacabado. Inacabado no sentido mais abrangente, pois, se fossemos relatá-la por capítulos, encontraríamos os já fechados e os ainda aguardando o desenlace final. Há pessoas que passam pela vida sem interpretar, compreender ou relacionar fatos, sentimentos e decisões. Curioso é que existem momentos, etapas ou circunstâncias que nos levam a encontrar o sentido de cada episódio. Essa possibilidade ou capacidade talvez seja um dos ganhos da idade madura e da velhice. Também há que se admitir que muito se fechará somente aí e não duvidar que possa, ainda, ir além. Grande parte do encaixe certamente se ligará ao investimento feito com relação ao crescimento

espiritual e ao exercício da reflexão.

Seguidamente, surpreendo-me procurando peças no quebra-cabeça das experiências vividas para encaixar as surpresas que aparecem no cotidiano, e outras vezes, inesperadamente, cai o coringa que faltava para desvendar todo um mistério. Assusto-me ao perceber que, cada vez mais, essa prática me persegue e acorda aprendizagens que, em tempos idos, pareciam tão teóricas e livrescas. Como que num estalar de dedos a purpurina ganha forma, se explica o que parecia inexplicável e se consuma o que se apresentava como insolúvel. Daí decorrem vivências e apropriações tão argumentadas, como a compaixão, a amizade verdadeira, a solidariedade, a caridade, o cuidado, a paciência e o amor incondicional.

Certos episódios que pareceram insignificantes ou superficiais retornam em outro contexto e vêm complementar, fortalecer, acabar o rascunho do desenho iniciado. Ocupam o seu lugar, fecham o círculo, escrevem a mensagem mais profunda, às vezes pela energia que continua a circular. É como se fosse uma psicografia.

(Dinair Fernandes Pires é professora aposentada, de Passo Fundo/RS)





# Quarenta e cinco anos de Tribunal do Júri

**JABS PAIM BANDEIRA**

O assunto do momento poderia ser a publicação do acórdão do mensalão, apontando José Dirceu como chefe da quadrilha, mas o farei outro dia. O tema de hoje – Meus 45 anos de júri e minha história que teve início em 06 de março de 1968.

Este ano completando 45 anos do primeiro júri, intenso e contínuo trabalho, com mais de 300 defesas.

Em 1968 quando na defesa de Maria dos Santos Moraes, cursando o 5º ano de direito, sendo a 1ª vez que assumia a tribuna do júri, na defesa de Maria dos Santos Moraes, julgamento ocorrido na antiga Câmara de Vereadores, pronunciada por ter matado a paulada o marido, Jandir Moraes, funcionário do DAER. Concluí a instrução processual, naquele tempo, o acusado era pronunciado e levado a prisão. Maria foi recolhida ao presídio, localizado onde é o atual quartel do corpo de bombeiros. O prédio era um pardieiro imundo e inabitável, usado para trancafiar os detentos, como animais enjaulados, dividindo-o com ratos e insetos. Diversas vezes marcaram a data do júri, eu os transferia usando de recursos jurídicos, desagradando o Promotor, combativo e qualificado, Lauro Guimarães. Necessitávamos protelar, pois não possuía a carteira de advogado, impedido assim de promover sustentação oral, éramos apenas inscrito

na OAB como solicitador, chamado hoje de estagiário. A situação ficou insustentável, quando o Dr. Lauro, requereu ao juiz, Dr. Moyses Marinho Ribas, oficial a OAB, para que indicasse um advogado para patrocinar a defesa da cliente. O Dr. Catarino Ferreira era presidente da OAB, respondeu que não poderia nomear, uma vez que havia advogado contratado para a defesa. O Promotor não se conformou, insistindo para que o juiz, então nomeasse outro advogado, enquanto pressionavam Maria para revogar a nossa procuração, embora presa, manteve-se firme, confiava em nosso trabalho, estando ela presente em todas as audiências. Lauro ficou irascível, com mais veemência continuou a peitar o juiz, clamando atitude mais radical, agilizando a realização do júri. Pressionou de tal maneira o magistrado, chegando a ofensas pessoais, a ponto do Dr. Moyses ter tirado o casaco e colocado em sua cadeira, apontando: “Ali está o juiz e aqui é o homem”. Atracando-se em luta corporal com o Dr. Lauro, separados por serventuários. Enquanto isso, ganhei tempo, formando-me em dezembro de 67, apressei a inscrição na OAB, recebendo a carteira em fevereiro de 1968, número 4897. Que venha o júri! Aprazado para 6 de março. No julgamento o Dr. Nelson Silva, fez minha apresentação e disse: “agora a defesa é contigo”. Assumi a tribuna, inicialmente embarçado, na saudação, tropeçando nas palavras. Logo reassumi o domínio

da situação, examinado a prova, sustentando a tese da legítima defesa própria e moral, aceita pelos jurados, por 7 votos a zero. Presidiu o júri, o Dr. Nelson Costti, pois o Dr. Moyses Ribas, titular, estava de férias. Na promotoria atuou o Dr. Lauro Guimarães. No Conselho de Sentença estavam: Napoleão Sfoggia, Leonisio Angonese, João Kurts, Jandir Pedro Cecete, José Ribas Machado, Aramando Rebeschini e Fiorvante Tassi. Uma iniciação positiva, continuo apaixonado pelo Júri, onde renasço, deixando um pedaço de mim em cada julgamento. Nestes anos armazenei um espólio de histórias. Cheguei a conclusão, concordando com Martim Fierro de que O Diabo não é Diabo por ser Diabo, mas sim por ser velho.

Revivendo de fato e de direito a efeméride (45 anos), volto ao júri, do próximo dia 30, na Assistência Particular a Acusação, contratado pela família de Valdevir Gonçalves de Moraes, morto em um posto de gasolina, em 29 de outubro de 2009, por Rogelson Moraes Blon.

Coincidência: o júri de 68, para o de 2013, naquele o nome de família da vítima e do réu era “Moraes”, neste também, nome em comum de vítima e réu é “Moraes”. E a melhor das coincidências é que a UPF está comemorando 45 de fundação, neste ano, meus parabéns!

(Jabs Paim Bandeira, advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Centenário do Centro de Letras do Paraná

**ELISABETH SOUZA FERREIRA**

O Centro de Letras do Paraná foi fundado em 19 de dezembro de 1912 por Euclides Bandeira e Emiliano Pernet, no centro de Curitiba. A partir de então, e com sede própria, passou a oferecer abrigo a outras entidades congêneres, formando assim um corpo associativo que ultrapassou nos últimos tempos, mais de três centenas de sócios. Possui uma Biblioteca com mais de vinte mil títulos, sendo que a maioria pertence a autores paranaenses. O Centro de Letras promove todas as semanas saraus literários acompanhados pelo chá de confraternização aos seus membros e visitantes. Patrocina concursos e obras literárias e artísticas, produzindo semestralmente a Revista O Cenáculo.

No ano passado, mais precisamente em 4 de dezembro de 2012, ingressei no Centro de Letras do Paraná, juntamente com mais 28 pessoas dos mais diferentes estados brasileiros, tornando-me membro correspondente desta importante entidade cultural. Na ocasião dos festejos do centenário, tomamos conhecimento da futura publicação de uma obra que estava sendo organizada sobre a história do CLP, desde a sua fundação até os dias de hoje, apresentando o histórico de cada Patrono e de todos os Ex-Presidentes que passaram pelas mais diferentes décadas de cultura.

Finalmente agora, em 25 de junho de 2013, comparecemos ao Centro de Letras do Paraná para o lançamento oficial da tão esperada obra “Um Século de Cultura”, mas jamais imaginávamos que o tal livro pesaria 3kg, sendo 500 páginas ricamente ilustradas e revestidas por uma capa dura, uma verdadeira obra de arte, um álbum para ser guardado com todo o carinho e cuidado para as futuras gerações. Somente quem conseguiu aproximar-se do tal “livro” pode



(FOTOS: ARQUIVO E. S. FERREIRA)



compreender os diversos adiamentos que houve desde o início do ano para a sua publicação. Faltaram recursos para tanto, mas graças ao patrocínio dos Colégios Maristas, Banco Bradesco, Itaipu Binacional, UNIBRASIL (Faculdades Integradas do Brasil), Livrarias Curitiba e aos prezados cidadãos Florlinda Andraus, Maria de Lourdes Araújo Canet e Joel Malucelli foi possível a concretização desse sonho para o engrandecimento do Estado do Paraná.

Sinto-me honrada por fazer parte desta importante e antiga entidade cultural de Curitiba tanto quanto tenho orgulho da nossa Academia Passo-Fundense de Letras, duas casas que me acolheram de braços abertos desde o início e me incentivaram a criação literária, valorizando-me como pessoa que ajuda a fazer cultura na História do nosso tempo.

(Elisabeth Souza Ferreira é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Entender Darwin ou perseguir miragens

(MONTAGEM: LUIS EDUARDO MENEGHETTI)



## GILBERTO R. CUNHA

**O**u entendem Darwin e as implicações da seleção natural na evolução das espécies ou os biólogos moleculares, especialmente no que tange à inovação tecnológica em agricultura, continuarão a gastar recursos perseguindo miragens. Essa é a opinião do professor R. Ford Denison, da Universidade de Minnesota/EUA, em exaustiva análise sobre a complexidade das trocas, as limitações e as possíveis oportunidades de exploração, via avanços tecnológicos nos sistemas cultivados, em que, perceptivelmente ou não, se sobressai uma “agricultura darwiniana”.

Uma questão científica relevante em agricultura é como aperfeiçoar a exploração dos recursos do ambiente. Mais especificamente, como manejar a competição de plantas, tanto individual quanto coletivamente. No caso dos cul-

tivos destinados à produção de grãos, quem sabe se mostre mais interessante, por exemplo, a produção total de grãos por unidade de área que por cultura isolada. Em termos sistêmicos, pode-se buscar, via adequação de ciclos, mais cultivos por ano, embora se saiba que cultivos de menor ciclo, em geral, são menos produtivos. Esse é um dos tantos tipos de troca que, em nome do todo, pode ser mais vantajoso abrir mão de parte do potencial de rendimento num programa de melhoramento genético vegetal.

É importante o entendimento dos fatores que limitam o rendimento dos cultivos para que sejam feitas intervenções com base científica, mais que tentativas e erros. No caso da soja, por exemplo, sabe-se que, mesmo havendo a fixação biológica de nitrogênio atmosférico, o rendimento dessa oleaginosa é limitado pela disponibilidade desse nutriente (especificamente no caso de rendimentos elevados). Uma estratégia para

elevação do potencial de rendimento da soja poderia ser baixar o teor de proteína dos grãos. Uma questão de escolha, em que, tomando-se o caminho inverso da evolução, que, via seleção natural, favoreceu a competição individual, priorizando rendimento de sementes e conteúdo de proteína, busca-se favorecer a comunidade.

Mesmo que muitas intervenções e prioridades dos programas de melhoramento genético de plantas cultivadas sejam marcadas pelo caráter de efemeridade, não deixam de ser relevantes. É o caso típico da resistência a insetos-pragas e organismos causadores de doenças (fungos, nematóides, bactérias e vírus, por exemplo), cuja seleção natural desses organismos e o surgimento de novas raças, numa espécie de luta darwiniana, exige ganhos acelerados de rendimento para compensar a evolução de pragas e patógenos.

A elevação do potencial de rendimento dos cultivos agrícolas requer

mudanças em processos fisiológicos básicos. A questão de resistência a herbicidas e a insetos-pragas, os grandes marcos de inovação tecnológica em agricultura, obtidos via técnicas de transformação genética, mesmo sendo impossível ignorar os seus méritos em possibilitar ganhos de rendimento e/ou redução de custos nas lavouras, podem ser vantajosos apenas temporariamente, até que as plantas daninhas (tome-se como exemplo a buva) e os insetos, darwinianamente, evoluam em resistência.

O professor Denison considera uma fantasia dos biólogos moleculares, por exemplo, a proposta de melhoria de eficiência da enzima rubisco pela redução da fotorrespiração; caso típico das chamadas plantas C3, cujo exemplo bem conhecido é a soja. Os defensores dessa ideia valem-se da maior especificidade da rubisco por CO<sub>2</sub> (relativo ao O<sub>2</sub>) em algas, comparativamente às plantas terrestres. Segundo ele, via seleção natural, no caso das espécies terrestres, houve compensação entre especificidade da rubisco por CO<sub>2</sub> e a taxa de reação. Portanto, não sendo esperável qualquer ganho em produtividade (pelo menos significativos) a partir dessa estratégia de transformação genética.

O argumento da perenização dos cultivos anuais como caminho para a elevação de rendimento também tem que ser visto com reservas. Mais que o total de biomassa, no caso de espécies destinadas à produção de grãos, interessa a partição dos assimilados. Evolutivamente, as espécies perenes alocaram menos recursos para as estruturas reprodutivas que as anuais. Isso significa que há espaço para melhoria nesse quesito nas espécies perenes, mas não se pode criar expectativas exageradas com a perenização de espécies anuais como o trigo e outros cereais, por exemplo.

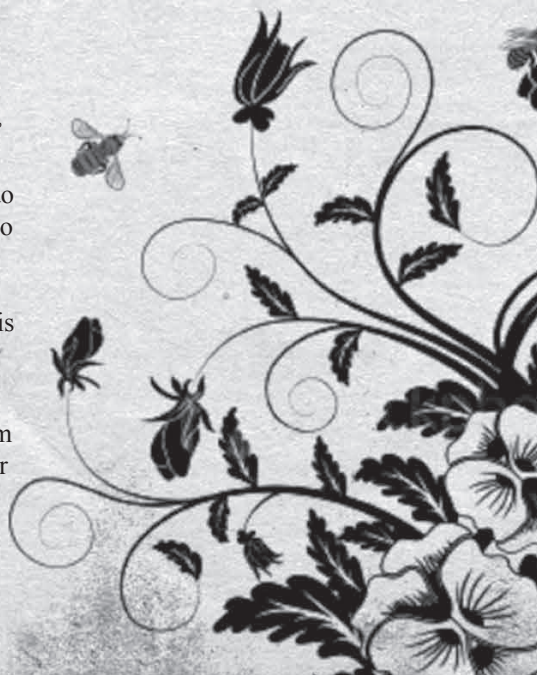
Entender Darwin, pelo que parece, é requisito para a entrada das ciências agrárias, sem expectativas fantasiosas, na era da engenharia genética e da biologia sintética. É inconcebível que, por um lado, não ignoramos a importância da química e da microbiologia em aplicações relacionadas com a ciência do solo, enquanto, por outro lado, deixamos de considerar a teoria da evolução, Darwin por suposto, em melhoramento genético de plantas.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# O voo das palavras

1. Será que alguém desconhece o cofre das desilusões, onde se guardam os sonhos desfeitos?
2. Mais terapêutico do que o silêncio, só o amor jorrando aos borbotões...
3. Faço questão de refletir sobre o passado, que isso me energiza, para os embates do presente.
4. Há mulheres que só sabem engatar a primeira marcha. E então saem aos solavancos, cimentadas no volante, sem perceber sequer o cortejo das andorinhas a lhes prestar homenagem...
5. A preocupação excessiva não tem nenhuma serventia, a não ser carimbar o rosto com aquele desdouro solerte, inconveniente, malfadado!
6. Ainda hei de descobrir o reduto, onde se esconde o fabricante de rugas! – Eta, profissão insolente, que deveria ser banida do rol das nossas aquisições!
7. Percebe-se, de longe, quem vive amargo e quem vive açucarado. Pois o sorriso é aquela varinha mágica, que transforma a dor em sabor...
8. Para uma velhice tranquila, é recomendável edificar nosso castelo individual, sobre os três pilares seguros: do intelecto, do sentimento, do trabalho.
9. Nossas expressões faciais determinam o grau de equilíbrio, com que agimos e prosperamos, em todas as áreas, do corpo e do espírito.
10. Autoconfiança – eis um vocábulo mágico que equilibra nossos humores, fortalece nossos projetos, derreia nossas inseguranças, pois que assim protegidos, nada nem ninguém conseguirá abater-nos.
11. Evite a formação de úlceras e distúrbios psicossomáticos, que bagunçam, física e emocionalmente. A prática constante da serenidade reprime todo tipo de desordem!
12. TER demais impede o SER de viver em plenitude.
13. Não tripudie sobre a felicidade! – Ela é tão preciosa que jamais deve ser negligenciada, exaurida, jogada aos cães...
14. A técnica da meditação e da prece, com seu fabuloso poder de catarse, estanca, rapidamente, a sangria de qualquer fermento, por mais cáustico e ferino que seja.
15. Não é a idade que faz de nós um trapo velho, e sim nosso desleixo em continuar vivinhos e atraentes...

(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Quanto futuro amputado...

**DANIEL RETAMOSO PALMA**

**E** screvo de uma cidade outra, que não a minha. Olho agora através de uma janela aberta e tento enxergar... tento compreender o sentido de “uma cidade ao ar livre”. Vejo ínfima parte de Passo Fundo, RS, com seus rumores e suas pausas, seus ruídos, suas pulsações, e seus silêncios...

Atravesso no corpo da cidade um olhar um pouco nômade, um pouco cosmopolita, já quase perdido o sentido de pertencimento a um só lugar. Aliás, desde que li num livro amarelado de um de meus irmãos que “A filosofia é saudade: ânsia de sentir-se em casa em todos os lugares” resolvi guardar tais palavras como uma bússola. E sempre que possível me desloco no tempo e no espaço, camaleônico, flexível, adaptável a várias cidades. Reivindicando algumas vezes a condição de pertencer ao mundo, e não a este ou àquele lugar.

“Sou do mundo”, respondia eu à pergunta recorrente “de onde você é?”.

Isso foi assim até o dia 27 de janeiro de 2013, quando aconteceu na cidade onde nasci não somente o acúmulo repentino de incontáveis abismos em nossos frágeis corpos, não só o início de um velório que há de nos velar em atroz e atenta vigília até o fim de nossos dias, não o mero acréscimo de toneladas de escuridão em nossa coleção de vazios, não apenas o estrangulamento de todos os coros que antes cabiam em nossas vozes, a partir de agora tão monótonas, não simplesmente a soma de todas as asfixias da solidão a ultrajarem nossos poros e nossos pulmões num só murchar de estações e tempestades...

Levanto e vou até o parapeito da janela, estou no 5º andar do prédio em que resido, penso nos suicidas que saltam do alto de seus passos para um voo derradeiro... penso numa janela a se abrir não para a busca de mais ar, de mais vida, de mais amor, de mais tempo, mas uma janela que se abre enquanto antinome, antiflor, enquanto ultimato para os suspiros possíveis, como contagem regressiva para a perda definitiva da respiração de uma história, penso numa

janela que se abre como antiparto, como partida e como pena de prisão perpétua para todas as partes que constituem uma só vida...

Nenhuma perda direta, “nenhum dos meus”, “nenhum de nós” estava lá... mas isso não necessariamente nos conforta, porque em verdade estávamos todos a morrer junto daqueles jovens asfixiados, pisoteados, incinerados, violentados. Disse um de meus irmãos, embora tenhamos pais e mães diferentes, o Marcio Tascheto da Silva, também natural de Santa Maria, que “nunca estivemos naquela boate, entretanto, nunca mais conseguiremos sair de lá”.

Aliás, amigos e parentes me relataram o necrotério ao ar livre que Santa Maria tem sido nos últimos dias. Um fio de mortalha costurou de desânimo em desânimo, um silêncio sepulcral e ensurdecedor. Caminhando pelas ruas, pela primeira vez na vida da cidade, principalmente durante os dias 27 e 28 de janeiro, corpos sendo velados por todas as partes, todas as pessoas se olhavam nos olhos, cúmplices como são cúmplices apenas os amigos de infância. Todos se reconheciam irmãos, recém-desumbigados da absurdidade total. Era um vagir coletivo, um grito silencioso.

Talvez por todos ali compartilharem a dor de uma amputação estertorosa: súbito, tínhamos perdido uma parte incompreensível de nossa própria existência, de nossa infância, de nossa adolescência, de nossa maturidade, de nossa velhice, daquela juventude que demora décadas até que a conquistemos.

O nosso tempo é uma construção coletiva, não tenho a mínima dúvida. Cabe muito menos em relógios e calendários do que em nosso poder de disseminar encontros, por exemplo.

(As pessoas vagavam chorando pelas ruas, feito se sentissem culpadas por respirar o ar que faltou a mais de duas centenas de jovens numa das madrugadas anteriores, ali perto, bem no centro da cidade, na “rua do último beijo”.) É verdade que muita força nasceu disso tudo, a solidariedade brotou espontânea de todos os cantos recém-silenciados pela dor. É principalmente isso que deveremos levar em conta, ao final da

contagem de nossos mortos. Mas toda palavra que ousarmos nos próximos dias ainda nascerá sangrando, por mais necessária que seja a afirmação da Alegria, para que consigamos continuar.

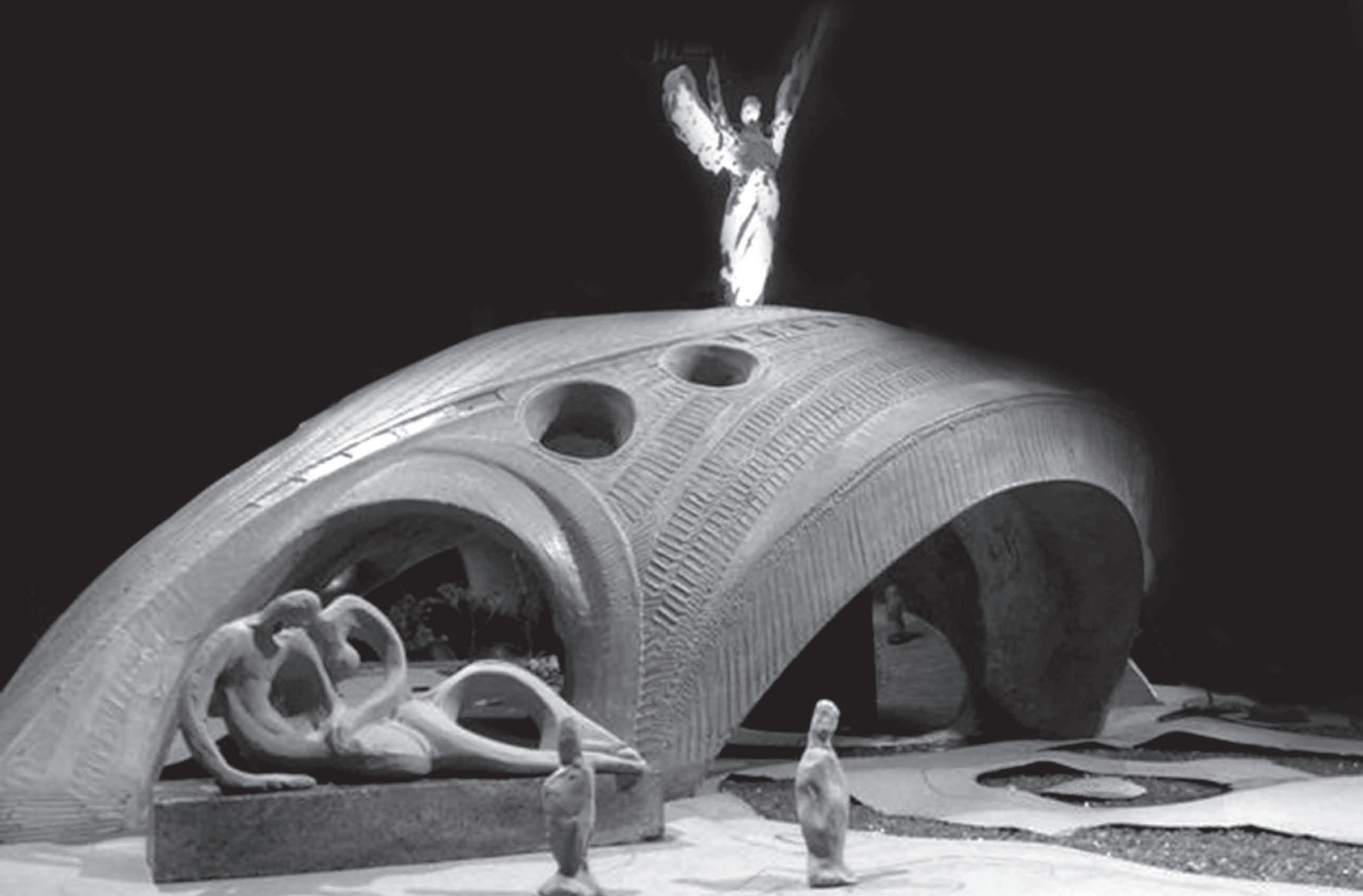
Sinto-me um tanto ausente, por ter decidido ficar em Passo Fundo. Mas confesso que talvez eu só atrapalhasse, caso tivesse ido ao encontro de tanta morte. Seria um zumbi a mais, a arrastar escuridão pelas ruas onde cresci, onde aprendi a amar e a sonhar acordado com mundos incapazes de extermínios como esse.

É muito fácil olharmos para trás e percebermos, em retrospectiva, que a vida vai se dando aos poucos, de acaso em acaso, de decisão em decisão, de desencontro em desencontro, de desistência em desistência, mas também e, sobretudo, de encontro em encontro e de persistência em persistência.

Há um filme, desses enlatados de Hollywood, “The Butterfly Effect”, (uma alternativa “Cult” para os cultistas de plantão seria “Acaso”, de Krzysztof Kieslowski) que mostra, de um modo até apreciável, o quanto somos partejados para esta ou aquela realidade, para este ou aquele caminho, a partir do que fazemos em determinados momentos de nossas vidas, momentos estes por vezes chamados de “encruzilhadas”, de “situações decisivas”, de “dobras do tempo”, de “forças do acaso”, de “giros da fortuna”, etc.

Pensando nisso e no fato de que não é forçoso afirmarmos que estamos mais vivos nos outros do que em nós mesmos, bastaria invertermos o sentido temporal das forças do acaso, apontando agora para o futuro, para que tivéssemos uma medida talvez aproximada da tragédia “santa-mariense” e do quanto perdemos com todas essas mortes (letras garrafais para grandes naufrágios): TIVEMOS GRANDE PARTE DE NOSSO FUTURO AMPUTADA DE NOSSAS VIDAS, ABRUPTAE BRUTALMENTE...

Amanhã ou depois uma dessas meninas que morreram por asfixia, buscando desesperadamente por uma saída, poderia me mostrar em seus olhos algum sentido para a vida; poderia partejar do fundo de seus gestos os filhos que nun-



ca tive, e que, todavia, ainda estão em gestação no ventre das minhas saudades; poderia, essa menina-hipótese, ressuscitar-me de tantas pequenas mortes cotidianas, que mal ou bem vão sendo vividas, quase sempre resignadamente...

Amanhã ou depois um desses rapazes que perderam suas vidas salvando as vidas de outras pessoas poderia me salvar de uma emboscada; poderia me emprestar o sopro vital necessário para que eu persistisse, após alguma punhalada do destino; poderia ser um desses irmãos que reconhecemos na multidão não por consanguinidade, mas por aquela afinidade, rara mas possível, que por vezes nos irmana a quem há pouco era-nos completamente desconhecido.

Multipliquemos essas possibilidades de encontros entre vidas esfuziantes, entre corpos desejosos de sentido, não mais usando de palavras individualizantes, egoístas. Consintamos que todos os sobreviventes de Santa Maria, do Rio Grande do Sul, do Brasil, etc, guardássemos algum elo latente com todos aqueles e aquelas que não mais respiram...

Em resumo, o futuro a se desdobrar em infinitas possibilidades, ainda por se desbravarem, ainda por se darem em situações de encontros e desencontros,

perdeu, por enquanto, 236 possibilidades, multiplicadas por toda a vida que ainda perdura em nossos corpos enlutados ou indiferentes...

Isso tudo pra dizer o óbvio, mas mesmo o óbvio deve ser dito, às vezes: é simplesmente incalculável o tamanho de uma vida perdida. Imaginemos, porém, centenas dessas vidas incomensuráveis a se perderem juntas, abraçadas pelo desespero. Imaginemos essas vidas dispostas num tecido social muitas vezes invisível, e que, entretanto, é a realidade mais gritante que há pululando em nossos peitos. Não precisaríamos enxergar muito para percebermos aí um evento genocida...

Quanto futuro perdemos, arrisca responder?

E o presente que se perdeu para os familiares e amigos desses jovens... de que modo o calcularíamos? Calculai por mim!

Quanto tempo perdemos todos nós, nessa noite de sonhos apagados, minha saudosa Terrinha Santa com nome de mãe?

Não queria quebrar o silêncio, pois nada que se diga agora fará o mínimo sentido para quem foi estupidamente beijado pela morte, mas creio que a

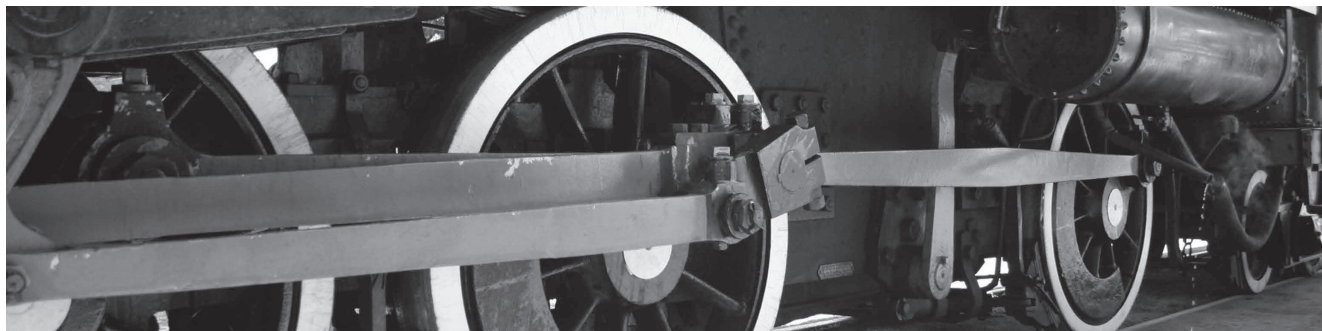
partir deste momento horrendo cresce ainda mais a nossa responsabilidade.

É urgente que nós, que “não estávamos lá”, honremos em cada novo dia a vida que ainda seguirá pulsando conosco. Por nós, é claro, mas também por nossos amores presentes e futuros, e também pelo quanto morreremos junto daqueles que já não estão, tenhamos ou não chegado a conhecê-los, incontáveis, incalculáveis, cada vida silenciada uma sepultura de parte inimaginável de nosso tempo, que por sua vez não cabe em nossas míseras individualidades.

Num gesto comovido e afetuoso, um irmão paulista, José Carlos Santos Peres, também com pai e mãe outros que não os meus, disse-me assim, desde uma ilusória distância: “Os sinos, Daniel, dobram por nós... Aceite a solidariedade desse seu irmão”. Sempre respeitosamente, eu diria de um modo um pouco distinto, respondendo-te, meu querido José Carlos: Os sinos dobram, agora dentro de nós, no templo de nosso sangue e de nossas lutas! Lutemos para que não silenciem, pois é deles a música mais sagrada que pode existir...

(Daniel Retamoso Palma é professor, de Passo Fundo/RS.)

# Ferrovia do Trigo, UPF e Salim Buaes



**ELMAR LUIZ FLOSS**

A RBS TV, em 2013, apresentou o belíssimo documentário *O Gigante de Ferro – Ferrovia do Trigo*. Mostrou-se um pouco dos sacrifícios enfrentados para construir essa ferrovia, os grandes objetivos idealizados em unir Passo Fundo a Pelotas, o transporte de cargas e passageiros, e, finalmente, o quase abandono da mesma.

O documentário veio numa boa hora, quando vários segmentos se movimentam pela reativação e ampliação do transporte ferroviário no Sul do Brasil, com a extensão da ferrovia Norte-Sul ao Rio Grande do Sul, passando pela região de Passo Fundo.

Mas, ao assistir atentamente o documentário, me lembrei do grande ex-professor da Universidade de Passo Fundo, Salim Buaes (in memoriam). Imediatamente, busquei na minha biblioteca seu livro, editado em 1996, *Perspectiva do desenvolvimento econômico e social de Passo Fundo*. O livro enfatiza, de maneira especial, a construção da L-35, a Ferrovia do Trigo, tema do prefácio escrito pelo saudoso professor e ex-reitor da Universidade de Passo Fundo, Murilo Coutinho Annes.

Segundo o relato do professor Salim, apesar do projeto da construção dessa ferrovia, passando pela região, ter iniciado ainda no governo do Presidente Eurico Gaspar Dutra, foi na década de sessenta que as obras de construção da L-35 ocorreram, de forma lenta. Mas, em 1968, foi determinada a suspensão

da construção da mesma. Diante da frustração de uma enorme região, a recém criada Universidade de Passo Fundo, realizou um Seminário da L-35, no dia 12 de dezembro de 1968.

Nesse Seminário, foi criado um Grupo de Trabalho, para realizar um estudo de viabilidade da Ferrovia do Trigo (denominação dada pelo ex-deputado Victor Isler), a L-35. Esse Grupo de Trabalho teve como presidente o ex-professor Salim Buaes e como membros os professores Cel. Otacilio de Moura Escobar, Dárcio Vieira Marques (Faculdade de Economia), Catão Louzada Alves da Fonseca e Flávio Coutinho Annes (Faculdade de Agronomia) e Eduardo Martineli (Faculdade de Belas Artes), além de vários estagiários.

Esse estudo foi encaminhado pelo reitor Murilo Coutinho Annes, ao então Ministro dos Transportes Mário Andreza. O estudo de viabilidade elaborado por esse Grupo de Trabalho da Universidade de Passo Fundo foi convincente e as obras foram retomadas pelo Batalhão de Engenharia do Exército. A sonhada ferrovia foi inaugurada em 07 de dezembro de 1978, pelo então Presidente Ernesto Geisel.

Certamente, essa foi uma das mais importantes contribuições, que a Universidade de Passo Fundo, através de sua reitoria (Murilo Coutinho Annes, Elydo Alcides Guareschi e Alcione Niderauer Correa) e dos professores, capitaneados por Salim Buaes, deu ao desenvolvimento da região. Além do transporte de cargas, especialmente os grãos produzidos na região norte do

RS, a ferrovia também teve transporte de passageiros, de Passo Fundo a Porto Alegre, o Trem Húngaro. Em março de 1980, fiz a única viagem pelo Trem Húngaro. Num domingo, eu, minha esposa Sandra e o filho Luiz Gustavo, com pouco mais de um ano de idade, fomos a Porto Alegre, para assistir o jogo Inter e Cruzeiro de Minas Gerais. Além da belíssima viagem, conhecendo uma das topografias mais bonitas do RS, assistimos o Inter vencer, por um a zero, gol do lateral Claudio Mineiro, de falta.

Pouco tempo depois, infelizmente, o Trem Húngaro foi desativado. Ao longo desse período, inúmeras foram as iniciativas para reativar o transporte de passageiros entre Passo Fundo e Porto Alegre. Como a ferrovia é de bitola estreita e com curvas muito acentuadas, não podem ser utilizados os trens modernos existentes no mundo. E, a Europa, é um exemplo de eficiência no transporte ferroviário de passageiros. Em janeiro, pude mais uma vez comprovar isso, viajando pela França e Alemanha, durante 9 dias. Trens da Ice ou TGM, que chegam a velocidade de 360 km/h.

Esperamos, que o novo movimento existente, desde 2009, de construção da Ferrovia Norte-Sul, seja o resgate de um erro histórico cometido pelo Brasil de negligenciar o transporte ferroviário, ao atender o forte lobismo dos interesses dos transportadores rodoviários.

(Elmar Luiz Floss é Eng.º Agr., Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Sensibilidade e talento



(FOTO: ARQUIVO L. T. D. BONATTO)

Sensibilidade e talento são atributos pessoais indissimuláveis. Ou se têm ou não se têm. E sensibilidade e talento são coisas que sobram em Liciane Toazza Duda Bonatto. Não foi sem razão, que ela assinou a capa da edição de estreia de *ÁGUA DA FONTE* (n. 0, dezembro de 2003) e nos 10 anos de *ÁGUA DA FONTE*, no marco das comemorações dos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, retorna com um belíssimo óleo sobre tela, que dispensa o uso de qualquer palavra para

contar a história da instituição, entre 1938 e 2013.

Liciane Bonatto é filha do casal Leonildo Almerin Duda (in memoriam, que tinha como hoby desenhar) e Adélia Irma Toazza Duda, sendo irmã de Norberto Toazza Duda (médico) e de Beatriz Toazza Duda Hall (agrônoma). É casada com Daltro Bonatto, geólogo e professor da UPF, e tem dois filhos: Marcos Vinícius, publicitário, e Fernanda Duda Bonatto, estudante de odontologia.

Formada em Desenho e Plástica pela

Universidade de Passo Fundo (UPF), Liciane trabalhou como programadora visual da Embrapa Trigo, de 1977 até 2009. Atualmente, em sociedade com Maria Helna Giongo Duda, dedica-se ao atelier ARTISAN, localizado na Rua Marcelino Ramos, 355/loja 3, no centro de Passo Fundo. O atelier ARTISAN é focado em arte e sustentabilidade.

Dona de grande sensibilidade e técnica apurada, Liciane Bonatto tem se destacado nas artes plásticas. Suas pinturas foram vencedoras de inúmeras edições do Festival de Arte & Cidadania da Embrapa. Mais além da pintura, Liciane tem se aventurado no mundo das letras (poesia e conto). A primeira poesia que escreveu, "Canto", ficou entre os quinze poemas selecionados no projeto Poemas nos Ônibus realizado pela empresa Co-leurb de Passo Fundo.

Liciane Bonatto é uma artista na mais completa acepção da palavra. Considera como finalidade das expressões artísticas: "transmitir harmonia, paz, energia, alegria, beleza, promover o encantamento. Caso o espectador ou leitor, depois de entrar em contato com um trabalho artístico, sair igual ou mais alegre, ou mais em harmonia consigo mesmo e nunca deprimido, seu objetivo foi atingido. Já se tem muitas razões na vida para se ficar triste, de vez em quando", costuma ressaltar. (G.R.CUNHA)

## Canto

Em cada canto,  
Há um encanto.  
Mas, qual é o canto  
Que tenho que cantar  
Pra encantar o meu canto?  
Pra fazer do meu canto  
Um encanto?

E se meu canto encantar  
Outros cantos?  
Eu cantarei muito mais cantos.  
E meu coração se encantarás,  
Se conseguir cantar  
A vida,  
Aqui do meu canto.

Por isso canto  
O meu canto,  
Aqui do meu canto.

Enquanto canto  
Me encanto  
E sou feliz.

## Lua

Vesti-me de lua,  
Em meus momentos escuros;  
Mas vi que em mim não havia ninguém.  
Só névoas e fios de esperança  
Envolviam o que restava de mim

Tinha me vestido de lua minguante...  
Pena!  
Por que escolhi essa lua?!

# Brasil, a caminho de um apagão logístico

ELMAR LUIZ FLOSS

Todos, políticos, produtores, industriários e imprensa, saúdam o recorde brasileiro de produção de grãos, estimado para a safra 2012/2013, de 185 milhões de toneladas (t). Os carros chefe dessa safra recorde são a soja (82 milhões t) e o milho (76 milhões de t), perfazendo aproximadamente 85% do total da produção brasileira de grãos.

Essa safra recorde é o resultado da interação dos principais fatores que influem na produtividade/rendimento das culturas que são as condições adequadas de solo (propriedades físicas, químicas e biológicas), clima favorável (chuva, insolação, temperatura, umidade relativa, etc.), genética diferenciada (cultivares com maiores potenciais de rendimento, melhor qualidade industrial e nutritiva, adaptados às diferentes condições de ambiente, resistência às principais e Tolerância a estresses abióticos) e a aplicação das modernas tecnologias de manejo das culturas, garantindo um equilíbrio nutricional e hormonal e a sanidade das plantas.

Nos últimos 20 anos (1993 a 2013) a produção brasileira de grãos aumentou de 68 milhões de t para 182 milhões de t, um aumento 268% no período, ou seja, mais de 9% ao ano. Essa elevação significativa da produção de grãos alimentícios tem garantido o abastecimento interno e a exportação de excedentes crescente, cujas divisas tem mantido a balança comercial brasileira positiva.

O maior desafio é levar essa produção recorde, da região produtora aos armazéns, portos e indústrias, num curto período de tempo.

## Faltam armazéns

Nos países desenvolvidos, com políticas de segurança alimentar, a capacidade de armazenamento de grãos

alimentícios chega ser duas vezes a capacidade produtiva anual. Além da segurança alimentar, a maior capacidade armazenadora representa um poder de barganha para o produtor comercializar sua safra com preços melhores, que normalmente, ocorrem na entressafra.

Graças aos investimentos e o empreendedorismo dos atores das cadeias produtivas de grãos, a produção brasileira cresceu significativamente nos últimos anos. Mas, a capacidade de armazenamento não acompanhou esses crescimentos. Os caminhões viraram armazéns de grãos. Quem viaja ao Mato Grosso, observa grandes quantidades de milho jogadas em montanhas a céu aberto ao redor de armazéns.

Enquanto a produção brasileira de grãos é estimada em 185 milhões de t temos uma capacidade de armazenamento, em condições técnicas adequadas, de apenas 143 milhões de t.

Já está provado, observando o que aconteceu com a Cesa no RS e os frequentes escândalos na Conab, que o governo, que não faz eficientemente uma política de saúde, educação, segurança e infraestrutura, não deve investir em armazéns públicos. O governo deve criar linhas de financiamento, a juros compatíveis e longos prazos, para que produtores, cooperativas, cerealistas e indústrias possam construir, de forma rápida e econômica, armazéns no Brasil, especialmente, nas novas fronteiras agrícolas.

## Faltam caminhões

A maior queixa de produtores e empresários é de que faltam caminhões para transportar essa safra recorde. Estima-se que faltam, atualmente, 200 mil caminhões no setor do agronegócio brasileiro.

Por essa razão, o frete cobrado para levar uma tonelada de soja da região de Passo Fundo para o Porto de Rio Grande, que era no início da safra de

2013 de R\$55,00 subiu para R\$95,00, dependendo do município. O pagador desse custo é o produtor.

Portanto, a presidente Dilma Rousseff, ao lado do programa de incentivo a aquisição de carros através de isenção de impostos (IPI), recentemente prorrogado até dezembro de 2013, deveria ser aplicada na aquisição de caminhões. Novas oportunidades de trabalho e renda estariam sendo criadas para pelo menos 200 mil famílias.

No entanto, diante do caos das estradas já observado, imaginem com mais 200 mil caminhões circulando?

Então, novos investimentos em rodovias e ferrovias é urgente. De novo, falta uma política de investimentos, por que o gasto do governo no custeio, consome cada vez mais os recursos arrecadados.

## Por que o RS não tem estradas?

Quem viaja por outros estados brasileiros verifica com facilidade o quanto estamos mal de rodovias no Rio Grande do Sul. No estado de São Paulo, praticamente todas as estradas federais e estaduais estão duplicadas. O mesmo acontece também nas principais rodovias dos estados do Paraná e Minas Gerais.

Temos no Rio Grande do Sul, apenas duplicada, há muitos anos, a BR 101, entre Porto Alegre e Osório. É inaceitável a demora para a sua conclusão, anunciada ao tempo do Presidente Fernando Henrique Cardoso e ainda não concluída. O trecho da BR 101 no estado de Santa Catarina, Paraná e São Paulo está praticamente concluído.

A BR 386, conhecida como a Estrada da Produção ou Rodovia Governador Leonel de Moura Brizola, também já deveria estar duplicada. Uma rodovia da maior importância no escoamento da produção ao grande centro metropolitano e também ao Porto de Rio Grande. O curto trecho em duplicação, entre Porto Alegre e Estrela, é pouco pela impor-



tância e o movimento de caminhões e carros que apresenta.

Mesmo excluindo os problemas de imperícia de motoristas, a falta de duplicação e o crescente movimento, induz a acidentes com frequência cada vez maior. Não podemos nos confortar com essas tragédias.

### O Brasil precisa de ferrovias

Na década de 50, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira iniciou a implantação das indústrias automotivas no Brasil, inclusive a indústria de pneus. A Fábrica Nacional de Motores-FNM, os primeiros caminhões, foi instalada no seu estado natal, Minas Gerais. A partir dessa época, as ferrovias brasileiras foram esquecidas e os investimentos públicos foram priorizados para o transporte rodoviário. No final da década de 50, começam as campanhas nacionalistas, defendendo a estatização das vias férreas.

O resultado dessa política foi o sucateamento da rede ferroviária brasileira, com participação cada vez menor no nosso transporte. O clímax da queda do transporte ferroviário, no Brasil.

Em 1996, é realizada a privatização da rede, tendo como objetivo aumentar a participação do transporte ferroviário, considerando a incapacidade de investimentos federais. Foram privatizadas as linhas férreas e também os trens. Em várias regiões, as empresas privadas que adquiriram a rede, fizeram investimentos. Mas, atendem apenas seus interesses, especialmente, no transporte de minérios. De maneira geral, ao invés

dos desejados investimentos privados no setor, na maioria das regiões, a rede ferroviária encolheu.

Mas, a partir do ano 2009, observa-se uma retomada, envolvendo governos municipais, estaduais e federais e a iniciativa privada. Com destaque para a construção da Ferrosul, que pode ligar o Porto de Rio Grande com o Porto de Belém do Pará ou Itaqui, em São Luis do Maranhão, construindo a Ferrovia Norte-Sul. Teríamos assim, uma verdadeira Ferrovia Norte-Sul. Lateralmente, essa linha férrea mestre estaria ligando as mais diferentes regiões brasileiras. Inclusive, a extensão ligando o Oceano Atlântico com o Oceano Pacífico, no Sul via Brasil-Paraguai-Argentina-Chile e no Centro-norte na via Brasil- Bolívia-Peru.

Contudo, pouco foi feito desde 2011. Certamente, precisamos eleger um Congresso Nacional não comprometido com

o lobby rodoviário, para fortalecer o transporte ferroviário.

### E, os portos?

Além da falta de caminhões, de estradas em boas condições de tráfego, a falta de maiores investimentos em ferrovias e a falta de capacidade de armazenamento, outro problema logístico sério no Brasil é a questão da insuficiência dos portos. Os investimentos realizados nos últimos anos foram muito aquém das necessidades diante do crescimento da produção nacional de grãos e carnes. Isso limita significativamente nossa competitividade no mercado mundial.

Assistimos frequentemente pela TV, as imagens de mais de 40 km de caminhões esperando descarregar soja em alguns portos brasileiros, especialmente em Paranaguá e Santos. Esse tempo perdido pelos caminhoneiros aumenta o custo, que representa menos renda aos produtores. E, no mar, muitos navios

esperando para carregar ou descarregar. Cada dia parado de um navio tem um custo entre 30 a 60 mil dólares.

Há poucas semanas, vários navios da China foram embora do Brasil para carregar soja nos Estados Unidos, diante do longo período de espera. Coincidentemente, foi quando a queda no preço interno da soja se acentuou.

No mês de maio de 2013, o Congresso Nacional aprovou uma legislação portuária para o Brasil. O governo federal, finalmente, sentiu que há um grande problema para o desenvolvimento brasileiro que é a falta de portos que atendam a necessidade de exportação e importação. O crescimento vertiginoso da produção brasileira de grãos e os aumentos na exportação, criaram um verdadeiro colapso nos serviços portuários.

A primeira necessidade é a ampliação dos portos. Como o governo federal é um “paquiderma” (pesado e lento nas ações), a solução é a privatização paulatina dos portos, bem como, permitir a exploração dos serviços portuários pelas empresas privadas.

A falta de investimentos, dos últimos anos, geraram esses problemas. Não é fácil construir um porto. Estima-se que o licenciamento ambiental e legal de áreas costeiras para construção de portos

demora aproximadamente 3,5 anos. A construção propriamente dita, outros 3,5 anos, para um Porto da capacidade de Santos, Paranaguá ou Rio Grande. Portanto, uma vez sancionada a lei pela presidente Dilma Rousseff, considerando ainda a elaboração dos editais de licitação, não teremos um novo porto antes de 2020.

Se a produção brasileira de grãos e quantidades exportadas, continuar crescendo na ordem de 7% ao ano, em 2020, a necessidade terá aumentado em 60%. Portanto, o caos portuário é inevitável, por que os governos se preocupam mais com o custeio, com as eleições (a busca da perpetuação no poder) e sem planejamento de investimentos a médio e longo prazo. Obras que, obrigatoriamente, são mais longas que os mandatos.

### A excessiva burocracia

No grande Seminário sobre Cenários e tendências do Agronegócio, realizado no dia 25 de abril de 2013, na Casa da Cultura de Marau, o ex-ministro da Agricultura Francisco Sérgio Turra, mostrou que o Brasil ocupa o lugar 135 no mundo, quanto a infraestrutura em portos. Mesmo considerando os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e

África do Sul), estamos em último lugar. A melhor estrutura de portos é da África do Sul (52º no mundo), seguido de China (59º), Índia (80º) e Rússia (93º).

O descarregamento de cargas especiais em portos brasileiros demora aproximadamente 10 dias, sendo 5,5 dias de trâmites burocráticos e 4,5 na operação de descarregamento propriamente dita. São vários órgãos públicos que necessitam aprovar, distantes um do outro.

Outro fator inexplicável é que a alfândega ou aduana não funciona 24h, como deveria. Somente atendem, no horário comercial. Isso que tem um decreto, assinado em 1966 pelo então presidente Castelo Branco, determinando que as aduanas alfandegárias funcionem 24h por dia. Até hoje não foi regulamentado, principalmente, devido ao corporativismo dos sindicatos portuários. Se a presidente Dilma colocar em prática esses decretos, ganhamos, de um dia para outro, uma capacidade portuária equivalente a um porto de Paranaguá.

Portanto, isso não depende de verbas e sim de vontade política.

(Elmar Luiz Floss é Eng.- Agr., Licenciado em Ciências, Dr. em Agronomia e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Enrodilhar-se

Há momentos e até mesmo dias que o único desejo que se tem é enrodilhar-se, ou seja, colocar a alma em posição fetal. Descansar no próprio colo. Afagar as mágoas. Agasalhar a fragilidade. Aninhar-se na própria história e não questionar. Não lamentar. Não se queixar. Acalentar no canto silencioso e compassado do coração as frustrações, os desencantos e o vazio. Aconchegar-se. Enrolar-se de tal forma em si mesma que tudo ao redor desapareça e, por um instante que seja, a mente suma e a energia ressurgiu como que numa explosão de amarras, numa ressurreição.

(Dinair Fernandes Pires é professora aposentada, de Passo Fundo/RS)

# A verdade oculta

Por este verso ser simples  
Sempre surge quem desfaça,  
Mas o que digo não visa  
Fazer rixa nem pirraça,  
São verdades ocultadas  
Que na vida a gente caça,  
Atinge todas as classes  
E envolve todas as raças.

Tem quem vive a transparência  
Outro atrás da carapaça,  
Alguns são falsos felizes  
Que bebem champanha em taça,  
Mas pra viverem assim  
Pra outros geram desgraça,  
Vendem mentira concreta  
Que não tem quem a desfaça.

Não importa se é no campo  
Na avenida ou na praça,  
Alguns que não fazem fogo  
Pra não perder a fumaça,  
É nesse tipo de gente  
Que a ingenuidade se abraça,  
Quando surge quem contesta  
Pressionam-nos com ameaça.

Pois mensagem destorcida  
É o que se vê todo dia,  
Nasce aqui um mentiroso  
Facilmente isto amplia,  
Mentem individualmente  
Logo arranjam companhia,  
E quem acredita neles  
É bem maior a quantia.

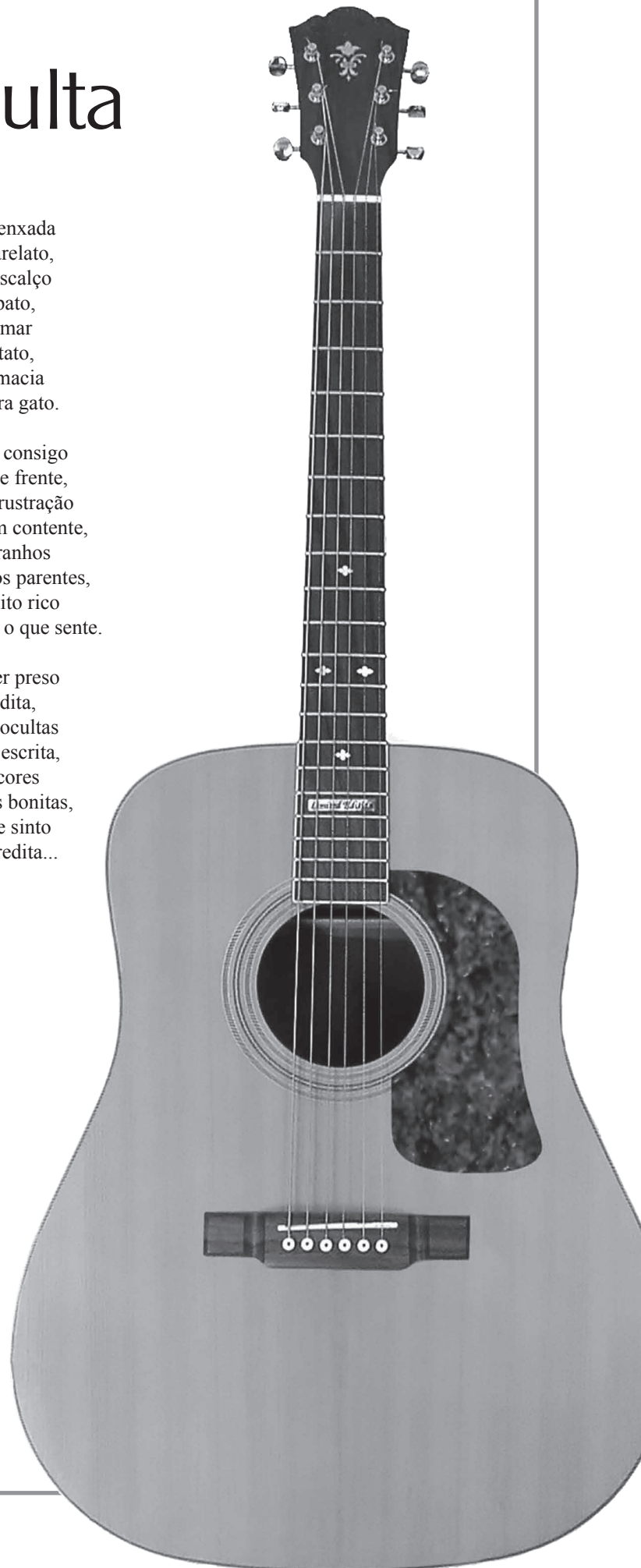
Na verdade para estes  
Isto é um recado forte,  
Pois não pedi pra nascer  
Nem vou escolher a morte,  
Enriquecer sacaneando  
Não é justo e nem é sorte,  
Corrupção e inflação  
Não tem país que suporte.

Saí dum cabo de enxada  
Cheguei ao bacharelato,  
Por ter andado descalço  
Sei o sabor do sapato,  
Parei de me diplomar  
Pra não aguçar o tato,  
Com muita diplomacia  
Tem gente que vira gato.

Com minha viola consigo  
Sentir os outros de frente,  
Uns me causam frustração  
Outros me deixam contente,  
Sinto isto nos estranhos  
Como também nos parentes,  
Pra mim é ser muito rico  
Quem canta e diz o que sente.

O meu receio é ser preso  
Por uma verdade dita,  
Pois tantas ficam ocultas  
E quanta mentira escrita,  
Algumas se vê à cores  
Assim ficam mais bonitas,  
Fico triste por que sinto  
Que a maioria acredita...

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





# O mito do amor materno

**DILSE PICCIN CORTEZE**

Poucos pais se dão conta que o amor materno é complicado, exige dedicação e condições internas de autoconhecimento. Ninguém nasce mãe, a maternidade se desenvolve na relação com o bebê. É um momento de mudança e de crise, muitas vezes, de depressão. Exige esforço de guerra e nem todos estão preparados.

Estes são os temas básicos debatidos no livro, “Um amor conquistado: O Mito do Amor Materno”, de Elisabeth Badinter, da editora Nova Fronteira, 1985, Rio de Janeiro. Ele procura demonstrar que não há nenhum processo ligado à vida humana que seja puramente natural ou próprio da natureza das coisas ou pessoas, seja sentir, pensar, viver.

Elisabeth Badinter discute a história do amor materno entre os séculos XVIII e XX. Considerando uma construção social o patriarcado funda e alimenta relações de gênero que determinam os papéis sociais e simbólicos atribuídos ao homem e à mulher: masculino e feminino; porém, subalternizando o gênero feminino, remetido, de forma discriminatória para a esfera do privado o gênero feminino e para a esfera pública o gênero masculino, gerando um substantivo feminino aprisionado entre os muros de um papel social subalterno.

A autora procura mostrar o instinto maternal enquanto sentimento que se por um lado é frágil e imperfeito, possui uma face de educabilidade, sendo, por isso, marcado pela historicidade, como tudo na vida, evidenciando que as relações de poder do patriarcado não são naturais nem atemporais.

Sabemos que a cultura embrulha a realidade com um papel colorido. A culpa de não ser supermãe é fruto da família nuclear e do amor romântico, que vendem a maternidade como a

oitava maravilha do mundo e fazem enorme pressão sobre a mulher, para que se dedique inteiramente aos filhos. A idealização da maternidade torna todas as mães insuficientes. Não há quem não se canse dos filhos, eles requerem muita atenção e cuidados. Querer um tempo só para si é normal e sadio. Ninguém é inesgotável.

Nesse mesmo sentido Luciana Saddi, escreveu na Folha de São Paulo afirmando que: “A relação que tivemos com nossas mães e ou cuidadores funciona como um protótipo. Algumas mães sentem-se culpadas porque repetem com os filhos o que não gostaram em sua infância e até o que consideraram nefasto.” Por isso sempre é bom reconhecer e investigar o tipo de relação que tivemos com nossas mães para não reproduzir o que causou marcas de negligência.

De maneira geral, as crenças sobre a maternidade são divulgadas como se fossem tradicionais e naturais, e por serem concebidas assim, essas crenças se tornam inatacáveis. Contudo, é possível verificar na história da humanidade que essas ideias têm poucas centenas de anos. A boa mãe, tal qual conhecemos hoje, com sua propensão natural ao sacrifício, seu amor universal e automático pelos filhos e sua completa satisfação nas tarefas da maternidade, não foi sempre assim.

Ao contrário disso, Badinter afirma em seu livro que esse estilo de “maternagem” teve seu início em 1762, a partir da publicação de *Émile*, por Rousseau, quando este criticou as mães que enviavam os filhos para as amas-de-leite, o que era bastante comum até esta época. Ele recomendava, enfaticamente, que as próprias mães amamentassem e criassem seus filhos e as recriminava por darem preferência a outros interesses. Segundo Badinter dá-se aí, o início à injunção obrigatória do amor materno. Desde *Émile*, que estamos condenadas

a ser mães e a ser boas mães. Não há alternativa para a mulher: a vocação materna é natural, instintiva e obrigatória!

Contrária às ideias de que a maternidade só comporta o amor irrestrito e apoiando a perspectiva das teorias do gênero, segundo a qual a maternidade é construída e não instintiva, a maternidade, segundo os antropólogos e sociólogos, é um constructo social e cultural que decide não só como criar os filhos, mas também, quem é responsável por eles.

Culturalmente, as representações sociais da maternidade estão fortemente calcadas no mito de mãe perfeita. Esta concepção assume proporções insustentáveis, segundo as quais se acredita que a maternidade é inata à mulher. É a ideia de que a maternidade é parte inerente ao ciclo evolutivo vital feminino. Neste sentido, supõe-se que a mulher, por ser quem gera os filhos, desenvolve um amor inato pelas crianças e fica sendo a pessoa melhor capacitada para cuidar delas.

Apesar do crescente questionamento sobre o amor materno incondicional e inato, a visão da mãe ideal, responsável pelo bem-estar psicológico e emocional da família, ainda é bastante presente na literatura e no senso comum. Acredita-se que esta insistência em que certo estilo de maternidade é “natural”, entra em choque com a vivência da “maternagem”, o que leva ao sentimento de “mãe desnaturada” e há muito sofrimento. Mas também, tem levado muitas mulheres, a questionarem cada aspecto do que fazem, pensam, sentem, e a avaliar suas próprias experiências, buscando flexibilizar o padrão rígido e determinista cultuado socialmente.

(Dilse Piccin Corteze é Mestre em História Regional pela UPF, professora da Rede Municipal de Ensino e dos cursos de Pós-graduação da Faculdade IDEAU - Passo Fundo. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

# PADRE PAULO JAQUES:

## Ele amou a comunidade até a morte

**WELCI NASCIMENTO**

Fui residir com esposa e filhos na Vila Luisa, no início da década de 1970. Fomos até a capela São Judas Tadeu para assinar a nossa residência na Rua Marcelino Ramos, 1007. Na época não havia o templo que existe hoje. Havia, isto sim, um grande pavilhão de madeira, com portas e janelas também de madeira. Ao lado uma pequena casa, também de madeira que era a sede do grupo de Jesus. A frente havia uma quadra asfaltada para a prática de futebol de salão ao relento. Na lateral direita do pavilhão havia um espaço destinado aos idosos para a prática da bocha e carteados de canastra. Junto havia um pequeno bolicho, onde eram vendidos doces, salgados e uns tragos de pinga.

Não havia um metro sequer de ruas calçadas. Estas eram todas envaletadas, onde corriam dejetos que vinham lá do alto das ruas Morom e General Osório. Próximo à vila se localizava o presídio estadual. Os presidiários quando fugiam procuravam se esconder na baixada da Vila Luiza, que era considerada pela polícia um lugar perigoso para morar.

Pois bem, foi para lá que foi designado o Padre Paulo Jaques, jovem recém-ordenado para evangelizar. Na vila não havia água encanada. Foi daí que o povo ajudou o Padre Jaques, perfurando um poço tradicional para encontrar água. A dedicação do Padre Jaques era exclusiva em favor da sua comunidade.

No início, quando praticamente faltava tudo para organizar na comunidade, ele permaneceria instalado no centro da cidade, recusando todo o tipo de ajuda. Aos poucos, com a participação popular, ele ia construindo junto com a comunidade. Levantaram um pavilhão grande. Ali acontecia de tudo. Seria para a



realização de reuniões com o povo, de festas, de velórios, para a realização de bailes, exposição de peças teatrais e, aos sábados e domingos, para a celebração da eucaristia.

Pe. Paulo Jaques era amigo de todo mundo. Seu automóvel, usado, servia mais para conduzir doentes e necessitados de todo o bairro, levando as pessoas para hospitais, consultórios médicos e até fazendo favores comerciais. Não tinha dia nem hora para atender os que procuravam seus préstimos.

Com sua liderança conseguiu a instalação de um posto policial, através da Brigada Militar, um pequeno ambulatório médico, construiu uma área de lazer, com participação de um grupo de jovens. Com eles o padre criou um grupo teatral. Peças são apresentadas não só na comunidade, mas para os moradores do centro da cidade. O casamento, altos dos atos litúrgicos, como no natal e Paixão de Cristo, eram teatralizados em vias públicas e no templo.

Os jovens e os idosos eram os focos principais do seu trabalho evangélico. – Precisamos saber ocupar o tempo dos jovens, dizia. O povo da Vila Luiza tinha um carinho especial pelo seu pastor. Havia uma perfeita dedicação entre povo e pastor.

O modo de evangelizar do padre, agindo e interagindo com o povo mudou o comportamento da comunidade. A baixada da Vila Luiza tinha a fama de ser um lugar perigoso para se morar, segundo a polícia. Tudo mudou.

Em 21 de setembro de 1970, o Padre Paulo Jaques morreu tragicamente, pelas mãos de um jovem, em pleno centro da cidade, no interior de uma sala de cinema na Avenida General Neto. Foi um choque muito forte para o povo daquela vila, que amava profundamente o seu pastor.

(Welci Nascimento, historiador e memorialista, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

# A saga de meu avô, Cel. Luiz Augusto de Azevedo

**LUIZ JUAREZ NOGUEIRA DE AZEVEDO**

(FOTO: ARQUIVO L. J. N. AZEVEDO)

J á me referi, em escritos anteriores, à figura de meu avô paterno, Luiz Augusto de Azevedo. Ele foi e continua a ser uma lenda na história da família. Continua até hoje a ser lembrado por todos os seus descendentes como exemplo de inteligência, cultura, com domínio de variados conhecimentos, probidade, dignidade e coragem pessoal. Seu nome é até hoje repetido nos nomes de muitos descendentes, também chamados de Luiz Augusto.

Sei que nasceu em 1856, precisamente no dia 17 de agosto, numa localidade chamada Santana do Rio dos Sinos, atualmente município de Capela de Santana, junto ao rio Caí, que chegou a ser denominada Azevedo ou Estação Azevedo. Era filho de outro Luiz, Luiz Custódio de Azevedo, e de uma senhora chamada Virgínia Leite de Oliveira, descendente de Jerônimo de Ornellas, o sesmeiro da região de Porto Alegre, considerado o fundador da capital. Seu pai, Luiz Custódio, ao que consta, desempenhava a profissão de professor e terá contraído núpcias e se radicado, não sei se de modo definitivo ou temporário, em Santana do Livramento. Por isso, reina certa confusão sobre o lugar de nascimento de meu avô: se foi na Santana do Rio dos Sinos (Capela de Santana) ou na cidade fronteira. Tenho certeza de que nasceu na localidade próxima aos rios Caí e Sinos. Seu assento de batismo está no arquivo da Cúria Metropolitana de Porto Alegre, lavrado no livro próprio da paróquia local. Foi-me mostrado pelo falecido Padre Neiss, um dos maiores conhecedores das genealogias fundadoras do Rio Grande. Acredito, porém, que o avô e seus numerosos irmãos tenham vivido algum tempo em Santana do Livramento, ao menos em sua primeira juventude. Um deles, Cirino Luiz de Azevedo, — também professor, escritor, autor de peças teatrais, que teve significativo protagonismo no movimento abolicionista e na propaganda



republicana no Rio Grande do Sul — é um dos personagens mais importantes da histórica da cidade fronteira, sendo nome do principal estabelecimento de ensino estadual: o Colégio Estadual Cirino Luiz de Azevedo.

Pelo lado paterno, era descendente em linha reta de José de Azevedo Barbosa e de Maria Marques de Sousa, um dos casais integrantes do grupo que, por ordem do Rei de Portugal D. Pedro II, no início do século XVIII, veio a refundar a Colônia do Sacramento (hoje Colônia, no Uruguai). Esta localidade, hoje situada no Uruguai, junto ao Rio da Prata, em frente a Buenos Aires, foi o último e mais meridional bastião militar do reino

português, representante da sua política expansionista na parte mais meridional da América do Sul.

Descendia, por linha feminina, através de sua mãe, Virgínia Leite de Oliveira, do patriarca Jerônimo d’Ornellas Menezes e Vasconcellos<sup>1</sup>, o “sesmeiro do morro de Santana”, que, no século XVIII, foi o proprietário da sesmaria onde, depois da ocupação dos açorianos, veio a ser fundada a cidade de Porto Alegre. Por sua avó, Henriqueta Júlia Pamplona e por sua bisavó, Desidéria Maria de Oliveira Pinto Bandeira<sup>2</sup>, descendia de Francisco Pinto Bandeira, um dos principais guerreiros riograndenses do século XVIII. Francisco foi o pai do

legendário general Rafael Pinto Bandeira, que se notabilizou na chamada “guerra guaranítica”, contra os índios guaranis, que não se submetiam aos tratados celebrados entre os dois reinos peninsulares e nas que se travaram entre Espanha e Portugal na disputa pelos territórios que hoje constituem o nosso Rio Grande do Sul.

A família Azevedo (ou Azevedo e Sousa) emigrou para o Brasil em 1778, quando seu chefe José de Azevedo e Sousa, com seus filhos, teve que transferir-se para Rio Grande quando Portugal, por força do Tratado de Madri<sup>3</sup>, veio a entregar a Colônia do Sacramento à Espanha.

Devido à escassez de dados, pouco se sabe da infância e da juventude de meu avô. Depois de ter vivido com seus pais em Santana do Livramento, juntamente com o irmão Cirino, foi para Porto Alegre estudar com os famosos professores Inácio Montanha e Emílio Mayer, tempo em que também exerceu o magistério. Mais tarde, ainda no período imperial, veio a cursar a Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, famosa no tempo do Império, onde concluiu os cursos de engenheiro militar e agrimensor. Ignoro o motivo pelo qual não seguiu a carreira das armas, preferindo desde cedo dedicar-se à profissão de agrimensor, na qual foi exímio. No fim da vida, a Escola de Engenharia de Porto Alegre (depois da UFRGS) o galardoou com diploma

de reconhecimento pelos “expressivos serviços prestados à engenharia no Rio Grande do Sul”.

Nessa condição, há documentos que comprovam sua participação na demarcação da Colônia Caxias, por volta de 1880. Já em 1890 aparece, sob a chefia do Engenheiro Augusto Pestana — de quem seria o segundo em autoridade — na comissão que efetuou a demarcação e instalou a Colônia Ijuí. Ali, numa experiência inédita, foi formada uma colonização que se pode dizer multinacional, integrada por franceses, suecos, poloneses e alemães, entre indivíduos de outras origens. Dessa experiência de meu avô ficou a lembrança da extrema violência e perigo do ambiente. Nos fatos familiares é sempre lembrada a sua coragem e habilidade no desempenho da sua missão. Nela teve que enfrentar as rebeliões e ameaças dos colonos descontentes com o descumprimento das promessas do governo, deixadas de atender depois de os ter deslocado para aquelas terras então distantes e selvagens. Já casado com minha avó Corina<sup>4</sup>, o avô chegou a residir na incipiente Ijuí, onde teria perdido uma filha, que ficou sepultada no cemitério local.

Pouco mais tarde aparece residindo em Montenegro (outrora São João do Montenegro), onde teria continuado a exercer a profissão de agrimensor. (Meus tios Olmiro e Crespo nasceram naquela cidade, em 1892 e 1895, sendo

Ijuí o berço de outros tios, Dagoberto e Luiz. No fim do século XIX, aparece em Cruz Alta, que era uma espécie de metrópole da região missioneira. Lá voltou a exercer a profissão de agrimensor, com escritório na rua do Comércio, que Erico Veríssimo, inspirado por sua velha Cruz Alta, recoloca na mítica Santa Fé de O Tempo e o Vento. O avô ali adquiriu uma fazenda no Cadeado — a fazenda Boa Esperança —, onde desenvolveu atividade agropecuária. Era, ao mesmo tempo, o juiz distrital da localidade, supervisionado pelo juiz de direito, seu compadre Dr. Ernesto Guarita Cartaxo, que depois foi desembargador no Tribunal de Apelação (hoje Tribunal de Justiça). O juiz distrital era o encarregado de alguns julgamentos e do preparo dos processos (instrução), para depois serem submetidos ao julgamento do juiz de comarca (juiz de direito). À função de juiz distrital tinham acesso pessoas não formadas em direito, nomeadas pelo governo do Estado. Por certo meu avô se mostrou qualificado e apto para ela. Na história das instituições judiciárias do Rio Grande é apontado como magistrado de escol, cognominado “austero magistrado”. Sua recordação confunde-se com as de outros notáveis juizes de direito que jurisdicionaram a comarca, como os Dr. João Martins França e o próprio Dr. Ernani Guarita Cartaxo.

Por suas tradições familiares, aliadas a seus méritos próprios, integrava a



elite riograndense do seu tempo. Como acontecia com todas as notabilidades da época, integrou a antiga Guarda Nacional<sup>5</sup>, na qual detinha o posto de tenente-coronel.

Em 1912 foi nomeado notário em Porto Alegre, titular do 1º cartório de notas da capital. Consta que teria vendido a fazenda da Boa Esperança, no distrito de Cadeado, para poder comprar o cartório. (Naquele tempo os cartórios ainda podiam ser comprados, desde que o comprador estivesse de bem com o partido e o chefe político dominante). Por certo a terá obtido não somente por sua cultura probidade e austeridade, mas também por sua fidelidade ao PRR (Partido Republicado Riograndense), cuja chefia unipessoal era exercida pelo Dr. Borges de Medeiros e, em Cruz Alta, pelo Gen. Firmino de Paula. Foi tabelião probo e digno, exercendo a função com muita competência e austeridade. Todos os filhos varões, à exceção do mais velho, Victor Hugo, que permaneceu em Cruz Alta, trabalharam no cartório.

Com a nomeação para o cargo de tabelião, a família se transferiu para Porto Alegre, lugar onde os filhos tiveram a oportunidade de estudar, foram educados e orientados para o trabalho. É curioso que, com exceção de dois — do tio Dagoberto, que se tornou sacerdote e mais tarde veio a trocar o Rio Grande por São Paulo, e do tio Armando, que foi policial e depois se aposentou como funcionário da prefeitura de Caxias — todos os demais foram titulares de cartórios. Alguns não permaneceram na função, como o tio Olmiro, que renunciou ao cargo de 1º notário de Porto Alegre para ser advogado em Caxias, e o tio Victor, que, tendo sido oficial do registro civil em Cruz Alta, preferiu mais tarde a nomeação para o cobiçado cargo de exator estadual. Meu pai e o tio Crespo (Rosvaldo) tiveram os seus cartórios e vieram a aposentar-se em seus cargos de tabelião em Farroupilha e oficial do registro especial em Passo Fundo.

Os dissabores que vieram a roubar-lhe a vida começaram no início da década de 1920. Dois dos filhos — Luiz e Waldemar — sucumbiram à terrível tuberculose, o mal do século. A Waldemar, que levava vida boêmia e dissipada, foi imposta pelo pai, como punição por seus desregramentos, a ordem de sentar praça na Brigada Militar. Destacado para a guarda do antigo Cadeião<sup>6</sup>, exposto às noites e aos ventos dos invernos passadas em vigília em seu posto junto ao Rio

Guaíba, foi contaminado pela moléstia. Para ela ainda não havia tratamento eficiente, pois ainda não haviam sido descobertos os antibióticos.

O velho Luiz Augusto, pai devotado, arrependido do rigor com que o tratara, tomou a seu cargo os cuidados com o filho enfermo. Foi a sua vez de contrair a doença, da qual jamais se recuperou. Em seus últimos meses de vida, na esperança de uma cura ou melhora com

os bons ares serranos, retornou com a esposa para Cruz Alta, onde continuava a manter uma moradia, sonhando um dia voltar definitivamente para lá. Contudo, faleceu, em 3 de setembro de 1924, deixando inconsolável a família que o idolatrava. O poeta Olmiro de Azevedo, seu filho, em inspirados versos, assim retrata o sofrimento que os filhos e a família experimentaram devido à irremediável perda:

“Uma tarde...(setembro chegava  
e com ele chegava a Primavera radiante!)  
A cidade serrana era triste e pequena...  
Minha gente chorava. Muita gente de pena  
também chorava.  
Foi levado a enterrar numa cova distante...  
E ficou-me a saudade, somente a saudade,  
que o próprio pranto já apaga e esvai...  
Só, recolhido e mudo, eu me ponho a pensar:  
recordo o gado, o campo, a velha herdade...  
Que vontade dorida de chorar,  
de chorar, mansa, inutilmente, por meu pai...”<sup>7</sup>

(Luiz Juarez Nogueira de Azevedo é Mestre em Direito e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

#### NOTAS

1 - JERÔNIMO D'ORNELLAS MENEZES E VASCONCELLOS foi um fidalgo madeirense que recebeu da Coroa portuguesa uma grande sesmaria na região de Porto Alegre, que ocupou em grande parte com sua fazenda de criar. Emigrou da Ilha da Madeira para São Paulo, onde casou com Lucrecia Leme Barbosa, natural de Guaratinguetá, vinculada aos mais tradicionais troncos paulistas. Dentro de sua propriedade fixou-se a colonização açoriana do Porto dos Casais, origem da futura cidade de Porto Alegre. Mais tarde, devido a desavenças com os novos moradores, desfez-se da fazenda, trocando-a por outra na região de Triunfo. Suas filhas, em número de 9, vieram a casar-se com os pioneiros do Rio Grande de então. Por isso, diz-se ser ele ascendente de 1/3 das famílias de origem lusa de nosso Estado.

2 - HENRIQUETA E DESIDÉRIA eram primas em primeiro grau, filhas de duas irmãs (Francisca e Desidéria), por sua vez filhas do Cel. Francisco Pinto Bandeira e de sua esposa Clara Maria de Oliveira.

3 - Através do TRATADO DE MADRI, celebrado em 1750, a fim de por termo aos históricos dissídios entre Portugal e Espanha a respeito das respectivas fronteiras no sul do continente americano, as duas potências ibéricas convencionaram a troca da Colônia do Sacramento, disputadíssimo enclave junto ao Rio da Prata, em poder de Portugal, pelos 7 Povos das Missões, território sujeito à soberania espanhola. O cumprimento do tratado enfrentou dificuldades, somente superadas na década de 1770, quando a população portuguesa da Colônia do Sacramento foi deslocada para o sul do Brasil e a praça foi entregue aos espanhóis; A ocupação definitiva dos 7 Povos das Missões no entanto, só se deu nos primeiros anos do século XIX, com o sucesso da expedição comandada por Borges do Canto.

4 - CORINA DA FONTOURA ARTAYETA PALMEIRO, minha avó, pertencia às famílias Palmeiro, Carneiro da Fontoura e Artayeta. Seus pais, o major José Maria da Fontoura Palmeiro e d. Emilia Artayeta Palmeiro, eram, tio e sobrinha, ambos descendentes do português João José Palmeiro, que foi comandante militar das missões, e de D. Maria Josefa da Fontoura. Seu avô materno foi D. Leandro Artayeta, argentino de Buenos Aires, de origem basca, que foi cônsul argentino em São Borja, onde casou com D. Maria Herculanina da Fontoura Palmeiro. Dizia-se dele ser agente da conspiração maçônica que visava costurar acordos secretos visando integrar o Rio Grande à Argentina, para tornar a fazer parte do antigo Vice-Reino do Rio da Prata.

5 - A GUARDA NACIONAL era uma força auxiliar do Exército, extinta em 1922. Seus oficiais eram recrutados entre as pessoas mais gradas das cidades e vilas do Império, recebendo variados postos, que iam de tenente até coronel. A força, dotada de caráter militar, era organizada hierarquicamente, tendo participado da defesa interna e inclusive das guerras em que o Brasil travou com os países platinos e o Paraguai ao longo do século XIX.

6 - O “CADEIÃO” foi muito tempo o principal presídio do Estado, construído durante o período imperial. Era uma verdadeira fortaleza, cinzento, pesado e impressionante. Ficava na chamada “ponta da cadeia”, junto ao Rio Guaíba, no centro histórico de Porto Alegre. Abrigou, em seu tempo, a maior população carcerária do Estado. Foi demolido por volta de 1970, devido à ânsia de destruir as recordações que se mostrassem “vergonhosas” para o Estado. No local existe hoje um espaço cultural.

7 - AZEVEDO, Olmiro. Veio d'Água. ed. particular, s/d..

# Era uma vez...

Era uma vez, um sujeito esperto e gaiato  
inventou essa história da melhor idade,  
então um bando de velhos alucinados insensatos  
não percebeu: atrás da história havia maldade.

Induziu-se os velhos a uma ilusão  
de recuperar o entusiasmo da mocidade,  
mas no fundo ao preço da exploração  
aproveitando-se sem pejo da ingenuidade.

Na velhice é bom conviver, ter atividade.  
Mas cá pra nós, é preciso evitar exagero,  
evitar exigir do corpo o que ele já não tem.

A promessa de se sentir mais novo gera ansiedade  
e a velharada quase entra em desespero  
e faz coisas que para a idade não convém.  
Sonho ou Ideal?

Dizem que nesta vida é preciso ter um sonho,  
mas se a humanidade já vive a sonhar!?  
Diante disso eu me pergunto e a pensar me ponho  
e quero saber o que fará quando despertar.

Qualquer sonho, dormindo ou acordado  
não apresenta objetividade e consistência,  
de caóticas imagens apenas é um amontoado  
surgidos ao leu das profundeza da inconsciência.

Somente a Razão, síntese do Pensar e Afeto,  
pode orientar a ação com lógica e segurança,  
não representações caóticas combinadas pelo Intelecto.

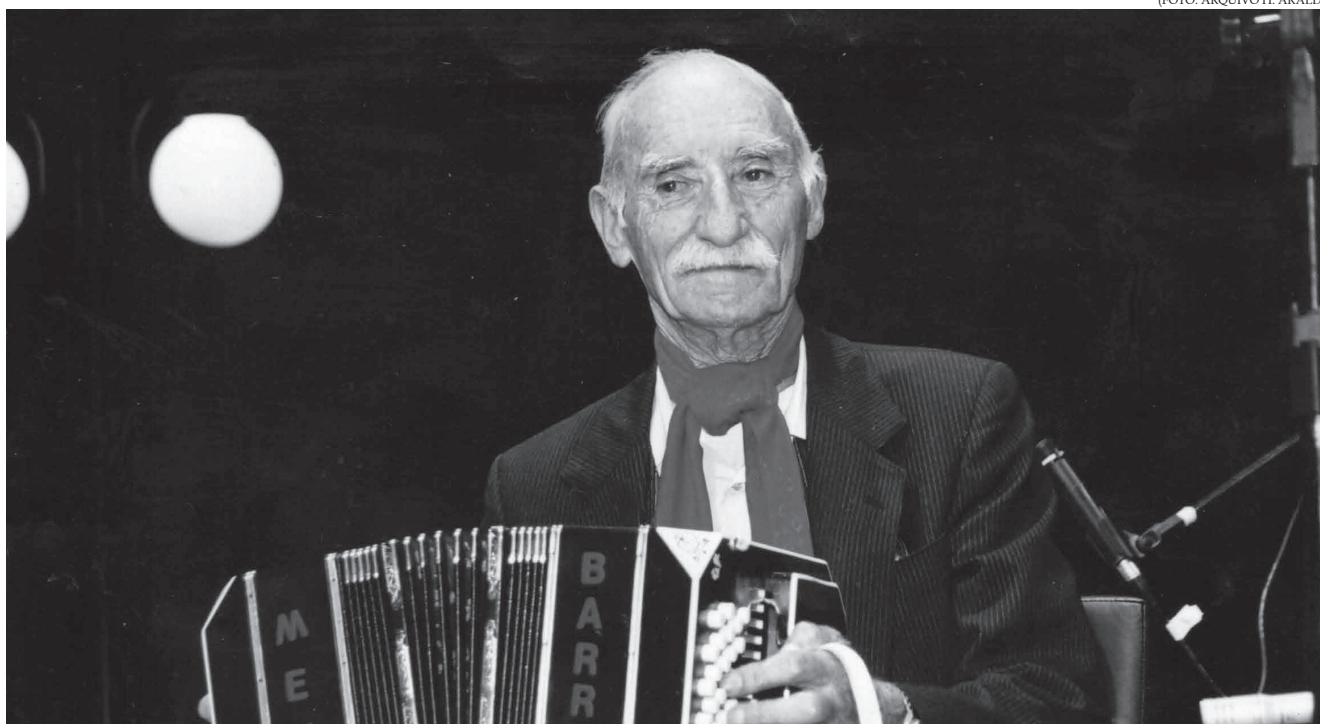
Somente o Puro-Pensar pode dar objetividade,  
nada mais nos pode garantir a confiança  
de podermos assegurar a sobrevivência da Humanidade.

(Getulio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Plínio Mena Barreto do Amaral

(FOTO: ARQUIVO H. ARALDI)



## ODILON GARCEZ AYRES

Filho do Capitão da Guarda Nacional, Felipe Olímpio Barreto do Amaral, e de dona Altiva Ferreira do Amaral e neto paterno de Sinfrônio Barreto do Amaral e da vovó Cândida Barreto do Amaral, nasceu dia 8 de dezembro de 1924, no 1º Distrito de Lagoa Vermelha, hoje Município de Capão Bonito do Sul.

Sua numerosa família, além da irmã, Maria Cândida Tavares Barreto do Amaral, do primeiro casamento de seu pai, era integrada pelos irmãos Joaquim Francisco de Assis e Veridiano, e das irmãs, Carminha, Sílvia, Lourdes e Diunina Barreto do Amaral.

Como todo guri de estância, até os 19 anos morou com a família, ajudando na lides de campo, tendo sido bom pialador

a pé e a cavalo, e portanto, profundo conhecedor das lides campeiras, até que por decisão da família foram morar em Caxias do Sul, durante 05 anos.

Na infância aprendeu as primeiras letras, até o “quinto Livro” e recorda com saudade da leitura do livro intitulado “O Manuscrito”, ao final de seus estudos.

Depois de ter servido o Exército Nacional, sob as ordens do Gal. Oscar Gomes do Amaral, e dado baixa como 3º Sargento do então 2º GACAV 75 da famosa Santiago do Boqueirão, voltou para Clemente Argolo, e em sociedade com seu irmão Veridiano, e o italiano Eugênio Nicoló, tiveram pela frente uma Serraria com 150 hectares de Pinheirais para beneficiar, tendo na época comprado um Chevrolet 1946 para transporte, que lhe custou 52 hectares de campo e mais um oito de contos de réis.

Nessa época chegou na região o filho

do famoso Cel. Bicaco, Sr. Laudelino Luciano Rodrigues de Souza e sua esposa, Réa Sílvia Coimbra de Souza, e arremataram 7.500 hectares de Pinhais, e o nosso Plínio, puxando madeira, enamorou-se da bela Elza de Souza, tendo transferido residência a pedido dos sogros, em 1957 para Catuípe nas Missões.

(Hoje dia 4 de abril de 2013, completa um ano de falecimento de Elza de Souza do Amaral).

De Catuípe mudou-se para Santo Ângelo estabelecendo-se com Bar e Churrascaria, e formando o Conjunto Anay (bandoneon, gaita, cavaquinho, sax, violão, clarinete, violino e bateria), uma verdadeira Orquestra.

Em 1964 aportou em Passo Fundo, indo morar na Av. Rio Grande e logo integrou-se a grande família do CTG. Lalau Miranda, abrilhantando Bailes

e programas Radiofônicos, com os companheiros Nelson Petry na rabeça, e Luíz Feldmann no violão, recebendo a denominação do famoso radialista e vezeador Leopoldino (Dino) Rosa, de Trio Maravilhoso. Ali foi um peão completo, tendo exercido os mais variados cargos e funções, e participado de dezenas de atividades sociais e excursões do CTG, lembrando com saudade, de Júlio de Castilhos, Ilópolis, Encantado, André da Rocha, Xanxerê, Pato Branco, duas vezes à Volta Redonda no Rio de Janeiro, e mais duas na Exposição Agro Pecuária de Dourados e Maracaju, no MS, integrando a grande Invernada dos Músicos, juntamente com as Invernadas de Danças, Campeira e a Patronagem.

Nesse ínterim, em 1979, com seus dois FNM, foi residir em Amambaí – MS, dedicando-se ao transporte de grãos, regressando novamente à Passo Fundo.

Das suas firmes raízes arrinconadas em Passo Fundo, o casal Plínio e Elza, geraram duas filhas, Circe Maria, casada com Valdir Mozzini, e Zenilda (Kika) Barreto do Amaral, casada com José Goulart, que lhes geraram os netos e netas, Carolina Barreto Mozzini, Ricardo José Mozzini, e os gêmeos José Guilherme e Luiz Henrique Barreto Goulart.

Nessa longa trajetória, hoje aos 88 anos, Seu Plínio Mena Barreto, “o Rei do Bandoneon de Passo Fundo”, participou de inúmeras comissões julgadoras de concursos artísticos e culturais das mais variadas entidades tradicionalistas, tendo arrematado nos Festivais do MTG – FEGART e ENART, sete troféus de primeiros lugares e um de segundo, nos concursos de Bandoneon, enfrentando eliminatórias, abaixo de geadas nos mais distantes rincões do Rio Grande e, além disso, integrou durante toda a sua existência o famoso Grupo de Danças Folclóricas “Os Farroupilhas” de Passo Fundo.

Desde o 1º Rodeio Nacional de Integração Gaúcha, até o 4º Rodeio Internacional de Passo Fundo, Plínio Mena Barreto e Oscar Pinto Vieira, formaram uma dupla imbatível – pedindo gado emprestado – para abrilhantar os Concursos de Tiro de Laço dos pioneiros Rodeios da Capital do Planalto, ambos integrando a Comissão Campeira e na qualidade de Assessores da Secretaria de Turismo do nosso Município, atuou ainda como Cônsul do Rodeio Internacional, na Argentina e no Paraguai, e culminando por formar uma Orquestra

de Folclore com renomados músicos locais, apresentando-se durante dois anos em festividades da Municipalidade e no 5º Rodeio Internacional de Passo Fundo.

De espírito inquieto e empreendedor, Tio Mena, que já tinha sido Pecuarista, Madeireiro, Caminhoneiro, Comerciante, Ecônomo, Funcionário Público, Empresário Musical, e sempre tocando bandoneon, por dom de ofício, ajudou a fundar o Centro de Tradições Gaúchas Tropel de Caudilhos, e numa dessas volteadas, juntamente com seus familiares, idealizou e fez realizar o Primeiro Encontro de Bandoneon em Passo Fundo, no ano de 2003, nas dependências do Teatro Múcio de Castro, e hoje, já em sua XI edição, dia 16 de novembro de 2013, no auditório do Colégio Notre Dame, tocadores de Bandoneon, do RS, SC, PR, Argentina e Uruguai, estarão presentes mais uma vez, agora, na Capital Estadual do Bandoneon.

Mas, e a história do tocador de Bandoneon?

É mais ou menos assim:

O Tio Mena era um gurizote ainda, de mais ou menos quinze anos de idade, e uma fatalidade, levou prematuramente seu primo Olímpio, filho do seu tio Olivério Barreto do Amaral, e numa visita a estância dos parentes, o Plínio foi dormir no quarto do falecido, e a curiosidade o fez encontrar no armário uma bela gaita Somenzi, das primeiras, que foram fabricadas em Capoeiras, um vilarejo antes de Nova Prata. Pediu de regalo, a dita gaita, mas não levou, só meses depois, um próprio do seu tio, chegou na estância a cavalo, com a gaita a meia espalda, sendo-lhe presenteada... mas, embora o seu interesse daqueles foles não saiu nada que prestasse... só inhéco, inhéco.

Logo, logo, para embelezar aqueles 20 milhões de campos, o Capitão Felipe Mena Barreto, resolveu de fazer na fazenda um cemitério, onde toda a família descansaria, e para tal, contratou um especialista em feitura de taipas, o caboclo Eleodoro Pedra, que além de artífice em pedraria era um tocador de Bandoneon de mão cheia.

De certa feita, o guri Plínio encontra o seu Eleodoro, cortando pedra e chorando, e perguntado, se lamentou, da saudade da família... que a tempos não via, que andavam passando fome... e que precisava vender o seu Bandoneon... para atender as dificuldades da família que moravam lá pela Extrema, nos confins da Vacaria.

Condoído, pediu ao pai que ajudasse o peão, e lhe comprasse o seu Bandoneon, mas Dom Felipe relutou, argumentando que seu ouvido não era dos bons, pois não tocava nem gaita... que dirá Bandoneon, mas a insistência do piá e a promessa de arrancar música daquele instrumento, amoleceu o coração do Capitão, que pagou ao Eleodoro pelo tal bandoneon, a bagatela, de uma vaca de cria, um boi gordo, ambos no valor de 400 mil réis e ainda mais 200 mil réis em dinheiro.

Guri novo, com todo leite, bom de ouvido, de tino apurado, via, apreciava, e memorizava, os botões e os corcovos do fole, e em cinco dias, já estava tocando a sua primeira havaneira no seu bandoneon.

A notícia de que o filho do Dom Felipe, tocava uma havaneira, e mais cinco músicas, se espalhou na região, e logo foi contratado para tocar no salão do João Basílio, o Conjunto dos Barretos, bandoneon, dois violões, cavaquinho e pandeiro.

Naqueles tempos, nos Bailes de São João, do Divino Espírito Santo, os donos de Salão exigiam que cada um levasse um brinde para ser leiloado, então, os músicos tocavam uma moda, o povo dançava, e depois seguia-se o leilão de uma prenda, e assim por diante, \*entonces, a meia dúzia de repertório musical, varava a noite e sobrava fole.

Por perdulário e pachola, o gaiteiro Félix Barbisan, num baile em Esmeralda, arrematou todos os brindes que foram oferecidos no leilão, desde uma torta até um gramofone estragado, tal era o gosto e as festanças daqueles tempos, onde lá pela metade da noite, era oferecido aos presentes, numa bandeja, café preto e pão caseiro, e o tocador de Bandoneon, a parte, era servido de galinha e porco assado, e recebia mais cinco contos de réis pela tocata.

Daí por diante tocar bandoneon foi e é a paixão da vida do Tio Mena, do seu Plínio Mena Barreto do Amaral, com justiça, aqui e agora, hoje homenageado.

NOTAS – As entrevistas foram realizadas no auditório da APL, nos dias 3 e 9 de abril de 2013, a pedido do tradicionalista Hilton Araldi, com vista à publicação na Revista Água da Fonte da APL e como homenagem ao biografado. Odilon Garcez Ayres, colega e amigo de Plínio Mena Barreto do I é testemunha dessa rica história de vida.

(Odilon Garcez Ayres é escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# A Academia e o “Parabéns pra você”

**HENRIQUE DE MESQUITA B. CORRÊA**

*Parabéns pra você  
Nesta data querida  
Muitas Felicidades  
Muitos anos de Vida*

Quem, não importando a idade, já não teve a oportunidade de cantar esta música, em algum rincão do nosso enorme território nacional, durante a celebração de um aniversário?

Pois bem, este fato em minha vida passou a ter novo significado e começou a ser desvendado quando, decorrente de minhas atividades de trabalho, em 2009, na cidade de Pindamonhangaba em São Paulo. Na ocasião tive a oportunidade de conhecer o engenheiro Luiz Carlos Loberto, provedor da Santa Casa daquela cidade, que me presenteou com o livro de sua autoria - “Homenagem a Pindamonhangaba 1705-2005”.

Sempre tive o bom hábito de ler e aprender sobre o histórico, os costumes e a cultura da cidade onde trabalho, não sendo diferente em Pindamonhangaba. E este livro ensinou-me muitas curiosidades e tradições desta cidade, e em suas páginas fui surpreendido graciosamente com a história de Bertha, autora da letra “Parabéns a você”, que sempre esteve presente nos meus e em todos os nossos aniversários.

Vamos agora acompanhar como toda esta história começou...

## Onde tudo começou

Tudo tem início em Louisville – Kentucky – no ano de 1875 onde Patrícia (Patty) Smith Hill e Mildred Jane Hill resolvem compor uma pequena música, com o intuito de agrupar de forma carinhosa as crianças de um jardim de infância da escola - Louisville Experimental Kindergarten School.

A música chamava-se “Good Morning to All” (“Bom dia a Todos”) e



Homenagem a Pindamonhangaba  
1705 – 2005 - Luiz Carlos Loberto  
Biblioteca do autor



As irmãs Mildred Jane Hill e Patty Smith Hill



Partitura e letra do “Good Morning to All”

Mildred e Patrícia não tinham por certo o intuito de compor uma música voltada para ser cantada em comemorações de festas de aniversário, mas apenas colocar em filas e ordenar o grupo de alunos para o início das atividades escolares diárias. As professoras registraram a música e letra nos anais históricos do colégio no ano de 1893.

A letra dizia que era para ser cantada com os pequenos alunos de pé, momentos antes de entrarem na sala de aula.

Good morning to you  
Good morning to you  
Good morning dear children  
Good morning to all

Em 1924 Robert H. Coleman edita um livro (songbook) com a melodia da música “Good Morning to All” e, num processo puro de plágio, altera para “Happy Birthday To You”, criando o popular “parabéns a você”. Com o advento do rádio e do “cinema falado” a música rapidamente torna-se muito popular.

Esta nova versão foi a que se tornou amplamente conhecida em todos os lares dos Estados Unidos, provocando em Jessica, irmã das autoras, a uma enorme indignação com o plágio, o que a levou a questionar na justiça os direitos autorais para a música. A família Hill venceu e a partir desta data é preciso pagar royalties para tocar o “Happy Birthday” em rádios e televisão.

Segundo a revista americana Forbes, a gravadora Warner, a atual detentora dos direitos da música, fatura em média dois milhões de dólares por ano só com os royalties advindos do “Happy Birthday”.

## O Concurso e a Academia Brasileira de Letras

No Brasil nos idos de 1942, na Era de Ouro do Rádio no Brasil, o compositor, radialista e cantor Almirante, insatisfeito com o fato de no Brasil a canção de aniversário ser cantada em inglês,

idealizou um concurso na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, com a intenção de substituir a forma norte-americana do “Happy Birthday To You”.

A Academia Brasileira de Letras, a pedido do radialista carioca, cria uma comissão julgadora composta pelos Imortais - Olegário Mariano Carneiro da Cunha, Cassiano Ricardo Leite e Múcio Carneiro Leão para escolherem a canção vencedora.

Cabe aqui enaltecer a importante ação da Academia Brasileira de Letras – A.B.L. neste curioso episódio da nossa história. Muitas vezes a visão de que as academias devam se interessar apenas pelos temas eruditos e que não devam se imiscuir a eventos de cultura popular, é inverídica. Neste episódio em questão, numa iniciativa absolutamente popular promovida pelo radialista de uma estação de rádio do Rio de Janeiro, a circumspecta academia aproximou-se do popular com a atribuição de ser a própria comissão julgadora, que iria escolher a letra vencedora deste concurso. O erudito, com seus elegantes fardões, agora irmanado ao popular com o seu ouvido colado ao rádio!

A letra da canção, criada pela poetisa Bertha Celeste Homem de Mello (usando o pseudônimo de “Léa Guimarães”) em parceria com Jorge de Mello Gambier, venceu outros 5.000 concorrentes do concurso, por conter versos simples e de fácil memorização.

Posteriormente em 1944 Bertha ganhou, além da fama em todo o Brasil, o valor de Cr\$1.000 (mil cruzeiros) com a gravação feita em disco pela CONTINENTAL da canção, que hoje faz parte da vida de cada brasileiro.

### **Bertha Celeste Homem de Mello**

Filha única de fazendeiros da região de Pindamonhangaba, Bertha Celeste Homem de Mello nasce em 21 de março de 1909. Filha de J. J. Homem de Mello e D. Maria da Conceição Varella Homem de Mello, diplomou-se pelo Grupo Escolar Dr. Alfredo Pujol, tendo conquistado o “Prêmio Alfredo Pujol”, na ocasião de sua formatura. Concluiu o curso secundário com ótimas notas no tradicional Colégio Nossa Senhora do Carmo em Guaratinguetá. Conquistou ainda com brilhantismo o diploma de Farmacêutica.

Casou-se com o Sr. Lourival Homem de Mello, Inspetor Federal de Ensino



Henrique Foréis Domingues - O Almirante  
“a mais alta patente do Rádio”



Olegário Mariano Carneiro da Cunha  
“O poeta das cigarras”



Cassiano Ricardo Leite

Secundário, do qual nasce Lorice, sua filha única.

Mais tarde tornou-se poetisa de fina sensibilidade e doutorou-se em Letras, tendo seus poemas publicados no livro “Devaneios”. Seus temas preferidos eram a vida interiorana e o cotidiano do homem simples do campo, o caboclo. Entre as suas poesias mais conhecidas estão “A Capelinha do Arraiá” e “Canção do Imigrante”

O seu amor pela cidade de Pindamonhangaba, conhecida também como “A Princesa do Norte”, pode ser aquilatado pela leitura do seu poema:

### RESPONDENDO UMA CARTA

Se dias deliciosos quer passar  
De repouso, de folga e de prazer:  
Se essa vida exaustiva quer trocar  
Por um sadio e plácido viver:

Se quer um clima esplêndido gozar,  
E uma água puríssima beber,  
As suas malas trate de arrumar,  
E venha a nossa Pinda conhecer...

Nesta cidade encanto e singeleza,  
Do Norte a bela, a lídima Princesa,  
As férias gozará como ninguém;

Pois Pindamonhangaba é, na verdade,  
Saúde, encanto, paz, tranquilidade,  
Tudo isso...sim! “Tudo isso e o céu também”!...

Bertha tinha 40 anos quando participou do concurso para escolher a nova letra para a música do “Happy Birthday To You”, a qual compôs em apenas cinco minutos. Mas não foi apenas deste concurso que ela participou, pois gostava de escrever jingles e participar de muitos concursos de músicas e letras. Foi vencedora por diversas vezes, como na quadra feita para a escolha da vinheta de uma cera de polimento de piso que dizia:

“Vou lhe contar um segredo  
Que todos sabem de cor  
Dá lustro até num rochedo  
A supercera Record”

Outra música, intitulada “Arraiá”, foi também gravada pelo cantor Rolando Boldrin, mas sempre declarava ter se emocionado em várias ocasiões em que sua letra foi entoada, especialmente durante a festa do quarto centenário da cidade de São Paulo (1954) e durante visita do Papa João Paulo II em 1980,



Múcio Carneiro Leão



Bertha Celeste Homem de Mello



Bertha – Cidadã Jacareense



Bertha  
aos 97  
anos

na cidade de Aparecida.

Aos 54 anos de idade mudou-se para a cidade de Jacareí onde lecionou por longos 40 anos, tendo recebido inclusive o título de Cidadã Honorária daquela cidade.

Mas algo era a senha para irritar dona Bertha Celeste Homem de Mello, a autora da letra de:

#### PARABÉNS PRA VOCÊ

Parabéns pra você  
Nesta data querida  
Muitas Felicidades  
Muitos anos de Vida

Ao ouvir aquele convidado sorridente cantarolando o trecho citado, ela quase perdia a paciência e fazia questão de esclarecer pela enésima vez os equívocos recorrentes em festinhas de aniversário.

Primeiro, ela frisava, não diga parabéns “pra você”. O correto é parabéns “a você”. Em seguida, ela emendava sua frase feita: “A felicidade é uma só.” Portanto, após “nesta data querida” vem “muita felicidade”, no singular! E, por fim, “muitos anos de vida”.

#### PARABÉNS A VOCÊ

(A forma original composta por Bertha)

Parabéns a você  
Nesta data querida  
Muita Felicidade  
Muitos anos de Vida

#### Novamente Bertha e a Academia

Mas esta história tem também outro elo com a ACADEMIA. E desta vez falamos da ACADEMIA PINDAMONHANGABENSE DE LETRAS – APL.

No dia 18 de dezembro de 1962, instituída pela lei nº 664

FOTO: ALESSANDRA DEL BENE



Disco de vinil da Continental FELIZ ANIVERSÁRIO - Bertha Celeste Homem de Mello, também conhecida como Léa Magalhães.

é criada A Academia Pindamonhangabense de Letras A.P.L., e dentre os primeiros 21 acadêmicos está Bertha Celeste Homem de Mello ocupando a cadeira nº 16.

Curiosamente, embora a A.P.L. tenha sido criada no ano de 1962, sua primeira diretoria só veio a tomar posse no dia 7 de setembro de 1964, data em que houve em Pindamonhangaba uma grande reunião de escritores e poetas da Capital, organizada pela presidente Hilda César Marcondes da Silva, e onde ocorreu a solenidade de posse de todos os acadêmicos.

Na noite de 16 de setembro de 1999, uma broncopneumonia põe fim à jornada de Bertha Celeste como poetisa e professora na cidade de Jacareí. Ela morre aos 97 anos de idade, deixando como grande legado o eterno “Parabéns a Você”!

(Henrique de Mesquita Barbosa Corrêa é médico, superintendente do IOT - Hospital do Trauma, de Passo Fundo/RS.)



# A pomada da alma

A poesia está em todos  
 Só encontra quem procura,  
 Serve pra expressar amor  
 Paixão que passa e que dura,  
 Também retrata o que é fino  
 É usada até na grossura,  
 E nunca vai virar moda  
 Dessas que vira frescura,  
 Poesia tem sabor doce  
 Muitas vezes de amargura,  
 Quanta lembrança e saudade  
 Na poesia é que perdura,  
 E dizem com jocosidade  
 Que poetizar é loucura,  
 Pena!... Que desses loucos  
 Não tem com muita fartura,  
 E se o poeta for um doente  
 Na poesia encontra a cura.

Se o poeta é um diferente  
 É pela sua estrutura,  
 Normalmente ele separa  
 A coisa clara da escura,  
 O que pra outros no geral  
 É musica sem partitura,  
 Poeta ninguém desenha  
 Em planta mapa ou brochura,  
 Nem enformam numa forma  
 Não modelam em moldura,  
 É também ninguém calcula  
 Sua área ou espessura,  
 Poeta não surge em série  
 Com diploma e formatura,  
 Nem passará a ser isso  
 Em função de assinatura,  
 Não depende de registro  
 De alvará nem escritura,  
 É raro quem sabe ouvi-lo  
 Até por questão de cultura,  
 E muitos foram calados  
 Pelos donos da censura,  
 Poeta é igual a um pintor  
 Ou de quem faz escultura,  
 Sem pincel tela ou bronze  
 Diz no verso o que procura,  
 Mesmo sem tinta nenhuma  
 Pinta arco-íris nas alturas,  
 E mesmo sem aparecer  
 Põe as cores na figura,  
 E pode estar entre tudo  
 Mesmo assim não se mistura,  
 E os iguais por serem mais  
 Acham que ele é a loucura,  
 Pena!... Que desses loucos  
 Não tem com muita fartura,  
 E se o poeta for um doente  
 Na poesia encontra a cura.

A poesia na verdade  
 Não surgiu de uma regra,  
 Mas de uma necessidade  
 Que no íntimo se carrega,  
 De mostrar uma intenção  
 Que o destino nos delega,  
 Ou qualquer outro problema  
 Que surgindo não sossega,  
 Poeta ao passar por isto  
 É nos versos que se apegas,  
 Mesmo em plena solidão  
 Com muitos ele congrega,  
 Provando que sentimento  
 Pra si mesmo ninguém nega,  
 A poesia pode ser vista  
 Até por pessoa cega,  
 Essa luz é tão sensível  
 Deus envia, e não sonega.  
 Quantia a disposição,  
 Mas, muita gente não pega.  
 Ela pode ser mostrada  
 Num teatro ou na bodega,  
 E, essa mala de carinho.  
 Todo o poeta carrega.  
 Sempre em forma de versos  
 Ele vai fazendo a entrega,  
 Basta que alguém deseje  
 Maria, João ou Lorega,  
 E pode ser a anestesia  
 Nas dores de quem se apegas,  
 Faz esquecer as do corpo  
 Enquanto a mente trafega,  
 Ou vira a pomada da alma  
 Que o poeta mesmo esfrega.



(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Alguns dos meus pensamentos escolhidos, frases e lemas que criei e servem para balizar minha existência, dando rumo a minha vida!

### A diferença da água e do vinho

A diferença que a água refresca o corpo e o vinho aquece a alma, coração e torna as palavras mais encantadoras.

O importante é viver nosso mundo, sem culpas, sem magoas. Viver nosso tempo, nossa época intensamente, agradecendo cada momento como fosse o único e derradeiro instante.

Viver é um eterno renascer

Os homens passam, suas ideias permanecem imortalizadas em nossa saudade e na história de sua gente.

O tempo trás o saber e as soluções para todos as indagações. (homenagem ao Dr. Jovino, 21/09/2001);

### Passo Fundo

Terra de magia, feitiço e encantamento.

### Edificando o Rio Grande

A governadora Yeda Crusius foi a engenheira e a operária das finanças públicas do Estado, reedificando o edifício de ruínas que herdou, pois tal situação famélica do Rio Grande, legado de tantos governos que a antecederam, os quais por falta de coragem e acomodação política, continuaram a levar com a barriga uma situação que requeria, um tomada de posição enérgica e responsável.

Foi o que a governadora fez, com sacrifício pessoal e sem imediatismo, como o povo consciente esperava que alguém se comprometesse com os interesses do Estado, ante as acomodações pessoais, partidárias e ideológicas, protegendo classe e de grupos, mas visando o bem comum e de todos.

As suas convicções superaram o medo e a intriga, lutou contra forças poderosas, enfrentou a mentira, a imprensa marrom e o império dos pelegos e dos sindicatos que hoje, também, governam e se aproveitam da riqueza deste país.

Já se vê no horizonte, depois de tantos embates, as nuvens se dissipando, podendo saborear algumas vitórias, que não foram dela somente, mas do Rio Grande, que continua a penar sem políticos sérios que se preocupem com a governabilidade e o bem do povo.

### Crime

Não há uma justificação para o crime.

Mas uma justa explicação para o desespero.

### Prescrever

Na verdade nem tudo prescreve, nem desaparece, entre elas, a dor que sentimos. Esta revive a cada lembrança, acusando a ausência, que se encontra em cada saudade!

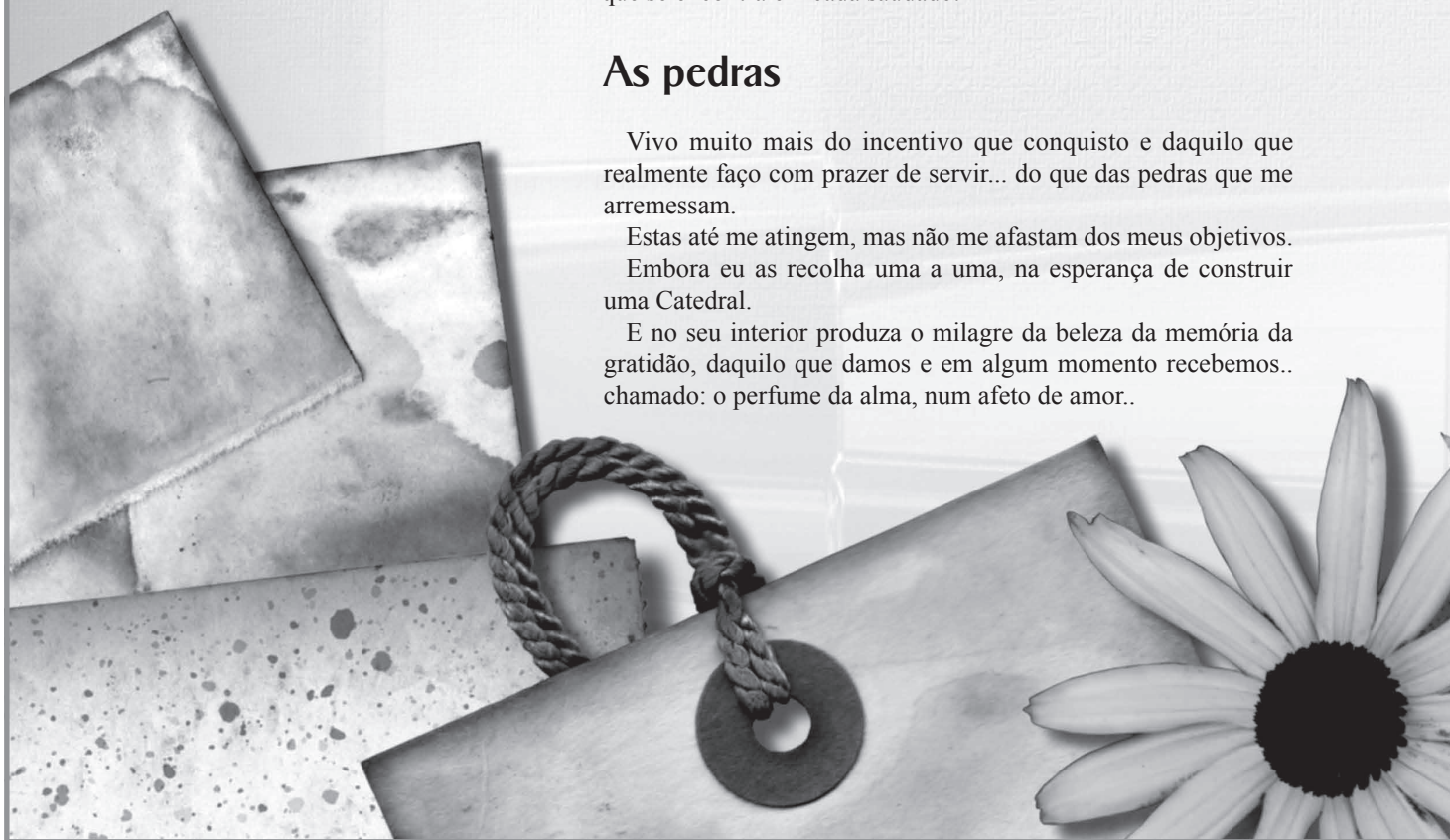
### As pedras

Vivo muito mais do incentivo que conquisto e daquilo que realmente faço com prazer de servir... do que das pedras que me arremessam.

Estas até me atingem, mas não me afastam dos meus objetivos.

Embora eu as recolha uma a uma, na esperança de construir uma Catedral.

E no seu interior produza o milagre da beleza da memória da gratidão, daquilo que damos e em algum momento recebemos.. chamado: o perfume da alma, num afeto de amor..



## O bem

Como homem e como advogado passei a vida toda procurando fazer o bem. Só lamento minhas limitações, quer intelectual, quer materiais, que me impediram de ajudar plenamente a todos que bateram em minha porta. Por vezes as encontraram fechadas, mas há aqueles que persistiram e voltaram encontraram alguém em casa, não perdendo a caminhada.

O otimista é o homem que quando sente o perfume da flor, procura o jardim ... e o encontra...

As palavras muitas vezes desaparecem, como folhas soltas ao vento, mas grafadas, resistem o tempo, são eternas.

## Pátria

Cada centímetro de pátria é mensurado pela determinação espiritual e material de um povo, de se tornar útil e participativo. Exercendo a cidadania como uma conquista de cada dia, um direito inalienável de um povo, que sabe o que quer e jamais abdica do que é seu, porque tem consciência de que para ser livre, tem que ser consciente. Investindo no ser humano, centrando as atenções no homem, pois, ele é a razão de tudo, faz a pátria, faz a vida, sendo seu gênero e sua essência, sem o qual não há vida, nem esperança! (10/09/2004)

## Processo

Um processo tem que ter três colunas. O Juiz, o Promotor e o advogado, mas é este último que da vida, dinamismo e ritmo a causa, não permitindo que pereça o direito.

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Envelhecer

O homem só envelhece quando deixa de amar. A juventude eterniza-se quando transformamos nosso sonho em realidade palpável, possuindo e sendo possuído pelo coração de uma mulher.

## Lembranças

Como são doces minhas lembranças que iluminam minhas noites.

Embora você tendo partido, continua presente e vivendo em mim!

## Resgate da memória

Cavalgada de conscientização e de resgate e dos restos mortais de Anita Garibaldi da Itália para o Brasil.

Os Cavaleiros do Mercosul, nos lombos dos seus cavalos, lembrando os feitos e despertando consciências, no sentido de enfatizar a necessidade de resgatar a memória e os restos mortais de Anita Garibaldi da Itália para o Brasil.

Fazendo pátria a cavalo e immortalizando o gaúcho no resgate da tradição.- Lema dos Cavaleiros do Mercosul.



# Velha tapera getulista caída

ODILON GARCEZ AYRES

No século passado, no alvorecer dos anos 50, gaiteiro era um pássaro raro, apreciado, querido e admirado por todos. Não precisava ser lá um grande tocador, pois as gaititas eram de poucos recursos, de 4, de 8, de 16 e só com o passar dos anos, foram ficando rebuscadas. Hhéco, hhéco fum e lá se vinham uma rancheirita, uma havaneira antiga, marcada, um chotis, laranjeira, ou tanguiadito, la cumparsita, uma valsa, desde l'alma, limpa banco, bugio da fronteira, de levantá porvadeira, no fim do baile ou do fandango, para ficar um gosto de quero mais.

Seis e pico da manhã, clareando o dia, despontando a madrugada, vinha chegando um gaiteiro, o meu padrinho, para matar o café, e descansar da cansa, boleado da oito socos, mas antes... nos brindava com inesquecível serenata, numa, tocando o Picaço Velho...de sua autoria, porque vi, ouvi e revi muitas vezes, essa reiuna, marca borrada, e daí vinha a Velha Tapera, caída, triste, chorosa, recuerdo perene da minha geração, letra e música, cantada e decantada até hoje, pois..

Quando nos anos 70 fui levado pelas mãos e ideias do meu compadre, peão, posteiro, capataz, dançador e bando-leiro, porque tocava na banda, para conhecer o tal reduto dos grosso, onde se reunia a fina flor da grossura, que eu chamava de *cetegêca*, os meus ideais e os meus propósitos, se depararam, como eu sou hoje, com a velharada da *Deretoria*, como dizia, meu amigo José Antônio da Rosa, (que Deus o tenha), mas cujo patrão, era um índio de muita luz, irmão maior de outro luzeiro muito maior ainda.

Estavam reunidos, não sei nem como dizer, num canto, da Velha Tapera, que tinha caído, só restara a cozinha de abrigo do peão posteiro, dito caseiro, e nos ouviram com atenção e consideração, e como nosso negócio, era oferecido de graça, sem dinheiro ou caução, aprovaram e assinaram em baixo, que as nossas custas, fizéssemos o primeiro informativo folclórico.



Primeira tiragem de quinhentos, mandamos pros otros grossos do rio grande afora, *pros* daqui também, para acirrar a saudável competição, associados, comércio era nosso forte, e pras *otoridades*, e facultades também, e a segunda e terceira uma dupla de mil exemplares, levamos *pro* Rodeio Internacional da Vacaria, e choveu de cartas dos grosso, e da fina flor que mandava até telegrama, parabenizando a tal de pioneira iniciativa cultural, e *gauchesca*.

Mas, a Velha Tapera Getulista, estava caída, de frente a fundos, de pé, só as laterais, mas nós, os *piás* e as *gurias*, fim de semana estávamos lá, servindo as mesas, jogando bocha, onde era a pista de danças, puxando terra, descarregando tijolo, espalhando brita, fazendo

massa, carregando, ombreando barrotes, pregando soalho, pintando, cantando, assoviando, a hora de chegada era marcada, de saída, nunca, faltava derrubar algumas que outras... a marretadas.

Durante a semana, cumprindo nossas obrigações, sempre sobrava aqui e ali uma palavra de motivação, de angariação, de doação, de garra, de vontade de ver a nossa casa de gaúcho novamente erguida, e chegaram a *fuzél*, cimento, zinco, janelões, portas e portões de ferro puro, e o *Trombacha*, desenhou bem grande, no frontispício, para o prefeito de plantão, de lá enxergar: CTG GV.

E convites foram feitos e despachados, por próprios e estafetas, entregues, desde o Alarico, peão campeiro, pro Lico posteiro, até a fina flor da socie-

dade foi convidada, compareceram, imaginem... o ilustre governador do Rio Grande do Sul, não pode vir... mandou sua mais bela flor, a primeira dama Ecléa Guazzelli, acompanhada do Deputado Romeu Martinelli, que gostaram, elogiaram, apertaram a mão, a minha, do patrão e do Sebastião.

Isso tudo aconteceu, no dia do baile de inauguração, um frio cavernoso, tempo emburrado, gelado, ventoso, fomos esperar o nosso padrinho o Porteira do Rio Grande e os Vacarianos, que vieram abrilhantar o acontecimento.

O galpão lotou, de peões, prendas e convidados, todos *pilchaditos* no mais, a gaúcho, a preceito, cola fina não entrava, e se não entrou... não dançava, veio caravana gaúcha até de São Gabriel, conferir, ser da balança, o fiel.

Hiatos de histórias, feitos e acontecimentos, nomes e sobrenomes, não cabem numa folha de papel. Por longos

anos foi recepcionista e anfitrião, da sociedade Passo-Fundense, cartão postal, referência, casamentos, aniversários, comícios, lançamentos e churrascadas, para todos os tipos e gostos, de petebistas, a cara e a casca, na verdade, brizolistas, governistas, angolistas, de difícil ponto de vista, todos iguais, ... era questão de honra, por duas vezes, disse... não nos serve mais, vamos, derrubar, arrasar, deixar plana aquela pista, estacionamento para motoristas da prefeitura, elitistas, pois no meu último mandato, mando e não dou quartel, pra quem não me conheceu... deixo meu nome na história, eu sou Coronel do Leonel.

Mas, já naqueles tempos, tinha carará de plantão, aquela ave, mista de falconídeo com pernalta, pois anda aos pulos pelo chão, desajeitado, tem o bico adunco, garra, agarra, rasga, olha por cima, olhar escondido, encimado por

grossas sobrelhas, sempre sério, não ri, talvez porque seus dentes sejam de ouro, moda árabe antiga, contrabandeada da península ibérica, e que nada lhe escapa, ainda mais quando encontra a sua vítima, nos estertores, por maus gestores, assim como já estava, quase caída, destripa, mata, e de sobremesa, saboreia a crista da velha tapera getulista.

#### NOTAS

Dedicado a pedido de Eurlí Mansueto Grando para os ex-sócios, fundadores e contribuintes e em especial para: José Enio Serafini, Zeferino e Pedro Ribeiro da Luz, Aldino Schmidt, Pitê e Naco, Pulador, Capitão Bortolini, Velocindo Pinto de Lima, Brasileiro Aquino, Osvaldo Rodrigues, Alarico Batista, David, Osvaldo Mello e os piás de 70: Valdir Tamanho, José Grando,IVALDO Trombetta, Valter Gonçalves Vieira, Carlos Bellin, Carlos Luiz Carvalho, e a lendária Invernada de Danças do CTG Getúlio Vargas. Primeiras Prendas: Alemea e Preta. Os Farroupilhas. Por fim, me ocorreu que posso ter recebido o apoio do espírito de Lacerda Almeida Junior, para escrever essa crônica.

(Odilon Garcez Ayres, escritor e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Final de ano

## SÔNIA MARIA FERREIRA LOGUERCIO

Como é bom poder compartilhar com os amigos os momentos de alegria e felicidade!

Mas, na corrida do tempo, muitas vezes nem nos apercebemos da riqueza dos momentos que vivemos.

O final do ano se aproxima e, com ele, as festas e a correria com os presentes. Parece ser a época do ano em que mais atribulados estamos.

E, geralmente, é a hora em que a tristeza fica nos rondando como uma sombra, teimando em nos fazer recordar das tantas coisas que pensávamos fazer e, afinal, não conseguimos. Mas, não será essa uma hora apropriada de olhar atrás no tempo... esse tempinho que passa cada vez mais rápido, e buscar dentro de nós aquilo que, realmente, ficou? Aquilo que, realmente, nos tocou de tal maneira que deixou algo em nós e levou outro tanto? Aquilo que, apesar de poder parecer insignificante, foi tão importante que alterou o rumo da nossa vida, ainda que a virada do leme possa pareça imperceptível?

Se formos capazes de buscar este caminho dentro de nós mesmos, com certeza vamos descobrir que nossa felicidade não esteve nas coisas que conseguimos adquirir. Até porque felicidade tem a ver com vida e coisas desde sempre são inanimadas.

Agora, pensemos, lembremos aquele jantar que

compartilhamos com alguns amigos, quando a conversa fluía solta... lembremos o café para o qual alguém nos convidou... lembremos aquele perfume que sentimos na rua um dia e nos fez lembrar do que nossa avó costumava usar... lembremos a alegria que percebemos no rosto do alguém querido... lembremos, até, da “cara feia” de alguém que nos fez entender que algo estava errado...

A felicidade está nos pequenos momentos de nosso cotidiano. Ela tem a ver com a nossa capacidade de amar. A medida da nossa felicidade é a medida em que somos capazes de amar. Não o amor fascinante das histórias mas o amor calmo, silencioso e profundo do cotidiano. O amor que flui através de nós e chega aos que nos rodeiam e os toca, de tal maneira, que jamais serão os mesmos. O amor que, para quem crê, como eu, nos santifica, pois só pode ser entendido em Jesus, o grande apaixonado.

Então, seja nosso pedido ao “papai Noel” neste Natal, muito menos coisas e muito mais gente... gente para poder conversar, rir, brincar, abraçar, amar, enfim! Gente para sentar conosco ao redor de uma mesa e celebrar a vida com uma comida saborosa e uma tacinha de espumante... e, quando nossas taças fizerem “tim-tim” soarão como sinos anunciando os grandes momentos que ainda estão por vir.

(Sônia Maria Ferreira Loguercio é engenheira-civil, empresária e escritora, de Passo Fundo/RS.)

# A Revolução Federalista em Passo Fundo



## PAULO MONTEIRO

A Revolução Federalista que, entre os anos de 1893 e 1895 ensanguentou o Rio Grande do Sul, causando, seguramente, mais de 11 mil mortes, mas de mil das quais degoladas, teve em Passo Fundo um dos locais onde a violência se manifestou com maior intensidade. A violência, nesta parte Estado, fugiu à média das outras regiões.

Já consegui identificar cerca de 20 confrontos armados apenas dentro dos limites do então município de Passo Fundo. Os documentos daquela época falam pouco sobre números de prisioneiros, o que me deixou intrigado. Confrontando esses escritos de um e de outro lado envolvidos na Revolução cheguei à conclusão meridiana: prisioneiros não se fazia, a adversários feridos não se poupava acida. Matava-se. Inimigo bom era inimigo morto.

Passo Fundo surgiu como terra

ocupada, conquistada por guerreiros e tomada posse para seus familiares. O primeiro morador era um cabo, Manoel das Neves; o líder emancipacionista, um capitão, Joaquim Fagundes dos Reis. Passo Fundo foi colonizada por militares, em nome das armas. Aqui era solo castelhano e, à época, ameaçado de reconquista pelos portenhos. Era preciso mantê-lo a ferro e fogo.

Violeta, violentíssima era a política passo-fundense no Século XIX. Sirva de exemplo o debate travado na Assembléia Provincial no dia 14 de dezembro de 1887 entre os deputados de Passo Fundo Antonio Ferreira Prestes Guimarães (liberal) e Gervazio Luccas Annes (conservador). O primeiro acusava o segundo de ausentar-se do Município por motivos óbvios, após mandar o delegado de polícia, Theofilo Rodrigues da Silva, e o comandante da força policial, José Claro de Oliveira, espancarem, prenderem e semearem o terror entre os liberais nos dias 5 e 6 de agosto de 1886. Tudo isso com o objetivo de levar Pres-

tes Guimarães à resistência física e, ao fim, matá-lo. José Claro de Oliveira chegou a invadir o cartório de Prestes Guimarães para desacatá-lo. Gervazio, que não negou a acusação, afirmou que Prestes, quando seu partido estava no governo adotava as mesmas práticas. O liberal disse apenas que cumpria a Lei.

Quando veio a República o cenário estava pronto. Em 1891 existiam grupos armados de ambas as facções disputando o domínio bélico do município. Marginal na economia do Estado esses grupos foram vistos como simples hordas a serviço da caudilhagem local.

Assim, no Combate do Boqueirão (4 de junho de 1893) fala-se apenas que os federalistas, derrotados, tiveram 25 mortos, no combate, 6 na retirada, e grande número de feridos, segundo fontes republicanas, que teriam perdido 6 homens, feridos de morte, e 3 feridos. Os maragatos contabilizam 9 mortos e 3 feridos entre os seus e, respectivamente, 3 vítimas fatais e um número ignorado de feridos entre os adversários. Ninguém

fala em prisioneiros.

No Combate do Arroio Teixeira (20 de novembro de 1893) soma-se 34 mortos, inclusive um meio-irmão de Gervazio Annes e muitos feridos entre os republicanos e apenas um morto e dois feridos entre os maragatos. Nesse combate a maior parte da força federalista estava armada de cacetes e lanças de guamirim. Nada de prisioneiros.

Outro caso paradigmático é o Combate do Passo do Cruz (20 de dezembro de 1893). Na verdade dois combates; um pela manhã, com dois mortos entre os republicanos, e outro à tarde, com mais 25 mortos entre estes o comandante da Brigada Militar, capitão Eleutherio, e Francisco Brizzolla, da Guarda Republicana. E nada de prisioneiros.

No dia 16 de janeiro de 1894, no Umbu, entre Passo Fundo e Pulador, uma força republicana com cerca de 1500 homens bem armados foi esfacelada pela cavalaria federalista, que teve 17 mortos e 5 feridos. Os republicanos tiveram mais de 200 mortos e, aí, sim, deixaram 42 prisioneiros.

Um caso de massacre documentado

aconteceu no dia 8 de fevereiro de 1894, no Combate dos Valinhos. Os republicanos, da Coluna de Santos Filho, mataram 125 maragatos, em combate, e tiveram 34 mortos (praças) e 15 feridos. Manoel Thomaz Rosendo, que fazia parte da Guarda Republicana, pediu a seu comandante que mandasse a banda do seu regimento tocar, o que foi feito durante seis horas seguidas, para abafar o clamor dos prisioneiros que eram torturados e mortos. Escritos republicanos dizem que os federalistas, além dos mortos em combate, tiveram 80 e tantos feridos.

Pouco tempo depois (6 de junho de 1894), no Combate dos Três Passos, foi a vez dos federalistas. Prestes Guimarães, que estava presente, informa que suas forças tiveram 13 mortos e 17 feridos; os adversários totalizaram 150 mortos e muitos feridos. E acrescenta laconicamente: “Não houve prisioneiros”. Documentos legados por republicanos que participaram do combate e auxiliaram no sepultamento dos mortos, dizem que além de saqueados os feridos foram degolados pelos federalistas.

Na Batalha do Pulador (27 de junho de 1894) os números de mortos e feridos são divergentes. Pelo confronto entre os mesmos pode-se concluir que morreram cerca de 800 combatentes no local da batalha. Testemunho oral de um sobrevivente (João José da Silva) coincidindo com indícios factuais relatava que próximo de 200 brigadianos foram espingardeados nos matos próximos, para onde fugiram. Ninguém fala em prisioneiros.

Ora, a leitura atenta dos documentos e os testemunhos de sobreviventes são bastante claros: o massacre de feridos e prisioneiros foi uma prática tradicional em Passo Fundo, tanto por maragatos quanto por pica-paus durante a Revolução de 1893. Some-se a isso os saques a propriedades, que arrasaram a economia local, e veremos que essa Revolução é tabu em Passo Fundo porque a violência ultrapassou a média registrada em outras partes do Estado.

(Paulo Monteiro pertence à Academia Passo-Fundense de Letras e à Academia Literária Gaúcha.)

## Poesia

WELCI NASCIMENTO

# A menina moça

(Welci Nascimento é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Era uma vez...

Bem... era uma vez, uma menina,  
bonita, mansa e sadia.

A falar,  
a rezar,  
ela aprendia, todo o dia,  
sob o murmúrio da mãe,  
às vezes da vovó.

Ouvia palavras  
bonita, queridas,  
do seu bondoso papai.

Essa menina,  
falar não sabia.

Essa menina,  
via,  
quase todo o dia,  
o vovô se ajoelhar,  
com um livro rezar.

Quando a mamãe entrava no quarto,  
para desejar: “boa noite”,  
a menina da cama levantava.

Passava seus braços gordinhos,  
ao redor do pescoço cheiroso,  
da sua querida mãe.

A menina, mas conseguia  
balbuciar,

articular,  
as palavras que sua mãe dizia:  
Pai Nosso... Ave Maria... Santo Anjo...

A menina não compreendia,  
mas ouvia,

as palavras que sua mãe dizia.

A vida é todo  
encanto, doçura, alegria.

É tudo o que mamãe queria.  
As palavras que sua mãe dizia,

a menina antevia  
naquele murmúrio,  
doce e meigo,

ao pé da cama,  
à proteção do Pai

e da Mãe Celestial.

A menina-moça  
Natália, como uma flor,  
completou 15 anos,  
com muito amor.

# BORGES E AS NEUROCIÊNCIAS: Neurônios à la Jennifer Aniston



**GILBERTO R. CUNHA**

Unindo a ficção de Jorge Luis Borges com algumas descobertas relativamente recentes das neurociências, o físico argentino Rodrigo Quian Quiroga, que é professor e chefe do Departamento de Bioengenharia da Universidade de Leicester, na Inglaterra, realizou uma autêntica viagem pelo cérebro humano, desde “Funes el memorioso” até o que se conhece por “neurônio da Jennifer Aniston”, que acabou materializada no livro “Borges y la memoria”, publicado em 2011 pela editora Sudamericana. Quian Quiroga, com o conhecimento de causa de quem foi autor de descobertas relevantes nos domínios das neuroci-

ências e a paixão pela obra de Borges, produziu um texto que consegue, ao mesmo tempo, ser informativo em um campo relativamente árido da ciência e literariamente agradável. Eu diria que Rodrigo Quian Quiroga, em “Borges y la memoria”, chegou bastante próximo do ideal da perfeição, no que tange à popularização da ciência, transmitindo ideias complexas de uma maneira simples, porém sem perder rigor científico, e, simultaneamente, entendível pela maioria das pessoas.

Antes mesmo da publicação de “Borges y la memoria”, Rodrigo Quian Quiroga já gozava de reconhecimento, nos meios acadêmicos, por artigos publicados em revistas como *Nature* e *Frontiers in Bioscience*, e, popularmente, por matérias e entrevistas em jornais tipo

The New York Times, The Washington Post, Daily Mail e The Independent. Em particular, pela descoberta, considerada por muito como revolucionária, do papel de neurônios individuais na representação de conceitos. A esse tipo de neurônio, que responde de uma maneira abstrata, ignorando os detalhes, compete a conversão do que percebemos (aquilo que vemos, sentimos ou escutamos) em memórias de longo prazo (que recordaremos no futuro).

A complexidade dessa descoberta começou pela necessidade de implante de eletrodos no cérebro humano, que, embora seja algo habitual em estudos com animais, não é com gente. Foi graças a várias inovações tecnológicas nesse tipo de eletrodo, desenvolvidas na Universidade da Califórnia em Los An-

geles (UCLA), instituição que abrigou um pós-doutorado de Rodrigo Quian Quiroga, que o mencionado cientista argentino chegou à descoberta da conectividade de áreas visuais superiores com o hipocampo. No experimento que realizou na UCLA, Quian Quiroga constatou que alguns pacientes tinham neurônios específicos que eram estimulados pela imagem de pessoas, coisas ou lugares, por exemplo. Foi o caso de um paciente que respondeu igualmente a diversas imagens de Maradona e outro, que ficou mais famoso, o do neurônio que respondeu a sete fotografias bastante distintas da atriz Jennifer Aniston, a Rachel da série televisiva Friends. A primeira constatação interessante é que esse tipo de neurônio responde a conceitos abstratos e não aos detalhes de alguma imagem (ou foto) em particular. A abstração dos “neurônios de Jennifer Aniston”, assim batizado por Quian Quiroga e colaboradores, localizados no hipocampo e arredores, é codificar conceitos abstratamente para serem guardados na memória. É justamente o significado que damos às coisas, aquilo que representam os neurônios do hipocampo. Nem percepção e nem memória, mas conexão entre ambas é o que faz o hipocampo. Não é por nada que tendemos a esquecer de detalhes e lembrar conceitos, razão pela qual, com bem frisou Quian Quiroga, os neurônios tipo Jennifer Aniston são cruciais na transformação de nossas percepções em recordações. Se não fossem esses neurônios terminaríamos como Ireneo Funes, o memorioso personagem de Borges, sem capacidade de abstração e sem conseguir pensar, recordando apenas detalhes irrelevantes.

Para que serve esse tipo de descoberta? Entre tantas coisas, para demonstrar a possibilidade de que pessoas com déficits motores sérios possam se comunicar com o mundo exterior a partir da atividade de neurônios individuais. Ou, quem sabe, materializar a ficção mostrada no filme “Até o fim do mundo”, do cineasta alemão Win Wenders, em que um cientista busca implantar imagens no cérebro da mulher que é cega, antevendo a possibilidade de inversão do processo e, assim, projetar pensamentos em uma tela de computador.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



## O mistério da concepção

**HELENA ROTA DE CAMARGO**

Uma golfada de sêmen, e o mundo muda de cor e de fragrância. A sinergia acontece e se converte num insondável mistério.

Ser mãe, a mais espessa das volúpias! A esperança enrodilhada no ventre! O sangue fluindo em conta-gotas... Silêncio, metamorfose, náusea, expectativa...

Uma florada apenas, e os vasos do corpo incham, alagando as vias tortuosas do sangue, que borbulha e jorra, silencia e adormece.

Quem diria que dali, daquela recôndita caverna, num delicado roçar de nervos, músculos e artérias, parte o rebento do amor, a síndrome da ventura?

Lágrimas e sentimentos se fundem dor e prazer se harmonizam, enquanto tremores e gargalhadas ecoam pelas uterinas galáxias...

Ninguém mais escuta o ciclo imperceptível da volúpia, crescendo nas entranhas. Somente ele, o ventre silencioso, encharcado pelo fluxo de humores nunca dantes vivenciados. A gestação vai colorindo aos poucos aquele céu de safira, relicário do amor e da esperança.

É ele que ouve e sente os murmú-

rios, o ruflar das asas, o arrepio das conexões nervosas. Tudo é pujança. Tudo é espetáculo. Com o passar dos dias, os anseios rabisçam pulsações mais intensas e auspiciosas, nas paredes encharcadas de sangue... Os fluidos mudam de cor, a gandaia de músculos e nervos procura espaço, liberta-se das amarras e anuncia a vitória da fertilidade, da plenitude, do encantamento.

Tão hermeticamente guardado e tão presente! Tamanho mistério e tão lúcida realidade!

E a simbiose acontece, no escuro do ninho e ao abrigo das intempéries, só percebido pela sintonia dos afetos, e usufruído pelo frêmito do amor.

Tudo ao redor se apazigua, redimensiona. As nuvens se esgarçam, para que o azul se projete mais intensamente. As estrelas perfilam-se para o momento do êxtase. As borboletas ensaiam revoadas, e as aves, suas canções de ninar.

O advento de uma nova vida é a mais fantástica das aquisições humanas. O mar das águas profundas... O caldo espesso do mel... E, sob as asas dos anjos, o mistério começa a ser desvendado...

(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Pecados capitais: reflexos na Educação

MARISA ZÍLIO

Quando falamos em pecado capital, tomamos como definição que pecado é toda a transgressão ou o desamor para com o outro e/ou para consigo mesmo. A palavra capital é usada para significar a violação da essência do humano, do pensar e do sentir. Consideramos esse capital também porque revela todo o desvio de caráter e, conseqüentemente, de comportamento que prejudica não apenas o homem, mas toda a humanidade.

Os sete pecados só foram enumerados e agrupados no século VI pelo então Papa Gregório Magno (540-604), tomando como referência as cartas de São Paulo. Muitas vezes, chamados de mortais, pois, teoricamente, significam a morte da alma.

Capital vem do latim cabeça. “Tua

cabeça é a tua sentença”. Não há como discordar dessa frase.

Mas e os sentimentos? Pode ser que alguém assim questione.

Sentimentos são espontâneos. Sobre eles não temos gerência alguma, mas as ações decorridas deles passam pelos nossos pensamentos, por nossas escolhas.

Ao longo do tempo, a Igreja (não refiro-me apenas à católica) vem oferecendo antídotos: disciplina, generosidade, paciência, temperança, caridade, humildade..., porém deixa à interpretação humana a escolha dos próprios pecados. Falha, portanto. A subjetividade, dessa forma, coloca-nos em patamares diferentes. Os critérios de avaliação dos próprios atos sempre encontram suas justificativas.

Ghandi traduz para as condutas pessoais. Materializa os pecados.

Tomás de Aquino, que se apresenta

como filósofo dos fenômenos humanos, mergulha no concreto ao tratar da compreensão dos pecados capitais. Lembra que, para conhecer o mal, é necessário voltar-se para o mundo concreto e para o modo como este se movimenta. Tal pensamento empírico lembra que culturas diferentes têm interpretações diversificadas do que seja, por exemplo, castidade, monogamia etc.

O papa Gregório Magno dedicou-se a recolher informações históricas e antropológicas do oriente para compreender melhor a alma humana e, desde então, esta tem sido a procura de muitas ciências e religiões: compreender a alma humana e o porquê de seus vícios, seus desvios.

Nossos vícios, os da humanidade, muitas vezes estão tão arraigados em nossos íntimos, de forma que não os percebemos como tais. Assim, o comportamento dominante não é mais

questionado, nem visto, nem percebido. Logo, temos alguns problemas:

Como questionar o que não se pode ver, sentir, ouvir?

Como fazer esta desorientação e inconsciência desabitarem o ser contemporâneo e principalmente o comportamento dos educadores?

Mais uma vez temos que recorrer a estudos anteriores. Tomás de Aquino considerava que o maior dos pecados era a vaidade, e referia-se à preguiça como aliada, estando aí dois corruptores da humanidade.

Seria a acídia?

Tomás de Aquino dizia que os pecados destroem a verdadeira liberdade e que, quando presos aos vícios, nos fazem mergulhar num auto-desconhecimento, a um não se perceber, não se encontrar. Novamente vem a pergunta, razão central deste texto:

Onde tal conhecimento poderá iluminar a educação e os educadores, nos dias de hoje?

Mas ainda, agora, vale lembrar dos sete pecados capitais: vaidade, inveja, ira, preguiça, avareza, gula e luxúria. E também lembrar o pensamento de Ghandi, que nos diz, referindo-se às injustiças sociais para explicar tais pecados: “Riqueza sem trabalho / Prazeres sem escrúpulo / Conhecimento sem sabedoria / Comércio sem moral / Política sem idealismo / Religião sem sacrifício / Ciência sem humanismo”.

Vamos começar por analisar o comportamento atual. De acordo com Ghandi, todos esses pecados estão presentes na conduta da humanidade. Lembro de um rapaz, com o qual conversei: “— O que você quer ser? — Quero ser rico...! — Mas como você pensa em ser rico? — Ahh, isso não sei!”

Este diálogo bem faz lembrar que a realização do homem não está mais nas conquistas de suas profissões, na descoberta de seus talentos e de seu trabalho, a não ser no pobre objetivo de uma grande maioria em ser rica. O perigo é que a busca por este desejo pode vir acompanhada de falta de escrúpulos, escolha de meios indignos e pouco saudáveis de conseguir o que se quer. E a rapidez cobra seu preço se esta busca é desenfreada. É justo ser rico vendendo drogas? Roubando? Desviando? Matando os próprios pais para fazer uso mais rápido da herança? São ideias estúpidas, mas vêm de notícias informadas com frequência na mídia.

Até parece que o que deve se impor

para se ter certo prestígio social e uma certa dignidade é ser rico. Prestemos atenção no que diz Ioschpe: “Riqueza não é um fim, é um meio. A finalidade da vida é a felicidade, a plenitude. E é isso que nos é roubado ao termos um sistema educacional tão incompetente: a cada dia, milhões de brasileiros ficam mais e mais longe do limite de suas realizações” (Revista Veja, ed. 2.299, ano 45, nº 50).

O problema é lidar com os maus educadores em casa, quando, por exemplo, os pais insistem com certas justificativas: “— Tenho que trabalhar. Precisamos de mais e mais dinheiro. Tenho que ganhar mais, senão não vou dar conta de nossas necessidades”.

A maior necessidade que deve um pai suprir é da presença. Pai e mãe ricos e ausentes não ajudam. Há que haver uma justa medida entre busca da riqueza fruto do trabalho, tempo e dedicação conferidos à família. Se os filhos estão abandonados à própria sorte, quem será responsável em formar o caráter e os valores que irão orientar a conduta deles? Assim, a sociedade entra num ciclo irreversível de desvalorização humana, ao ponto de um filho ser substituído por uma reunião, por uma hora extra, por um valor em dinheiro.

Como ser professor hoje em dia?

Contra esta profissão, há muitos que dizem: “— Não seja um professor,

ganha-se muito pouco”. Apesar de uma verdade contida nessa expressão, isso não justifica virar às costas a uma coisa óbvia: a falta de empenho, dedicação e valorização com a sociedade tende a voltar contra si próprio, mais ou menos de acordo com o aforismo: “Quem planta, colhe!”. Não vamos analisar aqui os des-caminhos da educação, mas a inversão do conhecimento e da sabedoria.

O valor do professor (e dos sistemas educacionais) é inigualável. Não há profissão mais necessária, mais absoluta. Sem ela não teríamos todos os outros profissionais. A humanidade evolui pela mão de quem tem conhecimento e sabedoria e, principalmente, passa-os adiante, proporcionando novas descobertas e avanços, na justa medida de outra máxima: “quanto mais se compartilha, mais se tem!”

E o professor pode reconhecer este seu valor quando, em sala de aula, desafia o pensar humano; quando seu salário não justifica suas ausências; quando atua com sabedoria nas mudanças e nas construções do caráter de seus alunos, ainda que signifique opor-se a paradigmas de todo um grupo social... E, tanto mais gratificante, um educador reconhece seu valor quando faz emergir talentos, vocações e aspirações.

Tudo bem, ainda é corrente o “ser feliz a qualquer preço” nesta sociedade atual. E também é parte da interpretação de muitos que a luxúria acompanha a felicidade, que ela deve expressar dignidade, que deve estar nas roupas, nos carros, nas casas. Nas sombras dessas ideias vivem a nudez gratuita, o sexo como moeda, o descaramento, a falta de juízo. Num mundo onde a riqueza é o fim e tudo pode ser comprado, não há por que surpreender-se, portanto.

É uma questão de puritanismo? Claro que não. Basta que reflitamos um pouquinho sobre nossos próprios pensamentos: “— É esta a forma correta de educar meus filhos? Estou fazendo bem assim como me comporto, sem culpa e ressentimentos?”

Por mais que se estude as diferentes culturas, tanto vertical como horizontalmente, vê-se que há princípios morais ligados ao comportamento sexual rígidos e bem estabelecidos. Não se está falando aqui de rigidez da Idade Média, onde o pecado era o caminho do inferno. Tampouco se fala da fatalidade com que era aceita toda e qualquer condição humana: se nasceu rico ou pobre, como um desígnio divino. Isso, na época, era



inquestionável.

Fala-se, sim, é da conduta que fere toda uma sociedade, que fere as relações, que provoca a desorientação e o desamor entre os homens. Quer-se referir à sociedade que abandona e mata os próprios filhos; que mata e fere os próprios pais.

Quem falha neste momento? A igreja? A escola? Os educadores pais ou professores?

Para Sérgio Sinay, “— Para ser verdadeiramente pai ou mãe, não basta ter um filho. Muito além de colocar bebês no mundo, a paternidade e a maternidade envolvem dar conselhos, impor limites e estabelecer uma conexão real com seu filho ou filha. Entretanto, a crescente violência juvenil; a epidêmica obesidade infantil; o uso cada vez maior de álcool e drogas por adolescentes; o fácil acesso à televisão, à internet e aos celulares; os problemas de conduta e aprendizado e a manipulação publicitária são apenas alguns dos sintomas de um fenômeno preocupante: o descaso dos pais em relação aos filhos” (A sociedade dos filhos órfãos. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012).

Começemos por enunciar e refletir sobre pecados capitais.

Sim, a falta e a inconsciência social, moral e ética é que está, sem dúvida, levando à deseducação e ao descompromisso. Pessoas de bem tornam-se omissas em relação às políticas, pois não encontram nelas sequer algum idealismo. Atitude incorreta que permite que idealismo seja um palavrão mal compreendido nos dias de hoje. Quanto mais cresce a omissão, mais cresce a imoralidade. Quanto mais cresce a imoralidade, mais nos trancamos em nossos próprios ninhos na tentativa de nos protegemos.

Vida supõe alegria e também sacrifícios. Sacrificamo-nos pelos nossos

filhos, pelo nosso trabalho digno, pelos nossos ideais, por um mundo mais moral e menos corrupto. Sacrificamo-nos pela descoberta do maior bem: o amor (e quem foi que disse que ele não é exigente?). Sacrificamo-nos para defender nossas crenças em um mundo mais justo. E a isso chamo de religião.

No final, se compreendermos que tais sacrifícios nos tornam educadores e educados e experimentarmos, ainda que por instantes, a verdadeira felicidade, a da plenitude em si mesma, poderemos dizer que estamos no caminho da virtude.

Falar de certo ou errado, de pecado e virtude, é fundamental a todo educador. Pessoas de coragem, no mundo de hoje, fazem isso.

NOTA:

1 - Acídia ou acédia = enfraquecimento da vontade; inércia, tibiaza, preguiça; melancolia profunda. Na medicina, é a desordem mental caracterizada por apatia, melancolia e descuido. Na teologia, é a abulia espiritual quanto ao exercício das virtudes, esp. no que respeita a culto e à comunicação com Deus (Dicionário Houaiss).

(Marisa Potiens Zilio é formada em Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo; mestre em Educação e Saúde pela PUC/RS; especialista em Psicologia e no Método Montessori Lubienska pela Escola Nossa Senhora de Sion. Foi vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Passo Fundo, entre 2002 a 2006. Foi presidente do II Congresso Internacional Multidisciplinar sobre aprendizagem; conselheira, na Associação Brasileira de Psicologia, membro do Conselho, na Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil e vice-presidente do Fórum Nacional de Extensão. Publicou, entre outros, os seguintes recentes trabalhos: a) Psicopedagogo: perfil profissional em conflito; b) Ser humano, o desafio no trânsito e na vida (em coautoria); e c) Pais competentes de filhos doentes, todos pela Méritos Editora.)

## Poesia

FRANCISCO MELLO GARCIA

### A transparência da conquista

Não esqueço aquele dia  
Em que você me rejeitou,  
Também lembro o argumento  
Que pra mim você usou,  
Pois até gosto de ti  
Aonde moras eu não vou,  
Pois veja bem quem tu és  
E também o que eu sou,  
Com pobreza não se brinca  
O meu pai já me ensinou,  
E dividir o que tenho  
Amor nenhum me motivou.

Pra nos a vida continua  
E o tempo tudo registra,  
E no estado de pobreza  
Hoje eu te vejo na pista,

De meu pai sempre conservo  
O seu bom ponto de vista,  
Há quem faz a própria obra  
Esse é o verdadeiro artista,  
Quem vive só do que herda  
É um pobre não otimista,  
Há também riqueza nobre  
Se é produto de conquista.

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# A casca de ferida

**NURIMAR BIANCHI MELLO**

Quem já não teve gana de coçar aquela ferida que, em determinado momento, parece que explode na pele toda a essência do corpo?

A 1ª coisa que se quer fazer é arregaçar as mangas e se atirar à guerra, ferrando a unha na casca que protege a dor. Grossa, frágil ou molemente indefesa, a casca tenta suprir o vácuo ali estabelecido. Tímida, cobre o terreno feito soldado alerta para possíveis invasores. Mas aquele que não entende o argumento da estratégia dará tudo por perdido. Com a unha, no momento impróprio, cortará para sempre o umbigo da proteção e deixará à deriva a tentativa do limite.

Assim é no amor. Quando há necessidade de se estabelecer um tempo para que se fortaleça por si mesmo, basta um gesto e... Pronto! Tudo estará perdido!

O amor é vivo. E no paradoxo de sua imensidão, carrega a fragilidade do sentimento. Por isso, vive doente. E às vezes é fundamental que adoeça para que os anticorpos do sentimento saiam na defesa de sua permanência. E é aí que cabe a paciência do sofredor. É óbvio que ninguém gosta de se sentir impotente. Mas a dor cura. E bem curtida, transformar-se-á em caminhos para a saúde perfeita, pois só quem ficou curado valoriza o poder do bem-estar. Entretanto, a coceira da ferida poderá dissolver o mais nobre sentimento entre duas almas que pensaram chegar juntas ao infinito. Poderá estagnar a estrada de um amadurecimento necessário. Bifurcar o caminho. Boicotar a passagem. Será como um atalho mal sucedido, um arrependimento tardio.

Se coçada, a ferida do amor doente abrirá um sulco profundo, uma cicatriz não-perdoável. E sempre que olhada, retornará à dor sofrida, à lembrança ardida de um machucado amoroso. Por isso, se acaso estabeleceu território, o mais plausível é deixá-la ali, senhora de si. Assim, não a provoque, finja que não a viu. Olhe para outro lado, feche os olhos. Não argumente nem contra



ou a favor. Esqueça-a. Recolha suas armas. Não abandone a guerra, mas não provoque a batalha. Espere. Deixe que se quiete. Tome assento. Convencida de seu poder, sem confronto pensará ter vencido. Quem sabe cochile. Aí sim, será a vez do contra-ataque. Cozida em fogo brando, cada segundo da espera resultará em incontáveis experiências de vida. E cada fiapo de pedra será transformado numa sólida construção de amor.

E há que se ficar atento, pois a coceira da ferida tem seu apogeu justamente quando está para cicatrizar-se. Às vésperas de sua cura, arde em chamas e intima o réu para o sacrifício. Quer sustentar-se em seu próprio alento. Ego-cêntrica, exige vitória. Não cessa, e na constância do pedido, grita pelas unhas, clamando em ordens de imperatriz. E é nesse momento que se deve ter cautela. Uma vez atendida, para sempre a ruína.

Não há corpo imune de uma ferida de amor. E o coração, é o alvo dessa angústia invisível que ataca em surdina, embora grite o desespero de um machu-

cado. É a alma transferida, sem a morte, para o inferno. Deslocada de seu corpo, geme e chora sem a piedade de quem a feriu. Na loucura da tortura, o cravar das unhas do desespero. Porém, quem não persiste na dor não encontrará a cura do amor. E todo amor deve passar pela prova que tanto magoa. E, quanto mais cicatrizes lapidadas, mais a sabedoria venceu. Por isso, deixe que coce. Beba a angústia. Solte o próprio limite da decepção. Engula o veneno da dor. Sorva-o vagarosamente e descubra que a morte não chegará, pelo contrário, uma nova vestimenta será dada à relação. Então, sente-se para esperar o retorno. Escute a voz da razão. Estude a linguagem da verdade. Descubra a hora do agir. Não se precipite em raspar a casca da ferida. Se assim for, as cicatrizes perdurarão para sempre e a cura será embaçada. Viva, pois, a coceira. E curta a pele do amor.

(Nurimar Bianchi Mello, escritora, é membro da Academia Soledadense de Letras.)

## Somos um

A matemática é errada,  
Na soma de um mais um:  
- Se eu sem você não sou nada,  
Não somos dois, somos um...

## Romeu e Julieta

Quando Romeu deu um beijo  
Nos lábios de sua amada  
Criou o sabor do queijo  
Num naco de marmelada!

## Graças a dor

As horas de dor duram a eternidade,  
As de alegrias passam num momento.  
Seria assim tão breve, que tormento,  
Se a vida fosse só felicidade

## Churrasco de costela

Cada vez que eu saboreio  
Um churrasco de costela  
Vejo abrir-se a janela  
Que dá luz ao entendimento  
De como Nosso Senhor  
Tão sábio e com tanto amor  
Pr'a o nosso entretenimento

Criou a primeira prenda:  
Depois de ter churrasqueado  
Vendo Adão tão desolado  
Teve a grata inspiração:  
Puxando da carneadeira  
Numa operação certa  
Pinchou a costela de Adão.

Pois sabia o Patrão Velho  
Que prá nossa companheira  
Só costela de primeira  
Serviria da matriz...  
Assim, da melhor comida  
Foi feita a china querida  
Que faz o guasca feliz!

## O chimarrão

Uma ponta de porongo  
Com carinho trabalhada  
A boca bem aparada  
Com brasa e cinza curtida.  
É assim que uma cuja é feita  
E se transforma em perfeita  
Taça em que se bebe a vida.

O seu tamanho depende  
Da roda em volta formada  
Pois quanto maior a indiada  
Maior deve ser seu bojo.  
E uma erva de primeira  
De um soque da Palmeira  
É que dá o melhor apoio

Do leite verde e divino,  
Que alimenta na sua essência  
O nosso amor à querência  
E às coisas deste rincão.  
E pela bomba de prata  
Forma a espumante cascata  
Que irriga a tradição.

E o chimarrão, bem cevado,  
Na cuiá, morena e quente,  
lembra logo o seio ardente  
Da china do coração.  
Pois igual é a anatomia,  
O que justifica a harmonia  
Da cuiá com nossa mão.

Por isso o mate amargo  
É mais que simples bebida.  
É um sedativo prá vida

E uma fonte de energia.  
Vai daí que o velho mate  
É o mais feliz arremate  
Prá lida de cada dia.

Em qualquer estação do ano  
Ou qualquer etapa da vida  
É sempre a melhor bebida:  
Se no inverno ele esquenta,  
Mata a sede no verão.  
Não tem contraindicação.  
É assim que nem água benta.

Lhe digo: um simples porongo,  
Cheio de erva nativa,  
É a coisa que mais cativa,  
Sem nenhum requinte ou luxo.  
E é o gesto de amizade  
Que mostra a hospitalidade  
Que identifica o gaúcho!

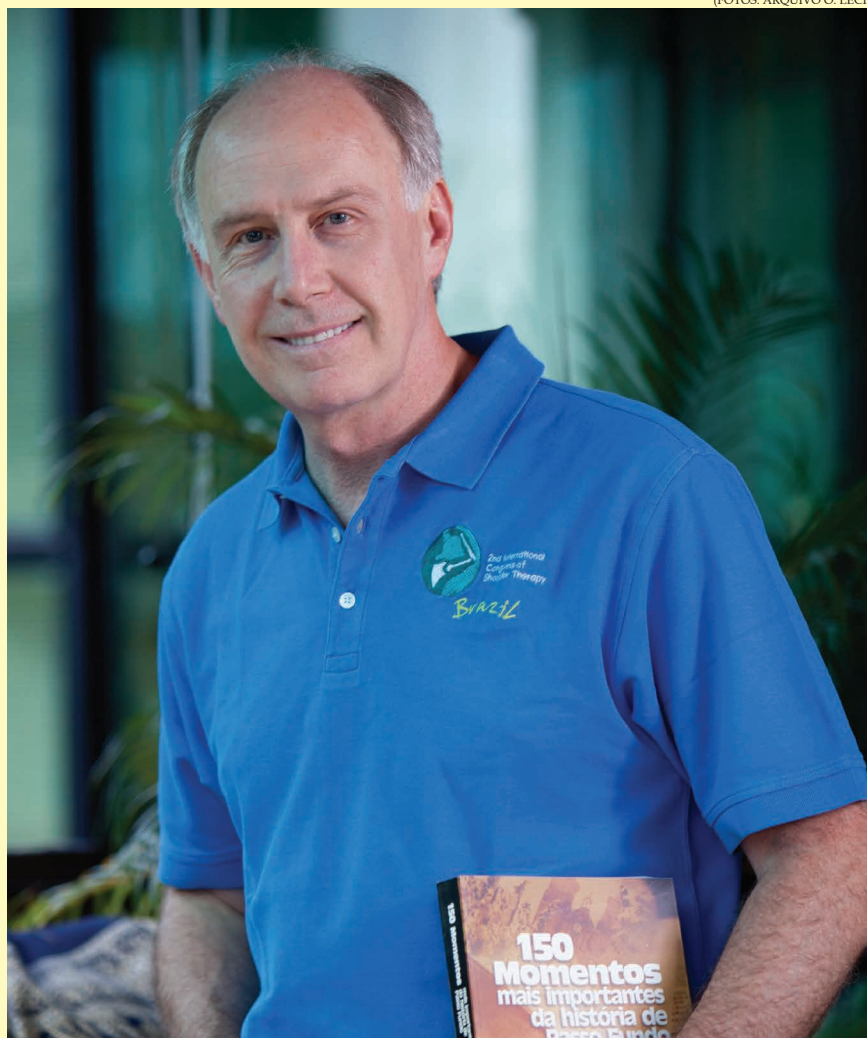
# O bisturi e a caneta que saíram do Boqueirão

**“Respeito que exista um grupo de pessoas que aprecie a zona de conforto: uma profissão digna, trabalhar de maneira confortável, talvez não demais, e gozar bastante a vida. Para mim isso não serve, eu sempre busco mais!”**

**O**svandré Lech, médico e presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, nasceu e cresceu no bairro Boqueirão, o mais antigo de Passo Fundo. E faz questão de dizer isso. Sabe bem de onde veio e melhor ainda para onde está indo. Aliás, sempre soube disso.

Desde os tempos primitivos, pelo Boqueirão passaram hordas nativas em suas migrações ou campanhas guerreiras. Os jesuítas espanhóis e os bandeirantes palmilharam aquela ancestral trilha indígena que deu origem à atual Avenida Brasil. Ali, os lanceiros negros farroupilhas amansaram os potros selvagens para remontar seu exército republicano. Tropilhas que somaram milhões de muares, rumo às feiras paulistas, cavaram o leito de nossa principal via pública. E foi o Boqueirão, cantado em prosa e em verso, que nos forneceu esse médico de escol, internacionalmente reconhecido em ortopedia, que, como palestrante convidado de congressos médicos, já distribuiu seu conhecimento pelos quatro cantos do globo terrestre.

Aqui, nesta entrevista de várias horas, concedida aos acadêmicos Paulo Monteiro e Gilberto Cunha em sua



(FOTOS: ARQUIVO O. LECH)

residência em Passo Fundo, no dia 16 de fevereiro de 2013, o homem frio no manuseio do bisturi, além de exibir rara destreza no manejo da caneta, literalmente, desmoronou. Foi às lágrimas ao lembrar-se do pai, da casa paterna e do bairro Boqueirão. Nesta entrevista, está inteiro. Entre o bisturi e a caneta, eis o homem Osvandré Lech.

**Academia Passo-Fundense de Letras – Como foram os seus primeiros anos de vida?**

**Osvandré Lech** - Nasci em Passo

Fundo, no Boqueirão, frente à casa do meu avô Osvaldo Culmann Canfield, próximo ao IE (Instituto de Educação). Com 5 anos mudamo-nos para as proximidades do Sport Clube Gaúcho, onde presenciei os tempos áureos do clube, durante minha infância, adolescência e juventude. Ali permaneci até os 26 anos. Hoje resido nas proximidades do Bosque Lucas Araújo. Estudei no Instituto Educacional, no CENAV (Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro) e na Faculdade de Medicina da UPF (Universidade de Passo Fundo), em

frente ao Hospital São Vicente de Paulo. Considero-me passo-fundense nativo do Boqueirão. Portanto, se olhar geograficamente, também a localização do IOT (Instituto de Ortopedia e Traumatologia) pertence ao triângulo onde sempre vivi. Considero-me uma prova da excelente educação do município de Passo Fundo. Acredito literalmente nessa educação, sendo eu seu produto genuíno. Hoje estou com 57 anos de idade e afastei-me de Passo Fundo somente para realizar cursos de aperfeiçoamento em Medicina.

#### **APL – E o seu gosto pela literatura, vem da infância?**

**OL** - Guardo um caderno onde, entre 11 e 13 anos de idade, compilava piadas e versos tradicionalistas. Não gostava de telefonar ou falar com as pessoas e sim de escrever cartas, enviando milhares de cartas aos amigos. Hoje utilizo a Internet para enviar o que escrevo. A necessidade de comunicar não falando e sim escrevendo foi marcante na primeira juventude. Meus pais e familiares não foram literatos. Quando pequeno, habituei-me a ler o jornal Correio do Povo. Como brinde, ganhava de meu pai um gibi do Zé Carioca, entre 6 e 10 anos de idade. Essa leitura compulsória que tenho é influência e estímulo de meu pai, pois ele achava uma maneira de premiar com outro elemento cultural. A revista em quadrinhos é, de fato, uma manifestação cultural. Sendo meu pai um viajante de laboratório, viu a possibilidade de eu vencer barreiras sociais através do estudo, buscando um local no mercado de trabalho e exercendo uma profissão. Fiquei em dúvida entre agronomia, por influência de vizinhos, e medicina, por natural influência de meu pai, por ter ele essa interface profissional com hospitais, farmácias e médicos. Decidi-me pela medicina, e nesta, pela ortopedia, mais tarde pela cirurgia do membro superior. A ascensão no mundo institucional, no qual presidi várias associações nacionais e internacionais, tem muito a ver com o espírito gaúcho. O gaúcho tem esse espírito aguerrido de buscar, manifestar suas ideias de forma organizada e democrática, porém firme, e isso sempre foi uma característica da minha trajetória de ascensão nos meios institucionais, especialmente na área médica.

#### **APL – Como interpreta a sua preocupação com o resgate literário da história local, da cultura e da medicina?**

**OL** - O ponto de equilíbrio está em ter a capacidade de fazer, sempre contando com o estímulo da Marilise (esposa), e de nunca estar na zona de repouso. Sinto-me incomodado quando tudo está muito tranquilo, quando tudo está estruturado. Tenho predileção pelo caos, pelo desafio; um bom caos, evidentemente. Quando tratei de buscar algo além da medicina, a cultura apareceu naturalmente. Vi essa possibilidade ao ingressar na Academia Passo-Fundense de Letras. Depois que aí ingressei, vi onde realmente estava. Encontrei pessoas dignas, que lutavam de maneira heroica para estabelecer padrões maiores de cultura, sem condições econômicas ou de estruturação suficientes. Então vi aquele heroísmo, identifiquei-me nas ações da Academia e acabaram acontecendo coisas maravilhosas, que fizeram a diferença na minha vida. Respeito que exista um grupo de pessoas que aprecie a zona de conforto: uma profissão digna, trabalhar de maneira confortável, talvez não demais, e gozar bastante a vida. Para mim isso não serve, eu sempre busco mais!

#### **APL – Um conceito de vida.**

**OL** - Meu conceito de vida é um pouco diferente da maioria das pessoas. Como disse: preciso de desafios na vida para que ela tenha valor.

#### **APL – Nos seus escritos da juventude, que constam nesses manuscritos, existem coisas de “O Amigo da Onça”, rememorando os primeiros cartunistas, contestadores por natureza, que apregoavam o não conformismo. Explique.**

**OL** - Exato. Foi numa Passo Fundo provinciana, dos anos 1960, que acredito ter formado minhas concepções filosóficas e sociais. Tudo o que conseguia ler na época era bem vindo, pois havia limitações de televisão e não havia as facilidades do mundo virtual. A leitura era o que me estimulava. Era uma janela para o mundo. Então, eu lia exaustivamente tanto enciclopédias quanto o jornal diário do Estado que, na época, era o Correio do Povo. Depois é que passou a aparecer a Última Hora e, depois ainda, o jornal Zero Hora. Eu lia de forma obsessiva as revistas em quadrinhos, os gibis. Essa época, anos 1960, foi um período em que os intelectuais sequer podiam se manifestar. Somente mais tarde, no final dos anos 1970, ainda de maneira tímida é que a contestação

passou a acontecer. Isso coincidiu com o final do meu período de colégio. E havia a presença do Exército em Passo Fundo, vigiando especialmente a classe estudantil. Meu pai, que viajava muito, que conversava com muitas pessoas, que sabia de injustiças e de violências, me fez prometer que eu não me envolveria em movimento estudantil [nesse momento, o entrevistado vai às lágrimas]. Era grande o medo que ele tinha que fossem em sua casa e levassem seu filho, como era rotina nas grandes cidades. Vivi minha juventude exatamente em um mundo de afronta, onde existia estabelecida uma repressão. Onde operários e estudantes não podiam se manifestar, sob pena de serem presos ou perseguidos, coisas desse tipo. Foi o que fiz, devido à excelente relação com meu pai, eu ficar à margem dessas manifestações, sem perder, naturalmente, o espírito crítico que tanto me ajudou depois, na vida como profissional e exercendo posições de mando. Exemplos disso foram os locais por onde passei. Em instituições, como a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), efetuei profunda modificação e reestruturação. Sem querer fazer nenhum tipo de revisionismo e sempre buscando aquilo que havia de bom até então, sempre tentei usar o melhor de minha energia para aperfeiçoar as instituições às quais pertenço. E acredito que estou tentando fazer o mesmo na APL, onde há tanta coisa ótima realizada ao longo de décadas e que merece o entusiasmo dessa e das novas administrações. As instituições são muito frágeis para permitir que se façam grandes revisionismos.

#### **APL - Toda a sua formação acadêmica foi em Passo Fundo?**

**OL** - Fiz apenas um vestibular para medicina, em 1970, em Passo Fundo, pois minha vontade era estudar aqui, por ser um curso jovem. Parece um contrasenso. Por que não fui a Porto Alegre, onde havia uma faculdade de quase 100 anos? Porque esse era o desafio, o caos de que falei desde o começo. Imaginei que, ficando no município, poderia de fato contribuir, como um aluno inquieto, para melhoria de todo o status do próprio curso. E foi o que aconteceu. Não havia, na época, internos em hospitais e pude auxiliar e aprender a arte médica com gigantes como Sérgio Lângaro, Carlos Madalosso, que hoje é colega na APL e na Academia de Medicina, Alfredo de Vasconcelos e com Alberto Lago, “o

ícone”, que representava uma espécie de transição entre o cirurgião geral e o ortopedista. Estes profissionais forjaram minha identidade médica. E, interessante, explicando esse caos, era um desafio ficar em Passo Fundo, pois seria mais cômodo ir a Porto Alegre, onde as coisas já estavam estabelecidas. E o mesmo se repetiu quando decidi pela especialidade médica, pois fui o primeiro residente do IOT. Não havia sequer sistema de ensino no IOT. Fui um autodidata por excelência porque, embora os veteranos trouxessem informações, não havia uma estrutura de ensino. E isso foi o que me atraiu a ficar no IOT. O IOT era um consultório médico formado por três pessoas, um consultório como outros tantos na cidade. E esse consultório estava procurando instituir o ensino e precisava de candidatos para a residência médica. O IOT era formado por Paulo Berthol, José Golvea e José Saggin. Essas pessoas queriam ajudar no ensino médico que se estabelecia então no Hospital São Vicente de Paulo, pois não havia residentes na época. Então, aceitei o desafio. Veja, de novo, como é coerente com a minha história do caos: um desafio em ser o primeiro residente. E, para obter o título de especialista, fui muito bem classificado em prova que foi realizada em Ribeirão Preto, em 1982. Meu próximo passo foi sair de Passo Fundo e buscar uma especialização, que consegui através da Fundação Rotária, uma das esquinas de minha vida, que proporcionou bolsa de estudos nos Estados Unidos por um ano. Como me destaquei nos Estados Unidos, fui convidado pelo hospital americano a ficar mais um ano, recebendo um pequeno salário. Foram dois anos aprendendo sobre cirurgia da mão. E, na sequência, mais um ano na Universidade de Columbia, aprendendo cirurgia de ombro. Sem saber como seria o futuro, fiquei três anos estudando o membro superior em duas instituições de primeiríssima qualidade nos Estados Unidos, com os Drs. Harold Kleinert e Charles Neer. Essas duas pessoas foram importantes na minha vida, pois transformaram completamente meu futuro, abrindo portas inimagináveis.

#### **APL - E a ligação com a literatura?**

**OL** – A minha literatura sempre foi, de certa forma, tímida. Tenho um grande respeito pela literatura local, pelos diferentes universos. Nossos autores locais são muito capazes. Mesmo não

tendo igual oportunidade de contar com a abrangência de editoras dos grandes centros para a distribuição, seus livros são de boa qualidade. Aprendi muito com o que li dos autores locais. Tive influência da leitura de Passo Fundo, como as pesquisas históricas de Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Sempre gostei muito dos poemas de Gomercindo dos Reis. Li essencialmente tudo o que foi produzido pelos acadêmicos da APL ao longo das décadas. Meu conhecimento da literatura gaúcha não é profundo. Conheço alguma coisa da nossa história, mas não o suficiente. Estou em período de aprendizado. Da literatura nacional li alguns clássicos, mas tenho preferência por crônicas. Acompanhei, ao longo de décadas, o trabalho de pessoas como Fernando Sabino e Otto Lara Resende quando escreviam suas crônicas em jor-

**Em número de livros, tenho cerca de 85, além de colaborações como autor, coautor, colaborador em capítulos, traduções ou apresentações no Brasil e no exterior. E são 1.200 conferências em cinco continentes.**

nais cariocas. Sou fã de Luis Fernando Verissimo, que é um universalista, e acompanho alguns autores de crônicas de revistas semanais como o Claudio Vieira e Castro. Mas, de fato, hoje, não leio muitos livros de autores universais, consoante ao conflito de tempo que possuo.

#### **APL – Você tem uma atração por bibliotecas. Foi frequentador de bibliotecas?**

**OL** - Frequentei a biblioteca do CE-NAV, a Biblioteca Municipal de Passo Fundo e, recentemente, visitei a Biblioteca Mazarine, em Paris. Foi a primeira biblioteca pública francesa, tendo uma das maiores coleções de livros da Idade Média. Impressiona passear pelos seus corredores. As bibliotecas continuam sendo uma atração para mim. Sou responsável pela Biblioteca Ortopédica do IOT, com pouco mais de 2 mil volumes. Compilei o que chamo de Biblioteca Or-

topédica Histórica, que é um conjunto de livros médicos raros, com mais de 50, 80 ou 100 anos, que iniciou com a doação de toda a biblioteca do Dr. Alberto Lago, feita pela família após seu falecimento, em 1979. Hoje, esta biblioteca tem mais de mil volumes. Depois disso, comecei a adquirir (comprar) alguns livros clássicos de medicina. Os mais raros ficam sob minha tutela. Numa de minhas últimas viagens, adquiri exemplares de quatro livros raros, um deles de 1780, que fala sobre epidemiologia, um dos primeiros a fazer relações de pacientes mostrando tal doença. A biblioteca, para mim, sempre foi um local de muita paz, de pesquisa.

#### **APL - E as cirurgias feitas nas nossas revoluções?**

**OL** - Existem livros abordando o assunto. O avanço da cirurgia do trauma, que não é só objeto da ortopedia (trauma é um tiro no peito, uma facada, etc.), ou no caso de ossos quebrados, evoluiu ao longo das guerras. Ao ler sobre os etruscos, vemos que existiam médicos ou na época tratados como tal, que cuidavam dos guerreiros. A medicina da Grécia, tendo em Hipócrates o “Pai da Medicina”, era evoluída porque os gregos eram ferozes guerreiros. E assim vai. Napoleão tinha um exército de médicos cirurgiões para os seus exércitos. Se abordarmos os dois grandes eventos do século passado, a I e II Guerras Mundiais, houve um avanço extraordinário, a ponto de a ortopedia estabelecer-se como especialidade logo após a I Guerra, separando-se da cirurgia quando foram fundadas a Academia Americana de Ortopedia e a Sociedade Brasileira de Ortopedia. Logo depois da II Guerra, estabeleceram-se muitos conceitos que foram usados e aperfeiçoados. Portanto, as guerras sempre foram palco de aprendizado.

#### **APL - Como surgiu a ideia do livro com as fotografias do Czamanski?**

**OL** - Eu ia pelo menos duas vezes por semana ao estúdio fotográfico da Foto Moderna, apanhar fotografias médicas, e via pendurados algumas centenas, talvez milhares, de filmes. Então, perguntei ao Sr. Deoclides Czamanski: “Como o Sr. sabe, se lhe perguntarem sobre tal filme?” E ele me respondeu: “É preciso me dizer a época, pois tenho um caderno que diz qual é o número do rolo e eu vou atrás dessa fotografia.” Era uma coisa absolutamente dependente do

proprietário. Só ele era capaz de achar. E, temendo pelo futuro desse acervo, sugeri a ele que usássemos todas as fotografias antigas que havia na Foto Moderna e fizéssemos um livro. Esse livro foi uma homenagem ao pai, Deoclides Czamanski, e ao filho, Ronaldo Czamanski, ambos fotógrafos. Foi um livro que me fez correr a cidade, tentando obter informações para as legendas das imagens. O historiador Ney Eduardo Possapp d'Ávila me ajudou muito na época. O livro foi autofinanciado, ou seja, eu paguei sua produção. A parte triste da história é que foi um dos últimos livros feitos com pranchetas, que foram descartadas quando tudo se transformou em digital. Aquele livro teve uma única impressão. É uma pena porque é um livro clássico. Ao longo das décadas eu recebi, literalmente, centenas de solicitações e nunca pude dar exemplares, porque a edição esgotou. É uma obra irreproduzível. As fotografias também se perderam. O Ronaldo Czamanski não tem mais aquelas imagens para fazer um novo livro. Acabou a história dessas fotografias. O Sr. Deoclides Czamanski faleceu e o Ronaldo mudou de ramo, deixou de ser fotógrafo.

#### **APL - E o livro “Veia de Campeão”?**

**OL** – O Veia de Campeão foi uma ideia em conjunto com o Marco Damian, para homenagear o esporte que se fazia em Passo Fundo, tanto amador quanto profissional. O Marco Damian é um historiador de mão cheia, voltado, especialmente ao esporte. Ele tinha as biografias de um bom número de atletas. Minha participação foi reuni-las em uma obra única e mostrar o potencial esportivo que Passo Fundo sempre teve. Nos anos 1960 nós éramos muito respeitados no futebol de salão. Havia, por exemplo, as equipes do Capingui e dos Colégios Conceição e IE. Depois veio a geração do voleibol, um celeiro de atletas. Infelizmente, a estrutura de aproveitamento desses atletas de Passo Fundo é idêntica à do País, ou seja, ridiculamente ineficiente. Atletas com grande potencial para se transformar em profissionais ou atletas olímpicos são perdidos por falta de estímulo, material de treino e estrutura. Aqueles que sobreviveram foram exatamente da geração que se mudou de Passo Fundo. Exemplo clássico é o dos irmãos Endres. Nós tivemos a número um no tênis feminino, Miriam D'Agostini, que também precisou ir embora. Marco Damian é

meu amigo de juventude. Ficou um projeto de fazermos o resgate da vida dos viajantes de Passo Fundo, mas esse não teve andamento.

#### **APL – Há também o livro dos “150 Momentos Mais Importantes da História de Passo Fundo”.**

**OL** – Este livro nasceu do meu envolvimento com a APL. Foi um livro feito essencialmente dentro da Academia, em que os acadêmicos e os editores da Revista Água da Fonte, em particular, tiveram uma participação muito grande. O lado positivo desse livro é que ele ouviu a comunidade. Não é a visão de um ou de poucos autores, mas uma visão de mais de cem pessoas que colaboraram escrevendo textos sobre que foi pesquisado, definindo quais seriam esses 150 momentos. Resumidamente, foi como um processo científico. Escolhemos 150 pessoas de diferentes classes sociais, profissões e idades e perguntamos a elas o que cada uma consideraria como os dez momentos mais importantes da história de Passo Fundo. Essa coletânea de cerca de 1500 opiniões foram catalogadas por ordem de frequência de citações. Chamou a atenção que um dos momentos mais citados da nossa história foi a instalação da estrada de ferro, em 1898. Ninguém dentre os entrevistados era vivo nessa época. Por que foi um dos mais citados? Porque a grande maioria entendeu que Passo Fundo se transformou em cidade nesse momento, pois até então não tinha relações com outras comunidades, e a chegada do trem foi como a chegada da Internet ou da energia elétrica.

#### **APL - O livro teve elogios e críticas. O que você destacaria?**

**OL** - O livro foi patrocinado pela Prefeitura Municipal e pela UPF. As duas entidades bancaram a impressão do livro e todo trabalho foi feito de forma voluntária. Cada um dos colaboradores usou suas folhas e sua tinta e eu passei, obviamente, um ano e tanto trabalhando também de forma gratuita para compilar. E por não ter sido feito por uma editora nacional, que distribui suas obras comercialmente, esteve ausente das livrarias. Portanto, a comunidade não o conhece, não teve possibilidade de comprá-lo. É um bom resumo da história local, mas que não chegou às mãos do leitor como deveria. Ainda existem cerca de 100 a 150 livros na Academia. Eu adoraria que fossem para as livrarias, mas há dificul-

dades fiscais, contábeis, de escala, etc. A crítica sobre ele é que algumas pessoas escreveram de maneira imprecisa, com informações não checadas. Cada autor foi responsável pelo que escreveu. Alguns historiadores questionaram dados ali relatados. Por outro lado, o livro recebeu propostas para incluir fatos que não foram votados, com absoluto objetivo de promoção pessoal. Nós não nos dobramos a esse tipo de proposta. Os temas ali descritos correspondem exatamente aquilo que a pesquisa apurou.

#### **APL - Qual foi sua obra de maior repercussão, entre as locais?**

**OL** - Sem dúvida, foi a obra de fotografia, em associação com os dois fotógrafos Czamanski, a que teve maior relação com a comunidade, além dos dois livros de citações e aforismos. Uma frase bem empregada, na hora certa, tem um valor inestimável e muitas vezes a gente esquece essas frases. Tem que se ter à mão uma fonte de consulta. No primeiro dos livros, cataloguei 3 mil frases e, no segundo, em coautoria com minha esposa Marilise, cataloguei 2 mil frases. É interessante porque você pode pegar temas universais como morte, vida, trabalho, juventude, e ler 10, 15, 20 citações de diferentes épocas da humanidade sobre o mesmo tema. E é impressionante como as verdades mantêm-se imutáveis. Juventude é algo que se aplica lá no Império Romano ou hoje, quase que com os mesmo conceitos.

#### **APL - E na área médica?**

**OL** - Se eu tenho alguma visão crítica sobre a qualidade da minha produção literária, de forma oposta eu tenho muito orgulho da minha produção médica. De novo, desafiando leis bem estabelecidas, tenho toda uma produção realizada em Passo Fundo. Seguindo aquilo que se falou no começo da entrevista, sobre o caos, em sair da zona de conforto, fui um dos primeiros autores que abordou, de forma científica, as lesões por esforços repetitivos, no País. Estamos falando de 1986. Não se falava nisso, o nome era tendinite. E não havia sequer leis que protegessem o trabalhador das famosas tendinites. Realizei uma conferência em Brasília, em maio de 1986. Estava presente o então senador Jamil Haddad, que ouviu as explicações de como os trabalhadores podem desenvolver dores nas mãos, braços e ombros e daí transformarem-se em pessoas incapazes para o trabalho. A partir desse momento,



Osvandré Lech, presidente do 40º Congresso Brasileiro de Ortopedia, apresenta a Joe Zuckerman, presidente da American Academy of Orthopaedic Surgeons, a versão brasileira do seu livro, traduzida pelo anfitrião. Porto Alegre, 2008.

ele propôs a lei primeiramente chamada de “Tendinite” e depois o nome mudou para “Lesões de Esforços Repetitivos”, que acabou aprovada. Eu não diria que foi aquela minha conferência o ponto principal, mas ela ajudou muito, pois foi a única exposição de imagens. O debate era todo teórico e eu apresentei uma aula com slides. Com essa conferência, verificou-se que havia, no Brasil, espaço para que a Lei dos Esforços Repetitivos fosse aprovada e o trabalhador brasileiro, protegido de acidentes de trabalho.

Logo a seguir, a demanda e a procura por informações foram tão grandes que escrevi quatro livros sobre o assunto. Quatro livros sobre lesões de esforços repetitivos, que ajudaram a clarear o assunto para uma legião de médicos, enfermeiras e advogados, que citaram de maneira incansável os meus trabalhos nas suas petições. Outro momento especial da minha vida foi a autoria do primeiro livro sobre cirurgia de ombro no Brasil, que data de 1992. Fundamentos em Cirurgia de Ombro foi uma obra que fiz gratuitamente, ou seja, foi impressa sem que recebesse nenhum pagamento, sem direito autoral, e entregue para 13 mil médicos no Brasil, notadamente ortopedistas e clínicos. Isso só foi possível

graças ao patrocínio do Laboratório Rhodia, hoje chamado Sanofi. E esse livro bastante simples, com menos de 200 páginas, ajudou a popularizar a cirurgia do ombro no Brasil, especialidade que então havia sido recém-fundada. Na área de publicações científicas, que são analisadas e só publicadas após passarem pelo crivo dos pares, sou autor de pouco menos de 100 publicações, no País e no exterior.

Em número de livros, tenho cerca de 85, além de colaborações como autor, coautor, colaborador em capítulos, traduções ou apresentações no Brasil e no exterior. E são 1.200 conferências em cinco continentes, totalizando dezenove países. Essas conferências não têm qualquer pagamento, o meu objetivo é exclusivamente científico. De novo, volto a sair da zona de repouso, pois quando tenho que preparar quatro conferências para dar na França, como fiz no mês passado, passo um mês trabalhando nelas, organizando, pois são para um público seletivo. E é claro que eu quero apresentar um bom material. Isto é a gasolina que me mantém atualizado. E o que eu ganho? No final, atendendo bem e cada vez melhor os meus pacientes. Também vale o mesmo para os livros que escrevi,

pois mesmo que eu seja coautor do livro de ortopedia mais vendido no Brasil, “Exame Físico em Ortopedia”, que todo residente tem que comprar e decorar, pois é nele que aprendem a examinar o corpo humano, os direitos autorais que recebo também são simbólicos.

Na verdade, todos os livros que participei têm muito mais valor de crescimento técnico-científico pessoal, que é você escrever sua experiência, e também prestam-se para uma coisa imponderável, que é o reconhecimento institucional. Foi graças a minha energia para escrever e palestrar que presidi quatro grandes instituições: Sociedade Brasileira de Cirurgia da Mão, Sociedade Brasileira de Cirurgia do Ombro, Sociedade Latino-Americana de Ombro e Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. A ortopedia brasileira é uma das mais conceituadas do mundo e, para ter uma ideia da elitização, eu fui o terceiro gaúcho presidente dessa sociedade e o primeiro do interior do Estado, ao longo de quase 80 anos de história. Todos os outros sempre foram de capitais: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, etc. O percurso em publicações e conferências e a experiência de presidir instituições trouxeram-me

sempre muito entusiasmo profissional, motivo que faz com que hoje, contabilizados 33 anos de profissão, eu ainda me sinta um principiante, sequer pensando em diminuir o ritmo.

### **APL – Sente que ajudou na construção do prestígio da medicina em Passo Fundo?**

**OL** - Posso dizer que me sinto como um dos inúmeros colegas que contribuíram para que o centro médico de Passo Fundo tenha a respeitabilidade que hoje goza. Tudo iniciou com os nossos excelentes médicos, a começar por Nicolau de Araújo Vergueiro, o Dr. Medeiros, Miguel Kozma e Cesar Santos; só para citar esses quatro ícones. Houve outros, certamente. Eram médicos tão bons que atraíam pessoas de um raio muito distante, que vinham a Passo Fundo para se tratar com o bom doutor, “o doutor que salvou minha filha”, “o doutor que salvou minha mãe”. Essas eram expressões usadas até os anos 1960. Daí, com a criação da Faculdade de Medicina e a modernização dos hospitais, veio a segunda fase: Passo Fundo encheu-se de médicos (anos 1970/80). Na terceira fase, alguns desses médicos especializaram-se muito, criando na cidade os centros de cardiologia, neurocirurgia, pediatria, ortopedia, cirurgia, urologia, etc. Com essa superespecialização, com profissionais tão bons quanto os da metrópole, Passo Fundo expandiu a área de ação, configurando o que chamo de quarta fase, fazendo com que a cidade esteja no mapa brasileiro de resolução de casos médicos. Quase nada é mandado para fora daqui. Naturalmente que pode ir, mas aqui se resolve de tudo. Hoje, a cidade recebe em torno de 5 mil pacientes e acompanhantes por dia, possui nove hospitais, além de ser o terceiro polo médico da Região Sul do Brasil, de acordo com o IBGE, vindo depois de Curitiba e de Porto Alegre.

E onde entra o Osvandré Lech nesse contexto? É um desses médicos que se especializou, que exerce uma medicina de qualidade e que atrai pessoas interessadas em aprender a especialidade da cirurgia da mão e também do ombro. Passo Fundo é o primeiro centro de treinamento em cirurgia do ombro fora de São Paulo. Ninguém sabe disso. Começou em 1993. Nesse ano, comemoram-se 20 anos. São quase 80 cirurgiões de ombro treinados em Passo Fundo que estão no País e no exterior. No momento, estamos com três em

treinamento. Essa é a respeitabilidade que conseguimos obter.

### **APL - É necessário ainda vir profissionais de fora, para completar alguma lacuna na medicina local? O que faltaria? Qual seria o espaço?**

**OL** - Existe uma área aberta em imunologia. Para que avance a área de imunologia, que exige estudos e tratamento muito avançados, dependemos de grandes investimentos em pesquisa e infraestrutura. A imunologia é, de fato, a área da medicina local que penso ter ainda espaço para expansão. As demais áreas clínicas estão todas muito bem qualificadas. Passo Fundo precisa avançar em pesquisa na área médica. Precisamos de laboratórios, biomecânica, laboratórios de pesquisa propriamente ditos. A UPF ainda não deu uma resposta à altura na área de pesquisa médica, apesar de todos os avanços na área clínica. Educam-se aqui bons médicos, bons clínicos, mas ainda não temos publicações e pesquisa à altura de uma universidade desse porte, como em outros lugares do País e do mundo. Nós fazemos isso dentro do possível, na iniciativa privada, através do IOT, por exemplo.

### **APL – Como é presidir a Academia Passo-Fundense de Letras no ano dos seus 75 anos?**

**OL** - A APL é uma Instituição que aprendi a respeitar quanto mais intensifico a minha participação em suas atividades. Tenho usado uma expressão, provavelmente cunhada por mim, mas que deve ter outras similares, com o mesmo significado: Indivíduos fazem uma sociedade, não o contrário! Ou Pessoas fazem uma sociedade, não o contrário! Vivi diferentes períodos na Academia, desde 1996, convivendo sempre com um grupo muito interessado de pessoas, que têm nesta instituição uma atividade de segunda ou terceira prioridade. As maiores prioridades são sempre a vida profissional, a família ou outras instituições e a Academia, então, funciona como opção dentro das atividades semanais ou mensais. Esta é, provavelmente, uma característica comum a outras academias, onde ninguém tem cargo remunerado. Pela característica da cultura não estar sempre de mãos dadas com o poder econômico, a nossa Instituição necessita de melhores condições de funcionamento. Lamento o fato de não termos uma linha telefônica, um

computador ou uma secretária fixa. Se estivéssemos economicamente melhor estruturados, a Academia teria uma forma de atuação ainda mais eficiente dentro da sua área de ação, que é a de estimular a cultura na sua região. Voltando novamente pela sexta vez à teoria do caos e à ausência da zona de repouso, isso é um desafio que permite que se realizem ações que resultem em um trabalho brilhante da grande maioria dos membros. O relatório de ações da APL mostra o quanto cada indivíduo produz dentro da área cultural. E o somatório destas ações é que é o corpus operandi da nossa instituição.

### **APL - Um paralelo entre a Academia de Medicina e a APL.**

**OL** - A Academia Passo-Fundense de Medicina completa, em 2013, 10 anos de existência. Ainda está buscando sua própria identidade. O filtro natural está acontecendo e a proposta da Academia de Medicina é a manutenção de itens como a ética e a nobreza da profissão, diante das tentativas de massificação contundentes que se veem, na atualidade. Essencialmente, essas duas. E, para que se tenha uma ideia, é a única Academia de Medicina de uma cidade do interior gaúcho. Trata-se de um grupo de profissionais desacomodados, dentro da teoria do caos e do desassossego. Mas ela é muito recente, e não pode ser comparada a uma instituição como a APL, que comemora 75 anos em 2013, que tem tradição e finalidade diferentes.

A nossa APL foi fundada em um momento em que se precisava reunir lideranças para estimular a cultura, numa época que havia exclusivamente dois jornais na cidade. A Academia destaca-se pela quantidade de ações que fez em prol da cidadania, da nossa comunidade. Ela já tem sua missão absolutamente cumprida. E os novos desafios exigem renovação do quadro de associados, exigem foco em projetos, em novas mídias. Isto tudo são desafios para a Academia de agora. A Academia trabalha com pessoas em diferentes épocas da vida. Há pessoas que contribuíram muito com a Instituição no passado, e que hoje, naturalmente, são membros com grande respeitabilidade. Existem jovens lideranças. O papel do líder é, naturalmente, buscar o entusiasmo (entusiasmo é uma palavra que significa “ter Deus dentro de si”) de todos os membros, já que seu quadro social é muito pequeno, constituído, em média, de menos de



Paulo Monteiro (E), Gilberto Cunha e Osvandré Lech

quarenta pessoas. Buscar estabilidade, administrando as necessárias questões de ego, e estimular a produção dentro das diferentes capacidades são, sem dúvida, o reflexo do talento da diretoria. E também buscar projetos que vão em sintonia com o que a comunidade deseja se envolver. Podemos citar o Concurso Literário que a APL promove, estimulando jovens a escrever sobre autores conhecidos. É um dos mais notáveis. A Semana de Letras da Academia foi, em minha opinião, um dos mais exitosos movimentos culturais recentes, e a nossa incrível capacidade de produzir textos, em forma de colunas nos periódicos locais e também em livros, é um fator importante de educação e de formação de opinião.

#### **APL - O que falta fazer?**

**OL** – Um ano de muito trabalho: melhorar as condições de funcionamento da Academia, tanto físicas quanto de funcionalidade, é um desejo, é um objetivo; buscar um projeto literário, dar vazão aos Cafés Filosóficos, etc. Também continuarmos a publicação da Revista Água da Fonte, que é uma excelente forma de interação e de divulgação de nosso trabalho, dando visibilidade à

nossa instituição na comunidade. Hoje a APL é uma instituição entre centenas que trabalham na nossa cidade, em um cenário bem diferente daquele quando ela era a única, nos anos 1930, 1940 e 1950. Temos que buscar espaços, divulgar nossas ações, conversar com a imprensa. Talvez o Projeto do Suplemento Cultural seja algo marcante e, claro, divulgar o livro dos atuais membros da Academia, que mostra bem o nosso momento atual. Criando-se condições, as ações acontecem. Por exemplo, o acadêmico Agostinho Both parece-me uma pessoa determinada a resgatar a importância do autor local, seja em instituições, seja em colégios. A sua determinação é muito positiva. A parceria com o Projeto Passo Fundo, colocando na Internet bastante material, é muito positiva. Também o programa Literatura Local, na TV Câmara, é muito positivo. Essas são maneiras com as quais nós, quase que anonimamente, influenciamos na formação de uma coletividade. Mais do que a ação de líderes, fica mais claro assim que há a ideia da instituição ser a geradora de oportunidades. Então, se chegarmos ao final do ano com uma relação de ações mais extensa que a do ano passado, estarei muito satisfeito.

Isso, é claro, vai depender sempre de trabalho de equipe, de um convívio amistoso, através de reuniões; de uma busca de pessoas que, de certa forma, estão um pouquinho afastadas. E, claro, quando se fala em cultura, se fala também em publicação e lançamento de livros. Portanto, o máximo de apoio ao autor não só membro da Academia, mas ao escritor local.

#### **APL - Algum sonho?**

**OL** - Eu me vejo trabalhando até o período em que consiga fazer mais acertos do que erros em medicina. O melhor médico não passa de 80% de resolução. Eu tenho a convicção de ter 70% de bons e excelentes resultados. Depois dos 75 anos há uma diminuição da capacidade de raciocinar bem. Quando eu perceber que se inverteu essa capacidade, saberei que é a hora de parar. E espero que seja bem para frente. Não tenho planos de aposentadoria. Este ano estão planejadas viagens que farei para palestrar. Irei ao Japão, Canadá e França. Agradei convites da Índia e Turquia. Como médico, quero trabalhar enquanto eu souber que estou acertando mais do que errando. E isto não tem data. O Dr. Sérgio Lângaro trabalha até hoje, com 86 anos de

idade, mas ele sabe muito bem onde ele acerta. Ele já não opera mais. Atende os pacientes. Dá consultas. Soube dosar a diminuição do trabalho. Tenho um objetivo: voltar e ter mais tempo para o atendimento de pacientes, mais do que tive recentemente com minhas atividades institucionais. Sei que elas precisam passar durante um tempo. Então meu desejo é voltar a ter mais tempo de contato. Desejo continuar treinando as novas gerações. Essa vocação para cultura inclui o ensino. Desejo continuar ajudando a Academia Passo-Fundense de Letras e as futuras gerações que se seguirão, como um soldado. O fato de ter sido presidente não significa que não posso voltar a trabalhar com o mesmo entusiasmo que no primeiro dia.

**APL - Quando você se ausenta para palestras, seminários, congressos, quem lhe substitui no atendimento dos pacientes?**

**OL** - Por mais de 20 anos, trabalhei na frente de atendimento de urgências, fazendo plantões. Por quase 25 anos, fui linha de frente. Trabalhei quase todos os Natais de minha vida. Transformei isso em um presente. Foram muitas noites de 24 de dezembro que passei trabalhando. Para que se tenha uma ideia: na manhã do Natal de 2012, fiz uma cirurgia de três horas. Nesse dia fui operar uma pessoa que precisava de atendimento especializado. Deixei de fazer plantão e atendo pacientes eletivos. São cirurgias com o risco de vida mínimo ou inexistente, em que todos os pacientes ficam sob os cuidados de uma equipe, quando existe a necessidade de eu me ausentar. Existe o apoio de uma equipe de pessoas capaz de atender qualquer intercorrência. É fruto de um trabalho de equipe desde 1979. E esse é o motivo do nosso sucesso profissional. Meu índice de retorno de pacientes é praticamente zero, restringe-se à troca de medicações à qual o paciente não se adaptou. Trabalho em Porto Alegre há 25 anos, em dois hospitais: Mãe de Deus e Moinhos de Vento, também em equipe. Só voltei para atendimento uma vez a Porto Alegre. Para atendimento, na véspera de meus 40 anos.

**APL – E a cultura no País?**

**OL** - Embora o País esteja bem na área cultural, vai mal no ensino. E estamos perdendo a corrida mundial devido a um sistema de ensino ainda arcaico, não obstante as muitas revoluções da



Graciela (E), Osvandré, Marilise e Leonardo

educação. O nosso aluno de 15 a 16 anos sabe muito menos hoje do que seu colega russo, holandês e, principalmente, coreano e chinês. E o que é pior: a péssima situação dos nossos professores. Essa comparação é ridícula. Isso sem falarmos em investimento financeiro e em estrutura. Em nível universitário, entre os alunos que procuram residência no IOT há tanto alunos “classe A” quanto aqueles de classificação mais baixa. E eu percebo que tem mais a ver com o QI do indivíduo e menos com a escola de origem. Em outras palavras: um indivíduo com bom QI será um bom aluno em diferentes instituições. A instituição não exige tanto de cada aluno. Existe uma quantidade enorme que poderia ser mais exigida. Os nossos professores são mal pagos e mal preparados. Isso se tornou um círculo vicioso. O grande choque cultural foi quando cheguei na América: o que tive que estudar a mais para me equilibrar, porque sabia muito menos que os americanos, pois saí de uma província para um grande centro. Culturalmente temos uma identidade brasileira, mas o nosso ensino está piorando. Os estudos de comparação mostram que nosso ensino está pior que em décadas anteriores. Isso é muito ruim porque, em uma economia global, quanto mais mestres e doutores bem preparados, melhor. E a relação entre a universidade, que é o centro pensador, e a indústria sequer existe, no Brasil. Em medicina, vislumbro que teremos uma velhice péssima. Teremos cuidados médicos preparados de maneira muito ruim. Vai haver lugar para uma medi-

cina de qualidade de massa. Como essa medicina não vai resolver problemas específicos, você precisará pagar por isso. Cada vez mais haverá esse binômio da medicina privada versus a medicina pública. A medicina média não é boa. A seriedade com que a sociedade inglesa trata itens como saúde e educação são bem diferentes da nossa. O SUS é o maior sistema de saúde do mundo. Mas quanto tempo demora para se conseguir o tratamento correto? No sistema de saúde brasileiro, qualquer sistema que se dedicar a trabalhar somente com o SUS falirá. A média de vida é de 55 a 75 anos e, na nossa região, a estimativa de vida é em torno de 72 anos. As filas de espera são absurdas. Aqui no Brasil, a medicação, por exemplo, não é abatida no imposto de renda. Hoje, estamos com cerca de 200 milhões habitantes. Ao redor de 50 a 60 milhões têm plano de saúde, e os outros 140 milhões dependem do SUS. O sistema é bom, é benéfico. O SUS como está funciona no seu melhor possível. E eu, no que toca à saúde, acredito na intenção melhor do Governo.

**APL – E a família, que sempre está ao seu lado?**

**OL** - A família vive um momento esplêndido. Marilise iniciando o Doutorado em Educação na PUC de Porto Alegre, o Leonardo iniciando Medicina, e a Graciela dedicando-se à Comunicação Social. É uma família que vive em harmonia, focada no trabalho e, como qualquer outra, buscando sua própria identidade.

## Pássaro e voo

Um louco pintando a lua canta  
dependurado nos bigodes de uma nuvem  
enquanto a esperança  
de roupa lavada  
anseia no vestido da menina travessa  
o pulo nos muros em busca de borboletas azuis.

Escancarada a prisão  
o grito de liberdade canção será  
avião de asa livre  
fera rosnando na mata a vida.

E bússola dos caminhos encontrará leme extraviado  
âncora escondida no fundo do poço do mar  
e o naufrago, ilha de vida perdida  
retoma vontades e de novo alçado o atrevimento  
exala o perfume de Deus  
já que para pássaro livre  
nenhum ar será prisão.

E sempre será tempo certo a hora que o pássaro chegar  
para postar a solidão no vácuo e fazer eco o seu canto  
porque a vida pede mais que chão e céu  
e os precipícios também serão alavancas.

O segredo é colorir arco-íris nas paredes da negritude infinda  
e escavando horizontes redesenhar os sonhos  
com olhar de pássaro  
perceber no céu plúmbeo as penas esvoaçantes.

Então o espaço abrir-se-á em leque para acolher  
a ave errante  
que chega da busca enfim saciada.

## O Tempo e o Vento

Não são os VENTOS que trazem notícias  
são as notícias que provocam o ar.  
Grávidas, vão parindo  
em fios de lança os romances da história  
e no decorrer do TEMPO, além das dobras do horizonte  
saltitam feito línguas de fogo  
esbraseando a vida em detalhes de esperança.  
Geração vai, geração vem e o TEMPO  
tecido nos VENTOS dos trapézios  
traduz-se menino/ancião  
brincando com bola de meia  
de neve cabelos tingindo

sulcando a vida na pele  
em mapas desalinhados  
Cambarás de adaga na mão.  
Na dança cíclica, TEMPO e VENTO  
em duelos mirabolantes de campos, porões ou sobrados  
marcam fiapos em arames farpados.  
Oxalá só o VENTO sibilasse  
e o TEMPO petrificado, estátua de bronze tombasse.  
Mas é no rasgar dos VENTOS  
que as naus envergam os mares  
e no tempestuoso embalo das ondas  
o TEMPO não passa em vão.

(Nurimar Bianchi Mello, escritora, é membro da Academia Soledadense de Letras.)

# Michael Bakunin

ALBERTO A. REBONATTO

Michael Bakunin nasceu em 30 de maio de 1814, em Prjamichino, na Rússia. Foi um respeitável líder no processo de organização dos trabalhadores e dos camponeses, comparado ao próprio Karl Max, com a diferença de que este era comunista e Bakunin, anarquista. Karl Max defendia um estado socialista, comandado por trabalhadores, visando a criação de uma sociedade sem classes sociais e com a ausência total da iniciativa privada em qualquer meio de produção e, Bakunin, preconizava uma sociedade sem classes e sem Estado, baseada na liberdade dos indivíduos com responsabilidade, na solidariedade, na autodisciplina e na substituição da propriedade individual pela propriedade coletiva. Embora ambos defendessem a teoria socialista, sustentaram por anos uma verdadeira guerra ideológica em torno do assunto. Karl Max chegou a considerar Bakunin “persona non grata” na Associação Internacional de Trabalhadores. No final, a vitória sorriu para o marxismo com a implantação do comunismo na Rússia e em vários outros países do leste europeu. A cisão histórica e definitiva entre o comunismo e o anarquismo aconteceu em 1872.

Michael, de família aristocrática, nobre e rica, quando jovem, como era praxe entre as elites russas, entrou para o exército e chegou a atingir o oficialato. Aveso a qualquer tipo de disciplina impositiva, não suportou o regulamento militar e, em pouco tempo, trocou a farda pelos livros. Dedicou-se com afinco ao estudo dos ensinamentos dos filósofos alemães Kant e Fichte, além de debater, com vasto conhecimento e raro brilhantismo, os textos de Hegel. Tornou-se figura proeminente nos meios acadêmicos de Moscou e São Petersburgo.

Ainda ao tempo de estudante, dedicou-se à tradução de livros e artigos avulsos de filósofos alemães, iniciando, assim, sua carreira de escritor. Em sua cruzada revolucionária, passou a conviver com Alexander Herzen e Nicholas



Ogarev, dois combativos agitadores políticos russos da época, que o influenciaram e lhe indicaram um novo rumo para a sua vida. Segundo ele confessaria mais tarde, “foram eles que abriram meus olhos para o mundo da pobreza e da desigualdade na Rússia do Czar.”

Com 26 anos, abandonou a Rússia e foi para Berlim, onde se integrou aos hegelianos de esquerda. Em 1842, escreveu o texto “Reação na Alemanha”, um libelo contra o governo do Czar, o que lhe fechou as portas da Rússia. Aí começou sua vida de nômade revolucionário. Participou de movimentos liderados por grupos de intelectuais de esquerda na

Alemanha (Berlim, Dresden e Leipzig) e na França (Paris e Lyon), agindo, também, na Suécia, Japão, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia, Itália e outros países.

Foi expulso da França e refugiou-se na Alemanha, onde acabou preso e condenado à morte, mas teve a pena comutada para prisão perpétua. Algum tempo depois foi deportado para a Rússia, onde o Czar confiscou todos os seus bens e o confinou na Sibéria, num campo de serviços forçados. Fugiu e, após idas e vindas por vários países, refugiou-se na Itália, onde dividia a maior parte do tempo entre Nápoles e Florença. Foi na Itália que assumiu definitivamente sua

ideologia anarquista, fundando clubes secretos e escrevendo panfletos como “Palavras para a Juventude – princípios da Revolução” e “Catecismo do Revolucionário”. Foi, ainda, na Itália que lançou raízes anárquicas profundas e conseguiu vários seguidores de expressão, como Malatesta e Cafiero. Naquele país, também, fez sua última investida revolucionária: a tentativa de revolta de Bolonha, malograda, a exemplo das anteriores. Seus últimos anos foram vividos na Suíça, onde faleceu em 1º de julho de 1876.

Além das obras já citadas, deixou “Deus e o Estado”(1871), “O Status de um Estado e a Anarquia”(1873) e os “Escritos contra Max”.

Bakunin era dotado de uma inteligência acima da média e de uma visão humanística admirável, especialmente considerando-se a época em que viveu. Abstraída a parte utópica da organização política prevista por ele para a sociedade, encontramos, no “Catecismo do Revolucionário”, escrito em 1865, em Nápoles, e publicado em março de 1866, princípios humanísticos realmente admiráveis. Ensinou, por exemplo, que a “mulher, diferente do homem, mas não inferior a ele, inteligente, trabalhadora e livre como ele, deve ser declarada, em todos os direitos políticos e sociais, semelhante a ele.” Para termos uma noção do grande significado do ensinamento de Bakunin, basta dizer que um

dos exercícios da cidadania para o sexo feminino - o direito ao voto - só foi implantado no Brasil em 1932, nos Estados Unidos, em 1920 e na França, em 1944, para citar alguns dos países do mundo, considerados democráticos. Ainda nos dias atuais – falamos apenas dos países ocidentais – a mulher não conseguiu a igualdade preconizada por Bakunin, tanto no campo social, como no econômico. Ainda convivemos com diferenciação salarial entre homens e mulheres que executam as mesmas tarefas e cultivamos alguns preconceitos em relação ao exercício de algumas atividades pelas mulheres. Ensinava, também, que “do momento em que uma mulher engravida até o momento em que dá à luz, ela tem o direito a uma subvenção por parte da sociedade”. Olhando apenas para o nosso Brasil, só recentemente conferimos à mulher grávida dispensa remunerada do trabalho, “auxílio natalidade” e licença remunerada pós-parto.

No campo social esposava princípios que nos fazem pensar. Dizia, por exemplo, que “sem igualdade política não há liberdade política real, mas a igualdade política só se tornará possível quando houver igualdade econômica e social”. A igualdade “não implica o nivelamento das diferenças individuais, nem a identidade intelectual, moral e física dos indivíduos”. Em outras palavras, existem diferenças individuais que precisam e devem ser respeitadas.

Sua visão de organização política nacional e internacional apresenta modelos que merecem a atenção da sociedade moderna, mesmo em se tratando de normas editadas há mais de um século. Por exemplo, ele ensina que a “base de toda a organização política de um país deve ser a comuna, absolutamente autônoma, representada sempre pela maioria dos votos de todos os habitantes, homens e mulheres maiores, em igualdade de condições.” Para integrar-se livremente a uma província, a comuna deve adaptar-se às leis e à organização dessa mesma entidade, para formar uma verdadeira comunidade regional. O importante é que tudo comece de baixo. A pedra fundamental é a comuna, por ela deve passar e para ela devem reverter todos os benefícios da sociedade organizada seja no campo econômico, seja no campo social, porque a “província não deve ser nada mais do que uma federação das comunas e a nação apenas uma federação de províncias.”

Foi com ensinamentos dessa natureza que Bakunin conseguiu manter-se vivo até os nossos dias, como uma fonte de sugestões que podem contribuir para uma visão mais harmônica da sociedade atual, tanto no aspecto da convivência entre cidadãos, como no respeito que deve existir entre os países.

(Alberto A. Rebonatto é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

GETULIO VARGAS ZAUZA

# Onde...

Aqui neste recanto é que eu canto  
palavra e mais palavra sem melodia,  
depois de ter expervivido um espanto,  
somente com ritmo e harmonia.

A ideia flui com toda naturalidade  
como cascata do alto para o abismo  
e se perde na insondável profundidade  
e sem saber o seu destino eu cismo.

Assim é o nosso ignorado destino,  
ninguém pode saber nem dia nem hora,  
nem se teremos companhia ou arrimo.

Em verdade o homem é um ser solitário  
e talvez esteja só no momento de ir embora,  
depois de como Cristo viver seu calvário.

(Getulio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Abraço do silêncio

## Dores

Dores não se comparam:  
se encobre,  
se engole,  
se enrola,  
se chora,  
se atura,  
se cura,  
nunca se transfere!!!

O corpo suado,  
a alma lavada.  
Respiração ofegante,  
coração aos pulos.  
Volta a essência,  
mente calma.

Nada a dizer...

O pranto convulso,  
a dor penetrante.  
Raiva, revolta,  
grito preso.  
Convulsão de ânsias,  
perturbação, cansaço.

Nada a dizer...

A tristeza é infinda,  
buraco negro.  
Solidão, vazio,  
lamento.  
Desesperança, fragilidade,  
desânimo.

Nada a dizer...

O abraço é o amparo,  
é o sorriso,  
é a força.  
O abraço é o conforto,  
é o calor,  
é o amor.  
O abraço é a esperança,  
é a confiança,  
é a fé!

# “Eu”... Passarinho

Se “eu” não fosse “eu”  
e noutro reino vivesse  
gostaria de ser um passarinho.

Com plumagem leve  
voar sem limites  
tendo o céu por moldura,  
o chão como apoio  
e o ninho...  
ah! o ninho para repouso.

Construir casas  
em árvores frondosas  
resistentes ao vento,  
de folhas perenes, fechadas,  
resguardada da chuva  
ou da insolação.

Acasalar  
e acolher muitos ovos.  
Povoar de cantos, gorjeios ou pios  
matos, pátios, casas e jardins.

Dar vida  
a um bando forte,  
sincronizado,  
solidário,  
desbravador  
e... terno!

## Convite

Vamos brincar de casinha  
com fogão feito de barro  
panelas são de latinhas  
arroz é folha de angico  
sementes de cinamomo  
são batatas ou grão-de-bico?

Na árvore tem um balanço,  
de corda grossa e amarrada.  
O terreiro é limitado,  
mas o vizinho é amigo,  
dá prá “pedir emprestado”.  
As bonecas são de pano  
e o cavalo de pau, “domado”.

Um pouco mais retirada  
a mangueira de pauzinhos  
o gado feito de osso  
seco no sol, bem limpinho  
se chega lá pra tratar  
e pegar leite morninho.  
Descansando numa sombra  
o pé de lata e a pandorga  
um pão, um bilboquê  
bola de gude e de meia  
perna de pau, bambolê  
nos galhos da amoreira.

As flores servem de adorno  
as pedras abrem caminhos  
a água jorra abundante  
e o canto dos passarinhos  
é a música envolvente  
que alegra a mim e aos vizinhos.

Veja só, queres brincar?  
É pra trazer quase nada  
só vontade de sonhar...  
Tenho um pouco por cá  
e o pátio da vovó  
outro tanto vai nos dar...

# Casamento

JÚLIO CÉSAR PEREZ

**D**e repente a constatação: elas me deixaram! Ocorreu-me a partir da quarta hora de ausência delas. Jamais elas demoram assim. Tinham dito que iam ao mercado. E o mercado é aqui perto. Em duas horas, no máximo, já deviam estar de volta.

Fui até lá para me certificar: nem sinal delas.

Não que isso me desespere. É claro que ser deixado não é de maneira nenhuma uma sensação agradável. Mas nesse primeiro momento o que sinto é a liberdade, a imensa liberdade de estar só. Antes, aquela eterna confusão aqui em casa, as crianças se engalfinhando, a Cida gritando com elas e eu apenas querendo escutar o noticiário, ler um pouco ou escutar meus cds. Agora tudo isso me é franqueado com uma naturalidade assustadora. De tão empolgado sequer sei o que fazer antes. Primeiro quando elas me disseram que iam ao mercado e não fizeram questão que as acompanhasse, até estranhei, mas depois senti a euforia da libertação, nem que fosse apenas por algumas horas. Mas agora que já faz todas essas horas que saíram, começo a me dar conta que meus dias de pai de família, homem casado, compromissado e devidamente bem amarrado talvez tenham chegado ao fim. Me assusta um pouco esta perspectiva. Por outro lado, aquela sensação de pavor inicial amaina e dá lugar a uma sensação nova. A sensação de liberdade, ter o mundo aos seus pés, todas as possibilidades em gestação, como uma grande bolha, viva e quente, pulsando como um grande coração. Furá-la com a ponta do dedo e a penetrar começa a me instigar como uma aventura fascinante. Começo a pensar em tudo: pra quem ligar, pra onde sair, o que usar, rever meus hábitos e conceitos. Por outro lado, também é preciso não ter pressa. Afinal de contas, agora o tempo está do meu lado - time is on my side, como já dizia aquela velha balada dos Stones.

Não é à toa que penso dessa maneira.

Há muito tempo nosso casamento já não era o mesmo. Brigávamos por nada, e não tínhamos mais o que conversar. Frequentemente ela me ameaçava, dizendo que iria embora com as crianças. Eu não levava a sério, mas um dia ela foi mesmo, sem me avisar. Ficou uma semana na casa dos pais, no interior. Fiquei preocupado que não voltasse mais. Fui até lá. A gente acabou se entendendo e voltamos, sobretudo por causa das crianças que não se acostumavam com minha ausência. Mas agora acho que é pra valer. Eu também procuro minha felicidade. De repente ser livre de novo se tornou vital para mim. Não conseguia fazer o que gosto, não conseguia manter uma amizade. A vida familiar se tornou sufocante para mim. A decisão dela representa a escolha que eu não tive a coragem de fazer. Será melhor para todos nós.

Agora preciso ver o que farei primeiro.

- Marcelo, é o Ivo. Tem compromisso hoje de noite?

- Ivo? Que milagre! Achei que tinha perdido um amigo.

- Pois é, sabe como é que é... Essa vidinha de pai de família...

- Tá sozinho?

- Como que você adivinhou?

- Ora, para você me ligar... Só se ela te deu uma folga.

- Na mosca! Acho que ela me deixou de novo. Só que agora eu não vou mais atrás.

- Bem que faz! Você tem que viver mais, cara. Esses anos todos você tem se dedicado demais a essa família. Se dá um tempo.

- É isso aí! E então? Tem compromisso?

- Pois é, cara... Se tu tivesse ligado antes. Agora já tá tudo armado com a Norma. Nós vamos dar uma saída, mas se tu quiser ir junto... tá tranquilo!

- Não, não... Que é isso companheiro? Eu ficar segurando a vela pra vocês? Só o que me faltava! Não tem problema, não! Eu me arranjo.

- Quem sabe a gente não sai amanhã? Eu consigo um habeas corpus com a

Norma.

- Iih, já tá assim, é?! Olha, abre o olho, hein! Quando menos espera tu também tá enrolado. Que nem eu.

- Tu acha?

- Tô te falando. Começa assim. Tu tendo que impetrar um habeas quando solteiro... Depois de casado nem com ordem judicial tu consegue sair de novo.

- É... bicho. Pior que é isso mesmo... As mulheres são todas iguais. Disputam exclusividade até com os amigos da gente.

- Ééé... vamos deixar assim. Amanhã, se for o caso, eu te ligo ou tu me liga. Tá combinado?

- Sem erro. Ah, vê se sai, hein? Não vai ficar aí amarrando o bode só porque está sem companhia. Não se preocupa comigo. Vai lá e curte a tua noite. Até!

É isso aí. A gente assume uma vida de casado. Muda de hábitos, perde o contato com os amigos e depois quando quer voltar, é difícil se entrosar de novo.

Talvez ficar em casa, curtir um filminho na TV também não seja uma má ideia, afinal de contas agora eu não tenho que dar satisfação da minha vida a ninguém. Se quiser, inclusive, levar uma vida de ermitão, quem se oporá a isso? Estou cansado de tentar parecer normal. Se trabalho, ganho meu sustento honestamente, pago minhas contas, não devo nada a ninguém. Agora, se eu quiser andar de cuecas dentro de casa, plantar bananeira no meio da sala, quem me dirá que não, que isso é feio, não é normal? É essa parte da liberdade que me agrada. Na vida, a gente tem que seguir tantas regras. Em casa quero ser eu mesmo, me libertar de todas as amarras, viver intensamente todas as possibilidades. Casar, de repente, representou para mim trazer para dentro de casa as normas sociais. É claro que isso me ajudou a vibrar no mesmo nível do meu meio, mas a partir de determinado ponto isso também deixou de ser importante. Afinal de contas, perdi o medo de mim mesmo. Me sinto

mais seguro de ser eu, sem o receio de que disso resulte um bicho, um monstro ou um assassino. Exorcizei meu demônios. Agora quero viver.

É, o melhor é sair mesmo! Tem razão o Marcelo em me dizer isso. Ficar em casa nesse momento seria dar chance ao azar, quer dizer, começar a pensar na família, no vazio deixado por elas. Só saindo, encontrando gente nova para justificar essa ânsia por uma vida nova. Ficar em casa seria representar o papel do passarinho preso depois da porta da gaiola ter sido aberta.

- Mello? É o Ivo. Vai sair hoje à noite?

- Ivo! É você, cara?! Quanto tempo!

- Pois é. Sabe como é que é... Me diz: qual é o programa hoje?

- Cara, nem me fala. Hoje eu quero é ficar em casa. Depois de ontem... a maior zorra. Hoje, cama cedo.

- Poxa, que bola fora!

- Mas me diz: e a patroa?

- Não sei! Saiu. Acho que foi pra casa dos pais de novo. Levou as crianças.

- De novo, cara?! E agora? Que tu vai fazer? Não vai me dizer que vai atrás dela de novo? Chega, né, bicho! O casamento de vocês, faz tempo que vem nesse chove não molha. Me desculpe a franqueza, mas acho que tu também tem que assumir uma posição.

- Pois é cara... tu sabe... as crianças...

- Mas, bicho, pensa bem. As crianças crescem. Elas acabam entendendo. Mas vocês têm que se dar uma segunda chance.

- Não, quanto a isso tá tranquilo. Só que eu preciso me encontrar de novo, né cara! Por isso tô ligando. Mas já vi que eu estou completamente fora de forma. O Marcelo também já falou que tá em outra hoje.

- Olha, cara, eu teria o maior prazer em te acompanhar hoje nesse reingresso na velha vida, mas é que realmente hoje eu tô pregado. Ontem foi demais e hoje eu quero repor as energias. Mas, oh, se tu quiser passar por aqui pra levar um lero não tem galho. Eu só não quero é sair. Não vou dormir assim tão cedo. Ok?

- Olha, cara, vamos deixar assim. Quem sabe amanhã a gente se fala. Eu também não estou com esse tesão todo para sair. Era só para recomendar de novo, aos poucos, sabe como é que é: tou des-treinado.

- Que nada, cara. Logo tu entra em forma de novo. Se tu quiser vou 'tar em casa, fâlô?

De novo outro carão! Definitivamente estou sem programa. De qualquer maneira, vou sair. Dar um rolê pela city, ver se encontro alguém. Ir começando de novo, sem estresse.

Pronto! Agora é só ver o efeito que causo. Roupinha toda em cima, perfume, gel no cabelo, grana no bolso. Só resta saber onde é o point da cidade.

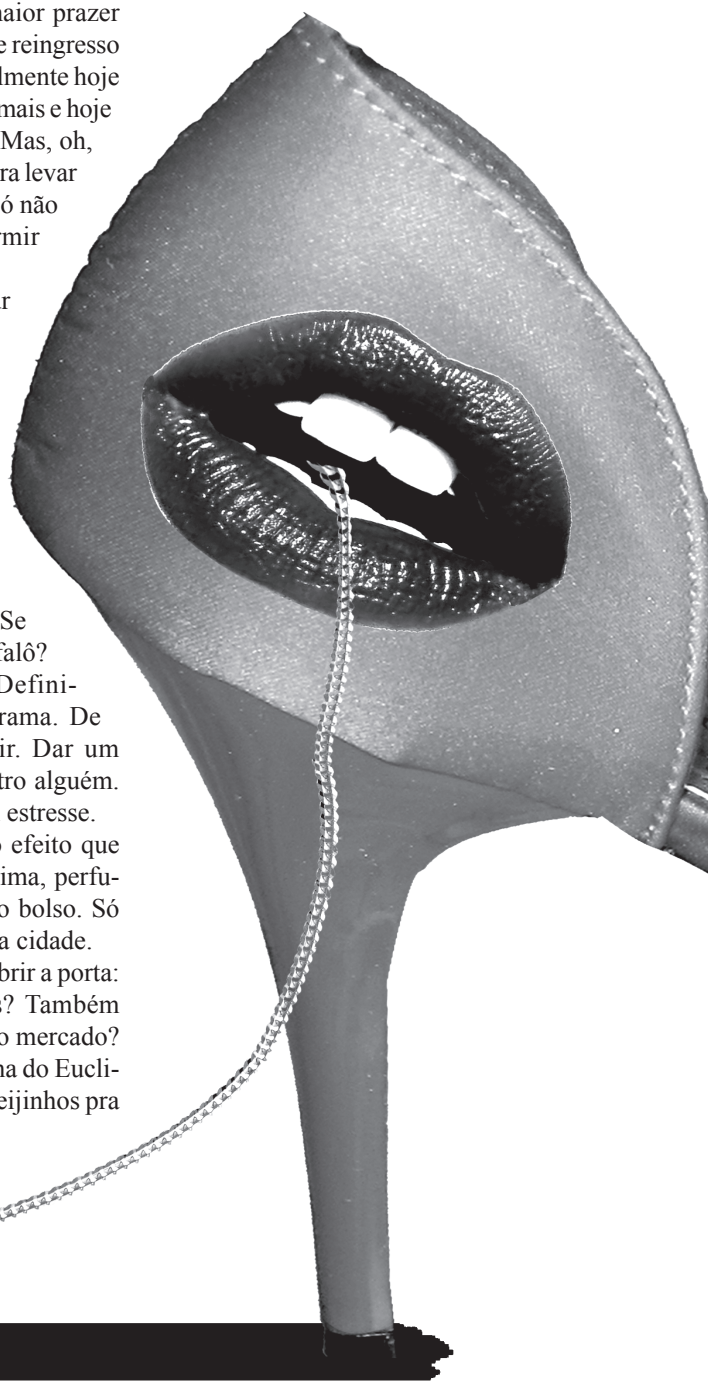
No entanto, quando vou abrir a porta:

- Oi, amor! Demoramos? Também nem sabe quem encontrei no mercado? A Vilma, lembra? A Vilminha do Euclides. Foi aquela confusão. Beijinhos pra

lá, beijinho pra cá. E ela fez questão que eu fosse até a casa dela. Cheguei até a esquecer da hora e de te avisar. Ué! Tu vai sair?

- Nãooo! Imagina!

(Júlio Perez, auditor público e escritor, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)





# O lugar de Deus na criação

## (UMA VISÃO PESSOAL)

**CARLOS ANTONIO MADALOSSO**

Criado em família católica e estudando em Escolas Concessionais nunca tive dúvida sobre minha espiritualidade até aos 16 anos. Transferindo-me para a Capital do Estado passei a morar em pensão de Júlio Busato, na rua Independência, onde havia muitos hóspedes, sendo a maioria provinda de nossa região e adultos que trabalhavam e estudavam na Capital. Com a convivência dos mesmos fui estimulado a ler Marx, Engels e outros tradicionais ateus. Comecei a ter dúvida sobre a religião.

No Colégio Rosário, transferido que fui, do Conceição onde tive firme educação em matemática e inglês, sentia-me despreparado em química e em biologia. Notando minha insegurança na matéria de química o professor um marista sexagenário espanhol, Irmão Leon, ofereceu a mim e a outros colegas vindos do interior para, sem custos adicionais, nos dar aulas de reforço à tarde, o que me foi muito útil. O Irmão Leon viu-me um jovem interiorano muito ansioso e conversou comigo sobre o assunto. Disse-lhe que minha insatisfação estava relacionada com mudança de minhas atividades, pois além de estar pela primeira vez, longe da família, tinha parado de praticar esportes e frequentar as missas semanais. Respondeu-

-me que não havendo solução para a distância da família eu poderia corrigir as duas outras e sugeriu-me participar da comunidade da Igreja São José no centro. Voltei ao basquete e ao futebol e passei a frequentar as missas dos padres jesuítas, que eram acompanhadas por uma comunidade muito fervorosa o que muito me auxiliou. Voltei a encontrar-me comigo mesmo até a Faculdade de Medicina onde novamente encontrei muitos professores que, agindo como Marx, desdenhavam a religião. Continuei frequentando a igreja mas com certas dúvidas a respeito da Criação pois Darwin estava em alta o que era usado por muitos como contestação de Deus.

Transferindo-me para Passo Fundo e já casado tive a sorte de receber de minha esposa Celina, que era estudante de Filosofia, um livro do padre jesuíta Pierre Teilhard de Chardin que me deu uma resposta para as minhas dúvidas.

Li C.S. Lewis um biólogo anglicano, Francis Collins, descobridor do genoma humano, e Paulo II que juntos fortificam minhas convicções.

A seguir pretendo explicar meu pensamento sobre a presença de Deus na Evolução. Estou certo que muitos serão contrários, mas descrevo minha sincera convicção. Vejamos.

Inicialmente é importante definir como as pessoas pensam a respeito da criação ou da evolução. Temos duas correntes:

A primeira, os criacionistas. Eles consideram que a terra foi criada por Deus segundo à Bíblia desprezando a evolução. Pesquisas feitas nos Estados Unidos mostraram que 40% dos americanos pensam assim. Em países islâmicos esta cifra chega a 90%. Para alguns religiosos a terra teria 4500 anos, época em que viveram os sumérios no atual Iraque, terra do patriarca Abraão.

Outro grupo de criacionistas são os auto denominados “Criacionistas da Terra Jovem, que admitem que a idade da terra é de 10000 anos.

Um terceiro grupo, chamado de ID (Intelligent Design), é o que se questiona como a evolução poderia, sem o auxílio direto de Deus criar seres tão perfeitos como o olho humano. Para eles Deus moldou os seres humanos e animais minimizando, portanto, a importância da evolução.

Diferente dos criacionistas, os evolucionistas baseiam-se na ciência, na cosmologia, na antropologia e, principalmente, na teoria de Darwin. Entre estes existem os ateus, como Richard Dawkins, que são completamente contrário à existência de Deus, e outro grupo de criacionistas acreditam na evolução com um lugar para Deus. Estes são chamados evolucionistas teístas (TE). Para estes Deus criou o mundo, permite a evolução, mas em momentos especiais intervém no mesmo. Neste grupo encontramos Teilhard de Chardin, L.S. Lewis

e Francis S. Collins entre outros. Eu me incluo neste grupo. Unimos a evolução e a ciência com Deus. Francis Collins defende o uso de um termo “bio logos” para identificar este pensamento.

A ciência comprova que o universo iniciou há cerca de 13,8 bilhões de anos, quando houve uma grande explosão a partir de um ponto de energia concentrada conhecida como o Big Bang. Recentemente no Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire (CERN) foi anunciada a descoberta do boson de Higgs, que seria a partícula a partir da qual o mundo iniciaria. Para os evolucionistas estaria explicado o início do mundo a partir de Stephen Hawking afirmar que já não precisamos mais de Deus para explicar o mundo. Chamaram o bóson de Higgs de “partícula de Deus”. Cabe a pergunta: Quem criou o Boson de Higgs? Encontro a resposta no evangelho de São João I,1 “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Todas as coisas eram feitas por Ele e nada do que foi feito foi feito sem Ele.”.

Com essa explosão foram produzidas partículas de matéria e anti matéria que se anulavam. Por motivo desconhecido pela ciência para cada bilhão de pares apareceu uma matéria a mais do que a anti matéria o que permitiu a formação da matéria e a criação dos astros e do universo. Que fator gerou esse excesso de matéria? Não se sabe. Para mim fica claro novamente a mão de Deus.

Há cerca de 4,5 bilhões de anos surgiu a terra. De início era inóspita com altas temperaturas sem condições de vida. A medida que a temperatura foi baixando, os átomos foram se agregando criando novos elementos a ponto que há cerca de 4 bilhões de anos num ambiente que lembrava uma lama surgiu a primeira condição da vida. De início os aminoácidos, logo o RNA e a seguir o DNA com sua capacidade de se automultiplicar. Estava criado o primeiro ser vivo do mundo, bactérias do grupo archa, unicelulares e a seguir os multicelulares e progressivamente os animais cada vez mais complexos até chegarem a 200 milhões de anos aos dinossauros que dominaram a terra até cerca de 65 milhões de anos. Nesta ocasião caiu um grande meteoro em Yucatan, México, determinando alteração na terra exterminando os dinossauros. Com a extinção desses animais os pequenos mamíferos tiveram a oportunidade de se desenvolver em formas cada vez mais complexas até

chegar aos primatas. Estudos mostram que os ancestrais dos chimpanzés, também os dos hominídeos surgiram há 14 milhões de anos.

Progressivamente foram mudando sua estrutura corporal, quando há cerca de 3 milhões de anos, na África, em uma mutação genética foi alterada a forma da bacia de seus corpos o que lhe permitiram andar somente com duas pernas. A partir de então, com a vantagem de ter as mãos livres esta espécie prosperou. Era o “Homo erectus”. O volume de seus cérebros era de 500 ml.

Há cerca de 2 milhões de anos, outra mutação ocorreu, desenvolvendo uma musculatura forte na região tenar, permitindo a oposição do polegar aos demais dedos. Esta mutação deu ao nosso ancestral a condição de fabricar alguns objetos, sendo por isto chamado de “Homo habilis”. Volume cerebral de 750ml.

Após milhares de anos houve uma mutação no gene MYH16, que regula a proteína dos músculos maxilares. Com isto reduziu-se a força de tração dos maxilares liberando o crânio e o cérebro e permitindo seu crescimento, atingindo o volume de 1200ml. Seria chamado de “Homo sapiens arcaico”. Esses migraram para fora da África e constituíram grupos encontrados em alguns lugares da Ásia e da Europa. Como exemplo desses tivemos o “Homem de Neanderthal”.

Centenas de milhares de anos após, talvez há cerca de 150 mil anos, uma nova mutação alterou a laringe dos hominídeos. Foi uma mudança no gene FoxP2, permitindo esses seres a articular palavras, ou seja, falarem. Com o crescimento do cérebro para cerca de 1500 ml. Estava constituído o “Homo sapiens” moderno.

Ao ver este ser com características especiais, Deus deu-lhe a alma, inexistente nos demais animais. “E criou Deus o homem à sua imagem” Gênesis, I, 27. A partir desse momento esse primata começou a ser chamado de homem. Cresceu e multiplicou-se.

Não devemos encarar a Bíblia literalmente, uma vez que deveria haver, na ocasião, mais do que um homem, Adão, e uma mulher, Eva. Na minha interpretação Eva cruzou com outros machos, e, talvez, esta seja a alusão do pecado original. Cientificamente sabe-se hoje, através do DNA mitocondrial feminino, que todos os homens existentes no mundo provêm de uma mãe única, mas

não tem como se provar que venham de um só pai.

O que seria a alma das pessoas? Em primeiro lugar é a crença de Deus, algo transcendental. Todas as civilizações apresentam em comum este sentimento, não importando o nome que deem a Deus.

Alma também é o princípio do transcendental que move o homem a praticar atos em favor da humanidade sem que tenha qualquer vantagem com essa ação. Madre Teresa de Calcutá, Oscar Schindler, Papa Pio XII e Ghandi são exemplos desta ação solidária beneficiando pessoas que sequer conheciam, colocando sua vida em risco. Os médicos sem fronteira são outro exemplo. Viajam a lugares ermos, passam privações de toda espécie para ajudar as pessoas afetadas de doenças infecto contagiosas, de que eles mesmo podem ser vítimas. Os gregos chamavam estas ações de desprendimento e amor de ágape.

Outra qualidade da alma humana é o livre arbítrio” que permite distinguir o certo e o errado, a consciência do “eu” e a capacidade de imaginar o futuro, qualidades inexistentes em quaisquer outras criaturas. Para C.S. Lewis a diferença mais importante é o que chama de “Lei Moral” que é o poder de distinguir o certo e o errado. Como explicar estas qualidades somente baseado na evolução e não na intervenção de algo Superior.

Para concluir gostaria de fazer três citações. A primeira do Papa João Paulo II para a pontifícia Academia de Ciência em 22 de outubro de 1996: “Se a origem do corpo humano vem de matéria viva que existiu anteriormente, a alma espiritual é criada diretamente por Deus”.

A segunda tirada de Francis Collins em seu livro A Linguagem de Deus: “O Deus da Bíblia é também o Deus do genoma. Pode ser adorado na catedral e no laboratório. Sua criação é majestosa, esplêndida, complexa e bela e não pode guerrear consigo mesma. Só nós, humanos imperfeitos, podemos iniciar batalhas assim. E só nós podemos cabar com elas.”

Por fim, lembramos a famosa frase de Einstein que teria copiado o Imperador Romano Constantino que afirmou que a “A ciência sem Deus é manca e a religião sem a ciência é cega”.

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundense de Letras e de Medicina.)



# Sobre envelhecimento, infância e cuidado

**SUELI GEHLEN FROSI**

**F**abício Carpinejar deixou-me profundamente comovida com uma crônica de domingo em ZH. Revivi os anos de convivência íntima com meus pais, pelo fato de terem morado conosco até a morte. O assunto que ele levanta é das coisas mais delicadas que conheço.

Os adultos cuidam das duas pontas vulneráveis da trajetória humana: os velhos e as crianças. Não imagino algo mais importante de se fazer.

Fizemos isso ao mesmo tempo lá em casa. Nossas crianças conviveram estreitamente com os avós, viram-nos participar da nossa grande mesa, viram o processo de envelhecimento acontecer devagar, mas de forma inexorável. Já nossos velhos alegraram-se com os nascimentos, os choros, as traquinagens,

os progressos e, garanto, tudo aconteceu como devia, exceto o sofrimento que acompanhou minha mãe durante anos.

É preciso coragem para viver de verdade, por que viver de verdade traz um monte de responsabilidades. Esta contingência não aceita desculpas e não perdoa omissões. A vida cobra cedo ou tarde e devolve tudo com generosidade. É difícil conseguir ser feliz sem cumprir o que nos cabe.

Para que consigamos dar conta de tanta coisa, contamos com a tecnologia, que fornece fraldas maravilhosas, escolas bem equipadas e dentro delas as cuidadoras e professoras fazem tudo para o conforto e o desenvolvimento das nossas crianças. Contamos também com fraldas geriátricas e instituições modelo e dentro delas cuidadores especializados em proporcionar bem estar aos idosos. As fraldas são itens importantes, no começo e no fim, no geral.

Levar nossas crianças a frequentar escolinhas é um imperativo hoje em dia, dado a ausência dos pais o dia inteiro. Levar nossos velhos a morar em lares para idosos pode parecer crueldade, mas não é. Crueldade é não dar as condições necessárias para o cuidado adequado.

As escolas não são depósitos de crianças, nem as casas para idosos são depósitos de velhos. Necessitar de socorro não pressupõe abandono nem desinteresse. Abandono é pensar que estranhos podem tomar nosso lugar.

Nós somos insubstituíveis, por que carregamos conosco todo o potencial de cuidado amoroso de que os nossos pais e filhos necessitam. Precisar de ajuda não é falta de amor. E falar sobre isso é necessário.

(Sueli Gehlen Frosi, autora dos livros *Vida e Compaixão*, é membro da Escola de Pais do Brasil e da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Escola Protásio Alves em destaque

(FOTO: ARQUIVO S. R. DAL PAZ)



## SANTINA RODRIGUES DAL PAZ

**L**embrando um pouco da história de Passo Fundo antes que ela se perca, registramos data e fotos.

Em 1º de março de 1911 por Decreto nº 1.706, foi criado o Colégio Elementar, que passou a funcionar na Avenida Brasil esquina com a Rua Marcelino Ramos (o edifício do Circulo Operário).

Em 1927, o Presidente do Estado o Governador Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, autorizou a construção do novo prédio na Avenida Brasil, parte fronteiro à Praça Ernesto Tochetto (antiga Praça da República).

Em 08 de abril de 1929 foi festivamente instalado o Colégio Elementar de Passo Fundo, com a presença dos alunos, professores e autoridades. A matrícula já era de 1.180 alunos.

Em 1939 passou a denominar-se

“Grupo Escolar Protásio Alves”.

O prédio foi cedido em 1946 para funcionar a Escola “Osvaldo Cruz” mudando-se para a Avenida Brasil n.º 908. Nasceu então a ENOC “Escola Normal Osvaldo Cruz”.

Em 1959, a escola Protásio Alves volta a seu antigo prédio. Em seguida a ENOC muda-se para a Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

Ainda no Colégio Elementar forma-se a primeira turma de normalistas.

Um pequeno grupo de professorandas prepararam-se para a foto, em frente ao Colégio e são elas:

Neusa Monte, residente em Passo Fundo, lecionou na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro;

Suzana Falkembach que atualmente reside em Porto Alegre e exerceu suas funções na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro;

Adelaide Guimarães, reside em Bra-

sília e exerceu suas funções na Universidade de Passo Fundo;

Isabela Zoehler reside em Passo Fundo, lecionou na Escola Protásio Alves;

Siloé Vargas Junqueira da Rocha, exerceu suas funções na Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, falecida no dia 22 de janeiro de 1993;

Zilka Neff Rosa reside em Passo Fundo, lecionou na Escola Estadual Joaquim Fagundes dos Reis.

Alegro-me por ter encontrado esta foto, para recordar o tempo que se foi, mas deixou marcas excelentes, pois este grupo eu conheci e sei da sua qualidade e de seu valor. A educação foi agraciada por estas pessoas competentes e queridas.

Um grande abraço,  
Santina Dal Paz

(Santina Rodrigues Dal Paz, professora aposentada, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# A escola e o seu papel na formação humana dos sujeitos



**MARILISE BROCKSTEDT LECH**

A escola, de forma consciente ou não, querendo ou não assumir essa tarefa, tem significativa influência sobre a formação humana de seus alunos. Embora seu principal papel continue sendo a construção do conhecimento, a forma como isso se dá tem sofrido profundas transformações. Mais do que ensinar, a escola precisa se preparar para educar e formar sujeitos mais humanos.

São inúmeros os autores que esclarecem este novo papel da escola e que a reconhecem como um espaço educacional que contribui sobremaneira para a formação da dimensão afetiva e da consciência humana.

Conforme propõe o biólogo chileno Maturana (2002), a educação é um processo recíproco e contínuo, onde basta os sujeitos estarem convivendo para que se transformem espontaneamente, de maneira que seus modos de viver se tornem cada vez mais congruentes. Nesse sentido, o educar ocorre todo o

tempo e de maneira recíproca.

De acordo com Mosquera (1980), devemos entender que a educação é uma necessidade social que contribui ao destino das sociedades em todas as fases do desenvolvimento que compõem a história do homem e acontece em todos os espaços de convívio social entre as pessoas. Assim, a escola pode ser um verdadeiro templo onde a educação acontece de modo formal e também informal. Como tal, também deve ser um espaço de aprimoramento dos relacionamentos, de aceitação das diferenças, dos erros, das contradições, enfim, um espaço onde se busca a colaboração mútua.

A educação enquanto processo envolve mudanças, indeterminação. Sendo um processo, ela não tem um caminho determinado, fácil, contínuo e retilíneo. Nesse sentido, Vieira e Baggio (2010) afirmam que “a educação se faz quase sempre de modo *sui generis*”. Os mesmos autores destacam ainda que:

Para os físicos quânticos “Deus joga dados”, e pela natureza da educação o professor também joga, queira ou não,

saiba ou não, tenha consciência ou não. Seus dados são conteúdos, são relações que envolvem a complexidade do *homo sapiens/demens*. Seu problema é, talvez, mais complexo, pois seus dados, (aluno, conhecimento, escola, relações) são mutantes incontroláveis e imprevisíveis (p.17).

Para definir a complexidade do processo educacional e a formação do humano o sociólogo francês Edgar Morin (2001) afirma que dependemos de saberes complexos e integrados e a isso denomina sabedoria. Nesse sentido, tanto professores quanto alunos devem ter clara a importância de buscar essa virtude humana. Strauch (2011) descreve a sabedoria como mescla especial de coração e mente. Alguns atribuem o peso da sabedoria ao equilíbrio emocional, a começar pela famosa declaração de Willian James (1890, apud Strauch, 2011, p.63), de que a sabedoria é “a arte de saber o que deixar de lado”.

Para desenvolver tal arte é necessário que possamos equilibrar razão e emoção. Em sua teoria sobre o desenvolvimento da moral Piaget (1994) propõe

que nossa inteligência divide-se em dois aspectos: cognitiva e afetiva. O aspecto cognitivo – conhecimentos – será validado na medida em que a dimensão afetiva permitir que se faça bom uso destes. Contudo, essa dimensão afetiva depende mais do estabelecimento de boas relações humanas do que de livros e saberes científicos. Aí está a necessidade de que os professores, antes de mais nada, sejam bons educadores. Nesse sentido, cabe lembrar aqui de Perrenoud (2000), que afirma: “Ensina-se mais o que se é do que aquilo que se sabe.” Se a proposta educacional em uma dimensão atitudinal visa formar alunos mais éticos e humanos, os educadores precisam demonstrar essas qualidades. A relação humana é a principal fonte do desenvolvimento humano.

Depois de vivenciarmos inúmeras e diferentes revoluções através dos tempos, finalmente entramos na era da revolução da consciência humana. O mundo não está piorando, somos nós que, aos poucos, estamos passando a enxergá-lo de uma maneira mais crítica e ética. Para Boff (1999), ser ético é saber cuidar de nós mesmos, dos outros, das coisas e do planeta. A partir dessa premissa devemos considerar que a ecologia não acontece só na natureza, mas também nas relações humanas e na vida em geral. Tudo o que fazemos ecoa em nós próprios. Se dermos amor, é amor que receberemos. Se nos movimentarmos,

mais saúde teremos. Se valorizarmos a família, mais felizes seremos. Se valorizarmos a escola, mais aprenderemos.

Os sinais dessa revolução estão aí: atenção ao meio-ambiente, inclusão social, educação baseada em projetos que visa formar cidadãos mais ativos e cooperativos e não só transmitir conhecimentos prontos. Diante disso podemos considerar que estamos vivenciando a tão sonhada revolução da consciência humana.

Embora todas as disciplinas trabalhadas nas escolas possam contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, destaca-se as aulas de Educação Física como um espaço privilegiado para a formação humana. Embora todos os tipos de atividades físicas possam ser importantes, o jogo, em especial por caracterizar-se pela presença de regras, é um dos grandes facilitadores do desenvolvimento da moral, conforme já afirmava Piaget (1994).

Seguindo essa ideia, Vieira e Baggio discorrem sobre a importância do jogo para favorecer o desenvolvimento geral do sujeito.

Um jogo, uma modalidade esportiva, traz a complexidade das relações, das disputas e da solidariedade, os aspectos individuais e o aprendizado da participação em equipe e as práticas de convivência. Nenhum tipo de jogo funciona sem exigir um mínimo de criatividade, que é esse algo mais que resiste aos co-

mandos da razão fechada e às regulações das experiências da repetição prosaicas, equilibradas demais (2004, p.57).

A escola e, em especial a educação física deve estar atenta para a formação do homem como um ser ético, que seja capaz de orientar suas ações em função de valores que ultrapassem seus desejos e interesses individuais e possuam validade intersubjetiva.

Por fim, considerando-se essa ideia, cabe lembrar Wilber (2007) que, dentre outras importantes contribuições para a educação, propôs a integração de todas as áreas do conhecimento humano. Assim, cabe à escola ampliar o seu olhar buscando compreender a complexidade do seu papel, reconhecendo a multidimensionalidade dos fatores que interferem nos seus resultados e recorrer a outras ciências, tais como a psicologia, a biologia, a educação física e as artes, para que atenda as demandas dos alunos deste novo milênio que clamam por mais criatividade, aceitação das diferenças, metodologias mais ativas e possibilidades de exercer na prática a tão esperada cidadania que pode ser caracterizada como a dedicação à coletividade e à construção de um mundo melhor.

(Marilise Brockstedt Lech, Psicóloga Educacional, Graduada em Educação Física e Psicologia, Doutoranda e Mestre em Educação, é Professora da Universidade de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Poesia

FRANCISCO MELLO GARCIA

# Quem sabe que não sabia

A transparência perdeu a espada  
A ética está sem escudo,  
A razão sem quem defenda  
O caos desfila desnudo.

Meu grito tem ressonância  
Que vai do grave ao agudo,  
Há quem escuta e se finge  
De surdo, cego e de mudo.

De discurso e lero-lero  
O povo anda barrigudo,  
Vivendo só de esperança  
O orador tendo de tudo.

Carnaval transforma em Rei  
Quem não vem da monarquia,  
Pra mim é doença incurável  
Quem vive de fantasia.

Só parecer e não ser  
É água que não sacia,  
E sempre vai saber mais  
Quem sabe que não sabia.

Sei muito através de muitos  
Na vivência e no estudo,  
A prova é que me convence  
E dessa opinião não mudo.

Meu verso não acoberta  
Nem dá chance pra ironia,  
E a ilusão tem a missão  
De agradar a hipocrisia.

O conteúdo da noite  
É ser o contraste do dia,  
Cada coisa no seu tempo  
Todas trazem sinfonia.

Carnaval transforma em Rei  
Quem não vem da monarquia,  
Pra mim é doença incurável  
Quem vive de fantasia.  
Só parecer e não ser  
É água que não sacia,  
E sempre vai saber mais  
Quem sabe que não sabia.

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Agressões ao cérebro

**VERÍSSIMO DA FONSECA**

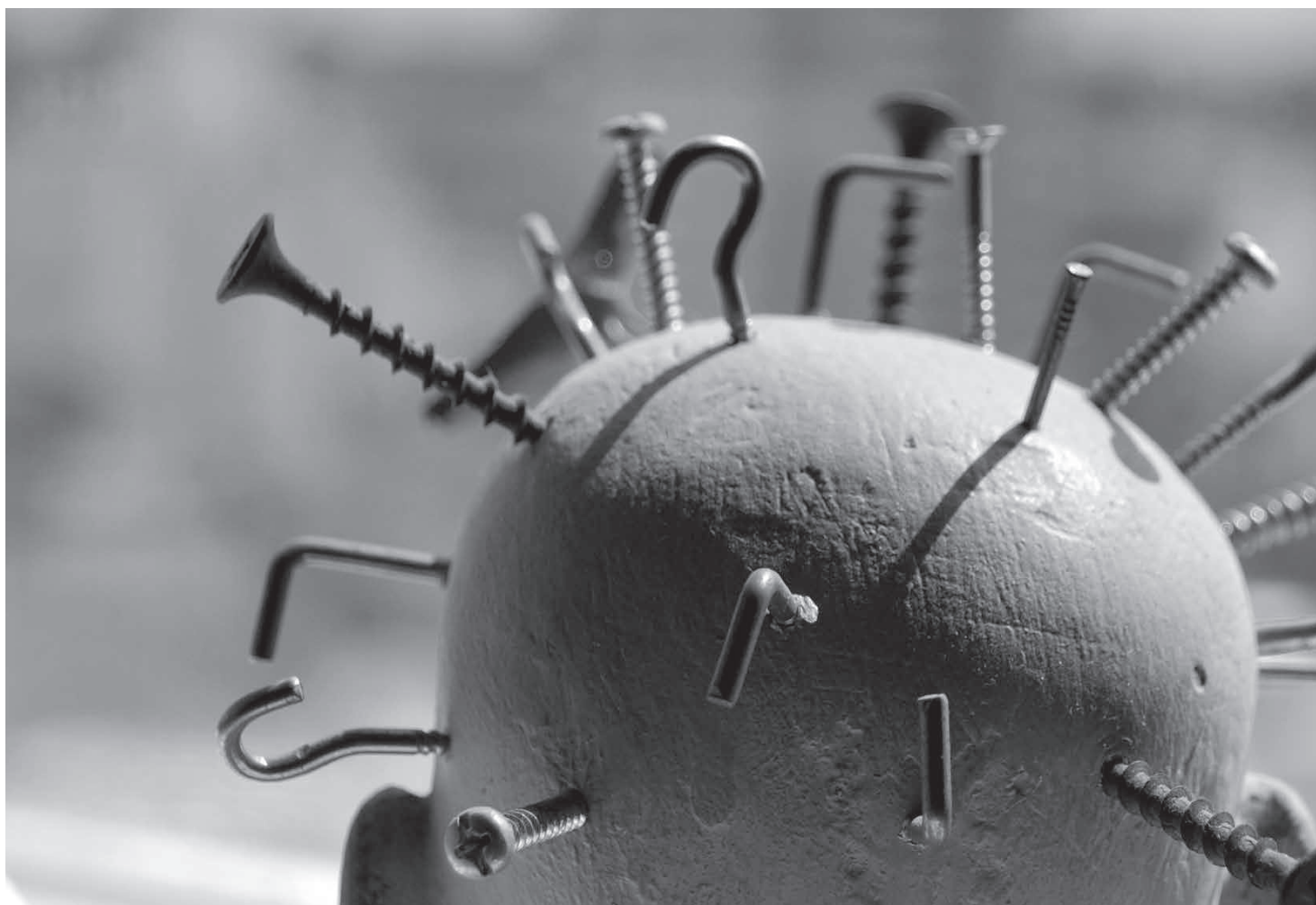
A cada dia na imprensa escrita, falada, visual e nas rodas de conversas comenta-se sobre os distúrbios permanentes do comportamento humano e animal – principalmente o humano. O fenômeno começou a ser observado nas aves, - nas águias de cabeça branca e nas gaivotas. Estudiosos dessas aves notaram que as mesmas lutavam, macho e fêmea, para chocar os ovos - as “gaivotas gays” como alguém as tinha apelidado -; compartilhavam ninhos e o grande número de ovos não fecundados. Isso foi em 1952, na costa do México, Flórida. Antes, no início da década de 40, o banqueiro Charles Broley já havia assinalado a quantidade de ninhos abandonados e de casca de

ovos. Em 1947 observou que o número de águias jovens começa a cair violentamente. No final da década de 50, a Inglaterra observou o mesmo fenômeno na população de lontras. Em meados de 60, no Canadá, aflora também o mesmo fenômeno nas baleias belugas. Nestas, todos os tipos de aberrações no sistema reprodutor.

Passaram-se anos, meio século de pesquisas para se elucidar o fenômeno até que chamou a atenção dos pesquisadores o mesmo fenômeno ocorrendo nos mamíferos, inclusive nos humanos. Grande número de mamíferos que se recusavam a se reproduzir. Hoje se sabe que o fenômeno é universal. A homossexualidade é visível em todas as espécies, principalmente nos humanos. Recentemente a Imprensa noticiou que a população de sapos, sapos que o

Governo australiano introduzira para combater uma praga e se multiplicaram espantosamente, hoje restam 60% da população, tal qual a população de jacarés observada em 1980 no lago Apokpad, na Flórida, onde 90% dos jacarés sumiram pela ação de produtos químicos em seus órgãos reprodutores.

Ainda, não consta na classificação das enfermidades, mas sabe-se que é um distúrbio de comportamento permanente adquirido no terceiro mês de gravidez nos humanos. Deixemos de lado as explicações. Os interessados podem adquirir o livro “O Futuro Roubado. Theo Colborn – Porto Alegre L&PM, 2002, a disposição nas livrarias. O distúrbio é provocado pela contaminação da água, pelos PCBs, DDT, dioxinas e outros. Os PCBs constam em grande quantidade de óleos, principalmente presentes nos



transformadores elétricos e nos lubrificantes de motores de automóveis, e outros. Escreve Al Gore, Vice Presidente dos Estados Unidos no Prefácio da obra citada, 22 de janeiro de 1996:

O que ainda é pior, sabe-se agora, que as mães estão transmitindo este legado químico para a geração seguinte, através do útero e do leite materno.

### **A agressão ao cérebro no recém-nascido e no sistema imunitário**

a) O desmame precoce e principalmente a não amamentação ao seio materno nos primeiros onze meses gera crianças com distúrbios de conduta: agressividade em todos os mamíferos, acidentes violentos, tendência ao suicídio e ao homicídio; incapacidade de compreender problemas complexos e tomar decisões.

b) A introdução do leite de vaca integral como alimento único nos quatro primeiros meses de vida.

c) Carência de nutrientes prolongada (fome, doenças crônicas) em qualquer fase dos primeiros dois anos de vida. Só o leite materno nutre a criança integral-

mente no primeiro ano de vida.

d) Óleos de culinária – baixam a imunidade em todas as idades

### **A agressão ao cérebro na juventude**

a) O crack – dispensa comentário

b) A maconha é prejudicial ao cérebro. A maconha não tem pressa de degradar o cérebro, o faz muito lentamente. Leva ao assassinato, aliás, a palavra assassino vem de axixino, que hoje chamam de “bolo”. “Bolo” certamente porque é feito em casa, com maconha e ingredientes caseiros. Os efeitos alucinógenos do “bolo” é magistralmente descrito pelo escrito francês Charles de Badoulaire, (1821-1860) em seu livro O Poema do Axixe.

O Juiz de direito Afife Simões Neto escreveu no Jornal Zero Hora, dia 15 de maio de 2013:

### **Um batalhão de jovens interditados**

Sou Juiz de direito de uma das Varas de Família e Sucessão de Santa Maria, RS. Na que trabalho deve encerrar perto de 3.000 processos, desses, 200 são de interdição. Para quem não sabe, quando alguém é interditado perde a capacidade mental para a prática de atos da vida civil. Vira uma coisa, pois não tem vontade própria, depende exclusivamente do que os outros possam fazer por ele.

Santa Maria tem duas Varas de Família. Provavelmente cerca de 400 interditados pelo uso de maconha, uma catástrofe maior do que o acidente da Boate Kiss. Essa calamidade corre em Segredo de Justiça. A justiça faria muito bem se publicasse ao menos o número total dos interditados pelo uso da maconha, “bolo”, axixe, diariamente em todo o Brasil. Certamente temos um número muito maior e ninguém chora, ninguém exige Justiça. A situação é protegida por segredo de justiça e, enquanto isso, milhões de viciados e futuros desfilam pelas ruas pedindo a liberação desse produto químico que corrói lentamente o cérebro de todos os que dele fazem uso.

Faça uma projeção e leia, e releia e guarde na memória o que o Dr. Afife escreveu... Quantos, “coisas” perambulam pelas Varas de Família, quantos assassinos a sangue frio nos presídios (axixinos)?

### **Os distúrbios do comportamento adulto ocasionado pela desnutrição no primeiro ano de vida**

Distúrbio – sm. Perturbação orgânica ou social. Aurélio. Edição Especial. 2008.

“Uma das mais interessantes modificações talvez ocorra na conduta social, na qual são considerados mais “agressivos”, “dominantes” e mesmo “insociáveis” Watson. Smart, 1978. Tais traços anti-sociais foram descritos em uma série de crianças que haviam atravessado uma fase anterior, de desnutrição (Richardson, Birche e Ragbber, 1975).

A semelhança dos distúrbios de conduta é comum a todos os mamíferos e aplicáveis ao homem. Escreve o neuropatologista John Dobbing:

“Felizmente, o padrão do crescimento cerebral e a patologia de agressão nas diversas fases do crescimento, são comuns a todas as espécies. A estrutura e composição, tais como nas diversas fases do crescimento os neurônios, a mielina as células da glia etc, também não apresentam pronunciadas diferenças entre as espécies”.

Duas décadas depois do trabalho de Watson e Smart, Fima Lifshitz MD, FACN – Department of Pediatrics, Maimonides Medical Center- State University of New York em conferência realizada na Áustria demonstrava que um estudo em larga escala nos Estados Unidos comprovou os distúrbios do comportamento em adultos que sofreram desnutrição no primeiro ano de vida; estes apresentavam maior gravidade. A mesma conferência ele proferiu em Porto Alegre durante o VIII Congresso Brasileiro SUPORTE NUTRICIONAL EM PEDIARIA; FORUM NACIONAL DE ALEITAMENTO MATERNO, 24 A 27 DE JULHO DE 1994.

A patrocinadora do evento, Serviço de Informação Científica Nestlé suprimiu a última frase proferida com que o Professor arrematou a conferência, que foi proferida e gravada em espanhol, publicada em inglês e gravada pela VIDEO & VERSA. Em tradução livre: Se é para me tornar um assassino não quero ser criança.

(Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é membro das Academias Passo-Fundense de Medicina e Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

# Educação e humanização: desenvolvimento da humanidade e do humano

**MARILISE BROCKSTEDT LECH**

A pesar do tema da “educação e humanização” já estar sendo discutido desde o Período Clássico da humanidade, ainda hoje não existem, e provavelmente nunca existirão, afirmações definitivas e absolutas sobre a relação entre estas duas necessidades humanas. De qualquer forma, todo e qualquer avanço nos conceitos e na ampliação das diferentes interpretações que, por mais antagônicas que possam parecer, sempre poderão ser complementares, expandindo a consciência humana e promovendo ações mais efetivas e educativas.

A história da vida humana remonta a bilhões de anos, porém até hoje ainda não está bem definido o que de fato a caracteriza, como acontece, e em que momentos e espaços aprendemos e nos tornamos “seres humanos.” Seria a nossa racionalidade? A capacidade de manipulação? A consciência? Independentemente da resposta a essas perguntas, de qualquer forma, não existem dúvidas de que a educação é a grande ferramenta para que este processo se instale, se desenvolva e confirme essa natureza. O que se sabe, também, é que a humanização não é puramente espontânea. Ela precisa ser aprendida.

Nas últimas décadas um número quase incontável de autores, dentre eles Becker, Piaget, Vygostky, Ausubel, Freire, Gardner, Morin e Maturana, têm empreendido jornadas de estudo, pesquisa, conferências e publicações científicas a fim de melhor elucidar o processo que humaniza o homem e em algo eles são unânimes: cabe à educação a condução deste processo.

Desde que existe o homem o processo educacional acontece inevitavelmente, consciente ou inconscientemente, formal ou informalmente. Seja através

das relações humanas, de leituras, de acessos as mídias eletrônicas, em todo tempo e lugar as pessoas estão expostas a possibilidade de aprender e de serem educadas. No entanto, somente aquisições cognitivas não conferem a elas o sentido de humano. Se considerarmos a proposta pedagógica de Paulo Freire (2008) a educação formal deve ter em vista construir conhecimentos, bem como humanizar a espécie humana o que, para ele, materializa-se na construção da dignidade humana e na superação das realidades sociais que possam oprimi-la.

Nesse sentido Vygotsky (apud Oliveira, 1997) propõe que o homem deve transformar a sociedade, mas também é transformado por ela. Para esse grande psicólogo o que o torna o homem humano é a possibilidade de se relacionar com o outro. “Na ausência do outro o homem não se constrói como homem”, argumenta ele.

Com base na ideia de que ao conviver com o outro o homem se transforma, cabe lembrar Maturana que afirma que o processo educacional se dá na convivência entre as pessoas. Em uma de suas mais importantes citações ele esclarece:

É o processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência.” (1998, p.29)

Seja em casa, no trabalho, no clube, nas ruas ou na escola, todas as pessoas estão tendo oportunidade de aprender. Contudo, neste presente estudo salientaremos a importância da escola, pois esta está encarregada da educação formal e, como tal deve estar absolutamente consciente de seu papel, de sua importância e

de sua repercussão na vida das pessoas.

Antes de ser uma instituição com finalidades de transmissão e de construção de saberes científicos, a escola é, sim, um eminente espaço de convivência e de aprendizagem humana em termos de valores, ética e moral. Mesmo na escola tradicional onde as trocas entre professores e alunos, alunos e alunos, funcionários e alunos, ... não eram objeto de planejamento e não faziam parte do currículo, ainda sim interferiam sobremaneira no processo educacional.

Felizmente toda a comunidade escolar está percebendo, e já não era sem tempo, que os objetivos atitudinais devem ser traçados na construção de seus projetos político-pedagógicos. Afinal, em uma época em que as informações são despejadas pelas mídias eletrônicas e um número cada vez maior de livros, revistas científicas e não científicas são produzidos, é hora de estabelecer sentido e significados a estes conhecimentos de forma que possam favorecer a utilização destes conhecimentos em atitudes no cotidiano, à favor do bem individual e coletivo. E esse sim, tem sido um dos grandes papéis da escola nesse início do novo milênio.

Conforme propõe Gardner (1995) em seu estudo das Inteligências Múltiplas, a inteligência intrapsíquica e a inteligência intrapessoal, cuja soma de ambas resulta na inteligência emocional, representam as bases para a sabedoria do agir humano e seu consequente sucesso pessoal e profissional. Uma escola que não tenha em vista a formação de sujeitos melhores, mais humanos e inteligentes emocionais não favorecerá a construção uma sociedade melhor e mais justa.

A escola pode, sim, transformar os sujeitos em pessoas melhores e estes, conseqüentemente, podem transformar o mundo em um lugar melhor para se viver. Para tanto faz-se necessárias mu-



danças significativas nas metodologias e currículos escolares. De acordo com Ausubel (apud MOREIRA, 2010) as metodologias para promover a aprendizagem devem estar baseadas em conhecimentos mais significativos tendo como base os conhecimentos prévios dos alunos, indo dos fatos para os conceitos, e não o contrário. Além disso o autor propõe que os conhecimentos devem estar sempre inseridos em um contexto mais integrador, de forma que as diferentes áreas se completem, dando mais sentido a cada uma delas.

A esse respeito cabe salientar o sociólogo francês Edgar Morin (2000) que a partir do estabelecimento de um novo paradigma o qual denominou paradigma da complexidade, demonstrou, com uma visão sistêmica, que todos os conhecimentos e situações só podem ser compreendidos se analisados pelo ponto de vista da rede de inter-relações que os ligam e religam. Para definir a complexidade do processo educacional e a formação do humano o autor afirma, ainda, que dependemos de saberes complexos e integrados e a isso denomina sabedoria. Nesse sentido, tanto professores quanto alunos devem ter clara a importância de

buscar essa virtude humana.

Cientes do poder da educação, a preocupação dos educadores deve estar, principalmente, em buscar formar bons profissionais da educação básica, ou seja, os professores universitários, encarregados desta tarefa, conforme aponta Santos (2010) devem:

Perceber as tantas e evidentes transformações socioculturais e transportá-las para dentro da instituição educativa é indispensável para que os docentes no ensino superior apontem um ensino concebido de forma integral e motivadora. (p.22)

Por fim, pode-se considerar que o ato de aprender é talvez a mais primitiva capacidade humana, mas os educadores devem estar atentos e muito bem preparados e motivados, pois a conciliação

dos conhecimentos prontos e construídos com a formação humana e ética dos sujeitos, deve ser a tônica das preocupações atuais. Este tem sido um dos principais desafios para os educadores de hoje, diante de tantas transformações socioculturais e de questionamentos sobre os valores humanos. É preciso que a escola focalize os conhecimentos, porém, conciliá-los à humanização do homem pode ser a salvação do nosso próprio planeta. E este talvez seja o maior poder da educação.

(Marilise Brockstedt Lech, Psicóloga Educacional, Graduada em Educação Física e Psicologia, Doutoranda e Mestre em Educação, é Professora da Universidade de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

#### REFERÊNCIAS

- BECKER, F. *Educação e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.  
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.  
GARDNER, Howard. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.  
MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.  
MOREIRA, M. A. *Mapas conceituais e aprendizagem significativa*. São Paulo: Centauro, 2010.  
MORIN, E. *Os setes saberes necessários do futuro*. São Paulo: UNESCO/Cortez editora, 2000.  
OLIVEIRA, M. K. de. *Vygotsky- Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio- histórico*. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.  
PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994.  
SANTOS, B. S., CARREÑO, A.B. (org) *A motivação em diferentes cenários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

# Saúde e espiritualidade

**CARLOS ANTONIO MADALOSSO**

No início dos anos 1900 o brasileiro vivia em média 39 anos. Nos dias de hoje, passou a viver 73 anos. Embora as águas, o ar e o ambiente se tornaram mais poluídos, hoje vivemos mais. Contribuíram para este aumento um melhor conhecimento das doenças, de medidas higiênicas, sua prevenção e, certamente, o desenvolvimento de medicamentos eficientes e específicos.

O desafio da medicina é desenvolver táticas que levem as pessoas a viver cada vez mais e melhor.

Está devidamente estabelecido que a vacinação, o uso de alimentação saudável e balanceada, exercícios físicos regulares e controle periódico dos parâmetros de saúde após os 40 anos, entre outros, ajudam a elevar a quantidade e a qualidade da vida das pessoas. A espiritualidade tem sido ultimamente valorizada como um dos fatores coadjuvantes para uma vida melhor e mais longa.

Em primeiro lugar é necessário definir o que é Espiritualidade. Para Ben Pargment, sociólogo da Universidade de Ohio, espiritualidade é a busca do sagrado. David J. Hufford, da Universidade da Pensilvânia diferencia espiritualidade de religião. Espiritualidade é “a relação pessoal com o transcendental”

e religião é definida como “os aspectos comunitários e institucionais da espiritualidade”. Como vemos, uma pessoa pode ser espiritualizada sem pertencer a uma religião, mas sempre que praticar uma religião deverá obrigatoriamente ser espiritualizada.

As religiões ocidentais têm como supremo objetivo um Deus, sendo, por isto, monoteístas. Nas orientais o conceito de Deus fica difuso. Conversando com diversos budistas, taoístas e hinduístas notei que o conceito de Deus varia de pessoa a pessoa tendo, no entanto, definido em sua mente o transcendental e o material, o divino e o humano. São, no geral, indivíduos muito fervorosos, solidários e politeístas. Todas as civilizações cultivam a existência de um ser superior, Criador dos homens e da natureza, não importando o nome que se lhe deem.

A espiritualidade esteve sempre ligada à Saúde dos povos. Até Hipócrates, e, mesmo após ele, o agente religioso se constituía no elemento responsável pela saúde dos cidadãos. Jesus ao curar um leproso mandou que se apresentasse ao sacerdote, Lucas 5, 14, pois o sacerdote era o agente sanitário da época. Com Hipócrates inicia-se a formação de médicos que somente toma corpo após a Idade Média. Entendia-se que a saúde era recuperada pelos médicos, mas sempre, com a ajuda de Deus. Após a Segunda Guerra iniciou-se um aban-

dono parcial da crença do apoio divino para a cura das doenças sendo ainda, no entanto, muito presente no mundo. Em pesquisa feita nos Estados Unidos 50% dos pacientes dividem o sucesso de suas curas entre os médicos e Deus.

No século XXI está havendo uma forte tendência de retorno à espiritualidade e os países desenvolvidos estão atentos a este fato. Pesquisa realizada pela Universidade de Harvard em quase 2 milhões de pacientes mostrou a grande insatisfação dos internados em relação ao atendimento espiritual nos hospitais. Deve-se a dois fatores: a carência de capelães, mas principalmente, à falta de preparação dos médicos para abordarem o assunto. Esta pesquisa chamou a atenção dos educadores médicos que passaram a agir. Nos Estados Unidos e no Canadá em 1980 apenas três faculdades incluíam assuntos de espiritualidade no seu currículo sendo que hoje mais de uma centena o fazem. Algumas com caráter optativo, mas a maioria de caráter obrigatório.

Pesquisas mostram que a maioria dos médicos acredita que o doente com prática religiosa evolui melhor do que o descrente. Mesmo assim reconhecem que não investigam o histórico religioso dos pacientes.

Pessoas que praticam regularmente a religião tem uma autoestima elevada com melhora de sua imunidade, de suas funções endócrinas e cardiovasculares,

bem como, usualmente, tem um sistema de vida mais saudável usando pouco álcool, evitando o fumo e tendo vida mais familiar, portanto menos promíscua. Esta autoestima aumenta quando, a par de sua prática religiosa tem um comportamento pró-social com ações voluntárias de altruísmo. Sua vida é mais saudável e, quando doente, a recuperação mais rápida e eficiente.

Esta correlação entre religião/espiritualidade e saúde está chamando a atenção de órgãos de saúde pública americanos, como o National Health Institute que tem financiado pesquisas sobre o tema.

Em pesquisas transversais e longitudinais demonstrou-se que pessoas com prática religiosa externa tendem a ter menor pressão arterial e menos problemas de depressão e de ansiedade, melhorando seu bem estar. Crentes que se internaram permaneceram no hospital menor tempo e muitos reduziram o uso de medicamentos para hipertensão. Relação negativa houve quando se tentou impor religião a pessoas não convictas.

Na área cardiológica pesquisas feitas nos EUA, Canadá, e Bélgica com cristãos; no Kuwait com muçulmanos,

no Japão com xintoísta e na Índia com hinduístas mostraram resultados semelhantes com menores índices de pressão arterial e menos eventos cardiológicos nos praticantes de religiões.

Em Israel um estudo longitudinal de acompanhamento comparou dois “kibutzim”, um secular e outro religioso; foi constatado que a sobrevivência das pessoas era, em média, 9% maior no que praticava regularmente a religião.

Relação inversa ocorreu com os pacientes idosos que acompanhavam cultos na TV. Uma melhor análise mostrou que estes indivíduos acompanhavam na TV os cultos por já estarem mais doentes do que os demais, evitando o deslocamento para os templos ou locais de reunião, sendo, portanto, solitários.

Outro estudo interessante comparou três grupos de idosos. O primeiro com prática religiosa, o segundo com exercícios físicos e o terceiro com ambos. Os dois primeiros se equivaleram sendo que o melhor resultado foi obtido em quem praticava exercícios físicos e participava de atividades religiosas externas.

Com estes dados os Serviços de Saúde de alguns países estão procurando

incorporar o estímulo à prática da religião, pois toda redução de custo é bem vinda uma vez que todo o mundo está preocupado com o custo crescente da saúde devido à maior longevidade das pessoas e a incorporação de tecnologias avançadas. Pastores, sacerdotes, psicólogos estão sendo chamados para mudar o comportamento das pessoas.

Para concluir, gostaria de enfatizar que a espiritualidade, principalmente ligada à prática de religião e a atividade voluntárias de solidariedade, elevam a autoestima das pessoas determinando às mesmas uma vida mais longa e mais feliz.

É frequente ouvirmos que “as pessoas vão à missa ou culto por serem idosas”, ou seja, vão por não terem outra coisa melhor a fazer. A ciência tem comprovado que “as pessoas são idosas por que praticam a religião” ou seja sua religiosidade, sua espiritualidade e seu altruísmo aumentam sua sobrevivência.

(Carlos Antonio Madalosso, médico, é membro das Academias Passo Fundense de Letras e de Medicina.)

## Poesia

FRANCISCO MELLO GARCIA

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# A maioria não se toca

Tem coisas que me arreopia  
Agride e também sufoca,  
Já virou filosofia  
Canjica que o povo soca,  
Copiar é o que se vê muito  
È isto que me provoca,  
Sempre só entra no rolo  
Quem já está na maçaroca,  
Tal qual se faz na cidade  
Repetem lá na biboca,  
Sempre alguém só come o peixe  
Mas não arranca a minhoca,

Nunca planta um pé de nada  
A safra é ele que estoca,  
Não dá nada só recebe  
E diz que está fazendo troca,  
Quando surge um cargo nobre  
Lembram dele e da dondoca.

“E a comida quando é boa”  
Sempre é ele quem aboca.  
Depois que formam um grupo  
Com eles ninguém se invoca,  
São cupins da sociedade  
Furam tudo sem ter broca,  
Parece que a maioria  
Não se antena ou não se toca...  
Nessa hora é que me lembro  
De minha tia “Miloca”  
Falava que banha fria  
Não faz saltar a pipoca,  
E varinha muito curta  
Não tira bicho da toca.



# Da bola de futebol para ministro da eucaristia, Vadecão

ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE

Os milhares de atletas do futebol, desde amadores que vieram nos primeiros anos deste apaixonante esporte até os consagrados profissionais de nossos dias, tiveram e continuam tendo uma passagem muito rápida nesta atividade, pois os anos da adolescência e a mocidade são os ingredientes básicos para conseguirem chegar aos objetivos e metas propostas, fazendo do vigor e da resistência seus instrumentos básicos e indispensáveis para assegurar suas presenças nos gramados do mundo inteiro. Concluindo este período, um curto espaço de tempo em suas vidas, os jogadores passam ao esquecimento, ficando somente a lembrança dos grandes momentos fixados em jornais e revistas especializadas. Raramente encontramos um ex-atleta, seja amador ou profissional, mantendo o mesmo lugar de destaque dos saudosos tempos de glória no manejo da bola de futebol. Dentre estas raridades, Passo Fundo nos oferece a vida e a história de muitos que souberam seguir com sucesso. Temos no comércio os irmãos Nívio e Alceu Belotti, Branco Ughini, Wando Marques, Neri Simão, Armando Rebecchi, Meca, Biguá, Caico Marques. Vadecão, desta mesma geração, teve um caminho totalmente diferenciado mas dos mais brilhantes. Oswaldo Spannenberg, com seus 75 anos bem vividos, iniciou e foi campeão no time amador do Guarany, passando para o Riograndense, 14 de Julho, Gaúcho e Independente, tendo neste time, em 1969, encerrado suas atividades de jogador. Conquistou vários títulos sendo o mais importante o de Campeão do Centenário de Passo Fundo, em 1957, pelo 14 de Julho.

O ENCONTRO COM CRISTO - Vadecão, em 1986 participou com sua esposa Cleci do curso para Ministro da Comunhão Eucarística, onde permanece até hoje, assistindo e participando de missas diárias na Catedral Arquidiocesana. Vadecão tem 3 filhos, Paulo Renato com 50 anos, Pedro Luis com 44 e Ana Paula com 33. Suas netas são Isadora, Manoela, Pietra, Bárbara Vitória e Ana Flor Paula. Genro do brigadiano, major Jerônimo Oliveira que foi técnico do 14 de Julho, depois de ter jogado no Cruzeiro da Brigada Militar, o Major completaria 100 anos, se vivo fosse, no último mês de setembro.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

(FOTOS: ARQUIVO MEIRELLES DUARTE)



A equipe do 14 de Julho em que Vadecão Jogou. Em pé: Piranha, Nelsi, Juca, Hugo Loss, Luis Roberto e Vadecão. Agachados: Meca, Rebecchi, Pino Rosseto, Heitor Verardi e Biguá



Vadecão no Gaúcho. Em pé: Vadecão, Amancio, Branco, Odir, Maneca e Cavalheiro. Agachados: Meca, Banana, Sariba, Imontezana e Rebecchi



Vadecão em nova e nobre missão. Ministro da Eucaristia dando a Comunhão a um assistente

# O grande líder João Goulart em Passo Fundo

**ANTONIO AUGUSTO MEIRELLES DUARTE**

O maior líder trabalhista da história política do Brasil, João Belchior Goulart, mesmo após sua morte, continua a dominar as manchetes do mundo inteiro com a busca da forma como morreu, uma vez que até hoje, ninguém consegue provar e assegurar os últimos momentos vividos pelo grande líder. Na busca da verdade, afirma-se que no dia 13 de novembro corrente os restos mortais do ex-presidente João Goulart serão trasladados, após exumação, em um cortejo que contará com auxílio de caminhão dos bombeiros. A intenção é organizar militâncias partidárias e comunidades para homenagear Jango durante o deslocamento de São Borja até Santa Maria. Espera-se que tudo seja devidamente esclarecido para que a história dos grandes líderes brasileiros não se veja envolvida em inverdades encobrendo-se o que realmente aconteceu.

## JOÃO GOULART EM PASSO FUNDO

Foi inesquecível a presença do então Presidente João Goulart em nossa cidade. Foi nos festejos de nosso 1º Centenário, em 1957. Foi muito difícil confirmar sua presença entre nós. Chegou às vésperas das comemorações do Centenário. Chovia muito, e mesmo assim o ilustre visitante andou a pé pela Avenida Brasil por umas 3 quadras até chegar no velho casarão da Prefeitura Municipal. Fui o único radialista que conseguiu ouvi-lo, graças a intervenção do prefeito Wolmar Salton. Para mim foi um dos maiores furos que consegui ao longo de minha vida profissional. Visitou ele a exposição do 1º Centenário, mostrando-se vivamente interessado em tudo que viu, fazendo indagações de toda a ordem. O alto comando do velho PTB prestou uma grande recepção ao ilustre visitante no salão nobre da Prefeitura com mais de uma dezena de prefeitos da região, prestigiando o cerimonial. Coube ao ilustre visitante o corte da fita que dava por inaugurado o pavilhão de exposições do 1º Centenário, com as presenças das mais altas autoridades estaduais. Conheceu o trabalho do instituto Butatan e manteve com o prefeito Wolmar Salton uma palestra alegre e amigável. Foi a maior autoridade a nos visitar por ocasião dos festejos de nosso 1º Centenário, em Agosto de 1957.

(Antonio Augusto Meirelles Duarte, jornalista e advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

(FOTOS: ARQUIVO MEIRELLES DUARTE)



O grande momento de minha vida, entrevistando, com exclusividade, o Presidente João Goulart



O corte da fita inaugural do Centenário, pelo Presidente João Goulart, vendo-se O Bispo Dom Cláudio Colling, Prefeito Wolmar Salton, Arcebispo Dom Vicente Scherer, Presidente João Goulart



Presidente João Goulart vendo a extração do veneno de cobra pelo Instituto Butatan



Presidente João Goulart em palestra com o Prefeito Wolmar Salton, sob os olhares do Capitão Majella, Mário Sperry Cezar e Sabino Santos



**NATÁLIA FORMAGINI GAGLIETTI**

**A**lgo que chama muito a atenção nas ruas de Passo Fundo é a falta de educação e de civilidade de grande parte dos motoristas que transitam pelas ruas da cidade com seus carrões ou carrinhos e têm total certeza de que, ali, sentados no banco do motorista, dotados de domínio absoluto sobre seus volantes e todos os outros botões e alavancas do painel, são senhores do mundo, ainda que este mundo sob seu domínio possa se transformar em sucata rapidamente.

A mais corriqueira das ações – ou das omissões – é o fato de os motoristas não acionarem a seta quando vão fazer uma conversão. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que entre os incontáveis dispositivos de um automóvel, a alavanca da seta é o menos utilizado.

Mas, como tudo o que é ruim sempre pode piorar, existem aqueles motoristas (não mais que 10%), que utilizam a alavanca indicadora de direção e são total e absolutamente ignorados pelos “colegas” motoristas da redondeza, alguns até, arrisco dizer, nem sabem o que aquele simpático sinal piscante representa. Sem falar no momento em que o sinal piscante indica que o carro que dirigimos vai ser estacionado na única vaga livre encontrada em dois ou três quarteirões e, como gentileza, o condutor que vem logo atrás para há poucos centímetros, deixando quase nenhum espaço para a manobra.

Nota-se, também, a presença maciça nas ruas de motoristas descuidados ou distraídos, que saem da sua vaga de estacionamento sem qualquer cerimônia – e

sem qualquer sinal – e avançam pelas ruas, velozes e furiosos. Quem estiver trafegando na pista da direita ou da esquerda, cuidado (!?): sempre é possível abalroar um dos exemplares desta espécie de condutor.

Outra classe bastante comum de motoristas é aquela que dirige um carro pequeno, mas acredita tratar-se de um veículo de aproximadamente seis metros, e usa a vaga de estacionamento deixando dois metros à frente e dois atrás. Você que chegou depois? Vire-se!

Na verdade, ao escrever este pequeno texto, veio-me a mente o saudoso desenho animado de Walt Disney, que já há muito deixou de ser exibido nos programas infantis de televisão, mas que, diante da situação caótica do trânsito nunca fora tão atual. Sinceramente, acho que deveria ser novamente exibido, mas desta vez não nos programas infantis apenas, mas também no horário nobre da televisão brasileira. Asseguro que muitos motoristas irão se identificar ou serão identificados no personagem.

Em breves palavras, o desenho traz o Sr. Walker (personagem interpretado pelo Pate-ta), cidadão tranquilo, educado, inteligente e de bem, que se transforma no Sr. Willer quando se “senta ao volante”, tornando-se agressivo, ranzinza, individualista e intolerante.

O mais intrigante é que, na maioria das vezes, os “Sr. Willer” do trânsito de Passo Fundo (e de muitas outras cidades), são pessoas de bem que, quando “estão motoristas” se transformam.

Impressionantes, igualmente, são os “rallies” que podem ser vistos no trânsito aos finais de semana, principalmente à noite e entre homens mais jovens que, ao serem

ultrapassados uns pelos outros nas vias urbanas, sentem-se como se tivessem sido agredidos e partem para cima, acelerando, roncando os motores de suas máquinas e colocando-se novamente na posição que outrora fora sua e que um “adversário do trânsito” ousou tomar em certo momento.

Outras vezes, quando nossa seta indica de forma correta a direção que pretendemos tomar, o motorista do carro ao lado “faz de conta que não vê”, nos obrigando a usar a famigerada técnica “do braço para fora”, apontando a direção que nossa seta incansável e inutilmente buscava indicar. Com isso, alguns prontamente freiam e permitem nossa passagem, outros aceleram – e, neste caso, nosso reflexo precisa ser rápido em recolher o braço, sob pena de uma fratura exposta.

Igualmente perigoso, é o ato de ligar a seta e avançar, porque, neste caso, corremos o risco de arranhar algumas pinturas e amassar latarias, ou, se nada disso acontecer, estarem “ao menos” fadados a ouvir desaforos, xingamentos, palavrões, buzinas de todos os decibéis, além de gestos nada ortodoxos que, às vezes, nos fazem corar. E tudo isso pode acontecer quanto ao mais singelo impulso do outro condutor em exercer seu direito constitucional fundamental de ir e vir – neste caso, de mudar de faixa.

Aliás, xingar no trânsito é praxe: alguns xingam quando não lhe é dada a preferência, quando o motorista da frente é mais lento, quando o motorista de trás é mais rápido, quando é incomodado com a luz alta dos faróis, etc. Xingam até porque alguém está xingando, mesmo que o fato não lhe diga o menor respeito. Quando a “falha” do outro motorista é considerada mais grave então, o jeito é partir para a briga – ameaças, socos, sopapos, armas, e por aí vai.

Estradas ruins, mal planejadas, ausência de sinalização e excesso de veículos também são fatores que fazem a agressividade e a intolerância aflorarem. Impressiona o aumento da frota de veículos transitando pelas ruas, que segundo estatísticas oficiais dobraram nos últimos dez anos.

A educação para o trânsito deveria ser disciplina obrigatória em todas as escolas. Valores como gentileza e cortesia deveriam ser novamente considerados essenciais (e quando foi mesmo que eles deixaram de ser!?).

A imprudência no trânsito mata. E o número de vítimas fatais é alarmante.



O que causa espanto é que a divulgação destes números, pelos veículos de comunicação, não surpreende. Morrer no trânsito vem sendo considerado tão “banal”, que ninguém dá a isso grande importância por acreditar que só acontece com “os outros”, até que um dia, infelizmente, acontece com “os nossos”, e aí a coisa vira desespero completo.

E, um aviso aos PEDESTRES: Muitos pedestres também não agem de acordo com as normas de educação e cordialidade: atravessam fora da faixa, esperam o “último segundo de sinal vermelho” para lançarem-se na via, obrigando os veículos a frear, prostram-se atrás do automóvel quando o condutor está querendo estacionar ao invés de aguardar no meio fio, etc.

E agora é vez dos motociclistas (!?). O que dizer dos condutores de motocicletas? Sim, os motoboys precisam ser ágeis, mas também precisam chegar ao

seu destino. Qualquer contratempo no caminho entre dois pontos e, sorry!, seu trabalho vai ser interrompido, por alguns momentos, por alguns dias ou meses, ou, para sempre...

Carros têm lataria, alguns modelos airbag, para-brisa resistente, etc. Motocicletas têm o quê mesmo? O condutor, com seu capacete, seus joelhos, coluna vertebral, braços, pés e pernas, que são fazem papel de para-brisas quando estes condutores sofrem acidentes, mas como não são “equipamentos” dos mais resistentes, o estrago pode ser enorme.

Vamos iniciar em Passo Fundo uma campanha de (Re)Educação no Trânsito e, quem sabe, “contaminar” todo o Brasil.

Algumas atitudes básicas de educação no trânsito:

Sinalizar a mudança de direção: LIGUE A SETA. E, por gentileza, indique a direção certa onde pretende realizar a conversão. Sinalizar mudança de direção, transposição de faixas e parada para estacionar são atitudes obrigatórias de acordo com código de trânsito de praticamente todos os países, inclusive o do Brasil (Artigo 35 do Código de Trânsito Brasileiro).

Permita que o motorista à sua frente ingresse na via: UM CARRO A MAIS NA SUA FRENTE NÃO VAI ATRASAR VOCÊ. O fluxo de carros nas ruas aumenta a cada dia, então, paciência é a alma do negócio. Mas não pare em faixa dupla, porque isso é imperdoável.

Não xingue, não buzine desnecessariamente, não grite, não gesticule de forma ofensiva: SEJA CORDIAL E MANTENHA A CALMA. Você não é único que precisa levar/buscar os filhos na escola; chegar ao trabalho ou voltar cedo para casa; jogar futebol depois do expediente; não se atrasar para a consulta ou chegar antes do banco fechar as portas.

Se não for distante o seu destino ou imprescindível o uso do automóvel: VÁ ANDANDO. Você se exercita, queima as gordurinhas indesejáveis, chega muito mais rápido ao seu destino e não se estressa com o trânsito.

Se cada um fizer a sua parte, nosso trânsito poderá melhorar, e muito. Vamos matar o “Sr. Willer” que há em cada um de nós!

(Natália Formagini Gaglietti, geógrafa e advogada, de Passo Fundo/RS.)

# Tia Pequena

JABS PAIM BANDEIRA

No domingo dedicado as mães, pensei, como não poderia ser diferente, naquela que me trouxe ao mundo, cujo nome era Nativa, conhecida por “Tia Pequena”. Toda mãe é especial para seus filhos, pelo menos para aqueles que são tingidos pelo sentimento da gratidão. As mães trazem no ventre a sementinha da vida, nos alimentam com seu sangue durante os nove meses, onde somos uma carne só, em dois espíritos. Ao nascermos, por muito tempo, ela nos nutre com o pão material e com seu próprio leite, tornando-nos saudáveis. Somos alvos e objetos de todos os cuidados, desde o espiritual, até a educação para vida, alicerces de nosso caráter, pelo exemplo, lições e por suas virtudes. Eu tive mais que uma mãe, tive uma santa que iluminou e embora não esteja presente, ainda ilumina minha existência, fornecendo a força telúrica necessária para que eu continue a caminhada, enfrentando os desafios e adequando-me nas soluções dos problemas, quer pessoais ou de terceiros. É nela que reconstruo minha esperança de servir, lutar, fonte de minha energia. Invoco na memória, os exemplos de tenacidade e determinação de minha mãe, seu denodado amor pelos seus filhos, superando a doença e as vicissitudes de nossa existência, na falta de tudo, médico, remédio, alimento e vestuário. Aqui reside a minha força e meu jeito de jamais enserrilhar as armas, ou perder as esperanças, desistir nunca, cada dia é um recomeço. As derrotas são lições, a fim de que busquemos nos corrigir para outros embates. Podemos perder uma, ou mais batalhas, mas nunca a guerra, porque nela esmerilhamos as arestas, a fim de recolhermos ensinamentos para construir a paz e a maneira de desenvolver o bom combate. “Tia Pequena” teve em seu primeiro casamento 5 filhos, duas mulheres e três homens, casada com ferroviário, tendo falecido em Marcelino Ramos. Naquele tempo não havia as leis que amparavam o

trabalhador e em especial o da estrada de ferro. Em estado de viuvez, 5 filhos, começou o dilema de minha mãe, que com pouca renda, plantava milho e hortaliças, passando dificuldades, as quais só aumentavam, isso sem contar o frio e umidade na costa do rio Uruguai onde residia. Sabedores da necessidade que ela e os filhos passavam, seu cunhado Luiz Varella, mandou um recado para que viesse para Passo Fundo, para residir com sua família na Vila Rodrigues. Sem dinheiro para passagem de trem, usou como transporte um cavalo, colocando um balaio de cada lado, acomodando ali seus filhos e veio puxando o animal chegando com muito sacrifício até a nossa cidade. Mais tarde casou-se com meu pai, Brasileiro Bandeira, tendo eu e mais uma irmã, de modo que éramos 7 filhos. Meu pai tinha uma filha do primeiro casamento, a trouxe para residir conosco. Era pedreiro, quando não tinha serviço em nossa cidade, peregrinávamos por este Rio Grande em busca de trabalho. Foi numa destas saídas que eu nasci em Santiago do Boqueirão. Nas cidades que eles se transferiam, meu pai colocava um mercadinho para minha mãe cuidar, enquanto ele exercia sua profissão. Depois vieram para Passo Fundo, onde me registraram. Ela me amamentou, no peito, até quase 4 anos, razão do meu vigor. Aqui em Passo Fundo, foi cozinheira do hotel Brasil e, exercia as funções de parteira, a fim de ajudar a sustentar a casa. Trabalhou muito, enfrentou doenças, cirurgias, necessidade de toda a ordem sofreu, mas me deixou um enorme legado, que foi sua determinação, bondade, responsabilidade, gratidão e outras qualidades, das quais eu incorporei algumas, mas me falta muito, muito mesmo para que eu seja como a “Tia Pequena”, mas sou muito grato a ela.

(Jabs Paim Bandeira, advogado, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# A mortandade do Boi Preto

**WELCI NASCIMENTO**

O historiador Wenceslau Escobar, assim narrou a famosa tragédia do Boi Preto, no então município de Palmeira das Missões, que se sucedeu durante a revolução federalista ocorrida no período de 1893-95. O historiador foi um federalista maragato.

“O general Lima seguindo de Passo Fundo para Nonoai, marchando a brigada do general Firmino de Paula para o município de Palmeira das Missões. Nas imediações do Boi Preto, onde estava acampada parte da brigada do Coronel Ubaldino Machado, surpreendeu e aprisionou o piquete revolucionário de observação. Havia um único soldado, sob compromisso de descobrir o lugar do acampamento federalista, foi garantida a vida, todos os outros foram friamente degolados!”

Descoberto com precisão o acampamento do Boi Preto na madrugada do dia 5 de abril de 1894, foi grande parte da força do Ubaldino surpreendida e agarrada, sem dar um tiro! Ele próprio, o tenente-coronel Brasil Ribas Pinheiro e pouca gente mais escaparam a Deus e misericórdia.

O tenente-coronel João Gabriel dos Santos, de Santo Ângelo, e mais alguns companheiros, não morreram como cordeiros, fizeram se matar lutando.

Caíram em poder da força governista, prisioneiros, servindo a força revolucionária, cerca de 250 homens, segundo a comunicação oficial de Firmino de Paula 370. Este chefe sanguisento, com exceção de 40 ou 50 destinados ao serviço do exercito, mandou matar todos. No lugar denominado Olho d' Água foram mortos 140, no Posteiro 100 e no sitio do aprisionante 30. Enfim, cerca de trezentos homens, mandou esta fera humana, friamente, matar, entre eles seu próprio primo-irmão Arthur Beck, o salvador de seu filho e seu enfermeiro em santa Maria.

Esta atroz carnificina, que só não foi a maior por estar parte da gente licenciada na Vila e outros em serviço, como o tenente-coronel Perry, foi causada pela facilidade e descuido do chefe revolu-



cionário, que tendo recebido o aviso por escrito de Prestes Guimarães, não tomou, como ele queria, as necessárias cautelas!

Firmino de Paula, mais tarde promovido a general honorário, dando parte deste feito d'armas ao presidente do Estado, passou o seguinte telegrama:

CRUZ ALTA, 10 DE ABRIL DE 1894. – VIVA A REPUBLICA. HOJE, 5 MANHA, BATI UBALDINO ACAMPADO BOI-PRETO. COMPLETA DERROTA; MORRENDO 370 MARAGATOS, MUITOS DELES OFFICIAIS. TOMEI 3 CARRETAS, 38 ARMAS COMBLAINS, 222 LANÇAS, MUNICOES, ABUNDANTE ARMAMENTO PARTICULAR, BARRACAS, MUITOS PRISIONEIROS, 500 ANIMAIS, PARTE MINHA PROPRIEDADE. UBALDINO, BRASIL PINHEIRO E ALFREDO PINHEIRO FUGIRAM.

ENCONTREI NO ACAMPAMENTO PORCAO DE FAZENDAS. AMANHA SIGO BATER FORCA REUNIDA PALMEIRA, DEPOIS PERIE, CAMPO NOVO, REPRESENTAM 600 MARAGATOS. UBALDINO TINHA ACIMA DE 500. – CORONEL FIRMINO DE PAULA, COMANDANTE 5ª BRIGADA DA DIVISAO DO NORTE.

Dos termos deste telegrama, com certo exagero para dar mais volume a seu feito, se depreende que não houve combate e nem se compreende que houvesse luta e morresse 370 revolucionários e nenhum governista!

Houve, pois, uma exagerada degolação requintada por inominável malvez sangüinária.

(Welci Nascimento, historiador e memorialista, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

# Só o tempo constrói a história e ressuscita seus heróis



**JABS PAIM BANDEIRA**

No ano de 2004, os Cavaleiros do Mercosul foram convidados para uma cavalgada no Pulador, distrito de Passo Fundo, por um grupo de cavaleiros de Carazinho, comandada por Navílio Braneleiro e Darci Vieira, quando palestrantes relembraram a Revolução Federalista de 1893, em especial a Batalha do Pulador, acontecida naquele local, em 27 de junho de 1894.

A maior batalha do Brasil e uma das maiores da América do Sul, onde morreram mais de mil pessoas, e outros tantos feridos, em mais de seis horas de ferrenho combate, entre Federalistas (Maragatos) e legalistas (Pica-Paus). Acontecimento extraordinário que poucos conheciam, embora a existência dos marcos de Federalistas e Pica-Paus, mandado erigir pelo prefeito Firmino

Duro, justamente, onde houve o confronto.

Eu nunca estudei esta revolução nos bancos escolares e muito menos tinha noção do que foi a batalha e seu significado. Não tinha noção da grandiosidade daquele confronto. Fiquei vivamente interessado pelo assunto, despertando minha curiosidade, a fim de me enfronhar mais ainda, na história da Revolução Federalista e de seus heróis de ambos os lados.

Como os generais Pica-Paus, Lima, Chacha Pereira e Pinheiro Machado, como do lado dos federalistas, general Gomercindo Saraiva, de seu irmão Aparício, almirante Saldanha, ou ainda de Ângelo Dourado.

Começou a nascer em minha mente a encenação da Batalha naqueles campos. Reinventando o sangrento confronto, trazendo o passado para o presente, num resgate da nossa fascinante história, dando vida e voz a todos os heróis daquela

peleia, que encharcou os campos do Pulador de sangue.

Num barulho surdo de morte e de desespero, mudando a geografia da pampa então verde e agreste, agora era rubra de sangue, numa bruma escura, chamuscado pela queimada e a fumaça deixada pela pólvora, permanecendo ali definitivamente a ausência de vida e a morte de tudo, até da esperança. Assim permaneceu Pulador, apenas na saudade, esquecido pela história, que ali se fazia reviver, para fazer justiça a seus bravos, que não tomaram em vão!

Falei para alguns colegas dos Cavaleiros do Mercosul. Em seguida procurei o radialista e historiador Daltro Wesp, tendo ele me emprestado a obra *Voluntários do Martírio*, do baiano, Cel. Médico, Ângelo Dourado que escreveu o diário da revolução, no seu dia a dia, o melhor relato sobre o assunto, escrita nas refregas das contendidas.

Este livro despertou meu interesse

em buscar outras obras, que o fiz no Martins Livreiro e em outros sebos, onde encontrei escritores brasileiros e estrangeiros sobre o tema. Comecei a escrever a versão da Batalha do Pulador, para que pudesse ser encenada, despertando emoções e intensas ações. Cujo texto pudesse ao menos envolver a assistência, devolvendo um pouco da realidade mais viva do próprio combate, no local onde aconteceram os fatos.

Diversifiquei os protagonistas, para que pudessem atuar mulheres e crianças, através dos saqueadores e da Cruz Vermelha. Apresentei o projeto aos Cavalheiros do Mercosul, aprovada a iniciativa, os convidei para que protagonizassem alguns dos atores do espetáculo.

O Cel. Cerutti, comandante regional da Brigada Militar, ficou entusiasmado com a encenação e a participação da Brigada. Tendo me apresentado ao comandante geral da Brigada, que confirmou o apoio da força na execução do projeto, dispondo-se, também, a fornecer algum material bélico.

A primeira reunião aconteceu na biblioteca da UPF, no dia 18 de abril de 2005. Havia projetado realizar a encenação no mês de agosto daquele ano. Ali compareceram teatrólogos, imprensa, militares, historiadores e artistas, entre outros. O projeto foi bem aceito, mas as pessoas achavam que, para ter sucesso teríamos que ensaiar aproximadamente um ano.

A maioria entendia que seria viável em agosto, daquele ano, apenas realizar um desfile e, no próximo ano seria a encenação. Mas nós estávamos determinados a realizar o espetáculo naquele ano. “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. E uma vez transferido, seria um balde de água fria no entusiasmo de meia dúzia de visionários, que haviam chegado até aquela altura e não estavam dispostos a recuar, como não recuaram.

Vozes de expressão, como Paulo Giongo e a maioria, defendia que seria precipitado realizar naquele ano. Foi um trabalho danado, pois, eu presidia os trabalhos e não concordava com a maioria, estando impedido de debater a ideia. Então entrou em cena o nosso colega, cavaleiro Nelson Pavin Filho, inteligentemente, como é do seu feitio, quando adota um ponto de vista, trabalhou intensamente nos bastidores, a fim de conseguir convencer uma parte da plateia e aprovamos a encenação para aquele ano.



O prefeito Airton Dipp, procurado, relutou, achando que era um empreendimento muito ousado, mas, finalmente nos apoiou, inclusive, financeiramente, não acreditando muito no projeto. Deixou que as coisas tomassem seu rumo. Compareceu ao espetáculo e se convenceu de sua grandiosidade, confessando sua incredulidade.

Vieram de Porto Alegre algumas peças bélicas do museu da Brigada Militar, trazida pelo major, hoje Cel. Roberto Kraid, meu sobrinho, as quais foram expostas no Pulador.

Confeccionamos canhões, dois deles fabricados pelo fazendeiro Itamar dos Santos. Uma metralhadora giratória, descoberta pelo companheiro Delmi-dio Fagundes, fuzis da brigada militar. Desenvolvemos um tipo de espadas e confeccionamos fardamentos, lenços, ponches, quepes, palas e xiripás.

E no dia 07 de agosto de 2005 realizamos a encenação, 600 figurantes, o maior espetáculo bélico a céu aberto já realizado no Brasil. Sucesso, mais de 5 mil expectadores, foi uma surpresa agradável e uma apresentação de luxo, de gaúchos amadores, colegas Cavaleiros do Mercosul e Brigada Militar.

O dia da encenação era, como os historiadores contavam, muito frio, tanto que na véspera da batalha, em 26 de junho de 1894, morreram de frio, no acampamento, as margens do Rio Pinheiro Torto, junto a capela de São Miguel, mais de 12 federalistas. Na encenação havia névoa no campo, mais a bruma de fumaça que envolvia o espetáculo, sendo ele tão perfeito e emocionante,

não só para quem participava, como para a plateia (alguns inclusive derramavam lágrimas), levando a crer que os espíritos daqueles que ali batalharam, mortos ou não no local, haviam incorporado aos atores e participantes, inclusive nos animais pela maneira que se postaram.

Depois da encenação escrevemos o livro “Batalha do Pulador, História e Encenação”, no qual conto a história da Revolução, é a única obra que fala com exclusividade sobre a Batalha, até o momento, publicada, registrando nossa luta e onde consta o projeto na versão que está sendo encenado, registrado na Biblioteca Nacional.

Em 2007, anos que comemoramos os 150 anos de Passo Fundo, no dia 07 de agosto, entre os festejos que integraram a efeméride, a Encenação da Batalha do Pulador, foi a que teve maior público, mais de vinte mil expectadores, aplaudindo 600 atores, num espetáculo da grande envergadura, cuja emoção foi o elo que embelezou material e espiritualmente a todos.

Em 4 e 5 de agosto de 2012, apresentamos a VI Encenação da Batalha, naquele distrito, com elenco de mais de 600 atores e um público estimado em 30 mil pessoas, vindo de todas as regiões.

A próxima apresentação será em agosto de 2014, já na maioridade da Encenação da Batalha, a 7ª edição. “Só o tempo constrói a história e ressuscita seus heróis!” (Flavio Tavares)

(Jabs Paim Bandeira é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# A lírica do sono

**HELENA ROTTA DE CAMARGO**

**É** ainda madrugada e o sono já pegou a estrada. Perder tempo não é com ele, que ama tomar café com a aurora, saboreando o apoio da névoa morna.

Uma vez cumprida sua missão -- que é estender o cobertor, espiar pela janela o advento da claridade, fazer o sinal-da-cruz, dar um giro pelo quarto, -- a fim de conferir o nível de paz e serenidade que irradia do abajur cor-de-rosa --, e eis que o sono salta de mansinho, avança pelo corredor, e dá no pé...

Eu ainda insisto: "Fica mais um pouco. Está cedo. Há um bom tempo que a gente não sonha juntos." Mas ele, introvertido como sempre, nem sequer me dá bola... Distancia-se cabisbaixo, sem virar para trás nem dizer adeus...

Faz parte da índole do sono ser mudo e taciturno, assim como são os livros e os cemitérios. A despeito da linguagem incisiva e professoral com que nos aborda, jamais alguém ouviu sua voz. Um mutismo paradoxal que beira o limiar da ironia. Aquele silêncio nostálgico, sem uma apneia importuna, um acesso de tosse, um espirro retardatário. De-

veras, trata-se de uma apatia de difícil diagnóstico!

Mas sobre o que mesmo estava eu discorrendo?

Ah! Eu dizia da alma do sono que, além de calada, é também mística e uma conselheira excelente. Qualidades que interagem e se completam...

Durante a vigília, confio ao sono todas as minhas preocupações, veleidades, nostalgias. Pra falar claro, todas essas picuinhas de mulher velha e insatisfeita com a pressa da vida. Ele (o sono) as organiza e cataloga, seleciona o que é útil e descarta o supérfluo. Uma ajuda inestimável! Tanto que acordo leve, pura, despoluída, jubilosa. Pronta para novos embates, sejam eles inócuos ou vilões...

Outra peculiar faceta do sono consiste nos dons de cosmovisão, transmutação, bilocação e outros ainda mais notáveis, como a levitação e a hipnose. Dormindo, tornamo-nos imponderáveis, participamos do festim dos astros, escalamos picos nevados, mergulhamos nas profundezas do mar (e do amor!). Prazer e susto, coragem e temor, nada detém meu espírito, agora liberto e fluido, audaz e versátil. As aventuras das Mil e Uma Noites se passam aqui, dentro do quarto.

O rosto engalfinhado no travesseiro. A mente voando como uma águia.

O melhor da biografia do sono, porém, julgo ser o momento do despertar. O interregno do transe. O lusco-fusco da consciência... Valha-me Deus! (Cadê a poeta dos versos chorosos de Sol Encoberto e Paredes Nuas?) -- A poesia desaba sobre mim... Catadupas descem vertiginosamente... Sou uma fonte! Transbordo... Sou uma harpa! Canto... (Piano, pianíssimo... Soprano, contralto, barítono...) Todas as vozes, todos os amores, todos os êxtases... Oh! Fui picada pela gandaia da insônia, que me injetou mel nos favos ressecados da alma. Os pássaros ainda dormem, e minha mente já dispara, despejando-se no caderno que jaz sob o travesseiro e recém começa a despertar.

Feliz descoberta! O sono, que revigora o físico, também retempera o espírito...

O dia se levanta. O corpo se espreguiça. A alma renasce. Ela é fogo e água, chaga e unguento, brilho e treva. É semente e fruto. Argila e estátua. Morte e ressurreição...

(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# O livro de Júlio Perez, A Bolsa da Minha Mãe

**DILSE PICCIN CORTEZE**

A bolsa da minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim. Mas, para a criança que fui, o acesso a ela sempre me foi negado. Talvez por causa de uma compreensão insuficiente de minha mãe dos intrincados processos imaginativos que fazem uma criança ter uma fixação tão grande por um objeto do seu exclusivo uso pessoal. O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas as vezes em que se me apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior. Mas, com uma pontualidade beirando à crueldade, minha mãe barrava todas as minhas investidas neste terreno que, em última instância, só lhe dizia respeito. Romper, pois, essa barreira passou a constituir uma obsessão para mim; para ela, porém, era um ato de atrevimento de um filho, inconcebível de ser tolerado.

Mas eu não me dava por vencido.”

É assim que o acadêmico Júlio Perez apresenta seu livro que foi lançado no ano de 2012 em Passo Fundo. Perez é auditor público externo da Regional de Passo Fundo e recentemente, foi eleito membro da Academia Passo-Fundense de Letras, cuja cerimônia de posse ocorre no dia 23 de novembro de 2012. Isso se deve ao fato de Perez já ter intimidade com as palavras. Em 2006, publicou seu primeiro livro de poesias, “Expresso Instante”. Em 2010, foi a vez de “Fugaz Idade”. Este ano, decidiu divulgar seus contos.

Júlio afirma:

“Esse material é antigo, são coisas que escrevi de 1995 em diante. O título ‘A Bolsa da Minha Mãe’, por exemplo, surgiu quando eu trabalhava como bancário e observava as pessoas na fila. Um menino insistentemente curioso em saber o que havia na bolsa da mãe se tornou minha inspiração. Eu relato o cotidiano e acrescento

a ele um certo imaginário fantástico. Isso surge principalmente de leituras como Kafka, Julio Cortazar, Alberto Camus”, explica.

“Escrever é sonhar” disse certa vez Lygia Fagundes Telles, Júlio sonhou e destes sonhos nasceram, 128 paginas, com 18 contos, cheios de uma imaginação fantástica que só um escritor, poeta, apaixonado como Perez, consegue.

São histórias com vários tons de paixão e por isso apaixonantes. Falando em paixão refere-se a amor. No romance de Lygia Fagundes Telles, Verão no aquário, a autora escreve: “Não importa o objeto do amor aquilo que a gente venha a amar... A forma não interessa o que interessa é a ausência, é a coragem – de substituir esse objeto do amor quando chegar a hora”.

Percebe-se estes vários tons na obra, “A bolsa de minha mãe e outros contos”, em histórias como: A maldição de Casanova, A flor e o Besouro, A carta, A revolução Sexual, Contrato de casamento, Caixa de Ferramentas, só para citar alguns dos belos contos deste romancista que acaba de nascer com fôlego de adulto na arte de sonhar e escrever.

Parabenizamos o confrade Júlio Perez pela excelente obra a disposição nas livrarias e também em forma de e-book, na rede, esperamos que logo possamos ter outros livros com a mesma envergadura de “A bolsa de Minha Mãe”.



(Dilse Piccin Corteze é Mestre em História Regional pela UPF, professora da Rede Municipal de Ensino e dos cursos de Pós-graduação da Faculdade IDEAU - Passo Fundo. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)



# Por que o mundo existe?



**CARLOS ANTONIO MADALOSSO**

**L**i recentemente o livro do jornalista e filósofo Jim Holt no qual ele procurava esclarecer a dúvida do título. Entrevistou filósofos, cosmólogos, cientistas, teólogos e outros para obter essa resposta. Resumirei algumas opiniões e posteriormente informarei respostas que obtive procurando amigos em Passo Fundo, diferenciados intelectualmente que pudessem me auxiliar nesta questão.

Platão, no século V a.C. perguntava por que o mundo existe. Platão tinha uma visão de que o verdadeiro mundo é encontrado nas formas não materiais como a matemática, as ideias, a bondade e a beleza. Na Alegoria da Caverna colocou as pessoas em um mundo irreal na qual os ocupantes da caverna veem projeções e não o mundo de verdade. Era o mundo das ideias por isso, queria saber por que o mundo real existe.

A partir do século II d.C. a Igreja Cristã criou o princípio do “ex nihilo”, ou seja, no princípio nada havia e tudo foi criado por Deus. O mundo existiria por que Deus assim o quis.

René Descartes, século XVI, considerado o pai da filosofia moderna, afirmava que o mundo consistia em dois tipos de substância: a matéria, por ele

chamada de res extensa e a mente, res cogitans. Sua filosofia hoje é criticada, pois considerando o espaço multidimensional encontra variedades que não são materiais e nem mentais não identificadas naquele tempo.

Gottfried Leibniz, matemático e filósofo alemão do século XVII, em sua tese “Princípio da Razão Suficiente” afirmou que “para cada verdade deve haver uma razão para que ela seja assim e não de outra forma, e, para cada coisa deve haver uma razão de sua existência”. Perguntava aos seus alunos: por que existe algo e não o nada?

Seguindo essa ideia Jim Holt iniciou profunda pesquisa para chegar à resposta de por que o mundo existe. Percorreu os Estados Unidos e parte da Europa entrevistando autoridades como as citadas abaixo.

Arthur Lovejoy, Harvard, 1933, afirmava que um mundo acidental, irracional, sem a presença de Deus não teria estabilidade e nem confiabilidade e, portanto não existiria.

Stephen Hawking, maior cosmologista após Einstein, criou o modelo “sem limite” no qual o universo apesar de finito no tempo e está contido em si mesmo não havendo necessidade de Deus. Mas tem uma grande dúvida: “O que será que infunde vida nas equações e faz surgir um universo a ser explicado por elas”?

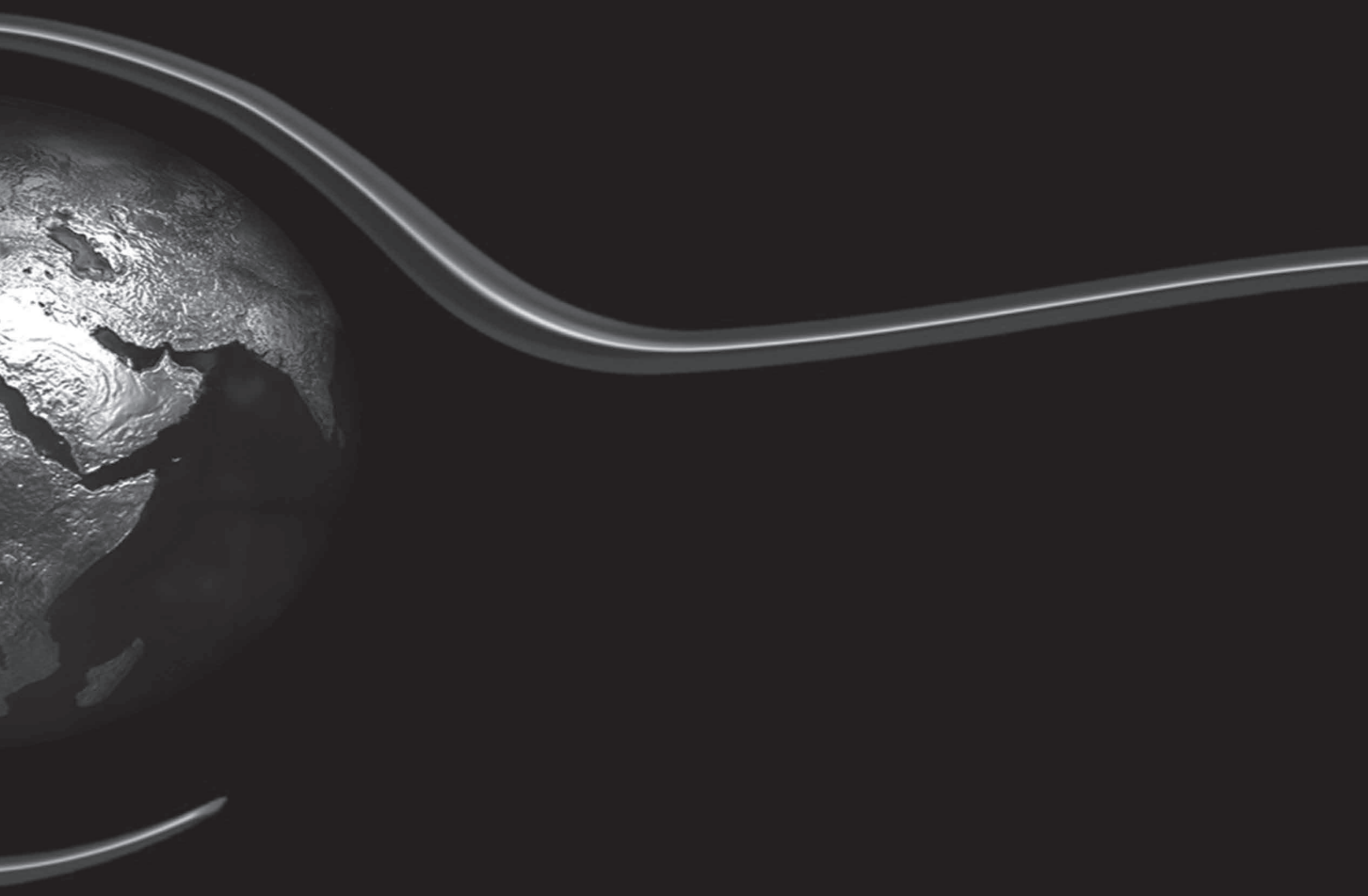
e continua “por que o universo se dá o trabalho de existir”?

Andrei Linde, professor de Stanford, um dos criadores da teoria inflacionária pela qual o universo está em constante expansão diz: “não podemos descartar a ideia de alguém de outros universos ter criado este pela simples vontade de fazê-lo. Poderia ter sido um hacker”.

Richard Swinburne, filósofo e teólogo de Oxford afirma em seu livro “Is There a God?": “O que poderia explicar um universo tão rico e abundante? E como explicar tantas características surpreendentes, em especial a ordem espacial e temporal, o refinado fomento da vida e da consciência, a compatibilidade como teatro da ação humana? Existem no universo uma complexidade, uma particularidade e uma finitude que clama por explicação.” E, continuando, diz: “hipótese mais simples para explicar a existência de um mundo assim é a de que Deus está por trás dele”.

David Deutsch, cientista renomado que atribui à teoria quântica a formação do universo e um dos proponentes da teoria do multiverso (existência de inúmeros universos) quando indagado respondeu longamente sem convicção terminando por brincar: mesmo que houvesse o nada você continuaria indagando.

Allan Sandage, pai da astronomia mo-



derna afirma: “A ciência não tem como responder as perguntas mais profundas. A partir do momento em que perguntamos por que existe algo e não apenas o nada, fomos além da ciência”.

Julian Huxley, primeiro diretor da UNESCO afirmava: “A ciência levantou o véu do mistério que obscurecia muitos fenômenos, para grande benefício da espécie humana, mas nos defronta com um mistério básico e universal que é o mistério da existência”.

Steven Waimberg, prêmio Nobel de Física: “Podemos ter uma teoria quântica da gravidade, uma eletrodinâmica quântica ou o modelo padrão, mas tudo isso significa apenas adicionar atores ao palco quântico. Ainda parecemos longe da teoria final. Cita ainda que a ciência é uma equação diferencial e a religião é uma condição limítrofe”.

John Leslie, físico escocês, propõe a ideia do axiarquismo, ou seja, o domínio do valor. Para ele o mundo existe por um ato de bondade e sugere três premissas: 1) o valor é criativo 2) o valor é objetivo, 3) O mundo é bom e tudo concorre para sermos felizes.

Após todas estas opiniões e muitas outras que deixo de citar, a que mais me convenceu foi a de Richard Swinburne que, como eu, baseia-se no princípio antrópico final de que o mundo foi criado ex nihilo para que o ser humano, seu

habitante mais importante viva e seja feliz no mesmo. Quanto à força criativa, como teísta que sou, creio que o mundo foi criado por Deus, um ser eterno, sábio e bondoso, que nos permite o livre arbítrio, o que justifica tantas mazelas que ocorrem nesta terra.

Ainda sem uma definição completa do tema, procurei amigos de Passo Fundo e de outros locais de profissões diversas, a quem eu respeitava por seu reconhecido saber, para formular a mesma questão.

O primeiro impasse que surgiu foi qual a definição de mundo. Havia diversos pensamentos sobre o assunto, mas insisti na definição mais completa de que o mundo é que difere da visão teológica, onde o mundo são apenas coisas terrenas. O mundo é o conceito moderno é o conjunto de toda a matéria, submatéria, atividades mentais detectáveis por meio da tecnologia e o espiritual, que nos liga ao transcendental que não pode ser detectado por qualquer aparelho por se imaterial.


Alguns dos convidados não responderam. Outros pediram tempo para pensar, sendo que os teólogos responderam de pronto. A opinião destes amigos em sua maioria concorda com o princípio antrópico teísta acreditando que o mundo foi feito para o homem e seu criador é o próprio Deus, sendo que alguns não definem a figura de Deus, mas apelam para

uma força indeterminada com poderes semelhante ao Deus criador dos cristãos. Houve uma sugestão que devíamos olhar para a maravilha criada por um ser superior e sermos mais humildes devido a nossa pequenez.

Dois disseram que não tinham ideia formada sobre o assunto, mas que pensariam no mesmo uma vez que o assunto era palpitante. Um justificou com o princípio da cosmogonia de Platão. Outro propôs o texto de Schopenhauer “O mundo como vontade e representação”. Arthur Schopenhauer sabidamente pessimista, budista e ateu afirmava: “Para seu enorme espanto, um homem se vê de repente existindo, após milhares de anos de não existência, vive por algum tempo e então transcorre de novo um período igualmente longo em que ele não existe mais. O coração rebela-se contra isso, sentindo que não pode ser verdade”.

Após esta breve procura penso que continuo ainda com minhas convicções, respeitando a dos demais o que me leva a concluir que não há pensamento uniforme e que devo continuar perguntando aos leitores: **POR QUE O MUNDO EXISTE?**

(Carlos Antonio Madalosso é médico e membro das Academias Passo-Fundense de Medicina e de Letras.)



# Dualidade das perdas

**ALEXANDRE NUNES BARBOSA,**  
**RODRIGO LUIZ FONTOURA e ROZALIA**  
**NATÁLIA MACHADO MONTEIRO**

No decorrer da nossa história, os seres humanos vêm percebendo a existência de elementos duais que, equivocadamente, são considerados opostos um do outro. Estes elementos podem abranger os mais diversos níveis e ciclos de nossa sociedade atual, por exemplo: dia e noite, vida e morte, homem e mulher, calor e frio, alto e baixo, útil e inútil, rico e pobre, dentre outros tantos.

Vivemos buscando diferenciar pessoas e situações, categorizando-as em blocos, escolhidos ou referenciados pelo seu maior ou menor, outra dualidade, retornamos.

Esta representação equivocada dos contextos vivenciais traz ao indivíduo frustrações nos mais variados tipos e potenciais, gerando em todos que compõe a sociedade, a necessidade de enquadrar-se neste ou naquele contexto. Mantendo-se sempre o foco no contexto de maior aceitação e retorno, social ou econômico.

Neste sentido, observa-se uma grande dificuldade no manejo com a falta de alcance do “melhor contexto” ou ainda na perda desta posição.

Assim, nos percebemos quando,

por exemplo, chegamos no tempo de aposentadoria. Uma vez que, este momento representa uma forte alteração nos hábitos do indivíduo que se encontra nesta fase da vida. Pois, na maioria das vezes, ele se vê sem rumo, sem objetivos, frustrado de não servir mais à sociedade, família, amigos e outros, chegando a alimentar o pensamento da sua serventia em vida e do peso de tê-lo como companhia.

Percebe-se que, neste instante, os norteamentos busca a qualificação trazida ao longo da história, objetivando dar ao indivíduo a sua função social e familiar dentro das dualidades contextualizadas como vigentes neste momento histórico.

O fato é que as dualidades da vida, da história ou da sociedade, como se queira dizer, deveriam ser vistas apenas como referências e não como enquadramentos sistemáticos da vida. Isto porque, nenhuma dualidade atua de forma a pular seu ciclo de transição, pois, o sol não desaparece em uma fração de segundo para que a noite chegue.

Nossa sociedade está acostumada a obter estes traços através de elementos palpáveis, visíveis, olfatórios ou audíveis, esquecendo-se de um grande elemento capaz de perceber nuances que os demais deixariam para trás, o sentir.

Quando sentimos os instantes, as emoções e as reações fisiológicas, obtemos

informações mais variadas e respostas mais apuradas para o momento que vivemos, pois dentro de nós trazemos respostas alimentadas pela nossa história, pela história daqueles que estiveram ao nosso redor e pelo inconsciente coletivo. Capazes de nos propiciar insights geradores de contextos melhor adaptados a nossa realidade ou situação.

Isto é percebido quando nos deparamos com a perda do luto, através da morte. Neste momento, normalmente para aqueles que se mantêm em vida, existe um grande vazio, uma lacuna a ser preenchida. Trazendo, em alguns casos, grande revolta e desespero.

Esta lacuna, quando observada através do sentir, da percepção de toda uma vida, dos elementos que trouxeram cada um até aquele instante, das possibilidades e potencialidades existentes, dentre outros aspectos, permite ao indivíduo uma melhor resignificação da vida, aumentando as chances de equilíbrio e satisfação nos dias vindouros.

Isto não significa que a perda ou o luto seria deixado de lado ou não sentido por quem fica, mas sim, dizer que este indivíduo saberia lidar com suas perdas melhor e mais facilmente que outros. Lamentaria uma ausência física, mas não faria com que esta impedisse o brilho de toda uma existência.

Fato semelhante observa-se quando



uma pessoa viaja para um lugar distante e neste, manter-se-á por tempo indeterminado. À distância, de nenhuma forma, trará uma sensação de perda tão grande como a da morte, no entanto, a distância física se mostra tão intensa como tal. Isto porque, o significado sócio histórico que uma viagem nos trás é diferente do significado trazido pela morte.

Por isso, o que se busca na psicologia não é a busca do resinificar a perda no sentido sócio histórico, mas fazê-lo frente ao sentir cada elemento pelo seu contexto real, equivalendo as percepções, tal como a distância, de forma a permitir que o indivíduo tenha uma vida com maior capacidade de enfrentamento e equilíbrio nas situações.

Não bastasse isso, a globalização e o crescente avanço das tecnologias, torna possível acessar as redes sociais e manter-se “conectado” com pessoas de todos os lugares do mundo. Através do próprio aparelho celular podemos dizer onde estamos, e como estamos. Se pararmos para analisar as publicações e posts nas variadas redes sociais, notaremos algo em comum: as pessoas estão extremamente felizes e lindas. Será?

Não que seja errado querer compartilhar suas alegrias e belezas. Entretanto, o que ocorre é que as pessoas não se permitem mais sentir tristeza, medo, insegurança e afins. É claro que, a maioria

das pessoas prefere os sentimentos de amor e felicidade. E quem não gosta de sentir-se assim?

Contudo, junto com toda essa tecnologia e maiores acessos às informações digitais e mais técnicas, digamos assim, tudo fica mais acessível. Com facilidade descobrimos uma medicação que é indicada para depressão, outra para estresse ou ansiedade, além dos demais diagnósticos mais populares e corriqueiros. Ao saber que existe um remédio que “faz passar essa tristeza”, muitas pessoas optam por tomá-lo, deixando de lado o fato de que a verdadeira “cura” está em enfrentar a situação e lidar com tais sentimentos.

A sociedade atual parece entender a tristeza como equivalente a fraqueza. A perda de uma pessoa é algo que deve ser logo superado. Quem já não se deparou com as famosas frases “Ah! Vai passar”, “Não fica assim”, “Você precisa ser forte!”, poderíamos citar aqui outras tantas. Claro que pode passar. Mas é preciso passar por todas as fases desse luto e de todas as perdas que nos circundam. Ao ouvir “Seja forte”, subentendesse como obrigação ser forte. Apesar dos pesares, é proibido sentir-se triste.

Podemos trazer esse assunto a nossa realidade diária. Afinal, a perda faz parte do nosso cotidiano, vivemos isso todos os dias. Um amigo que viajou; o filho

que casou; a filha que nasceu. Em cada acontecimento há uma perda para ter um ganho, ou melhor, uma transformação. Nossa capacidade de enfrentamento e a ressignificação dos contextos acerca desses acontecimentos, é que ajuda na reconstrução da vida para que possamos nos tornar quem somos. As escolhas ou as maneiras de como lidar com essas situações cotidianas é que muitas vezes passam despercebidas por nós.

Bom, retornando às redes sociais...

Essa mais nova forma de contato interpessoal facilita a fuga da vida real e talvez, esse seja o motivo de milhares de pessoas passarem tanto tempo “conectadas”. Pelo menos ali somos aceitos e todos, ou a maioria, vive num mundo colorido, lindo e perfeito. Sem perdas e sem luto. Melhor “morar” ali do que enfrentar a realidade, do que se permitir sentir. Relacionar-se pessoalmente para poder lidar com as frustrações e decepções da vida real e conseqüentemente, das relações humanas contidas em nossa existência.

(Alexandre Nunes Barbosa é graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio de Sá – SC, graduado em Ciências Contábeis – PUCRS e pós-graduado em Psicologia Organizacional e do Trabalho pelo Centro Universitário Estácio de Sá – SC; Rodrigo Luiz Fontoura é pós-graduado em Psicologia Organizacional e do Trabalho e pelo Centro Universitário Estácio de Sá – SC; e Rozalia Natália Machado Monteiro é graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Estácio de Sá – SC.)

# Solidariedade entre mulheres!



**SUELI GEHLEN FROSI**

**N**os últimos dias tenho observado mais atentamente o dia-a-dia de muitas mães. Às vezes acompanho a saída do meu neto da escolinha, o que me permite vê-las e ouvi-las. São mulheres expostas a uma vida que, há bem pouco tempo, seria inviável. Cuidar de crianças é trabalho árduo, embora prazeroso, isso dito por todas as mães, evidenciando que no quesito amor, não mudamos nada.

Essas mulheres atendem a múltiplos interesses, enfrentam um trânsito insano, são movidas pela responsabilidade de uma profissão, pela casa que cuidam com esmero, por uma relação amorosa que também demanda um aporte emocional enorme e, legitimamente, procuram ser felizes e participantes de uma sociedade que ainda não sabe muito bem cuidar delas.

Solidarizo-me com essas quase meninas, mães, profissionais, donas de casa, que estão fazendo a vida pós moderna, ou ultra moderna. Não sei se as pessoas da minha idade conseguiriam desempe-

nar tão bem o que elas fazem. Além do mais elas inauguram uma modalidade familiar que também não conhecemos ainda: elas têm geralmente só um filho.

Em um programa produzido a partir da ECO 90 apresentado na TV FUTURA, mostraram alguns jovens que os jornalistas acompanharam desde a época. As filmagens do nascimento, da primeira infância, da adolescência e de adultos mostram que as fórmulas tradicionais não são as únicas capazes de resultados educacionais e humanos satisfatórios e que, em meio às adversidades, à violência, à fome, à solidão, gravitam pessoas cujos filhos conseguem sobreviver com dignidade. O principal foi constatar que as crianças têm uma incrível capacidade de resiliência e que o amor dos filhos pelos pais e dos pais para com os filhos está incólume.

Solidarizo-me com os que sabem ser este o único lugar que temos para viver e que este deve ser arranjado da melhor forma, mesmo que adverso, concorrido e assustador e cuidam dos seus com tanto carinho.

Solidarizo-me, principalmente, com as mães que vivem situações limite, a exemplo do fato tão insólito quando um

bebê foi esquecido dentro do carro. Imagino o horror ao verificar que, mesmo tomando todos os cuidados do mundo, podem ocorrer lapsos graves, causados pela correria insana em que estamos metidos. A solidariedade deve ser a tônica dos que falam sobre o assunto, dos que lidam com o assunto e dos que têm contato com a família que sofreu tamanho trauma.

Solidarizo-me também com as vovós, que gostariam de ver suas filhas e noras um pouco menos atarefadas, mas que compreendem e ajudam quando podem, sem pensar que o certo está com elas, que o certo só acontecia como na música que Angela Maria cantava: “são casas simples, com cadeiras na calçada, e na fachada escrito em cima que é um lar...”, pois esse mundo só acontece de vez em quando, muito de vez em quando.

Enquanto isso, continuamos mulheres do mesmo jeito de antes, as crianças nascem do mesmo jeito de antes. O que necessitamos é aprender todos os dias novas formas de nos cuidarmos uns dos outros.

(Sueli Gehlen Frosi, autora dos livros *Vida e Compaixão*, é membro da Escola de Pais do Brasil e da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Final de Ano

SUELI GEHLEN FROSI

Como todos os anos, nesta época, temos o cuidado de rever coisas e, acho que aqui no sul, por alguns motivos a mais. Temos que arejar, sacudir as coisas, mostrar o sol a elas, despedindo-nos do inverno.

Foi com este intuito que comecei a empreitada pelos livros. A constatação de que livro pode tornar-se obsoleto me chocou. Dei uma boa olhada na enciclopédia que pagamos em vinte e quatro vezes. Na época as necessidades dos filhos exigiam que a comprássemos e optamos por ela em detrimento da compra do telefone, coisa muita cara na época.

Constatee que os muitos volumes estavam realmente usados o que me deixou cheia de orgulho, mas triste por não precisar mais daquela fileira enorme de livros, substituída pelas redes virtuais, que, alimentadas pelo conhecimento de todos, é usada com critério por uns, com leviandade por outros. Cabe a cada um de nós verificarmos a seriedade e a base científica das informações que colhemos, mas a informação não cabe mais em prateleiras.

Há bem poucos anos, pensar em me desfazer de livros por não servirem mais seria considerada uma heresia. Hoje eles foram doados, foram descartados. O buraco na estante ainda guarda a energia das crianças.

O que precisa de ar também são os guardados que não nos servem mais, mas que falam ao coração. Encontrei, cuidadosamente embalada, uma cestinha de páscoa toda enfeitada, que pertenceu à minha mãe, assim como uma lata verde onde ela guardava biscoitos. Senti o cheiro dos biscoitos assados dias antes do Natal e pintadas escondido de nós, já que isso era tarefa do Papai Noel. Vieram-me à memória os Natais tão lindos, com presentes tão cuidadosamente escolhidos, de guloseimas cheirosas, feitas em casa. Lembrei do calor do forno à lenha, das cucas perfumadas saindo dele e dos almoços nos quais não faltava mistério



e uma pontinha de medo do Papai Noel.

Mexendo nas coisas lembrei-me de que o dinheiro curto era compensado pelo esforço da minha mãe em costurar nossos vestidos, em engomar guardanapos, em cozinhar deliciosos doces em calda, em enfeitar a casa e no meu pai ensaiando danças conosco, coisa que riscava o assoalho brilhante da sala. Lembro também, dos buraquinhos que conseguimos nas tabuas do chão, feitos com os taquinhos dos saltos dos sapatos quando crescemos.

Mas esta também é uma época de festas com amigos e numa delas a Otilia, uma amiga muito querida me abraçou e disse: “Feliz Natal, não Feliz Ano Novo, por que Natal é a coisa mais linda do mundo.” Entendi o que ela queria dizer,

por que agora, quando já estou velha, o Natal é uma ocasião em que posso olhar para os filhos, os genros, as noras, para minha neta e meus netos e dizer que tudo valeu a pena, mesmo que tenha que aprender tanto todos os dias, mesmo que tenha que aprender a descartar o que não tem mais serventia, para dar lugar para o novo.

Estou abrindo espaço na casa e no coração para tudo o que está por vir, com a mesma disposição com que me dispus a pagar em vinte e quatro meses o que era tão necessário.

(Sueli Gehlen Frosi, autora dos livros *Vida e Compaixão*, é membro da Escola de Pais do Brasil e da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Ninguém deve se posicionar em direção à bandeira nacional...

DANIEL VIUNISKI

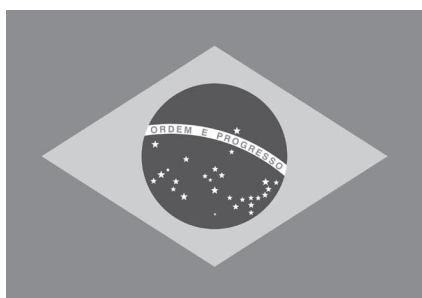
Os símbolos e hinos são manifestações gráficas e musicais, de importante valor histórico, criadas para transmitir o sentimento de união nacional e mostrar a soberania do país. Segundo a Constituição, os quatro símbolos oficiais da República Federativa do Brasil são: a Bandeira Nacional, o Hino Nacional, o Brasão da República e o Selo Nacional. Sua apresentação e seu uso são regulados pela Lei n. 5.700 de 1º de setembro de 1971.

## Brasão



Desenho foi criado no governo do primeiro Presidente da República, Marechal Deodoro da Fonseca.

## Bandeira Nacional



As constelações que figuram na bandeira correspondem ao aspecto do céu do dia 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro.

## Selo



É usado para autenticar atos do governo, diplomas e certificados expedidos por escolas oficiais.

## Hino Nacional

Letra do Hino Nacional foi criada em 1909 por Osório Duque Estrada, mas só foi oficializada em 1922.

## Execução do Hino Nacional

De acordo com o capítulo V da Lei 5.700/71 – Do respeito Devido à Bandeira Nacional e ao Hino Nacional: as pessoas em pé, deverão voltar-se nas direções das bandeiras durante a execução do Hino Nacional, somente em seu hasteamento ou arriamento, pois nesses momentos a Bandeira é homenageada. Entretanto, no caso das bandeiras já estarem hasteadas em mastros, ou até distendidas na parede, o público estará voltado em direção das autoridades e estas voltadas ao público, conforme orientação do Comitê Nacional do Cerimonial Público. Pois quem está sendo homenageado é o hino Nacional. (CNCP – vide [WWW.cncp.org.br](http://WWW.cncp.org.br)).

A Legislação Federal, só obriga a execução do Hino Nacional, nos casos previstos nos incisos I e II do Art. 25 da Lei nº. 5.700/71. Ainda conforme o § 3º do mesmo artigo, é facultada a execução do Hino Nacional em atos solenes. Por ini-

ciativa de alguns Estados e Municípios, tornou-se obrigação a execução do Hino Nacional em eventos oficiais, como por exemplo: no Estado de São Paulo, deve-se tocar o Hino Nacional antes do início dos jogos oficiais de futebol. Por sua vez no § 4º ainda do artigo 25, está embutido um parâmetro de precedência na execução dos hinos oficiais ou não. O Hino Nacional “por cortesia internacional” cede a precedência a um Hino Nacional Estrangeiro; portanto está implícito nesta norma que o Hino Nacional não cede a precedência aos demais hinos (Estados, Municípios e organizações). “O Poder Executivo regulará os pormenores de cerimonial referente aos Símbolos Nacionais.” Diante da omissão, os cerimonialistas valem-se da legislação militar como doutrina e ensinamento. O Dec. nº. 2.243/97 (RCONT), dispõem os seguintes procedimentos, que devem ser acatados pelos militares em cerimônias e solenidades militares e civis, estando de serviço ou não, fardados ou em trajes civis:

- Quando o Hino Nacional for tocado em cerimônia religiosa (não faz continência) permanece-se em atitude de respeito (não se volta para o dispositivo de Bandeiras);
- Ao fazer a continência ao Hino Nacional volta-se para a direção de onde vem a música, (não se volta para o dispositivo de Bandeiras e sim para a banda, coral, solo, etc.);
- Quando o Hino Nacional for tocado em cerimônia à Bandeira, (no hasteamento ou arriamento), volta-se para a Bandeira Nacional;
- Quando o Hino Nacional for executado em cerimônia realizada em ambiente fechado, (auditório, teatro, salões, etc.), volta-se para o local principal da cerimônia (novamente não se volta para o dispositivo de Bandeiras).

Enquanto não houver uma regulamentação pormenorizando o disposto na Lei 5.700/71, valemo-nos no que couber, como doutrina e subsídio, da legislação militar que está minuciosamente detalhada. O respaldo está no

Dec. 70.274/72, que aprova as normas do cerimonial público, quando em muitas situações remete e orienta os procedimentos a serem adotados em solenidades civis, ao cerimonial militar, doutrinando assim que em solenidades, procedimentos prescritos para os militares podem ser adotados pelos civis. Nem caberiam procedimentos diferentes para civis e militares. Por exemplo: a legislação militar manda que nas solenidades em ambiente fechado, por ocasião da execução do Hino Nacional o militar se volte para o ponto principal da cerimônia; não faz sentido que uma eventual regulação para o civil venha a disciplinar que ele se volte na direção do dispositivo de bandeiras.

Logo, ao conduzir o roteiro de uma solenidade, é recomendável que se introduza no texto a recomendação expressa que, ao ser interpretado o Hino Nacional, NINGUÉM DEVA SE POSICIONAR EM DIREÇÃO À BANDEIRA NACIONAL, posto que ela não está sendo objeto de reverência.

(Daniel Viuniski é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

**HINO NACIONAL BRASILEIRO**

Francisco Manoel da Silva  
Osorio Duque Estrada

## Poesia

FRANCISCO MELLO GARCIA

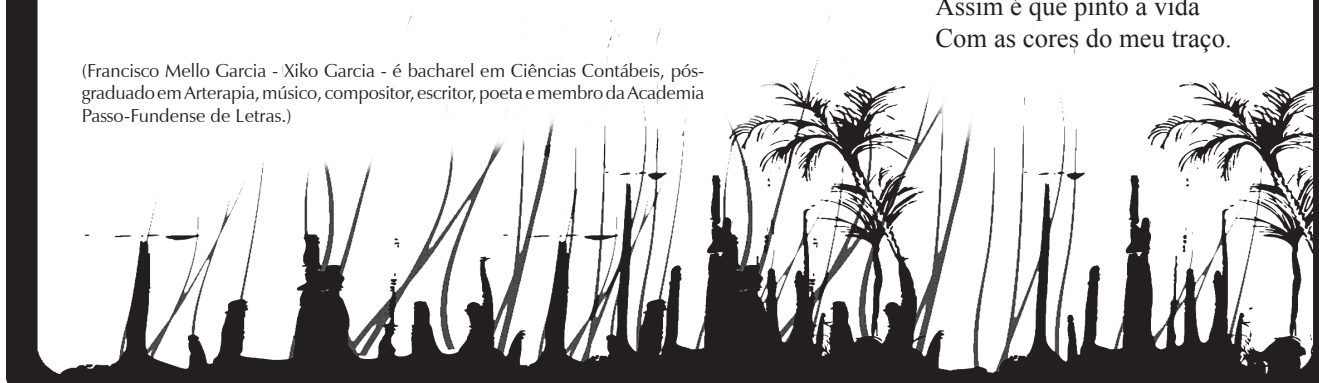
# As cores do meu traço

Embora façam de conta  
Que não vêem o que eu faço,  
Mas sempre a gente se encontra  
No ambiente ou no pedaço,  
A sociedade já me ensinou  
Caindo ou levando laço,  
Que ferro também se funde  
O bronze e o próprio aço,  
Ninguém é mais que ninguém  
Quando a vida vai pro espaço,  
Assim é que pinto a vida  
Com as cores do meu traço.

Morre o mendigo ou pobre  
Também o grande ricaço,  
Vai o que vive imprensado  
E o dono de grande espaço,  
Lá o circulo de cada um  
Abre conforme o compasso,  
Influência em nada decide  
Não tem rolo ou embaraço,  
Minha cabeça pensa assim  
No pedestal do espinhaço,  
Assim é que eu pinto a vida  
Com as cores do meu traço.

Depois segue a caminhada  
Infinita e sem cansaço,  
Ninguém usa outros meios  
A não ser o próprio passo,  
Furar a fila para quê?  
Não tem frio e nem mormaço,  
E o lucro de chegar antes  
Não muda nada no maço,  
Tentar usar influência  
Só vai gerar embaraço,  
Esse é um sonho de justiça  
Que aqui é muito escasso,  
Assim é que pinto a vida  
Com as cores do meu traço.

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Anderson Silva e a aula gratuita de soberba



**OSVANDRÉ LECH**

Uma aula sobre o comportamento humano, e como ele pode destruir pessoas e carreiras, foi visto na luta entre Anderson Silva e Chris Weidman pela disputa do cinturão dos pesos-médios do UFC 162 (Ultimate Fighting Championship), no suntuoso Metro-Goldwin-Meyer Grand Arena, em Las Vegas, EUA, ocorrida no dia 06 de julho do corrente ano. É só acessar o YouTube e ver novamente.

A luta foi vencida pelo norte-americano Weidman no início do segundo assalto e colocou fim a um reinado de sete anos e dez lutas vencidas por Anderson, que se tornou ícone do MMA (Mixed Martial Arts).

A derrota, porém, iniciou muito antes. Já na véspera, no momento da pesagem, Anderson “beijou” o adversário. Antes da luta, negou-se a bater luvas com ele, a típica atitude de fair-play no octógono.

Ao longo do primeiro assalto, Anderson desdenhou continuamente de Weidman, ironizando-o. E deixando a guarda aberta. Ao finalizar o assalto, Anderson “queria briga”, uma típica atitude anti-desportiva. O tom de soberba máxima continuou no segundo assalto contra um Weidman totalmente focado e faminto pela vitória, que veio da maneira mais inesperada possível pelos 12 mil fãs do UFC reunidos no MGM e milhões outros que assistiam a luta em todo o mundo.

A soberba é caracterizada pela pretensão de superioridade sobre as demais pessoas, levando a manifestações ostensivas de arrogância por vezes sem fundamento algum em fatos ou variáveis reais. Comportamento frequentemente observado em mandatários, midiáticos, endinheirados e vencedores sem equilíbrio emocional, a soberba acomete também o cidadão “comum”. Observa-se em todas as classes sociais e profissões, não sendo privilégio dos ricos. Os

pobres também podem experimentar a soberba ao se considerarem especiais e buscando fingir serem o que não são. Não só através de bens materiais, pois muitas vezes a pessoa pode se sentir superior aos outros por acreditar que é o melhor no que faz, no que decide, na sua capacidade de resolver situações. E é aí que mora o perigo, pois ao sentir-se “inatingível” a ponto de manter a guarda aberta e ironizar o adversário, um forte cruzado de esquerda seguido de uma impressionante sequência de socos, tirou de Anderson o cinturão mundial. Com mente de campeão, ele perdeu uma boa oportunidade para manter-se humilde e focado.

Ainda há tempo para mudar de atitude. E de técnico. Mas isto já é outra história...

(Osvandré Lech, médico e escritor, é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Presidente Dilma Rousseff, importe também políticos suecos, finlandeses, ingleses...!

**OSVANDRÉ LECH**

Depois da residência, estudei e aprendi muito nos EUA, França e Japão, antes de vir trabalhar em Passo Fundo. Poderia ter ficado trabalhando por lá. Desde que me submetesse às leis locais. No meu caso, fazer várias provas. De medicina, depois de ortopedia, provavelmente treinar mais alguns anos, etc. Ou seja, eu precisaria ter um padrão mínimo para aquele local. Isto é pura cidadania. No Brasil, e na contramão da ordem, da lei e da cidadania, o governo quer importar médicos. Imediata e desesperadamente. Não é possível admitir tanta incompetência, má-intenção, desprezo pelo cidadão. Por isso me manifesto publicamente descrevendo ad integrum o texto de quatro entidades médicas nacionais. Elas representam a opinião de 400.000 médicos brasileiros, a maioria deles vítima desta mesma situação política e gerencial inadmissível para aonde foi empurrada a saúde nacional.

“A saúde pública e a vergonha nacional - Há alguns anos, a presidente Dilma Rousseff foi vítima de grave problema de saúde. O tratamento aconteceu em centros de excelência do país e sob a supervisão de homens e mulheres capacitados em escolas médicas brasileiras. O povo quer acesso ao mesmo e não quer ser tratado como cidadão de segunda categoria, tratado por médicos com formação duvidosa e

em instalações precárias. Por isso, a Associação Médica Brasileira (AMB), a Associação Nacional de Médicos Residentes (ANMR), o Conselho Federal de Medicina (CFM) e a Federação Nacional dos Médicos (Fenam) manifestam publicamente seu repúdio e extrema preocupação com o anúncio de “trazer de imediato milhares de médicos do exterior”, feito nesta sexta-feira (21), durante pronunciamento em cadeia nacional. O caminho trilhado é de alto risco e simboliza uma vergonha nacional. Ele expõe a população, sobretudo a parcela mais vulnerável e carente, à ação de pessoas cujos conhecimentos e competências não foram devidamente comprovados. Além disso, tem valor inócuo, paliativo, populista e esconde os reais problemas que afetam o Sistema Único de Saúde (SUS). Será que os “médicos importados” - sem qualquer critério de avaliação ou com diplomas validados com regras duvidosas - compensarão a falta de leitos, de medicamentos, as ambulâncias paradas por falta de combustível, as infiltrações nas paredes e as goteiras nos hospitais? Onde estão as medidas para dotar os serviços de infraestrutura e de recursos humanos valorizados? Qual o destino dos R\$ 17 bilhões do orçamento do Governo Federal para a saúde que não foram aplicados como deveriam, em 2012? Por que vetaram artigos da Emenda Constitucional 29, que se tivesse sido colocada em prática teria permitido uma revolução na saúde?

de? Os protestos não pedem “médicos estrangeiros”, mas um SUS público, integral, gratuito, de qualidade e acessível a todos. É preciso reconhecer que é a falta de investimentos e a gestão incompetente desse sistema que afastam os médicos brasileiros do interior e da rede pública, agravando-a. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), os Governos de países com economias mais frágeis investem mais que o Brasil no setor. Na Argentina, o percentual de aplicação fica em 66%. No Brasil, esbarra em 47%. O apelo desesperado das ruas é por mais investimentos do Estado em saúde. É assim que o Brasil terá a saúde e os “hospitais padrão Fifa”, exigidos pela população, e não com a “importação de médicos”. A AMB, a ANMR, o CFM e a Fenam - assim como outras entidades e instituições, os 400 mil médicos brasileiros e a população conscientes da fragilidade da proposta de “importação” - não admitirão que se coloque em risco o futuro de um modelo enraizado na nossa Constituição e a vida de nossos cidadãos. Para tanto, tomarão as medidas possíveis, inclusive jurídicas, para assegurar o Estado Democrático de Direito no país, com base na dignidade humana.

Bem... e se nada disso dissuadir nossas autoridades, que elas importem também um bom estoque de políticos suecos, finlandeses, ingleses, conhecidos pela retidão com que tratam o erário público e pela qualidade de gestão.

## Bombando estou na internet

Amargura eu não mastigo  
Nem me adoço com chiclete,  
Confio é nas minhas bolas  
Também na minha raquete,  
Os ciumentos me remoem  
E pensam que sou croquete,  
Pra brigar pelo que eu quero  
Não me dão um canivete,  
Sucesso não vem de graça  
Minha obra é que compete,  
Há quem vive é de padrinho  
Com esse ninguém se mete,  
De carona é bem mais fácil  
Eu chego pagando o frete,  
Ao vivo muitos me aplaudem  
Bombando estou na internet.

Persistência não me falta  
O que é bom quem não repete,  
Sou do grupo dos que fazem  
Tem bastante é quem promete,  
Pois quem tem cara de pau  
Não faz barba com gilete  
Como é bom se ter Ferrari  
Mas usar como um Chevette,  
Pois falar sério é uma coisa  
Bem outra é jogar confete,  
Diante de quem tem dinheiro  
Raro é quem não se derrete,  
De carona é bem mais fácil  
Eu chego pagando o frete,  
Ao vivo muitos me aplaudem  
Bombando estou na internet.

Basta entrar no youtube  
Procurar Xiko Garcia,  
RECADO AO FALECIDO PAI,  
É visto com euforia,  
É a pura realidade  
Tudo o que ele dizia,  
Porém o que eu ia ver  
O pobre velho não sabia,  
Os anões do orçamento  
Cachoeira sem água fria,  
Universidade é o mensalão  
Com Reitor na Reitoria,  
Pra manter o que ensinaste  
Sempre estou em agonia  
E o que eu ganho por ano  
Um sacana ganha num dia.

## Choro do envelhecimento

Dizem que homem não chora  
Isso é um tipo de tormento,  
Existe é quem coordena isto  
Com base no ensinamento...

Pode não chorar por fora  
Muito mais chora por dentro,  
Por chorar não diminuo  
Pelo inverso até aumento...

O choro está no ser humano  
Eu choro em qualquer momento,  
Basta que exista motivo  
Que toque meu sentimento...

Chorei por não ter carinho  
Por tê-lo em algum momento,  
Também por estar sozinho  
E com bom acompanhamento...

Há quem chora por ser bom  
E outro por ser violento...  
Choro porque sou sincero  
E por ver tanto fingimento...

O choro está na ingenuidade  
Também no aproveitamento...  
Já vi quem chora de graça  
E quando é puro investimento...

Deus doou choro pra todos  
Não pra ser constrangimento,  
Pois Cristo chorou por nós  
Sob a dor e o sofrimento...  
Choro por quem já partiu  
E não vai mais pro esquecimento...

E o choro é o sinal da vida  
Na hora do nascimento...  
Pois até cantando eu choro  
Mesmo no envelhecimento...  
Este é um choro de alegria  
Também de agradecimento,  
Quantos jovens que só riam  
E não vão ter este momento...

(Francisco Mello Garcia - Xiko Garcia - é bacharel em Ciências Contábeis, pós-graduado em Arterapia, músico, compositor, escritor, poeta e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# O poder das Palavras



## OSVANDRÉ LECH

Quando ficar doente quero um médico, não um cientista (Mario Quintana). Impressiona o poder das palavras no dia-a-dia da profissão médica; aprendemos estes jargões e passamos a vida repetindo-os. Parece que ao repeti-los, incorporamos a vibração e o poder de convencimento contidos naquela frase. Se você quiser falar comigo, primeiro defina os termos (Voltaire). Desta forma, conseguimos nos comunicar melhor com nossos pacientes e praticar uma medicina ideal, pois os médicos mais notáveis são os que sabem incluir fé e esperança na receita aos seus pacientes (O. S. Mardem). Por outro lado, um médico despreparado é uma arma apontada para a sociedade (Marco Antônio Becker). Neste tercei-

ro milênio mecanicista, impessoal e multifuncional, estar preparado para exercer a medicina significa muito além de conhecer todas as técnicas de cura e reparação. Se toda a medicina não está na bondade, menos vale dela separada (Miguel Couto). Queres ser médico, meu filho? Esta é a aspiração de uma alma generosa, de um espírito ávido de ciência. Tens pensado bem no que há de ser a tua vida? (Esculápio). Afinal, o paciente espera do médico disponibilidade, carinho e habilidade - availability, amability, ability. Nesta ordem! (Harold Kleinert).

Em medicina sempre haverá possibilidade de aprender mais. Eu erro, mas tenho errado menos que os demais cirurgiões (Guillaume Dupuytren). Além disso, devemos desenvolver a capacidade de aceitar diferentes pontos-de-vista. Eu não espero que os meus contemporâ-

neos aceitem todas as minhas doutrinas; talvez as próximas gerações possam adotá-las e aperfeiçoá-las (Joseph Lister), já que o sinal mais gratificante do rápido progresso do nosso tempo é que os melhores livros-textos se desatualizam tão rapidamente (Theodor Billroth).

Respeitar os pacientes através de explicações claras, simples e honestas para que eles possam entender o processo da doença e da cura é outra responsabilidade da medicina atual. Repassar para as novas gerações através de apresentações orais ou textos científicos completa uma saga iniciada por Hipócrates, aclamado como o pai da medicina ocidental. Afinal, ler faz um homem completo, conferenciar faz um homem pronto e escrever faz um homem exato (Francis Bacon).

(Osvandré Lech, ortopedista e escritor, é presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.)



# Os Montes Sagrados

**SANTO CLAUDINO VERZELETI**

## **MASSADA**

**E**ncrustada na rocha, com sua fantástica beleza natural, essa fortaleza se ergue no deserto da Judeia, aproximadamente a três quilômetros da margem ocidental do Mar Morto. É uma bela montanha que, na época, oferecia total segurança aos seus moradores. Tem mais ou menos um quilômetro de comprimento, por 200 metros de largura. Sua elevação corresponde a 700 metros acima do nível do mar.

Foi Herodes, o Grande, que construiu a enorme e magnífica fortaleza, no ano 40 a.C., a fim de proteger-se dos judeus, caso tentassem destituí-lo do governo. O suntuoso palácio serviria como sua residência se, porventura, fosse destronado por Marco Antônio.

Quando os romanos, no ano 70 a.C., subjugarão toda a terra de Israel e deixaram Jerusalém em cinzas, um grupo de judeus patriotas, em número de 967 sobreviventes, liderados por Eleazar Bem Yair, dirigiu-se ao Monte Massada, local onde foram sitiados pelos romanos, durante três anos. Todavia, ao reconhecerem que não seria mais

possível ali permanecer, pois estavam prestes a ser derrotados pelos invasores e capturados como escravos, aconteceu o heroico e dramático fim dos judeus sobreviventes, que preferiram suicidar-se a renderem-se ao inimigo. Optaram pela morte, para fugir da escravidão.

Desde então o Monte Massada passou a ser um santuário para o povo judeu, por ter sido o cenário de um dos episódios mais sangrentos de sua história.

Observei in loco, junto com meus companheiros de viagem, que o povo está reconstituindo os palácios de outrora, com a ajuda voluntária de seus patrícios do mundo todo. Mulheres e homens prestam serviços à reconstrução, cada um de acordo com suas possibilidades.

Nos tempos de Herodes, a fortaleza possuía todas as condições de sobrevivência: despensas, cisternas, casas de banho, palácios, sinagogas e rituais de ablução.

Nós percorremos o platô da montanha e observamos parte da igreja bizantina, em mosaico herodiano, e o terraço inferior do palácio suspenso, ou seja, as poucas edificações que restaram após o jugo romano.

Para alcançar o cume, os invasores fizeram aquilo que o diabo não sabia fazer: ergueram uma taipa de terra e

pedras, até chegar ao topo, ou seja, ao patamar do Monte Massada.

Foi então que encontraram os 967 corpos com as cabeças decepadas. Uma cena de horror!

## **MONTE TABOR**

É um dos montes mais belos e históricos da Palestina, com 562 metros de altura.

Aparenta uma enorme calota arborizada, e sobrepujada por uma plataforma. Bem perto, os topônimos evocativos de Naim e os montes Endor e Ghilboah. A uns 20 km do mar (ou lagoa) de Tiberíades, e a 7 km de Nazaré, servia de limite às povoações e tribos de Neftali, Issacar e Zabulão, que para lá convidavam e atraíam os povos, a fim de oferecerem sacrifícios pela vitória.

Situado na extremidade Noroeste da grande e fértil planície de Jezrael/Esdrêlão, a sua estratégica localização geográfica fez dele o teatro da antiga gesta militar de Israel. Foi lá que Ali Baraq, ao apelo da profetisa Débora, convocou as tribos e venceu Sisera, por lhe terem assassinado os irmãos.

Igualmente ligado à história cristã, é o local menos provável da Transfiguração de Cristo (Mt 17, 1-9). A parábola,

apesar de tradicional, o é ainda mais por ser o monte para onde Jesus convocou os discípulos, após a ressurreição (Mt 28, 16).

Não obstante as dominações, romana, bizantina, árabe e turca, vem lá do século VI a presença e a continuidade do culto cristão, mantidas, sucessivamente, por Beneditinos, Agostinianos e, desde o século XIX, por Franciscanos.

Pelo esplendor do local, é muito frequentado por turistas e montanhistas, ávidos de contemplar o nascer do sol.

O panorama do alto da montanha é sensacional. Vislumbra-se a área agrícola da região, especialmente a localidade de Naim.

### MONTE SINAI

É uma península no extremo ocidental da Ásia, com 30 mil quilômetros quadrados de comprimento, e 250 mil quilômetros de largura. Está situado entre os golfos de Ácaba e de Suez.

O Sinai é montanhoso e desértico, com uma altitude de 2604 metros. Sua população é constituída, basicamente, por indivíduos nômades e pessoas pobres. Os centros mais importantes são: Tor, no caminho de Meca, e Abu-Zenima, um porto exportador de minérios. A principal riqueza é a exploração

do petróleo.

Atualmente, o Monte Sinai tem sido cenário de lutas violentas, entre árabes e israelitas. Estes ocuparam o Sinai na guerra de 1956, devolvendo-o, por fim, ao Egito, e sanando, dessa forma, o conflito. Mas voltaram a ocupar o território, na guerra de 1967, mantendo a ocupação, quase em sua totalidade, na luta armada de 1973.

O Monte Sinai é conhecido na Bíblia pelo nome de Horeb, e se tornou famoso pelas revelações de Javé a Moisés e ao povo de Israel. Na manifestação da Sarça Ardente (Ex. 3, 1-14 e 17), pois Javé confiou a Moisés a libertação do seu povo, que era oprimido no Egito. Pouco depois, os israelitas, comandados pelo chefe mencionado, atravessaram o Mar Vermelho, iniciando a travessia da península do Sinai, em direção a Canaã.

Ladearam então a costa ocidental, com alguma demora no Wadi Garandel, deserto do Sinai e Rafidim, até chegarem ao Monte Sinai, atualmente identificado como Gebel Musa. Nesse local foi proclamado o Decálogo (Ex 19, 1-18) e o Código da Aliança.

O Monte Sinai foi habitado por eremitas até o século VI, e se construiu ali o mosteiro que ainda existe, sendo habitado por monges ortodoxos.

O mosteiro é cercado por altas mura-

lhas, e sua capela, chapeada em ouro. Trata-se de um local magnífico e de peregrinações constantes, desde a Idade Média. Ocupa também uma posição estratégica entre egípcios e israelitas.

Também existe ali um museu a céu aberto, com todos os instrumentos agrícolas usados por esses povos, desde os tempos imemoriais.

A montanha, que é de difícil acesso, possui diversas trilhas que levam a seu cume.

### MONTE NEBO

Situa-se a 19 km a Leste do Rio Jordão, com 835 metros de altitude. É o local onde morreu Moisés, depois de ter contemplado a terra prometida.

Ele levou quarenta anos para realizar esse feito e, quando chegou ao cume, contemplou as planícies abaixo do Monte Nebo, vindo a falecer em seguida.

No contorno do Monte, observa-se o Rio Jordão e os desertos da Judeia e da Samaria.

Mananciais de água doce descem da montanha, abastecendo os moradores da região.

Do alto observa-se ainda a fortaleza de Herodion, Belém, as torres de Jerusalém e o oásis de Jericó.

O Monte Nebo foi habitado desde a





mais remota antiguidade. Para testemunhá-lo, a Bíblia refere a morte de Moisés, que remonta à época bizantina. No Velho Testamento cita-se a fortificação de Nebo, entre outras cidades, como Madaba. Por sua vez, os antigos beduínos também conheciam muito bem a montanha.

Por fim, os cristãos daquela região construíram uma igreja e um memorial em homenagem a Moisés, formando-se lá um local de peregrinação, desde Jerusalém, através do Rio Jordão, até Livias e as estepes de Moab.

Os peregrinos se banhavam nas águas termais de Ma'in, indo depois descansar no santuário de Moisés.

O Monte Nebo possuía uma série de igrejas e um mosteiro, que foram destruídos pelo rei moabita, encontrando-se atualmente em processo de escavações e restauração. Testemunham tais fatos o Papa João Paulo II e o Santo Verzeleti, que estiveram in loco, conhecendo aquelas instalações e edificações históricas. Trata-se de um local fantástico, repleto de fervor religioso.

Desde o ano de 1933, estão sendo realizados estudos e escavações no local. Tanto na Basílica como no Mosteiro, os trabalhos de recuperação se encontram em fase adiantada. Trata-se de um local turístico e repleto de fervor religioso.

### **MONTANHA QUNRÂM**

Em 1947, um beduíno à procura de sua cabra, que se havia extraviado

na montanha, descobriu um dos mais importantes e preciosos achados arqueológicos do século XX: os famosos pergaminhos do Mar Morto.

Foram escritos pelos essênios, membros de uma seita religiosa que deixou Jerusalém, para instalar-se no deserto de Qunram, pelos idos do século I a.C. Os tais pergaminhos foram encontrados em grutas, nas montanhas da região.

Os escritos de Filão, Flávio, José, Hipólito, Solino, Eusébio e Epifânio relatam que os essênios abandonaram a sociedade judaica, o sacerdócio e o templo, para se refugiarem na montanha de Qunrâm, orientados pelo mestre de justiça, cuja identificação histórica se desconhece.

Essa gente levou uma vida dedicada à oração, ao estudo, à meditação e à caridade.

Todavia, no ano 31 a.C. eles abandonaram o local, que foi destruído por um terremoto. Trinta anos mais tarde, retornaram, construindo um pequeno povoado. E lá permaneceram até o ano 68, quando foram massacrados pelos soldados de Tito.

Ao saber da passagem dos romanos, os essênios esconderam rapidamente, naquelas obscuras cavernas, os seus mais preciosos bens, isto é, as suas escrituras. E o deserto guardou seu segredo por dois mil anos, pois o local onde viveram, nas vizinhanças do Mar Morto, se tornou célebre, a partir de 1947, por seu mosteiro e pelos arquivos bibliográficos lá descobertos.

Apesar do difícil acesso, no ano de 1996, durante uma excursão por aqueles lugares remotos e desconhecidos, passamos nas proximidades da montanha citada, observando sua beleza e rusticidade.

Vale a pena pesquisar sobre os ritos e os costumes dos povos, especialmente aqueles que habitam no entorno dos montes aqui descritos. Apesar de sua precariedade, o deserto possui encantos e segredos inimagináveis!

### **MONTE ARARAT**

O Monte Ararat se caracteriza como um maciço vulcânico, localizado na Turquia oriental, mais precisamente na Armênia, perto das fronteiras soviética e iraniana.

É nesse lugar que se encontra o ponto mais alto do país, o grande Ararat, com 5565 metros de altitude.

Segundo a tradição bíblica, confirmada por lendas armênias, ao maciço teria ido a Arca de Noé, no fim do dilúvio.

Muitos arqueólogos fizeram expedições, segundo relatos de pesquisadores, entretanto, sem sucesso.

A arca até poderia estar no monte, porém muito longe de do alcance dos pesquisadores.

(Santo Claudino Verzeleti faz parte da Academia Passo-Fundense de Letras e da Academia de Ciências Contábeis do RS.)

# Não está na hora de ordenar mulheres?

WELCI NASCIMENTO

A palavra “seminário” vem do latim *seminarium* da raiz *se-*mem, semente, viveiro, onde se cultivam as plantas as mudas a serem transplantadas. No sentido etimológico, o termo tem uma significação específica. Na igreja, após o Concílio de Trento (1545-1553), seminário indica as casas de formação onde se assumiu, obrigatoriamente, como local de preparação de homens que se destinariam ao sacerdócio.

Neste sentido o termo seminário é empregado com a descrição de seminário maior e seminário menor. Para os estudos de Filosofia e Teologia, ambos funcionando em regime de internato. Este sistema perdurou até fins do século XX. Hoje não é possível, por vários motivos, preparar as pessoas para receber o sacramento da Ordem em tal regime de estudos. Difícilmente um jovem, hoje, se sujeitaria a ficar isolado do mundo e das relações sociais, mesmo com o advento da Internet.

De qualquer maneira, os seminários e os institutos de Filosofia e Teologia estão aí e são lugares onde o leigo do sexo masculino se prepara para receber o sacerdócio da ordem. São os futuros presbíteros, padres da igreja Católica Apostólica Romana, ordenados em união ao Colégio dos Bispos.

O sacramento da ordem, como no batismo, é recebido uma só vez. Na verdade, segundo o Catecismo da igreja, “ninguém tem o direito de receber o sacramento da ordem. A pessoa e chamada por Deus para esta honra”.

No princípio da igreja o Senhor recebeu apenas homens para formar o colégio de apóstolos. Estes fizeram a mesma coisa ao escolher somente homens para receber o sacramento da ordem.

Por que Jesus escolheu somente



homens? E as mulheres que ele tanto respeitava e valorizava!

A mulher, no tempo de Jesus, principalmente entre os gentios, isto é, aqueles que professaram a religião pagã, era reservado o papel de esposa. Mas Jesus valorizava tanto a mulher que foi para ela que ele apareceu principalmente na ressurreição e Deus escolheu uma mulher para se manifestar e salvar a humanidade. Essa mulher foi Maria de

Nazaré, a humilde serva do Senhor.

A mulher do século XXI já não é a mesma dos séculos passados. Ela é reconhecida pela sua capacidade de mandar, administrar, julgar, legislar... Será que Jesus não convidaria uma mulher para fundar o colégio apostólico se Ele tivesse se manifestado em pleno século XXI?

É de se pensar!

A mulher, hoje, estuda Filosofia e Teologia, mas não pode receber o sacramento da ordem porque é uma regra da Igreja. No entanto a mulher substituiu a grande maioria, pelo menos no Brasil, das pessoas que agem e interagem no trabalho pastoral. Sem a ação apostólica da mulher, a igreja estaria sofrendo muito mais do que já sofre hoje. Os homens estão perdendo a credibilidade para transmitir a mensagem. Nem todos evidentemente, mas muitos estão. Eles já não são a maioria daqueles que procuram colocar o pé dentro da igreja. Vivemos uma nova realidade. Nas romarias, não só aqui, como em todo o Brasil, muita gente! Nas igrejas, nas celebrações da eucaristia, nas missas de domingo, pouca gente! O homem masculino já não está agindo pastoralmente, como antigamente. Quem realmente “toca” a igreja seja nos pequenos ou grandes centros urbanos são as mulheres. O homem se identifica mais com a administração do dinheiro.

Não está na hora do clero ir pensando, pensando ele já está há muitos anos, e começar a agir em sentido de ordenar mulheres também? Não está na hora de abolir o celibato? Quem sabe a igreja estará inaugurando uma nova era da história da salvação e o corpo de Cristo, como é, mas não está sendo, passa a ser no corpo da igreja e templo definitivo, deixando de lado temas periféricos.

(Welci Nascimento, historiador e memorialista, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo.)

# De quem é o Mate Amargo?

**ODILON GARCEZ AYRES**

Na década de 1980, estávamos num churrasco confraternizando, na Ervateira Dona Ana, de Dom Rômulo Antônio, ao som do bandoneon do Maestro Buri (Arne Ricardo Vuori), um Finlandês Argentino, que se tornou nosso guia e Cônsul dos Rodeios Internacionais de Passo Fundo, quando lá pelas tantas, para mostrar-lhe meus dotes de declamador, pedi-lhe para tocar a rancheira “Mate Amargo” sobejamente conhecida da gauchada rio-grandense, e, depois de um talagaço num copito de vino blanco, o nosso maestro fez roncar o bandoneon, sendo que, no interregno, eu meio desenxabido, disse uns versos e parei contrariado:

Mas, me desculpe Maestro. Isso que o senhor tocou não é o nosso Mate Amargo?

Respondeu-me:

Não, não é o Mate Amargo de acá, tão poco o Uruguai, pois o Mate Amargo é Argentino!

A las putcha! Pensei eu. Que enrascada fui me meter, embora soubesse desde guri, no Coral de Canto Orfeônico no Colégio Conceição, que a aludida rancheira não era gaúcha, pois eu a copiara, e dizia assim:

Aqui estoy yo pa que me dém algún lugar,  
Aunque 'hê mujer al fin yo se qu'ê de cumplir,  
Pues, alo gaúcho les he de cantar,  
Y no se ham de arrepentir.

Na remedios já se tiene fê  
(Y si es de tiro)  
Oigale! Por favor!  
Já se ajusta las polleras  
Por que'en las rancheras  
Hace pota ancha, si señor!  
Tiene un lindo cuerpo...Tentador  
Miren como se menea  
Y se colorea  
Mesmo qu'el aji.

Com essa criolla de verde  
Amalaya! Quien pudiera,  
Me gusta quando se rie  
Por'que saca un diente ajuera

Miren la cara e la vieja  
Si no e la lechuzón!  
Si la vista no me engaña  
Se le há prendido em la caña  
Como ternero mamón!

Sem eu o saber, até hoje, eu declamara os versos, que na letra original, são realmente declamados, e que por ironia,



o maestro os desconhecia, e a parte cantada, são versos que eu não sabia.

Então rapidamente, ali naquele entrevero musical, me disse que, ao contrário do que não se faz aqui no Brasil, a rancheira estava gravada e registrada, e tão logo voltasse a Oberá, me mandaria a comprovação de suas palavras.

Dito e feito, num envelope pardo, endereçado a Señor Odilón Ayres Garcés, veio um partitura do Mate Amargo argentino, gravada pelos Aires Nativos, adaptada para Canto Escolar, e que numa pesquisa mais apurada nos revela, que esta rancheira, leva música de Carlos F. Bravo (argentino, funcionário da companhia Victor de Buenos Aires), e letra de Juvenal Fernandes e Francisco Brancatti, cantor, guitarrista, autor e compositor uruguaio oriundo de Montevideú (1890-1980), grande amigo de Carlos Gardez (Gardel). Esta rancheira foi estreada em 1928 por Libertad Lamarque e a Orquestra da RCA Victor com grande sucesso. Gravada nesse mesmo ano em 12 de setembro com registro de nº 80954. A voz de Brancatti é que aparece nos floreios da famosa interpretação de Libertad Lamarque. Mate amargo também foi cantada por crianças com uma letra escolar no Centenário da morte da Cantora, em 2008.

Na verdade, em 1957, eu havia copiado na sala de música, apenas algumas estrofes da rancheira Mate Amargo, que eu acreditava ser Uruguiaia, e o é pelo seu autor, recopilada pelos gaúchos, erroneamente é dita como nossa, é doble-chapa, mas que na verdade, está registrada como Argentina, e o Maestro Buri estava com a razão!

Pesquisas:

Rascunho do autor - Coral Orfeônico do Colégio nas. Sra. da Conceição - 1957.  
maragatoassessoramento.blogspot.com.br

YouTube: Libertad Lamarque e autor - Hugo Aranguiz - solo de bandoneon.

"In memorium" de Arne Ricardo Vuori (Maestro Buri) - Helsinki - Finlândia  
\*1936-Oberá-Argentina + 2003.

(Odilon Garcez Ayres é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Em homenagem ao 75º aniversário da Academia Passo-Fundense de Letras

# O livro das palavras recolhidas

Não escolho palavras  
tenho as que recolho

escolhos  
revoltas  
páginas inteiras

o grito e o lamento

o riso na inverdade  
da hora imprópria

condescendente  
ascendente  
descendente  
destituído de prova  
e evidência

trabalho palavras recolhidas  
no avesso da notícia

entrelinhas  
estrelinhas  
na ilusão do espaço  
unificado ao olho

percebo o sentido  
e o isolado em ilhas  
matematicamente  
distribuídas: somo  
e diminuo.

Avesso às escolhas  
desproporcionadas  
na ideia da superfície

desço ao submerso  
submundo  
subjacente  
do espírito

recolho o naufrágio  
em novos afogamentos

em antigos povos  
destruídos no tempo  
do conhecimento

o fragmento e o pigmento

o asterisco posto  
no espaço vago  
da deslembração.

Deduzo o sentido  
e o conduzo à rapidez  
do espírito: materializado  
no gesto transfigurado a esfera  
em ângulos aderentes

na escolha erro  
a consciente forma  
de me fazer presente

no erro escolho  
futuros inimagináveis  
em contos e discursos

no contar da escolha  
tenho a intenção  
inexata da certeza:

busco o que foi perdido  
entre canções e medos

amedronto a palavra  
na fuga definitiva

insensível  
incipiente  
inodora  
aguada

- traduzo o encontro no desamor  
de me saber escolhido.

Absorvo no encontro o tédio  
e o ócio: no reencontro  
revejo o tédio  
e o ócio: no destruir  
avanço sobre o ócio  
e tenho o tédio  
sob a palavra.

Recolher significa não conhecer  
na origem a vontade e sobreviver  
com a desvantagem de usar  
a palavra na impropriedade

ruir paredes  
e destruir o espaço

roer as cordas  
e demover o pássaro  
ante a gaiola aberta.

Sorrio a indelicadeza  
do silêncio e assombro  
o pecado em esperas.

Escolher é sedimentar  
o que está feito: repetição  
antagônica do profetizado  
no fato acontecido.

Não há recusa na palavra  
recolhida. A cumplicidade  
desloca vírgulas e pontua inércias

abuso da impropriedade  
de ser livre: arbitro

o hábito singelo do reconhecimento.

Numero a escolha e torno a palavra  
senha magnetizada. Coopto a argúcia  
e a entrego enumerada na tabela incompleta.

Recolho o impossível e torno a vicejar  
respostas impossibilitadas.

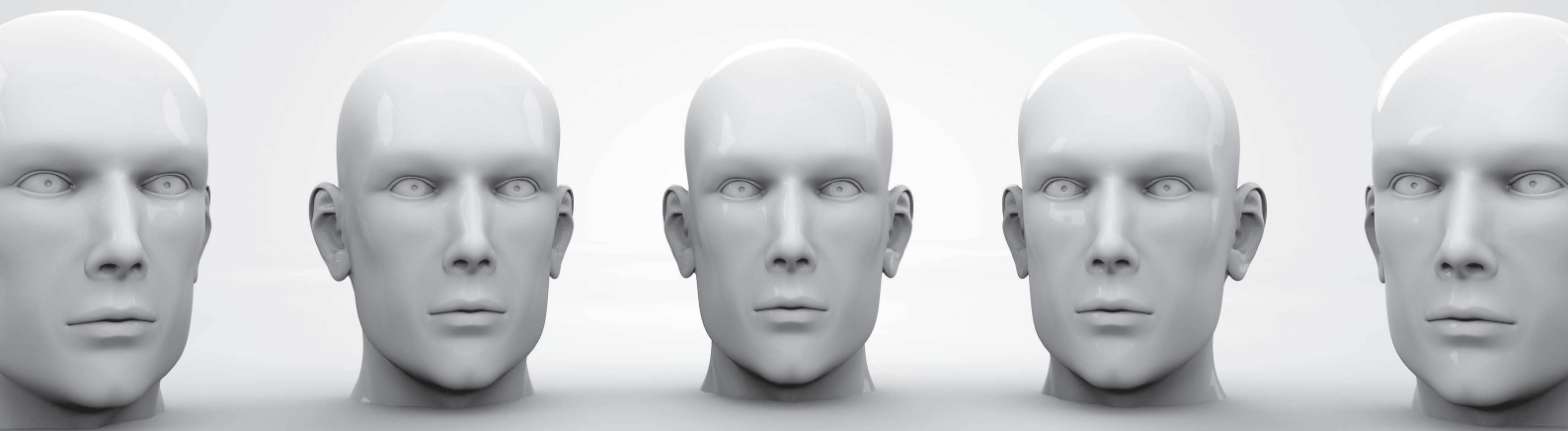
Antevisto: o fragmento é antiguidade  
posta à prova da modernidade. Decifrada  
a palavra mostra ruínas. Nada  
do escrito prospera no passar  
de tempos incalculáveis. Recolho  
o sintético e o concretizo  
nos povos anteriores.

Não escolho palavras: recolhidas  
na anterioridade do início.

Desde o gesto.

(Pedro Du Bois, poeta, autor, entre outras obras,  
do livro O SENHOR DAS ESTÁTUAS, de Balneário  
Camboriú/SC.)





# Há um limite de tempo e aprofundamento da psicoterapia?

**GETULIO VARGAS ZAUZA**

Uma pergunta semelhante foi feita para um psicanalista, não me lembro se teria sido para Freud ou Jung. Sei que a resposta foi que a análise deveria ser feita durante toda a vida. Isso nos levaria a supor que nosso inconsciente é extremamente profundo. Jung, por meio de análise de sonhos de pacientes e pesquisas históricas chegou a hipótese da existência do inconsciente coletivo e dos denominados arquétipos. Esse inconsciente coletivo conteria gravados em algum tipo de substrato que seria comum a todos os seres humanos. Essa ideia não era nova, pois nas doutrinas esotéricas ela é denominada crônica acacha (akasha), onde se encontra registrada toda a história da humanidade e consequentemente do Planeta Terra.

Trazendo o assunto para a experiência pessoal minha opinião é que do ponto de vista psicanalítico isso seria inviável. E porque? Ora, a técnica psicanalítica é demorada já por si e cara, pois exige uma frequência de três, quatro ou até cinco consultas semanais. Quanto custaria isso? Quem teria condição de pagar? Não seria restrita a uma elite reduzida?

Sem dúvida a psicanálise permite aprofundamento muito grande. Mas existe a questão: há pacientes analisá-

veis e os não analisáveis. O que fazer com estes?

O problema do custo e da frequência às consultas de certa forma foi contornado com novas formas de abordagens tendo sempre como base a psicanálise. São as psicoterapias de orientação psicanalítica mas com prejuízo do aprofundamento no inconsciente, mas apesar disso têm proporcionado grandes benefícios.

Na época que realizei o curso de Psicologia havia a exigência de ser graduado em algum curso superior em cujo currículo constasse alguma disciplina de Psicologia. Assim que só me foi possível ingressar nele após a licenciatura em História Natural. Mas a Psicologia, a Filosofia e a Psicanálise já eram conhecidas por mim. A Filosofia comecei a conhecer lendo a Apologia de Sócrates escrita por Platão e em seguida entrei em contato com a Psicologia através de um pequeno livro cujo título é Princípios de psicologia, do qual não lembro o seu autor. Com a Psicanálise fiz o primeiro contato quando estava realizando o curso Científico (2º grau). Havia a disciplina de Filosofia. O professor dessa matéria era doutor em Filosofia e Psicologia pela Universidade Sorbone de Paris. Talvez pelo meu interesse e participação nas aulas ele passou a dedicar alguns períodos de recreio para conversarmos. Foi durante essas con-

versas que ele me falou sobre a Psicanálise e seu autor, Freud. Me interessei e pedi indicação de alguma bibliografia. Durante as procuras encontrei também livros de um dos primeiros psicanalistas brasileiros, entre os quais um ensinava como fazer auto-análise. Então comecei um processo auto-analítico sistemático. Daí que quando comecei o curso de Psicologia em 1961 eu já dominava os conteúdos da Psicanálise na teoria e na prática.

Como eu queria ter a experiência de paciente analítico fiz dois anos de análise, com o próprio professor da matéria.

Concluindo o curso em 1963, no ano seguinte comecei a clinicar. Mas já de início por força das circunstâncias tive que quebrar uma das regras da Psicanálise. Fui procurado por uma amiga que fora minha contemporânea na Faculdade e que se formara no mesmo ano que eu. Ela estava vivendo uma séria crise e já havia passado por vários psicoterapeutas, inclusive psiquiatras e psicanalistas e segundo ela, não conseguiam diagnosticar o seu problema. Disse que eu seria o último a quem ela consultaria, que se não conseguisse resolver a situação ela iria se suicidar entrando no Guaíba levando suas duas filhas. Para agravar minha situação ela morava a uns 500 metros do rio.

Tive o cuidado de informá-la sobre

a regra de não tratar pacientes que fossem das nossas relações, mas que eu iria quebrar essa regra e aceitá-la como paciente.

Talvez por uma questão de sorte minha e dela conseguimos equacionar o problema, encontrar a causa e por fim resolver a problemática.

Dois anos antes da formatura no curso de Psicologia eu havia formado um grupo para estudar experimentalmente o processo mental de pensar. Eu tinha a necessidade de conhecer realmente como se processava esse processo pois eu percebia a fragilidade dos juízos pois via a existência de tantos julgamentos e teorias com relação à verdade. Eu desejava ter segurança nessa relação. Para conseguir saber como se processa o pensar. Para tanto eu achava que era necessário abrir mão de tudo que se havia aprendido em relação ao assunto e começar pela observação direta.

Para realizar essa observação percebemos a necessidade de um forte nível de concentração que permitisse paralisar o fluxo mental tanto o comum caótico,

bem como a tendência de buscar o que já se conhecia como afirmações feitas pelos teóricos do conhecimento.

Após mais ou menos um ano de exercícios havia conseguido um bom nível de autoconcentração. A partir daí fui descobrindo uma série de processos mentais, entre outros a capacidade de acessar diretamente os conteúdos do inconsciente, como está descrito em meu livro Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva.

Esse livro é fruto de dez anos de experimentos pessoais. E somente após ter certeza da eficácia do método comecei a aplicá-lo e o fiz com sucesso durante 34 anos em cerca de 600 pacientes e quase todos eles facilmente dominaram o processo sem dificuldade.

Uma das vantagens do método é a facilidade de acesso ao inconsciente e a localização da cena do ato traumático, outra é a objetividade e a desenergização da cena eliminando os sintomas, conforme está detalhado tudo no livro Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva de minha autoria.

Quando o paciente já trabalhou os seus traumas suficientemente e se sente curado e capaz de levar uma vida normal tem alta e está capacitado a continuar aprofundando o processo. Então ele é informado que até esse ponto ele só elaborou a influência do mundo exterior na constituição de sua personalidade, o que era culpa do efeito produzido pelos atos dos outros sobre ele. Mas ainda há a possibilidade de examinar qual foi a sua contribuição do seu esforço para sua formação. Esse é o momento em que ele deverá abstrair do que os outros fizeram e colocar-se frente a frente consigo mesmo com o máximo de idiosincrasia. Então agora a conversa é consigo mesmo.

Pois bem, nenhum dos pacientes aceitou realizar esse trabalho, o que é lamentável, porque é um sinal de fuga de assumir a responsabilidade integral pelos seus próprios atos durante o passado, o presente e o futuro.

(Getúlio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Ainda assim eu preferiria

Mesmo que se diga que Deus não tem existência e que eu disso tivesse a mais lúdica certeza ainda assim, que Ele existisse, seria minha preferência, pois se não, eu não poderia entender tanta perfeição, tanta beleza.

Esse é um tema que com ninguém discuto, pois penso, para falar sobre ele ninguém tem competência, mas se alguém quiser falar eu apenas escuto, pois para auto-educação exercito paciência.

Não é ético afirmar aquilo que não se conhece, muito menos forçar o outro a aceitar nossa opinião. Cada um que siga sua crença livremente.

A questão é que, do preceito acima há gente que esquece e quer que a gente acredite que está com a razão, quando nós sabemos que nela a Razão é ausente.

(Getúlio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

# Um rato foi meu Mestre

GETULIO VARGAS ZAUZA

O título desta história pode parecer estranho ou uma brincadeira, mas não é. É o relato de algo que aconteceu comigo.

O motivo do título e a razão de porque resolvi conta-la, o leitor com certeza entenderá no decorrer da narração. Mas para um melhor entendimento, antes apresentarei alguns lances mais significativos de minha vida.

Sou o último de (10) dez filhos de pais agricultores. O irmão nascido antes de mim é (3) três anos e meio mais velho e o anterior a ele é (2) dois anos, de modo que eles faziam uma parceria harmoniosa e eu estava excluído da companhia deles, de modo que fui uma criança solitária e além disso recebi dos pais um tratamento que comumente é dado aos netos e pelos irmãos mais velhos, com exceção dos dois referidos, como se fosse sobrinho, aliás, coisa que percebia claramente porque era frequente a permanência prolongada de sobrinhos lá em casa.

Minha infância foi vivida com toda liberdade, num grande espaço com área de campo, de mato e um rio com uma bela e grande praia coberta de seixos rolados de variados tamanhos e no verão uma água cristalina que cobria o fundo formado também se seixos como os da praia.

Como traços de personalidade eu era uma criança que apresentava algumas características que talvez possam ser expressas assim: possuía um estado em geral nostálgico. Era ativa e gostava de participar de qualquer tarefa eu permitisse a uma criança nas respectivas fases etárias. Estava sempre disponível. Eu me sentia bem em atividade. Quando não estava fazendo alguma coisa gostava de ficar em silêncio. Nesses momentos eu combinava um estado reflexivo e contemplativo tanto para o exterior como para eu interior. Eu fazia isso naturalmente, pois nessa fase da vida uma criança não teria condições de fazê-lo planejado.

No que concerne à sociabilidade eu gostava quando meu pai ou mãe re-



cebiam visitas dos vizinhos e ficavam sentados à sombra, quando o clima facultava, proseando e tomando chimarrão. Se eu estava por perto vinha cumprimenta-los e desaparecia para fazer aquilo que me desse vontade.

Lá pelos oito ou nove anos costumava me embrenhar na mata, em geral na costa do rio e ficava muito tempo sentado num tronco caído ou em uma pedra observando plantas e aves. Uma coisa que me encantava era escutar a voz dos pássaros. Eu tinha a impressão de que eles se comunicavam entre si e desejava poder entender a linguagem deles, pois eu achava que eles teriam uma.

Eu não gostava de brincar com outras crianças, eles pareciam para mim que eram “lobos”. Então eu mesmo construía meus brinquedos e brincava sozinho. Sempre que possível e não me parecesse inconveniente a minha presença eu

gostava de conviver com pessoas mais velhas que tivessem causos interessantes para contar. Tinha um prazer especial quando algum visitante contava histórias de fantasmas e assombração, nas noites após a janta quando todos íamos sentar-nos à roda de fogo de chão.

Quanto às características de personalidade referidas antes, em verdade não mudei muito, apenas as desenvolvi em proveito do meu próprio desenvolvimento, estudos e trabalho.

Com relação ao fato de ter atrasado meus estudos, vou omitir a razão porque somente com doze anos decidi ir morar com uma irmã que residia na cidade. Só direi que com sete anos, após um semestre de aula resolvi não voltar para a escola. Mas sem que ninguém percebesse realizei minha auto-alfabetização até atingir e dominar os conteúdos de leitura, aritmética e caligrafia. Quando



fui realizar a matrícula me aplicaram uma prova de sondagem e me matricularam no segundo ano. No exame do meio do ano eu e mais um colega e uma menina obtivemos as melhores notas e fomos promovidos para o terceiro ano. Assim é que realizei o curso primário em três anos.

Naquela época não havia ginásio em Santiago. Então era voltar para roça. Acontece que um irmão mais velho havia ido para o Rio de Janeiro por ter sido transferido para servir lá. Ele era cabo do Exército. Lá ele deixou o Exército e foi trabalhar em outra coisa. Na nova ocupação ele dispunha da possibilidade de estudar e realizar o ginásio em um ano. Logo a seguir ingressou no segundo grau e simultaneamente realizava o Curso de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Ato contínuo ingressou no Exército para realizar o estágio. Nesse momento o Brasil entrou na guerra. Ele se candidatou para a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Na volta quando terminou a guerra permaneceu na ativa.

Veio ao Rio Grande do Sul em férias e então fui com ele para o Rio em busca de uma oportunidade para estudar, mas nem lá havia ginásio noturno público ou mesmo privado. Eu ainda não havia feito 16 anos, mas meu pai me emancipou. Então agora eu podia movimentar-me livremente.

A saída seria o estudo pago para obtenção do certificado em um ano. Não havia como. Então surgiu a possibilidade de ingressar na FAB com 16 anos. Daí fiz um preparatório em seis meses, pois o exame constava de matéria de 3ª e 4ª série do ginásio para ingresso na Escola Técnica de Aviação em São Paulo. Fui aprovado e matriculado no início do ano de 1948. Lá permaneci dois anos fazendo o curso de Sargento especialista em eletrônica. Devido à minha boa colocação, primeiro lugar numa turma de (12) doze alunos, tive o direito de escolher em qual das 5 capitais sedes de Comando Aéreo eu desejava servir. Voltei para o Rio e fui lotado no Laboratório de Pesquisa e Padronização de

equipamentos eletrônicos para a FAB.

Após os cinco dias dados como tempo para conseguir onde morar, comecei a trabalhar fazendo um expediente das doze (12) horas às (18) dezoito horas, de segunda a sexta-feira. Enquanto não começava as aulas no Curso de Maturidade, que preparava para os exames do ginásio aproveitei o tempo para descansar e ler.

Como durante o curso em São Paulo eu lera muitos romances, em geral traduções, pois a Escola que havia sido organizada pelos americanos na época da IIª Guerra Mundial, era dotada de uma grande e rica biblioteca com obras técnicas e literatura a qual funcionava das 8 às 22 horas, inclusive nos finais de semana e feriados.

Agora, de volta ao Rio meu interesse foi pela Filosofia. Então dedicava parte do tempo das manhãs para a leitura (as primeiras horas) e três a quatro vezes para a praia, pois eu estava alojado numa pensão no Catete a apenas duas quadras. Nessa pensão já estavam alojados vários

colegas contemporâneos de Escola em São Paulo. Eles já haviam feito amizade com as meninas do bairro, então foi fácil me integrar ao grupo.

Em março começaram as aulas no curso. A partir daí minha vida mudou. As aulas eram no turno da noite. Então me organizei com horário determinado para todas as atividades, inclusive para lazer e vida social e segui esse regime rigorosamente durante quase toda minha existência, exceto agora nos últimos quatro anos a partir dos (79) setenta e nove anos, quando deixei de trabalhar.

Enquanto me preparava para os exames do ginásio, continuei lendo Filosofia, sendo que o primeiro autor foi Platão com o livrinho *Apologia de Sócrates* que relata seus diálogos maiêuticos com seus discípulos enquanto esperava pela morte, a que havia sido condenado, pela ingestão de cicuta. Essa leitura causou-me tal impressão, pela sua concepção que fiquei realmente seduzido pela envergadura de sua personalidade e pelo seu método de abordagem dos temas.

Embora tenha me tornado amante da Filosofia eu nunca desejei tê-la como profissão. Eu queria exercer uma profissão que trabalhasse com pessoas e para pessoas. Essas eram, Medicina, que estava fora das minhas possibilidades devido à incompatibilidade de horário, e a outra seria ser professor.

Como dentre os diversos cursos destinados à formação de professores o que mais me agradava era História Natural, um curso que abrangia conhecimentos relativos a todos os seres vivos e Geologia, Petrografia e Mineralogia, optei por ele.

Quando concluí esse curso tomei conhecimento da existência do curso de Psicologia em nível de pós-graduação com duração de três anos, aberto para graduados em qualquer curso em cujo currículo constasse uma disciplina de Psicologia, pois já havia tomado conhecimento da existência da Psicanálise através de conversas, com o professor de Filosofia durante o curso científico. Me interessei pelo assunto e vi uma possibilidade de vir a tê-la como profissão. Desde então comecei a estudá-la e a fazer autoanálise, pois havia encontrado um livro de autoria de um dos primeiros psicanalistas no Brasil que ensinava como fazer.

Eu já havia tomado conhecimento de outras técnicas de autoconhecimento através de um amigo que estudava as teorias esotéricas e também participava

de reuniões de um grupo de estudiosos da obra do pensador Krisnamurti. Foi através desse pessoal que fui tomando conhecimento da cultura indiana.

Combinei as técnicas esotéricas com as sessões de auto-análise, o que me possibilitou algum progresso no conhecimento de minha vida interior.

As pessoas que estudavam a obra de Krisnamurti se reuniam na sede da editora Instituição Cultural Krisnamurti que ficava na Avenida Rio Branco aos sábados das 14 horas às 16 horas.

Eu havia saído de uma reunião, cruzei a avenida e segui por uma rua paralela à rua do Ouvidor. Na Rua Gonçalves Dias dobrei à direita e segui pelo leito da rua que era melhor que pela calçada. Quando me aproximava da frente da Confeitaria Colombo vi um rato um pouco maior que um camundongo se deslocando no sentido contrário ao meu, costeando o meio-fio. Foi então que tive um impulso destruidor. Parei ao lado da calçada e coloquei meu pé esquerdo na posição de obstáculo apoiado no calcanhar e a planta levantada com a intenção de esmagá-lo.

Foi aí que ocorreu o fato inusitado. O rato continuou andando até parar diante de mim, bem ao alcance do meu pé e ficou sentado com a cabeça levantada como se estivesse me observando. Diante de tão insólita situação, me senti como se estivesse paralisado e concentrado no rato. Assim permanecemos não sei por quanto tempo. Ele simplesmente não se mexia. Nesse processo não lembrei mais do que pretendia fazer e minha percepção ficou uma parte sobre o rato e outra voltada para minha vida interior. Foi então que mergulhei até os confins de minha vida psíquica e pude perceber que lá nas profundidades mais recônditas existe uma “zona” de energia primordial praticamente intocada de onde podem aflorar os impulsos que do ponto de vista ético verdadeiro podem ser os mais hediondos e inimagináveis.

Foi um choque terrível para mim que me imaginava ter alcançado um nível considerável de evolução.

Caso fosse possível expressar em cor, o vermelho seria a cor adequada. A energia que vivenciei é em princípio a mesma existente também nos animais, mas em si mesma ela não é boa nem má, porém no ser humano ela se torna suscetível de incorporar a violência. Nos animais ela é a responsável pela luta pela sobrevivência da espécie. Já no ser humano quando a ela se adere a

violência, que é uma das variantes dos sentimentos negativos.

Quando vivenciei esse fato senti subir para meu nível consciente uma sensação de raiva, não para o rato que continuava ali parado na minha frente, mas contra tudo no mundo.

Permaneci não sei quanto tempo, uma eternidade, vivenciando esse sentimento sem nada fazer para estancá-la, somente contemplando-o. Dessa forma, fui percebendo seu fenecimento lento, até desaparecer.

Logo a seguir comecei a perceber um outro sentimento que foi crescendo até tomar conta do meu ser interior, ao qual eu designaria de sentimento de compaixão que de início se dirigia ao rato e logo foi se expandindo como se envolvesse o mundo todo e em particular a humanidade. Nesse ponto do acontecimento retornei ao estado de consciência comum. Então contemplei o rato mais uma vez e afastei-me deixando livre o espaço para que ele seguisse seu caminho.

A seguir me dirigi ao Largo de São Francisco onde tomaria o bonde para a Central do Brasil, sentindo um forte sentimento de gratidão.

No tempo seguinte e pelo resto de minha vida até este momento continuei a investigar possibilidades e recursos psíquicos, ou espirituais que permitissem a aqueles que o desejassem pudessem ter acesso ao seu íntimo de uma maneira mais simples em plena consciência vigil e bem objetiva. Consegui avanços muito significativos, muitos dos quais estão expressos em meu livro *Energia Psíquica e Psicoterapia Objetiva*.

Há uma série de recursos que em função do alcance e profundidade de acesso no íntimo de outra pessoa e do manejo de forças psíquicas julguei não ser conveniente a revelação porque seria uma invasão na intimidade do outro que seria justificada em casos de extrema necessidade e com a solicitação do próprio paciente.

Eis a razão do título deste artigo, pois foi a partir desse acontecimento que resolvi investigar a constituição global do ser humano no que concerne às energias ou se quisermos às forças físicas e espirituais que participam da organização do nosso ser integral.

(Getúlio Vargas Zauza é membro jubilado da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Anjo

Descendo a escadaria do céu,  
Um anjo azul veio me procurar.

Queria aprender a compor versos,  
Juntar palavras e brincar ao léu.

Eu lhe ensinei as manhas da poesia,  
Chamei-o perto e lhe mostrei a via.

E foi assim que se gerou o sonho,  
Num berço tão macio quanto risonho...

Depois saímos pela estrada afora.  
E nunca mais o anjo foi embora...

## Cumplicidade

Um dia convidei a estrela-d'alva,  
pra ir comigo a visitar a Lua.  
E ambas saímos no frescor da alba,  
sem encontrar um vivente pela rua.

Corri garbosa pelas alamedas,  
enchendo o peito de frescor e lumes.  
E foi então que descobri as veredas,  
onde passeiam, sutis, os vaga-lumes.

Neste momento, de ventura extrema,  
guardei pra sempre aquela imagem crua:  
Deram-se as mãos minh'alma e meu poema,  
pra engalanar o céu da minha rua...

## Parceria

Estrelas fulgem na noite  
E eu as jogo no papel,  
Quais gotículas brilhantes,

A verter favos de mel.  
São guardiãs da ventura,  
No céu debruado de luz  
Que, nas janelas da Lua,  
Espiam os meus sonhos nus.

Ó parceiras encantadas,  
Vêm pousar no coração!  
Que meus motes serão raios,  
A inflamar-nos de paixão!...

## Cantares

Canto as searas castas.  
Canto as gramíneas doces.  
E o verde que verdeja,  
sobre as floeiras belas,  
entre as palmeiras nobres,  
que encantam meu viver.

E assim me ponho em festa,  
vestida de princesa,  
pois quero ser parceira  
do verde que eu adoro,  
nos olhos de esmeralda,  
sorrindo aos corações.



(Helena Rotta de Camargo, escritora, é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## Sesquicentenário de Passo Fundo

Passo Fundo, teus vultos de outrora  
Numa virgem paisagem lançaram  
As sementes dos frutos que agora  
Do trabalho e de lutas brotaram  
Na constância de esforços ingentes  
De mulheres e homens valentes  
Que legaram pra nós o cenário  
Do progresso que te engalanas  
No glorioso Sesquicentenário!

No Rio Grande, do Planalto Médio,  
Passo Fundo és gentil Capital  
Deste origem ao “tchê” de bombacha  
E hoje és um padrão cultural!

Passo Fundo tu és referência  
Do Ensino que educa e que forma  
Dando exemplo p’ra toda a nação.  
Da Saúde, que a vida protege,  
És amparo p’ra toda a região  
E, agora, adulta e madura,  
É a Indústria que cresce, afinal,  
P’ra marcar um Século e meio  
De um lutar e viver triunfal!

No Rio Grande, do Planalto Médio,  
Passo Fundo és gentil Capital  
Desde origem ao “tchê” de bombacha  
E hoje és um padrão cultural!

O Comércio e do Campo a riqueza  
Das searas de grãos e de suor  
Construíram a urbana beleza  
Que hoje ostentas com raro esplendor  
E que infla o peito orgulhoso  
De quem no teu solo nasceu  
E que nesta data de glória  
Agradece a Deus por tua história  
E o berço que em ti Ele nos deu!

No Rio Grande, do Planalto Médio,  
Passo Fundo és gentil Capital  
Desde origem ao “tchê” de bombacha  
E hoje és um padrão cultural.

## Dos sorrisos

I

Sorriso é uma porta aberta  
Dizendo: pode chegar  
É abraço que nos aperta  
Sem a gente se encostar.

II

Sorriso é a luz do arrebol  
Que ilumina o nosso rosto  
É raio quente de sol  
Que ameniza o mês de agosto!

## Dos sonetos

Há críticas de clara antipatia  
Aos que no soneto põem seu traço  
- Acaso não veem que a alma cria  
Muito mais se limitado o espaço?

Pois, só em quatorze linhas bem formadas,  
Deve haver princípio, meio e fim,  
Pela métrica bem disciplinadas  
E adornadas pela rima enfim...

Não é um simples poetar de aldeia,  
Nem pra quem vê na norma uma cadeia  
Que prende, ou transfixia como o espeto...

Só quem, com amor e inteligência,  
Souber temperar arte e ciência  
É capaz de escrever um bom soneto...

## Vida

Não quero levar vantagem  
Da vida que Deus me deu.  
Pois sei que estou de passagem  
Num mundo que não é meu

Nem quero que a trajetória  
Desta terrena existência  
Marque páginas de glória  
Ou inspire reverência...

Mas quero que a caminhada.  
Seja marcada e lembrada  
Por tudo quanto sonhei:

Pela fé nos meus amigos  
Pelos meus filhos queridos  
Pelas mulheres que amei...

## Calouro

Sou calouro na velhice,  
 Pois nela acabo de entrar.  
 Fiz o pré da mocidade  
 Passei no vestibular...

E essa nova faculdade  
 Por certo irei terminar  
 Sem qualquer dificuldade  
 É só o tempo passar.

E o tempo – corpo docente –  
 Não será tão exigente  
 No novo curso, afinal,

Para outorgar o diploma  
 Bastará fazer a soma  
 Da frequência existencial!...

## Reflexões

As estradas da minha vida foram as longe do asfalto  
 Assim, para comprovar a minha passagem não tenho:  
 Notificações de multas de ‘pardais’ vorazes  
 Recibos de pedágios;  
 Rastros de freadas bruscas ou  
 Manchas de vida pelo negro asfalto.  
 (Restos da pressa que atrasou a chegada...)  
 Eu percorri somente estradas vicinais.  
 E por elas passei:  
 Desenhando vincos no lombo da terra;  
 Tateando rumos de um destino incerto  
 Reunindo vistas p’ra formar paisagens;  
 Juntando barro p’ra esculpir meus sonhos;  
 Recolhendo sombras p’ra esconder receios;  
 Buscando sois p’ra iluminar meus passos;  
 Vivendo amores p’ra plantar saudades  
 E nas saudades reviver amores...  
 Viagem longa que se fez veloz  
 E, embora dura, vai durar tão pouco,  
 Como se, em vez do devagar da estrada,  
 Tivesse andado no asfalto louco!...

## Fomos um

Senti teus dedos  
 - terminais dos braços-  
 Desenhando espaços  
 No meu peito nu

Senti tua língua  
 Qual serpente louca  
 Pondo em minha boca  
 Veneno de amor

E ao ver teu corpo  
 Serpenteando a cama  
 Acendeu a chama  
 Que ardeu em mim

E o calor foi tanto  
 Que fez-se o encanto:  
 Dois corpos, somados,  
 Resultaram um!...



# Em busca do nosso Fausto

GILBERTO R. CUNHA

São muitos os Faustos. Desde o personagem histórico que, pelo envolvimento com magia, adivinhações, alquimia e um pouco de charlatanismo, ajudou a forjar, na Europa Central, o mito do culto do Doutor Fausto - o homem que, conforme reza a lenda, vendeu a alma ao Diabo -, até o personagem literário imortalizado por Christopher Marlowe, Johann Wolfgang von Goethe, Paul Valéry e Thomas Mann, entre outros. Em meio a tantos Faustos, sobreviveu, principalmente, o mito criado pela genialidade de Goethe, que, ainda hoje, muitos consideram como a mais importante peça do teatro alemão. Uma olhada na obra de Jayme Mason, “O Dr. Fausto e seu Pacto com o Demônio”, editora Objetiva (1989), conforme proposta dessas breves notas, talvez nos ajude a encontrar o outro Fausto, aquele que, sintetizando o confronto entre a tentação e o desejo, pode estar oculto em cada um de nós.

Mefistófeles e Dr. Fausto são os dois personagens centrais do drama imortalizado por Goethe. O primeiro representa o Príncipe das Trevas, o inimigo de Deus, aquele que tudo sabe e (quase) tudo pode. E o segundo o pecador que recebeu o fruto do conhecimento de tudo em troca de sua alma. No território das emoções, Mefistófeles é a tentação e Fausto o desejo, cujos desdobramentos, muito mais além da nossa herança judaico-cristã, em que é natural que a tentação seja representada pelo Diabo e o castigo por ceder a ela sempre sobrevenha, podem nos atingir sob as mais variadas formas. O homem, indubitavelmente, oscila entre o bem e o mal. As nossas escolhas definem a posição que ocupamos nessa espécie de gangorra da vida.

O Dr. Fausto, misto de lenda, história e literatura, vive a nossa espreita em cada esquina. Nada mais sensato, en-

tão, que conhecê-lo um pouco melhor a partir de Goethe. O Fausto de Goethe é representado por um sábio que na velhice, recluso em seu gabinete, começa a se indagar se valeu a pena a vida de sacrifícios e estudos para dominar a ciência e a filosofia. A questão central, que também nos diz respeito, resume-se na busca de resposta à pergunta se o homem, entregue a seu livre arbítrio e exposto às atrações do pecado, conserva, ao fim e ao cabo, a sua bondade e consegue salvar-se; como bem sintetizou Jayme Mason.

Goethe escreveu o seu Fausto em três momentos diferentes. O Fausto Primitivo (Urfaust) data de 1775. É o embrião do Fausto I, de 1790, que foi publicado em 1806, vindo a se juntar ao Fausto II, de 1833, na completude, publicada post-mortem, da obra goetheniana. O titã de Weimar transferiu para os personagens da sua célebre obra, segundo Jayme Mason, o seu reconhecimento de vaidade e os desportamentos, que o suposto saber humano pode levar a cada um de nós a experimentar. O Fausto I é obra de um Goethe jovem e o Fausto II de um escritor já em idade avançada. Isso talvez explique as diferenças notórias entre ambos. O primeiro é mais simples e o segundo exige uma cultura clássica mais apurada de parte do leitor, para melhor entendimento.

Um Fausto ansioso por abandonar o saber livresco torna-se presa fácil de Mefistófeles, que autorizado pelo Padre Eterno, lhe propõe o pacto de servi-lo por toda a vida, dando-lhe todos os prazeres desse mundo, em troca da sua alma depois da morte. Quantos de nós, pegos em idade avançada, resistiríamos a uma proposta como essa? Rememoremos a cena da Cozinha de Feiticeiras, que após alguns exorcismos, Fausto bebe a poção mágica que lhe devolve a juventude. Advém a conquista amorosa de Gretchen (Margarida), a morte do filho, o enlouquecimento e morte de Gretchen, o romance com Helena, a morte de Eu-



fórion (homenagem de Goethe a Byron), a conquista de terras pra o imperador, o confronto e a crítica velada de Goethe à política latifundiária da Igreja, até a morte de Fausto idoso e seu enterro por Lêmures (espectros, fantasmas, duendes) com Mefistófeles à espreita da saída de sua alma para arrastá-la ao inferno. Enquanto isso anjos espalham rosas e lutam com o Diabo, Gretchen também aparece e... Quer saber o desfecho? Leia o Fausto de Goethe, sugiro.

Os versos de Goethe, por meio das experiências a que Fausto é submetido, trazem a tona muitas das nossas contradições ao lidar com coisas como o amor (o envolvimento com Gretchen), a beleza (o contato com Helena) e o poder (o acordo com o Imperador, o Fausto governante). Que cada um de nós identifique o seu Fausto e espante o seu Mefistófeles.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)



Av. Brasil Oeste, 792 - Sede própria - CEP 99010-001 - Passo Fundo/RS